

Ela fará de tudo para ser a única
na cama dele...

MEU MELHOR AMIGO,
Devasso



CARLIE FERRER



MEU MELHOR AMIGO, *devasso*

A virgem e o devasso #2

CARLIE FERRER

Copyright 2017 © Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção, sendo assim criados pela autora, as regras de luta livre exibidas, assim como ambientes e personagens.

Capa

Arte: Carlie Ferrer

Imagens: ©CanStock

Introdução

Imagine perder a virgindade com seu melhor amigo, sendo ele o grande amor de sua vida, aquele amor platônico, nunca correspondido, uma vez que você é apenas uma garota estranha e tímida demais e ele... bem... nada mais, nada menos do que Colin Hanson, o maior devasso, pegador e sem-vergonha de que já se ouviu falar.

Caitlin tem duas opções:

Uma – Fazer alguma coisa, qualquer que seja ela, para mantê-lo interessado nela, pois, ela já aceitou uma vez que ele não lhe pertencia, mas depois de se entregar a ele, não pode mais imaginá-lo amando outra como fez com ela. Ela ainda é a mesma menina desengonçada de sempre, mas ele, por algum motivo a enxergou como mulher finalmente, e ela precisa garantir que ele a veja assim para sempre.

Duas – Bem, não há uma segunda opção. Ela o ama, se entregou a ele e não pode de jeito nenhum perdê-lo.

Mas, olhando seu histórico de tentativas de se declarar, Caitlin sabe que Colin não funciona no modo declaração normal. A saída? Ou ela o seduz para que ele não deseje outra mulher (coisa muito difícil levando em conta seu histórico e falta de jeito). Ou ela converte seu querido devasso em um cara apaixonado (ok, coisa impossível levando em conta o histórico safado dele). E que tal tentar as duas coisas?

Psicologia reversa, planos mirabolantes e jogos de sedução podem até não estar dando certo para levá-lo para a cama de novo, mas que ela está conseguindo enlouquecê-lo, isso ela está. Claro, se ele não a enlouquecer primeiro, pois, quando Colin quer, Colin toma posse. E sua força arrebatadora é simplesmente impossível de controlar.

Será que Caitlin resistirá ao Colin modo apaixonado? E ele? Vai conseguir provar a ela que um devasso pode sim se tornar o homem mais apaixonado que ela viu?

Prepare-se para suspirar, rir e se emocionar com o desfecho desse casal completamente oposto e igualmente apaixonado.

Eu tive um sonho.

No meu sonho, eu estava tentando fazer um bolo, uma tentativa desesperada de manter o Colin perto de mim por mais de dois minutos, já que ele parecia correr de mim. E bom, deu muito errado, confesso que essa parte não parece tanto sonho, já que sou uma negação absoluta na cozinha. Mas então, ele chegou, me olhou daquele jeito de quando sua cabeça está longe de seu corpo. E não propositalmente, mas mesmo assim, sensualmente, deixou cair água por seu corpo ao tomar direto da garrafinha. Ele estava ali tão perto, suado, lindo e a água gelada escorrendo por seu corpo... eu, uma reles mortal, tentei mesmo me concentrar no bolo que ia queimar de novo se eu não o tirasse do forno, mas aí, não propositalmente, ele esbarrou em minha mão, derrubando calda de chocolate na minha blusa. Aliás, na blusa dele que eu estava usando.

Me perguntei se haveria alguma chance de eu estar sexy com calda de chocolate pelo corpo, como ele ficou com a água escorrendo pelo dele, mas ao invés de estar me encarando como se quisesse me comer, ele estava desesperado. Arrastou-me até a pia para limpar sua bagunça, temendo que eu estivesse me queimando.

— Não está quente, seu tonto! Eu te mataria se estivesse — tranquilizei-o e então fui obrigada a admitir meu erro. — Fiz esta há um bom tempo, mas o primeiro bolo que assei queimou, então a calda esfriou até eu fazer esse segundo.

— Por que você ainda tenta cozinhar? — ele me perguntou debochado, e dei de ombros, desanimada da vida porque o mundo é tão injusto e o faz ser tão sexy enquanto eu sou desengonçada e uma péssima cozinheira.

Estava ali, questionando a vida, essa grande vaca, quando de repente

Colin abaixou a cabeça perto demais de mim, e lambeu o chocolate que escorria por meu seio. Mesmo que por cima de sua blusa, pude senti-lo como se tivesse tocado diretamente minha pele. Minhas pernas ficaram bambas, e ele se afastou tão rápido quanto se aproximou. Tentei pensar em algo rápido o bastante para convencê-lo a não se afastar, mas o que poderia dizer?

Ei, Colin, eu sei que saí de casa há poucos dias porque você estava tentando me levar pra cama, mas agora parece que me machuca você não tentar me levar pra cama, então, por favor, me ache sexy de novo.

Eu jamais diria isso. Apenas observei seu rosto assustado, esperando que eu surtasse e lhe desse um sermão, mas eu só conseguia pensar em como seria se ele lambesse todo aquele chocolate, até mesmo a parte que caiu por dentro da blusa. E, como em um bom sonho, ele pareceu ler minha mente, aproximou-se novamente, seus olhos focados de predador sobre meu seio e sua língua passeou de novo pelo chocolate, desta vez, ele pressionou mais forte, levantando meu seio com a língua, subindo com ela até meu colo, e quando senti aquele contato direto em minha pele, me senti perder as forças nas pernas. Sua língua passeou por ali pressionada com força, mas mortalmente devagar, receosa, pegando cada pedaço de mim aos poucos. Passou por meu pescoço, queixo e tocou tão levemente minha boca, que quase pedi que ele o fizesse de novo, só que com mais força.

Mas, ele não me deu tempo de proferir qualquer palavra, sua boca tomou a minha voraz, seus braços me prenderam de encontro ao seu corpo suado, e sua língua invadiu minha boca sem piedade, me reivindicando para ele, e não havia a menor possibilidade de eu negar aquela exigência tão gostosa. Deixei que ele me levasse para seus braços, deixei de pensar em qualquer coisa que não fosse aquele momento, o corpo forte dele pressionado ao meu e sua língua me dominando e me rendi a ele, como se minha vida dependesse daquele beijo, ela dependia.

Quando seus lábios foram diminuindo o ritmo, quis choramingar como a menina que ele dizia que eu era, para que não me deixasse ali, quando precisava tanto dele. E ainda com seus lábios nos meus,

sussurrou daquele jeito moleque dele, não exigindo, nem perguntando, mas sugerindo naquele tom de súplica:

— Acho que você também precisa de um banho.

Um banho. Com ele. Eu sabia bem onde esse banho iria acabar, e na manhã seguinte, quando eu acordasse... que se dane! Eu apenas precisava tê-lo em mim, o depois eu veria depois.

— Eu também acho — respondi fazendo com que ele se afastasse num rompante, avaliando-me com seus olhos de predador, havia um brilho diferente neles, um calor diferente.

Então, abriu aquele sorriso enorme que tanto amo, e no segundo seguinte eu estava em seus braços e ele me carregava desesperado até o banheiro. Mal depositou-me no chão e sua boca tomou a minha de novo, com desejo, satisfação e uma paixão enlouquecedora. Ele subiu seu blusão por meu corpo, fazendo com que ele se enroscasse em meu cabelo, sorri, mas ele resolveu com uma agilidade impressionante e logo eu estava nua diante dele. Sem tirar os olhos de mim, tirou sua própria roupa. Analisando cada centímetro do meu corpo enquanto eu analisava o seu. Tentei expulsar o pensamento de que eu não era tão gostosa quanto as mulheres que ele está acostumado, mas a maneira como ele me olhava deixou bem claro o quanto me desejava. E nada mais importava.

Avaliei seu corpo milimetricamente. Passando por suas tatuagens no peitoral definido, aos gominhos de sua barriga e aquele caminho de pelos loiro que acabava tão próximo ao seu membro. Então meus olhos se prenderam ali. Por duas vezes eu o vi tão perto e tudo o que quis foi tocá-lo, e finalmente isso iria acontecer. Ele deu um passo para mais perto de mim e segurou minhas mãos, em seu rosto, um sorriso doce que nunca havia visto e aquele olhar de quem me desejava mais do que qualquer outra coisa no mundo.

— Vamos só tomar banho, tudo bem? — disse tentando me tranquilizar quanto ao passo que estávamos prestes a dar. — E eu vou beijar você. Muito. Mas não vai passar disso se você não quiser.

Como se eu não fosse querer tê-lo em mim, ter seu toque no meu corpo todo. Como se eu não quisesse ser dele desde o instante em que o vi pela primeira vez. E não tivesse fantasiado este momento em tantas noites sozinha, enquanto ele estava por aí, me perguntando quando ele me enxergaria e seria eu a mulher em seus braços, ao invés daquelas que não precisavam do toque dele como eu.

Ele me levou para debaixo da água quente do chuveiro, a maneira como me olhava, a mistura do desejo com o medo e algo mais, devia ser o reflexo dos meus olhos em sua direção, exceto que nos meus olhos, se ele soubesse ver, havia amor refletido por ele. Avaliou-me de um jeito tão intenso, foi quase como se seus olhos estivessem me tocando levemente, logo, suas mãos me tocaram, acolhendo meus seios e apertando, massageando-os e beliscando meus mamilos de leve, pude sentir seu calor, a força, os calos de sua mão segundos antes de sua boca tomar meu mamilo, sugando com força, fazendo-me tremer. Perdi totalmente a força nas pernas e ele me amparou, sugando ainda mais forte, brincando com os dentes numa tortura deliciosa.

— Você disse que ia apenas me beijar — comentei enquanto seus dentes passeavam por meu mamilo, em leves mordidas.

— Estou só beijando — respondeu afastando a boca, com a voz rouca, carregada de desejo.

Então sua boca tomou a minha, seu corpo prendendo o meu ao seu, sua ereção passeando por minha barriga, dura e grande, senti-me ainda mais fraca, tamanho desejo de tê-lo em mim finalmente. Sem controle, toquei seu pau, sua boca ainda devorando a minha, ele gemeu e esse som me fez apertá-lo, subindo e descendo a mão por sua extensão, sentindo a maciez de sua pele e solidez de seu membro. Sua boca então desceu por meu pescoço, sua língua quente brincando em minha pele.

De repente, ele me levantou de encontro à parede, passei minhas pernas por sua cintura, esperando que me penetrasse ali mesmo, sua boca voltou à minha com mais força, sua língua me dominando com fúria, beijando meu pescoço, seios, onde alcançasse. Suas mãos que rodeavam minha cintura desceram por meu corpo e se firmaram em minha bunda, e

ele me levantou um pouco mais na parede, apoiando minhas pernas sobre seu ombro. Agarrei-me em seu cabelo com medo do que aconteceria, do que poderia sentir. E realmente não estava preparada para o que senti quando sua língua tocou levemente meu clitóris, seguido de uma chupada forte, que quase me levou ao limite.

— Como eu queria beijá-la! — sua voz rouca, excitada foi o aviso daquele que foi o melhor beijo da minha vida.

Queria me controlar, mas no instante em que sua boca me tomou, não tive mais controle sobre mim, sequer sabia quem era e onde estava, ele chupava com força e me penetrava com sua língua, então chupava mais devagar, e com força de novo. Senti que ia desmaiar, que ia flutuar, e ele não parava, não se afastava, apertando minha pele com as mãos, tomando-me para ele com a boca. Quando estava no limite do que podia suportar antes de cair, ele me penetrou mais forte com a língua, raspando seus dentes em meu ponto mais sensível e gritei alto, descontrolada, quando o prazer me atingiu em um nível que não pensei ser possível. Não sei por quanto tempo fiquei assim, gritando e sentindo, antes de suas mãos deixarem minha bunda e voltarem para minha cintura, e ele me descer de volta ao chão, lentamente, seu corpo gigante colado ao meu, fazendo com que eu sentisse cada pedacinho de seu corpo pressionado ao meu.

Ele me amparou, e me segurei nele. Sabia que se me soltasse eu me desmancharia no chão aos seus pés. E sua boca tomou a minha novamente, mais devagar, me acalmando, mostrando que ele estava ali.

— Isso é o que eu chamo de beijo! — disse baixinho, com um sorriso gostoso na voz.

Eu te amo! Por favor, case-se comigo agora mesmo e não pare de me beijar nunca mais!

— Eu acho que gosto do seu beijo — foi o que disse para não parecer uma desesperada alucinada, como eu era.

— Acha? Então não fiz isso direito. Embora, não foi o que pareceu enquanto você quase arrancava meus cabelos — provocou, deixando-me

ACHERON - NACIONAIS

sem graça, mas ele não podia saber de maneira nenhuma o que realmente se passava em minha mente sobre aquele beijo em particular.

Senti seu movimento desligando o chuveiro e abri os olhos confusa. Ele pegou as toalhas e gentilmente me secou, passeando o pano macio por todo meu corpo, concentrado no que estava fazendo e fugindo do meu olhar confuso e questionador. Eu não queria perguntar nada como uma menina medrosa, mas ele não podia realmente estar encerrando nossa noite em mais um orgasmo delicioso para mim, sem eu tê-lo dentro de mim. Tomei coragem para perguntar, quando ele passou a toalha com um pouco mais de força pelo meu clitóris, senti-me bamba novamente, agarrando-me a ele e as palavras sumiram.

Quando abri os olhos, ele me encarava, e havia um brilho neles que me alertava do perigo.

— Você quer fazer isso? — perguntou acariciando meu rosto gentilmente.

Senti que ele estava com receio de dar esse passo, com receio pelo que aconteceria depois e eu deveria ser a ajuizada que diria não, mas naquele momento, no meu sonho, eu não queria ser nada, nem ninguém além de ser dele. Mas eu precisava que ele me dissesse que sim, que ele dissesse que podíamos fazer aquilo e nada ficaria mais estranho do que já estava entre a gente. Eu não podia arriscar perdê-lo.

— Quero, quero muito, mas não sei se devemos. Já fomos longe demais para uma noite, não sei se tenho coragem.

Ele sorriu para mim, e aqueles sorrisos doces e intensos já estavam se tornando meus favoritos.

— Já passa da meia-noite, tecnicamente é manhã agora. Então você pode encontrar mais um pouco da sua coragem e vir comigo. Prometo que faço valer a pena — disse, repetindo o que me disse no barco, na noite do nosso não-encontro, na noite em que quase gritei no rio que eu o amava.

Eu sorri, temendo acordar a qualquer momento, antes de tê-lo finalmente em mim, e o beijei. Ele me pegou no colo, levando-me para o

seu quarto, para sua cama. Deitou-se sobre mim como um desesperado, aquela calma de antes no banheiro, desaparecida, ele parecia faminto. Suas mãos tocando-me desesperadamente em todos os lugares, seus beijos passeando por minha pele enquanto uma mão encontrou meu clitóris, já preparado para qualquer mínimo toque dele, e pressionou ali, fazendo-me contorcer e gritar coisas desconexas. Seu dedo então entrou em mim, com movimentos fortes, entrando, saindo, girando, em seguida, outro dedo dentro de mim repetindo os movimentos, abrindo-me, e eu não aguentava mais, quando sua boca sugou meu seio sensível por suas mordidas, chupando e mordendo em sintonia com os movimentos de seus dedos dentro de mim, me perdi, gritando mais alto e me prendendo a ele desesperada.

— Agora sim, está bem molhadinha — ele disse baixinho enquanto eu tentava voltar a mim.

Se isso foi só a preliminar pro que vem depois eu sei que não vou passar desta noite.

Ele pegou algo na gaveta do criado, ouvi o barulho da embalagem se rompendo e no minuto seguinte o peso de seu pau descansou sobre minha boceta, sem penetrá-la, apenas repousando ali. Seu corpo gigante cobriu o meu, pressionando meus seios, me tomando, beijando-me devagar enquanto seu pau entrava em mim, com a mesma velocidade, até que senti uma pontada de dor e ele parou.

— Lembra que eu disse que não a machucaria nunca mais? — perguntou preocupado.

Não. E não me importo, por favor não pare! Não pare!

— Faça logo!

E ele fez. Seu pau me penetrou de uma vez, mas não tive muito tempo para sentir a dor, pois seus movimentos foram intensos, fortes, descontrolados. Ele entrava e saía, todo dentro de mim, tocando-me lá dentro, tomando-me por completo. Sua boca voltou à minha enquanto eu gritava desesperada por mais, prendendo-me a ele, com medo de acordar e perdê-lo de repente. Não tê-lo dentro de mim de repente, e eu morreria

se isso acontecesse.

Dure mais um pouco, sonho.

Passei as pernas por sua cintura para prendê-lo ainda mais e então ele foi ainda mais fundo em mim, a mistura de dor e prazer me fazendo gritar mais alto, me perder mais nele e querer tê-lo mais perto. Seus movimentos ainda mais fortes, quase bruscos dentro de mim, seus rugidos em minha boca e ouvidos, conforme ele se movia e me beijava e eu não queria que aquilo acabasse nunca, pois eu acordaria e não o sentiria mais, mas não pude mais segurar. Gritei mais alto quando ele me tomou por completo, fazendo-me explodir de dentro para fora por ele, e estremecer num prazer quase forte demais para suportar. Ele veio comigo gritando meu nome como um desesperado, um som que vou levar para sempre. Estremeceu sobre meu corpo algumas vezes, metendo mais fundo, até que puxou uma respiração acelerada, e caiu sobre mim, suado, quente, delicioso.

Eu mal conseguia me mover, mas ele rapidamente se livrou da camisinha e puxou o cobertor sobre nossos corpos, depositando-me em seus braços. Acariciando meu rosto enquanto sua respiração normalizava.

Ainda não queria acordar, queria ficar só mais um pouco assim com ele, em seus braços, nua, sendo a garota dele.

— Você está bem? — ele perguntou baixinho e nem tive forças para responder, apenas acenei. Contudo, achei pouco para o que estava sentindo e me esforcei para que saísse algo decente da minha boca.

— Mais do que bem. — Peguei suas mãos grandes para me certificar de que ainda estava ali e as coloquei sobre meu coração, ao que ele as encaixou em meus seios e as descansou ali.

— Eu não fazia ideia que seria assim. De tudo o que já imaginei, eu não fazia ideia... — parei de falar ao me dar conta de que poderia estar sendo boba, ele já deveria estar tão acostumado a sentir-se assim!

— Então somos dois, porque nunca foi assim para mim também — ele disse e senti a sinceridade em suas palavras, mas não entendi o que

ele quis dizer.

Busquei seu rosto esperando que explicasse, mas ele sorriu e me abraçou, e antes que me desse conta, meu sonho acabou.

Um braço grande e forte descansa sobre minha barriga enquanto uma mão grande e quente segura meu seio de maneira quase possessiva. Abro os olhos devagar e a luz do sol me atenta para o fato de já ser manhã. Eu nem lembro quando fui dormir. Lembro do meu delicioso sonho e posso sentir-me saciada como se realmente tivesse acontecido. Sinto o cheiro de Colin misturado ao meu, ouço sua respiração tão próxima, sinto até seu rosto enterrado em meu pescoço.

Opa! Estou mesmo sentindo tudo isso.

Vagarosamente toco meu seio que parece estar preso dentro de uma mão quente, e meu Deus! Ele realmente está. Mexo minha perna e ela encosta na dele. Viro-me com todo cuidado e Colin dorme ao meu lado, grudado em mim, nu.

Não foi um sonho.

Eu perdi minha virgindade com Colin Hanson.

CAPÍTULO UM

Com todo cuidado consigo tirar sua mão que protegia meu seio, mas sua perna agora descansa sobre a minha e eu não quero acordá-lo. Não posso.

Sempre encontrei diferentes tipos de mulheres seminuas na cozinha nas manhãs após suas noites com ele, e se tem uma coisa que pude perceber de padrão nelas, é a beleza. As mulheres com quem o Colin costuma sair são lindas. Ele não pode de jeito nenhum acordar e dar de cara comigo! Descabelada, remelenta e amassada. Sei como fico de manhã. Ainda mais nas manhãs seguintes às noites em que durmo pouco. Meus olhos com certeza estão inchados, minhas bochechas amassadas, e deve haver o rastro de baba pelo meu queixo. Ele não pode me ver assim!

Consigo tirar minha perna de debaixo da sua. Nunca pensei que seria uma mulher dessas que acorda mais cedo do que o cara, para se ajeitar e estar bem aos olhos dele quando ele os abrir, mas aqui estou eu, bolando todo um plano para impressioná-lo quando ele acordar e olhar para mim. Meu plano é bem simples. Eu só preciso lavar o rosto e ajeitar meu cabelo volumoso, e então volto para a cama e o acordo e aí... bem, não sei o que acontece depois do aí, mas estou mais do que disposta a descobrir.

Meu corpo quase todo está livre do dele, exceto por sua cabeça que está enterrada em meu pescoço e não quero de jeito nenhum acordá-lo. Com todo cuidado, conto até três e me afasto um pouco, sua cabeça cai, recostando-se ao meu ombro. Então conto de novo e me afasto mais um pouco, livrando-me de seu contato. Ele resmunga e se mexe, fico imóvel, mal respiro, mas ele não acorda. Estou bem perto do chão, já que ele está quase atravessado na cama, então só preciso me arrastar até a beirada e cair levemente no tapete. E depois, poderei correr até o banheiro.

Quando alcanço a beirada da cama, ele resmunga e se mexe, e sua perna pousa de novo sobre a minha. Tenho todo o trabalho de tirar sua perna sem acordá-lo, e no processo, embolo a coberta que cobre sua

ACHERON - NACIONAIS

bunda para baixo, em nossos pés. Mas, pelo menos nossos pés não estão mais se tocando. Jogo meu ombro para fora da cama, pretendendo cair de lado no carpete, mas claro que não seria eu se algo não desse errado. Meu pé fica preso na coberta embolada e caio de cabeça. Consigo impedir que eu bata a cabeça no chão com os braços, mas agora estou com metade do corpo para fora da cama, e a outra metade...

— Bom dia, baby — Colin fala com a voz rouca de sono pouco antes de me acertar um tapa na bunda.

Púbis!

— Eu não estou nua com a bunda aberta diante da sua cara, estou?

Ele ri alto e planta as duas mãos na minha bunda, provocando-me.

— Ah baby, você está! Acordar com você é a coisa mais excitante do mundo.

Tento me enfiar debaixo da cama como uma minhoca em um buraco, mas ele é mais rápido e me puxa pela cintura, jogando-me de costas na cama e caindo sobre mim em seguida.

Aqueles olhos azuis tem o tom escuro de quando está com sono e um sorriso relaxado descansa em seu rosto enquanto me avalia.

Púbis, Colin, pare de me olhar assim!

— Você está bem? — pergunta acariciando levemente meus seios.

— S-sim. Sim! Bem!

— E onde estava indo? Você ia fugir?

Nego com a cabeça, mas não tenho força para responder, porque sua boca toma meu seio, num beijo matinal delicioso. Em seguida, ele acaricia meu rosto e olha em meus olhos de um jeito que nunca o vi me olhar.

Posso dizer que esse Colin *manhã seguinte pós sexo* é um novo Colin, um lado que eu não conhecia, mas que estou adorando! Mal posso acreditar que ele consegue ficar ainda mais lindo do que é normalmente.

— Cait, minha Cait. A noite de ontem foi...

O barulho ensurdecador da campainha corta o que ele ia dizer e resmungo como uma garotinha. Ele me pede um segundo e levanta-se, só então reparo seu pau ereto. Engulo em seco e ele sorri daquele jeito sexy dele antes de cobri-lo com um short e ir abrir a porta.

Seja quem for vai ser recebido por um cara deliciosamente lindo, com a barraca armada. Espero um pouco que ele volte. Mas como está demorando, penso que pode ser alguma coisa importante e me levanto. Jogo seu blusão rapidamente e não avisto minha calcinha. Deve estar no banheiro. Então abro a porta e vou verificar quem poderia nos visitar tão cedo, e púbis!

— Púbis! Púbis!

Tento dar meia volta e correr para o quarto para me jogar da janela, mas minha mãe me vê e já solta o grito:

— Caitlin Evy Ross, venha aqui agora mesmo!

Não é possível! Que pessoa normal perde a virgindade e acorda com uma visita da mãe na manhã seguinte?

Estou sentada com as pernas cruzadas o mais apertado possível, fingindo tomar café, mas apenas queimando minha língua, olhando para todos os lados menos para minha mãe que está na minha frente, analisando a mim e Colin como uma detetive. Fico me perguntando se tenho aquelas “caras pós sexo”. Se ela viu a barraca armada do Colin. Se ela percebeu que estou sem calcinha, isso podia ser mais constrangedor?

— Então, vocês usaram camisinha? — solta de repente entre um gole e outro em seu café.

— Mãe!

Meu Deus! Quando eu penso que não posso ficar mais constrangida.

— Ah, não me venha com essa, Caitlin! Você está nua por baixo dessa

blusa, e o Colin está com aquele olhar satisfeito, sem contar na sua cara pós sexo. E posso dizer que gostou bastante da experiência! Nem vou comentar o estado em que fui recebida pelo seu novo amigo de sexo para não te constranger, mas...

— Chega! — interrompo antes que ela comente o tamanho dele e me pergunte se doeu. — Podemos conversar a sós?

Não dou tempo que ela solte uma de suas pérolas e já me levanto abandonando a xícara na mesa enquanto sinto que não tenho mais língua. A pego pela mão e a arrasto até o meu quarto.

Ela observa tudo enquanto visto uma roupa decente e comenta satisfeita:

— O rala e rola não aconteceu aqui, está arrumado demais. Você foi para o quarto dele, não é?

— Mãe! Limites!

— Tudo bem, desculpe. — Seu sorriso enorme de quando recebe uma notícia boa surge em seu rosto e ela segura minhas mãos, quase emocionada, querendo compartilhar comigo a emoção deste grande passo. — Ah, meu amor, esperei tanto por este momento, de saber que você não é mais uma menina. Você está tão linda, Caitlin! Ele é grande daquele jeito mesmo? Porque deve ter doído pra caralho! Você tomou algum remédio hoje de manhã?

— Mãe!

Tiro minhas mãos das suas e me sento. Minha ficha mal caiu para que eu possa expressar o que estou sentindo, mas algo em mim precisa colocar para fora, é como se fosse me tomando por dentro e vai chegar a um ponto em que vou explodir. Mas, claro que não vou contar os detalhes para a minha mãe. Repasso tudo em minha mente para me certificar de que não esqueci de nada, como se fosse possível esquecer o melhor sonho da minha vida! E separo disso o que posso contar a ela.

— A sua sorte, Caitlin Ross, é que o Colin é como um filho pra mim e não quero saber mais detalhes picantes dele, só me diz se ele a fez gozar para eu saber que é um bom menino.

Faço uma careta e confirmo com a cabeça e parece que o time preferido de baseball da mamãe venceu um campeonato, pela sua expressão de conquista.

— Bem, muito bem — diz mal contendo-se e sorrio de volta. — Você sempre foi tão fechada, minha filha, mas se precisar falar disso, saiba que estou aqui.

Assinto e ela logo nota que algo não está certo.

Qual é mesmo o número da psicóloga do Colin? Algo está errado comigo, afinal de contas, acabei de passar a noite com meu melhor amigo, por quem sempre fui apaixonada, e ao invés de estar fazendo uma dancinha idiota pelo quarto, com a minha mãe, estou com medo. De tudo o que imaginei que sentiria após entregar minha virgindade a ele, medo nunca foi uma opção.

— O que está errado, filha? Não foi como você esperava?

— Não, foi muito melhor do que eu poderia ter imaginado. Ele foi doce, e intenso e tão perfeito! Eu não quero estragar esse dia, eu só preciso tirar esse medinho bobo que já passa.

A compreensão toma seu rosto e ela senta-se de frente para mim, cruza as pernas na mesma posição em que estou, seus joelhos por cima dos meus, como sempre fazemos quando preciso conversar.

— Está com medo do que vai acontecer agora?

— Sim. Não que eu seja uma dessas garotas neuróticas, nem nada assim, mas... — Respiro fundo e surto. — O que vai acontecer agora? Vamos continuar sendo amigos? Seremos apenas isso? Como devo agir perto dele? Será que comento sobre essa noite, ou espero que ele diga algo? E se quando ele for me dizer algo, disser que foi apenas uma noite, o que devo fazer? Chorar na frente dele? Fingir que não ligo? E se ele aparecer com uma mulher aqui amanhã à noite, como eu reajo? Tenho

direto de expulsá-la? De brigar com ele? E se ele me...

De repente sou sacudida para frente e para trás repetidas vezes, enquanto minha mãe emite um som parecido a um rosnado misturado com um falsete.

— Filha! Para de ser paranoica!

— Ah meu Deus, eu sou paranoica!

Quero chorar, e minha garganta está apertada, não consigo respirar. Mas, minha mãe delicadamente me acerta um tapa na cara e fico tão em choque que apenas a encaro, prendendo as lágrimas que se formaram rapidamente.

— Caitlin! Você está surtando! Coloque o que está sentindo para fora, querida, mas faça isso como uma pessoa normal.

— Eu o amo. Ele não.

Ela assente e volta a segurar minhas mãos, respira fundo e sua expressão de mãe coruja preocupada volta ao seu rosto, sua voz volta a ser calma e maternal, mas minha cabeça ainda gira levemente por conta das sacudidas.

— Ele disse a você que não a ama?

— Ele não disse que ama. Foi a única coisa que faltou essa noite. Mas isso não diminui a perfeição que foi essa noite, é só um pequeno detalhe.

— Que aumenta agora o medo que você sente, não é mesmo? Filha, não adianta se intimidar ou ficar pensando em mil maneiras de agir com ele, só seja você. Se tem essas dúvidas, pergunte a ele. Vocês são adultos, inteligentes e amigos.

— Eu errei em esconder dele o que sentia por tantos anos, errei em esconder de novo quando ele começou a sentir ciúmes de mim. Mas não quero jogar isso agora, depois de ele tirar minha virgindade, como se fosse uma obrigação para ele, entende?

— Entendo. Mas você não precisa dizer que o ama e esperar por sua

reação. Pode apenas perguntar a ele como vão ficar a partir de agora. Ele sabe que você não é como as garotas com quem ele dorme, Caitlin. Sabe que terá que ser diferente com você.

— Mãe, a gente só transou. Não estamos saindo, não houve um encontro, promessas, nós mal trocamos palavras ontem à noite. Foi chocolate, suor, e pronto, estávamos nus. Não posso aparecer para ele no dia seguinte como uma noiva com um buquê de dúvidas cobrando um compromisso. Eu só queria que ele sentisse que foi diferente e que eu fosse o suficiente para ele, pelo menos por enquanto, pelo menos até a gente ver onde isso vai dar.

Ela afaga meu cabelo com um sorriso orgulhoso.

— Você é tão adulta, minha filha! Se fosse eu já apareceria com um teste de gravidez para assustá-lo, e o esperaria nua na cama todas as noites. Se ele não me quisesse, no mínimo as mulheres que ele trouxesse para cá, sairiam correndo.

Sorrio e ela prossegue.

— Mas nós duas sabemos que você sabe cuidar de si mesma muito melhor do que eu sei cuidar de mim mesma, não é? Então você vai esperar que ele diga algo e vai dizer que está tudo bem nada mudar entre vocês depois disso?

Ouçó sua pergunta, mas no momento em que vou responder, algo me vem à mente. A ideia maluca da minha mãe.

“Se fosse eu já apareceria com um teste de gravidez para assustá-lo, e o esperaria nua na cama todas as noites.”

A segunda parte, é claro.

— Caitlin, você está me assustando. Que cara é essa? Cait, você vai surtar de novo? Eu juro que pego um copo de água gelada se você começar a surtar. Caitlin!

— Mãe, a senhora acha que eu poderia seduzir o Colin? — pergunto quase enfiando a cabeça no travesseiro. Nunca pensei que pediria

conselhos de como seduzir um homem para a minha mãe.

— Como? Achei que fosse deixar rolar, você sabe, ser a adulta que sempre foi e esperar pelo destino.

— O destino o jogou nos braços de mil mulheres diferentes, aí eu bebi e agi como uma louca dessas que ele gosta, e pronto! Ele olhou para mim! Não vou ficar esperando destino algum! Eu o amo, e a noite de ontem não pode ter sido especial assim só para mim. Eu só preciso convencê-lo de que ele não precisa de outras mulheres na cama.

— Amor, eu só acho que você não é assim.

— Mãe, eu tentei ser amiga, companheira, estar aqui, ouvi-lo, dividir tudo com ele, nada disso o fez me ver com outros olhos. O caminho para chegar até ele é o sexo.

Ela ri alto e me sinto ofendida.

— Você acabou de perder a virgindade e está planejando prender um homem pela boceta, filha?

— Mãe! Não fale assim, não é isso! Veja as coisas com meus olhos. Eu acabei de ter a minha primeira vez com o homem que amo, eu o amo a vida toda e nunca lutei de verdade por ele. Fazer as coisas do meu jeito não deram muito certo, então lutarei por ele do jeito dele.

Ela se levanta sorrindo e ainda não aprova meu plano.

— Você não é assim e isso tem tudo para dar errado um milhão de vezes antes de dar certo. Mas, se você gozar algumas vezes no caminho, então vale a pena tentar.

— Eu vou fazer o Colin se apaixonar por mim, mãe.

Ela beija minha testa e abre a porta do quarto, observa antes de olhar para mim e soltar:

— Não, meu bem. Você vai fazê-lo desejá-la. Mas talvez só falte isso para que ele perceba que a ama. Tipo um gatilho.

Não sei qual de nós duas vive mais no mundo da lua, piscianas que
ACHERON - NACIONAIS

somos, mas desta vez não vou ficar na minha deixando que o acaso resolva tudo. Também não vou entregar meu coração e sentimentos em uma bandeja e assustá-lo, porque sei que ele nunca me magoaria de propósito. Eu vou fazer do jeito dele, e seja o que Deus quiser.

Quando saio do quarto, com a mesma roupa que uso todos os dias, as que até pouco tempo ele chamava de infantis, a mesma cara sem maquiagem de menina, não sei bem como vou agir perto dele. Eu não queria esperar que ele agisse primeiro, mas, estou em desvantagem em relação a ele por conta do que sinto, então vou analisar sua reação perto de mim antes de planejar como conquistá-lo. E eu que planejei não amá-lo mais, para poder dormir com ele, acabei amando-o mais após dormir com ele.

Sinto-me um pouco aliviada quando vejo seu bilhete na geladeira:

Pequena, precisei ir ao clube, mas volto cedo.

Há um quê de carinho neste bilhete? Ou eu estou fantasiando? Não importa! Guardo o bilhete no bolso e vou procurar minhas amigas, preciso pedir rescisão de um grupo.

Chego ao apartamento que foi meu lar por dois dias e Joy está como sempre em suas folgas, estirada no sofá enquanto passa um esmalte vermelho berrante nas mãos e assopra. Lyla está cozinhando e não vejo Mackenzie em lugar nenhum. Este é o apartamento da Lyla, mas as meninas moram aqui com ela, alugam quartos. Nós quatro nos conhecemos na faculdade e Joy arrumou emprego para a gente na lanchonete do tio dela. Jogo um pouco de conversa fora com Lyla enquanto espero por Mackenzie, e logo ela aparece. Nos cumprimenta como se sua cabeça estivesse em outro lugar, senta-se ao meu lado e fica olhando as cebolas que Lyla majestosamente pica. Seus olhos ficam vermelhos, mas ela permanece ali, admirando as cebolas.

— Mackenzie, está tudo bem? — Lyla pergunta e ela assente.

— Então você apenas está precisando chorar? — pergunto e ela desvia finalmente seu olhar da cebola, apenas o suficiente para que eu veja sua testa franzida. — Você está praticamente em cima das cebolas que a Lyla está cortando — explico.

— Ah, então é isso? Achei que havia algo errado com meus olhos, começaram a arder de repente — diz levantando-se e indo lavar os olhos.

— E você diz isso nessa calma? O que houve, Mackenzie? Foi algo no ginecologista? Tem alguma coisa errada? — Lyla pergunta e por um momento ficamos apreensivas.

— Coisa errada? Ginecologista? Por que está perguntando isso? — ela grita parecendo em pânico.

Aproximo-me dela e seguro seus ombros.

— Mackie, o que aconteceu no ginecologista?

— Na-nada! Nada! Ele estava lá, olhando... pererecas, como sempre. Nada demais.

Tento me manter séria, mas a risada de Joy e Lyla acaba me alcançando.

— Mackenzie por acaso seu ginecologista é bonito? — Joy pergunta.

— Mais parece um deus!

Ainda acho que algo está errado, ou no mínimo, diferente com ela, mas, como está rindo junto com a gente, decido esperar que ela mesma conte. Reúno então as meninas na sala, e penso em uma melhor maneira de dar a notícia.

— Eu preciso falar com vocês — digo séria, recebendo a atenção das três. — Então, ontem eu estava assando um bolo, ele queimou e eu fui assar outro. Mas aí a calda de chocolate esfriou...

— Sério? Seu assunto sério é o quão ruim você é na cozinha? Porque todo mundo aqui sabe disso — reclama Lyla impaciente.

— Fica quieta! — repreendo embolando os dedos na tentativa de

ACHERON - NACIONAIS

pensar em uma maneira de contar algo tão íntimo. — O Colin chegou suado dos treinos, de repente ele derramou calda de chocolate em mim, de repente ele lambeu a calda, e então ele me beijou e a gente foi para o banheiro e tiramos a roupa e tomamos banho e acabamos transando na cama dele! — solto tudo de uma vez e respiro só depois de terminar o relato.

As três me encaram boquiabertas e não dizem nada.

— Eu acabei de contar que perdi minha virgindade. Com o cara que amo. O Colin, lembram?

Elas ainda me encaram sem qualquer reação. Até que Joy diz de maneira divertida:

— De todas vocês, achei que você seria a última a perder a virgindade, Caitlin!

— Por quê? — pergunto quase ofendida.

— Porque você é toda certinha, bobinha e apaixonada pelo homem mais safado que de quem já ouvi falar, achei que ia ficar esperando por ele a vida inteira, depois se casaria aos quarenta porque ele já teria uns cinco filhos de mães diferentes e você finalmente desistiria, e então fecharia o clube.

— Ei! Que espécie de amiga você é? Você tinha que acreditar que ele ia olhar para mim, íamos ficar juntos e eu seria a mãe dos cinco filhos dele!

— Estamos falando do Colin, querida!

— Não acredito que você deixou o clube das VSQ! — diz Lyla chorosa.

Há dois anos, minhas amigas e eu fundamos um clube: *Virgens sem querer*. O fizemos porque provavelmente éramos as únicas virgens na faculdade, e porque a culpa do nosso status não era nossa. A Mackenzie teve três namorados, sendo um gay, um *anti-virgem* e um nerd estranho que saiu correndo quando ela ficou nua diante dele. Também teve alguns caras com quem saiu e bebeu, mas aconteceram coisas como a camisinha

sumiu, o carro quebrou, e até o motel pegou fogo. Pois é. A ideia do clube foi dela. A Lyla, teve uma meia perda de virgindade, acho que podemos chamar assim. Ela tinha um namorado da vida toda, e na primeira noite deles o babaca resolveu filmar e transmitir on-line. Resultado: depois de muito tempo tentando, quando o ato finalmente ia acontecer, os pais dela invadiram o quarto dele porque estavam vendo o vídeo. Ela ficou tão traumatizada que jurou nunca mais dormir com homem nenhum. Ela diz que sexo não é importante e que não precisamos disso. E ainda não decidi se ela vai sucumbir quando conhecer o homem certo, a mulher certa, ou se apenas vai viver sem sexo mesmo. E a Joy, bem, a Joy não é virgem. Mas a Lyla achou que três pessoas não se classificavam como um grupo e ela acabou entrando na onda. Estranhamente, desde que entrou para o clube das VSQ, ela nunca mais transou.

— Meu Deus, Caitlin! Estou tão feliz por você! Como foi? Ele é tudo isso mesmo? — faço uma vozinha engraçada e elas caem em si. — Onde estão minhas amigas curiosas?

— Você cedeu a ele sem um compromisso sério. Eu não cuidei de você direito — Lyla resmunga e sai da sala abalada.

— Quem vota em chamarmos um garoto de programa para ela? — sugere Joy, em seguida pega minhas mãos e me joga no sofá, enchendo-me de perguntas.

Conto por alto o que aconteceu e tento explicar como me senti, mas não consigo. Só eu sei como me sinto e é algo que vou levar comigo, guardar para sempre na memória. Quem sabe meu plano funciona e eu não consiga transmitir isso a ele?

— Se você tivesse me ouvido, isso teria acontecido há muito tempo! — diz Joy. — Cait, eu disse a você para sair mais, se vestir de maneira mais ousada, confiar mais em si mesma, eu disse que ele não olharia para você como a menina com a cara enfiada em livros, com essas roupas de super-herói que você usa. Você saiu com ele uma vez, bebeu, se libertou e o resultado foi que ele a viu como uma mulher. Mas e agora? Você vai ser a mesma Caitlin de sempre? Porque isso não funciona.

— Não acho isso, ele te conhece a vida toda, Cait. Agora a conhece por completo, você não tem que ser diferente para continuar atraindo a atenção dele — defende Mackenzie.

— Tem sim! Não estou dizendo que tem que ser o que não é e se tornar uma garota como qualquer outra, só que precisa crescer. Precisa sair, se divertir, vestir roupas curtas, curtir a vida. Mostrar esse seu lado para ele.

— Só que eu não tenho esse lado — digo desanimada.

— Então passou da hora de ter.

— Eu pensei em seduzi-lo, lá em casa mesmo, dormir com ele mais vezes. Até que ele perceba que não precisa de outra mulher.

— Claro, porque ele é mesmo um homem de uma mulher só, é o que ele busca ao dormir com tantas diferentes, não é mesmo?

— Não gosto de você! — respondo a Joy que faz uma careta, bancando a sabida.

— Apenas faça com que a atenção dele permaneça em você. E não é para chegar em casa e ficar orbitando em volta dele como sempre fez.

— Eu não pretendia fazer isso. Não quero agir como se não tivesse significado nada e nem deixar tão claro o quanto significou. O que faço?

Joy abre a boca para responder, mas Mackie a interrompe.

— Se fosse eu no seu lugar, Caitlin, o que você me diria? Se eu conseguisse depois de tanto tempo ter o homem que amo por uma noite, e não soubesse como vai ser de agora em diante, não tivesse qualquer garantia por parte dele, como você me aconselharia?

Penso por um momento e tento me tirar da situação, tento pensar nela, com alguém que ame, um devasso como o Colin, sendo ela aquela que não quer abrir mão dele depois da noite que tiveram.

— Só... guarde para você o que viveram, deixa ele saber que foi especial e não implora que ele faça de novo. Mas, se ele fizer, deixa ele

sentir o que você sente...

Isso nunca vai funcionar com o Colin. Eu já tentei de tudo. Ele não é do tipo que funciona com declarações. Eu tentei dizer que estava apaixonada por ele uma vez, disse que o amava, eu tinha doze anos e ele me abraçou e disse que me amava também, por um momento me senti no meu próprio conto de fadas, até que ele disse que eu era a irmã que ele não teve. Eu fiquei tão ferida e me sentindo mal por estar ferida, ao invés de estar feliz por ter o amor dele de alguma forma. Então tentei de novo, fingi que gostava de um garoto da minha sala com quem eu conversava, pedi a ele que me ensinasse a beijar para poder fazer isso no garoto, torci tanto que ele sentisse ciúmes, que tentasse me impedir, que demonstrasse que isso o incomodava de algum jeito. Mas, ele ficou feliz por mim, foi imediatamente dizer ao garoto que cuidasse de mim ou quebraria a cara dele. Eu tive o maior trabalho para explicar ao Kyle que não estava realmente apaixonada por ele, porque ele já havia espalhado para a escola inteira que estávamos namorando. E aí, quando chegou o tão sonhado momento e ele foi me ensinar a beijar, foi a primeira vez que toquei o céu. Dei esse nome para o que senti quando seus lábios tocaram os meus. O que eu sentia por ele se multiplicou infinitas vezes naquele beijo, e no segundo em que sua boca deixou a minha, ele disse que o Kyle ia adorar o meu beijo. Na mesma noite eu o vi com uma garota mais velha do que ele, e a maneira como ele a beijava não era nem de perto o jeito bobo como havia me beijado.

Então veio minha festa de quinze anos, não é uma tradição no meu país, mas minha avó era mexicana, fez a *quinceanera* para minha mãe e quando ela disse que queria passar a tradição, fiquei mais do que feliz em fazer algo diferente da minha cultura porque eu poderia chamá-lo para ser meu príncipe, e talvez, ele me desse de presente de aniversário uma noite. Ele foi até mim quando todos achavam que não iria, ele estava proibido de entrar no bairro, mas se arriscou por mim, dançou comigo o que para ele foi um grande mico, me deu uma pulseira linda que ele mesmo fez, com nossas iniciais formando um coração. E quando achei que realmente estava ganhando seu coração de presente, ele se despediu, dizendo que não podia ficar muito tempo por conta dos caras que havia

irritado. Fiquei observando-o ir embora pela janela, ele entrou no carro de outra mulher mais velha, cumprimentando-a com um belo beijo e a festa acabou para mim ali. Eu me mudei da cidade para não vê-lo tanto, conhecer gente nova, esquecê-lo.

Minha última tentativa foi quando ele veio morar comigo. Eu havia acabado de sair de um relacionamento ruim, que não deu certo porque eu amava outro e era péssima em esconder. Então ele apareceu. Eu cortei o cabelo, mudei a casa, comprei um vestido comportado, mas lindo e esperei que ele voltasse do clube de luta que havia ouvido falar. Íamos jantar juntos para ele conhecer a cidade e eu não aguentava mais segurar o que sentia. Mesmo que ele não sentisse de volta e ouvir um *eu te amo* saindo da minha boca o fizesse ir embora de novo, eu estava disposta a tentar. Seria mais fácil do que conviver com ele, me acostumar a tê-lo perto de novo e depois perdê-lo por conta disso. Eu não esperava que ele me amasse e ficasse comigo, apenas queria que ele soubesse. Devia isso a ele como sua amiga. Devia isso a mim mesma.

Mas, ele voltou do clube acompanhado. Eu saí do apartamento para dar privacidade a ele e sua garota, e tranquei de uma vez por todas o que sentia por ele. Eu me esforcei tanto para vê-lo apenas como amigo, ou o mais próximo possível disso! Me esforcei para não viver por ele, para não ser seu estepe, nem algum tipo de reserva. E consegui. Doía bem menos vê-lo com outras. Me acostumei às noites em que ele nem voltava para casa, com sua falta de interesse na minha vida amorosa, em como nunca reparava em mim se não fosse para dizer que eu me parecia a uma criança. Então passei a sentir sua falta mesmo tendo-o sob o mesmo teto.

Agora, ele olha para mim como sempre esperei. Agora tive o beijo que sonhei, a noite que sonhei, e sinto que devo cuidar de mim mesma mais uma vez. Não cobrar nada, não esperar nada, agir como se tivesse sido algo especial e pronto, como se eu não fizesse questão que se tornasse algo mais, como se eu fosse capaz disso. Sei que deveria agir assim. Mas não posso. Porque agora sei como é pertencer a ele. Agora sei que esse amor não vai passar. Como ele mesmo tanto disse, ninguém vai me fazer sentir como ele faz. Então não sei o que fazer.

Ando um pouco pelo parque sentindo a noite na minha pele, como besteiras na rua e penso em mil maneiras diferentes de como devo agir agora. Só não quero me machucar mais uma vez.

Chego em casa bem tarde e ele cochila no sofá, a televisão ligada em algum filme bobo. A desligo e ando a passos leves para não acordá-lo, mas ele acorda. Sorri para mim daquele jeito lindo dele, espreguiçando-se de um jeito que quase me faz perder a força nas pernas.

— Você chegou — diz vindo até mim.

O que devo fazer? Ele me cumprimenta com um beijo na testa demorado, suas mãos apertam minha cintura e descem um pouco, quase tocando minha bunda, mas não a tocam. Ele me olha dos pés à cabeça daquele jeito faminto dele.

— Você está cansada?

De repente entro em pânico. Ele se afasta me avaliando, seu semblante cansado indica que treinou o dia todo, mesmo não tendo dormido quase nada na noite anterior. Talvez a gente possa apenas dormir juntos. Seria estranho demais sugerir isso?

— Você está bem, Caitlin? Depois de ontem, eu... eu sei que não fui cuidadoso como deveria com você, você me deixou louco e não consegui me controlar. Eu a machuquei? Você passou o dia bem? Eu nunca tinha estado com uma virgem. Não querendo dizer que você foi mais uma com quem estive... eu não quis dizer... merda! Você está bem?

Só então me dou conta de que ele está tão incerto sobre como agir agora, quanto eu. E de repente sei exatamente o que fazer, não sei como fazer e nem se vai dar certo, mas está claro. Com ele nada funciona, mostrar o que sinto não funciona, falar não funciona, ele só pega no tranco. Então não tenho que dizer que o amo agora muito mais do que antes, tenho que fazê-lo pensar o contrário.

Quando ele me beijou de verdade pela primeira vez, usando-me como sua Sorte, com todo desejo que sonhei ter dele, e eu agi como se não houvesse sido nada demais, isso o perturbou. Talvez, se eu agir como se nossa noite juntos não fosse nada demais, isso possa perturbá-lo, pelo menos um pouco, pelo menos para que ele queira que essa noite se torne algo marcado em mim, como fez com o beijo.

— Estou bem, na verdade, só estou mesmo muito cansada. — Acaricio seu rosto de leve, com um sorriso contido. — Você foi perfeito, Colin. Muito obrigada pela noite de ontem. Boa noite.

Me dirijo ao meu quarto e ouço-o resmungar:

— Muito obrigada? Boa noite? Que merda é essa?

Pode ser um tiro no escuro, mas mostrar a ele que eu o vejo como ele é, que espero dele que me trate como trata todas as mulheres com quem sai, pode ser o que o fará querer me mostrar que comigo pode ser diferente. E se ele seguir por esse caminho, vai acabar percebendo que realmente é diferente. Há aquela chance máxima, oitenta por cento, de ele não se importar com a minha atitude, e de isso acabar comigo destrocada de novo, eu sei que há. Mas prefiro acreditar nesses vinte por cento de chance de ele querer me provar que é melhor do que penso que ele é.

Bom, eu disse a ele uma vez que não devemos ser quem não somos por alguém e ainda acredito nisso. Mas, não tenho nada contra fingir ser o que não sou por um curto período de tempo, apenas para colocar em prática meu plano de sedução. Então abro o guarda-roupa em busca de roupas “adultas” e maquino tudo na minha cabeça. Vou deixá-lo louco, como ele fez comigo, e aí fingir que não me importo.

Tomara que dê certo.

— Plano Caitlin Futura Esposa Do Colin, em ação!

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS

CAPÍTULO DOIS

COLIN

Acordo com uma ereção que deve estar aqui desde ontem à noite, por culpa daquela menina malvada! *Muito obrigada pela noite!* Grande merda! *O prazer foi todo meu, criatura deliciosa e cruel.*

Desde ontem, cada vez que fecho meus olhos, só consigo vê-la. Nua. Cada centímetro dela. Consigo senti-la colada a mim. Quase consigo sentir meu pau dentro dela, naquele movimento gostoso, entrando e saindo, preenchendo-a uma vez, e mais uma, testando meu prazer todo dentro dela. Quase consigo sentir seus seios na minha boca, e suas unhas arranhando minhas costas. Quase. E não sentir isso de novo está fora de cogitação!

— Então, vai ficar aí olhando para o tempo? Não quer me contar o que houve? — a doutora casamenteira provoca.

— Sabe aquela baboseira clichê de encontrar a pessoa certa e aí gozar mais forte com ela?

Ela arregala os olhos e sorri, corrigindo-me.

— Não. Sei sobre aquela verdade de amar alguém e assim, fazer amor com essa pessoa, ser uma experiência muito melhor.

— Foi o que quis dizer. É mais intenso, mais gostoso, mais verdadeiro.

— Bem, eu sei. E você? Vivenciou isso?

Assinto como um menino feliz e sorrio, o que a faz sorrir de volta. Então me lembro do “muito obrigada pela noite de ontem” e meu sorriso some.

— O que deu errado, Colin?

— Eu vivenciei isso. Foi bem assim, foi quase como mágica. E aí na noite seguinte ela me vem com um “muito obrigada pela noite” e um “boa noite”. Entra para o quartinho dela e vai dormir.

Ela faz uma expressão preocupada e me preocupo imediatamente.

— O que isso quer dizer? Por que fez essa cara? O que ela quis dizer?

— Não sei. Pergunte a ela, eu não sou sua conselheira sexual, Colin. Você que vive se gabando dos seus dotes, aí todo inseguro, chega a ser engraçado.

Eu não vejo graça nenhuma!

— Você é minha conselheira amorosa, eu nem queria uma, mas você veio com aquele papinho de cura, lembra? A culpa disso tudo é sua! Agora me ajude.

— Como conselheira amorosa, eu te pergunto se você já disse a Caitlin que a ama. Porque nós sabemos que ela não vai adivinhar

— Eu fiz mais do que isso, eu mostrei.

— Acho que ela não entendeu seu jeito de demonstrar, já que dormiu no quarto dela ontem à noite.

— Eu sei que não sou a melhor escolha, e que vai demorar para ela me ver como um homem certo para ela, sei que a imagem que ela tem de mim é a de um devasso, e a culpa é minha, eu assumo. Mas quero mudar isso. Quero mostrar para ela que posso ser diferente, posso ser melhor.

Seus olhos são quase maternais com tamanho orgulho refletido neles. Ela abandona o caderno de anotações na mesinha de centro e tira os óculos. Vai falar comigo como uma mãe falaria com o filho.

— Então mostre isso a ela. Leve-a para sair, dê a ela coisas que a agradem, passe um tempo com ela que não envolva sexo. Um tempo que envolva amor.

— Sexo envolve amor — defendo.

— Você me entendeu.

— Não tem uma maneira mais fácil?

— Sim. Você pode dizer diretamente a ela, Caitlin eu te amo.

— E aí vou poder transar com ela, não é?

Ela me olha desconfiada e me dou conta do quanto estou perdido aqui.

— Colin você tem certeza que isso é amor? Porque se eu que sou seu diário humano estou confusa, imagine ela.

— Tem certeza que é o único jeito?

— Você consegue encontrar um melhor?

— Não pode ser dando a ela mais orgasmos?

— Nem toda mulher vive de sexo, Colin. Algumas, a maioria delas, quer sentimentos envolvidos.

Tudo bem. Fazer coisas com ela que não envolvam sexo. Não que seja um problema para mim ficar com ela, e nem que eu a queira apenas para isso. Mas eu a tive. Por uma noite ela foi minha. E parece que todas as noites em que não estive dentro dela, não passam de noites perdidas.

Saio de seu consultório ao fim da consulta, mas retorno pouco depois, para uma última tentativa:

— Você tem certeza que preciso fazer isso?

Sua resposta é uma careta impaciente e saio do seu consultório. Eu posso fazer isso. Posso ser o namorado dela, fazendo programas de namorados, não resumidos a sexo.

Dustin está me esperando no clube para treinarmos. A luta final se aproxima e ainda estou meio quebrado, por isso tenho que dar muito mais de mim. Após umas horas de treino, comento como quem não quer nada:

— Alguma vez você e a Carol passaram a noite juntos e aí na noite

ACHERON - NACIONAIS

seguinte ela preferiu dormir sozinha?

Ele parece pensar por um momento, mas então começa a rir. Ri alto, apontando o dedo para mim.

— Se fodeu! Achou que ela ia ser fácil como as que está acostumado? Acredite, irmão, as que amamos são sempre as mais difíceis, diferentes e complicadas.

Assinto entendendo que o que sinto por ela torna seu *muito obrigada pela noite* mil vezes pior do que realmente é.

— Mas não. Por mais que me odiasse em vários momentos, ela nunca preferiu estar sozinha. Você fez alguma coisa errada — zomba e o uso como saco de porrada pelo resto do treino.

Quando chego em casa, Caitlin ainda não chegou. Já passa de sua hora normal e ela deveria estar com a cara enfiada em um livro. Eu chegaria, como quem não quer nada, a ajudaria e então a beijaria. Ligo para seu celular, mas ela não atende. Logo, a campainha toca e Lorna entra com o jantar.

— A Caitlin está chegando — diz separando a gororoba que trouxe em pratos, como se fosse a cozinha dela. — O que foi, querido? Está tudo bem?

Não posso falar disso com a mãe da Caitlin. Mas, ela me olha preocupada, e estamos falando da Lorna, aquela que sempre esperou que eu e a Caitlin ficássemos juntos. Que pessoa melhor para falar do que ela?

— O que foi, Colin? Aconteceu alguma coisa?

Penso em uma maneira menos bruta de dizer isso, e ela se aproxima curiosa e preocupada, seus grandes olhos fixos em mim, me pressionando.

— Colin, fale comigo, o que houve?

— Eu... eu... sua filha não quer mais transar comigo — soo como um

menino chorão.

A porta abre e Caitlin aparece, diz estar morrendo de fome. Beija meu rosto como sempre faz e dirige toda sua atenção para sua mãe. E eu fico aqui me perguntando o que fiz de errado com ela. Mas não importa, seja o que for, vou mudar isso, porque afinal de contas, somos namorados agora. Ela me pertence, eu serei o melhor namorado do mundo e tudo vai ficar bem.

Mais calmo, junto-me a elas e mandamos ver na gororoba.

CAPÍTULO TRÊS

Não tenho dormido bem, passo boa parte da noite bolando planos e revivendo momentos em minha mente, e com isso, já acordo cansada. Levanto-me no melhor modo zumbi, mais dormindo do que acordada e pego a primeira roupa que vejo pela frente. Colin já está na cozinha quando saio do banho, cozinhando algo que cheira deliciosamente bem. Dou bom dia a ele e ele me abraça. A segunda coisa que sinto, logo após seus braços em volta de mim, é sua ereção. Ele me aperta tanto de encontro ao seu corpo, que posso sentir toda a extensão da sua ereção pressionada em mim.

Sorrio, comento sobre o cheiro bom, tomamos café juntos e ele fala da luta que se aproxima, e finjo que não estou vendo o quanto ele está duro. Após o café, prometo lavar a louça quando chegar da lanchonete e me despeço com o habitual beijo no rosto, então saio. Logo que entro no elevador, abro um pouco a blusa, por que peguei uma tão quente? Prendo o cabelo e me abano com uma apostila. Como eu consegui resistir ao volume no seu short, estando ele sem camisa, tão lindo e tão perto de mim, nem eu sei.

Minha mãe me liga quando estou no metrô.

— Bom dia, mãe.

— E aí, filha? Vocês transaram de novo? — pergunta alto demais.

— Mãe, onde você está?

— No tribunal.

— Alguém respeita os veredictos de uma juíza que pergunta a filha nessa altura se ela transou na noite passada?

Alguns olhares caem sobre mim no metrô e percebo que acabei falando alto demais também.

— Que mal-humorada! Pelo visto não rolou, não é? O que houve? Porque quando cheguei ao seu apartamento ele estava mais do que disposto a transar com você.

— Vocês não podem ter realmente conversado sobre isso — jogo, mas sei que se tratando da minha mãe, nada é impossível.

— Amor, ele estava desolado porque você não queria mais saber dele. Seja qual for esse plano que está seguindo, continue. Só não deixe o menino na mão. Nosso Colin tem um coração gigante e um pau maior ainda, você sabe como ele funciona.

— Você não pode estar falando isso calmamente no tribunal. E essas vozes ao fundo? São seus colegas de trabalho?

— Filha, deixa de ser quadrada. Quem é que não transa hoje em dia? Todo mundo sabe o que é sexo. Todo mundo faz, então não sei porque não falar sobre ele. Eu preciso desligar, se cuida.

— Tchau, mãe.

Sou milimetricamente avaliada por três pares de olhos logo que chego à lanchonete, e quando dou meu bom dia no modo zumbi, minhas amigas desanimadas constataam que eu não transei na noite passada.

— Então, vocês conversaram? — Mackie pergunta enquanto arrumamos as mesas.

— Sim. Sobre muitas coisas. Mas não sobre nós.

— E como ele a tratou? Como se nada tivesse acontecido?

— Na verdade, ele está sendo o Colin devasso que estava sendo antes de dormirmos juntos.

— Isso é bom! Quer dizer que a deseja! Por que então não dormiram juntos de novo?

— Porque não. Não estou à disposição dele!

Ela me olha de maneira divertida.

— Você está sim!

— Ele não precisa saber disso, ok? Ele precisa achar que por mais que tenha gostado da nossa noite, não espero que ele deixe de ser o Colin de sempre e queira algo mais comigo. E que aceitei isso, para querer me provar que estou errada.

— Entendi. Bom plano. Indiferença, por menor que seja ela, é sempre uma boa maneira de conquistar alguém. Só toma cuidado com isso, porque você já está esperando que ele mude.

Ela pega seu avental e se afasta e sei que ela tem razão, tenho mesmo que me concentrar mais nos oitenta por cento, do que nos vinte.

Joy aparece meia hora atrasada como todo dia, dá bom dia como se não fosse nada demais, coloca seu avental e repara minha roupa. Faz uma careta para minha blusa larguinha e quente. E solta um palavrão quando seus olhos caem em minha saia longa.

— Que merda está usando? Suas roupas são todas assim? As que não são de criança, são de velha? Caitlin, se eu fosse um homem cujo avião caiu, que ficou dez anos num deserto, sobrevivendo de insetos e sem me lembrar de como é uma mulher. Então fosse resgatado por um avião militar repleto de homens e deixado numa cidadezinha qualquer. E a primeira mulher que encontrasse fosse você, eu não ia querer transar com você. E mesmo que eu descobrisse que você é a única mulher nessa cidade, então começaria a reparar melhor nos homens, porque você com essa roupa está broxante.

Fico sem palavras por alguns segundos, e então tento recolher minha autoestima do chão.

— Uau! Você sabe como acabar com alguém logo de manhã.

— Estou dizendo isso porque sou sua amiga. Foi apenas um exemplo.

— Nem quero pensar no que fala para suas inimigas. Isso foi cruel.

— Você precisa de roupas novas. Ou vamos ao shopping esta tarde, ou você vai usar o meu guarda-roupa.

Tento lembrar de alguma calça que a Joy tenha, ou ao menos uma saia decente, e ela simplesmente não tem.

— Ok, vamos ao shopping.

A lanchonete fica há duas quadras de uma escola primária, cujos professores são todos homens. Não é tão incomum professores de primário aqui, mas os dessa escola em particular, são jovens e muito bonitos. São os clientes preferidos das meninas. Hoje, Brad, um dos professores mais educados e fofos que frequentam a lanchonete (e amor platônico da Joy) trouxe seu irmão. O irmão é a cara do Brad, os mesmos olhos castanhos, a mesma barba bonita de homem, o mesmo cabelo escuro desgrenhado. Porém, seu porte físico é o que o difere do irmão. Michael é mais forte e mais alto. Como as meninas parecem descontroladas com a visita, e Joy nunca serve Brad (ela diz que não quer que ele espere isso dela quando estiverem juntos), sobra para mim servi-los. Brad é sempre tão educado que nem me importo.

— O que vão querer esta tarde? — pergunto.

— A moreninha aí está no cardápio? — Michael diz avaliando-me dos pés à cabeça e encaro Joy.

Alguém olhou para mim com essa roupa horrorosa. Ela faz uma careta e se afasta.

— Tudo que está no cardápio, está escrito no menu. Se não está escrito aí, então não está disponível — respondo de forma educada, cortando-o.

Ele sorri e analisa o cardápio enquanto recebe uma reprimenda do irmão.

— Todas as mulheres dessa cidade se vestem muito bem — ele diz ainda analisando o cardápio.

Não comento porque imagino que isso não se aplique a mim.

— Quando vejo uma tão coberta, não consigo deixar de pensar no que há por baixo de sua roupa.

— Eu explico para o senhor. Há um Alien que vive grudado na minha barriga e se alimenta dos meus órgãos, a sobremesa dele são os clientes inconvenientes e idiotas.

Ele ri alto e volta a reparar em mim, então perco a paciência

— Senhor Harris, já que seu irmão não está com fome, vou trazer o seu pedido — falo com Brad e me afasto.

Mackenzie é quem leva o pedido a mesa depois, e anota o pedido do irmão tarado do professor. Volta toda vermelha porque ele a cantou, mas ela está adorando. Estou tirando uma mesa que desocupou do lado de fora da lanchonete quando eles se levantam para irem embora. Brad se despede de mim com um aceno, mas Michael, ao passar por mim, passa a mão por todo comprimento do meu braço.

— Foi um prazer te conhecer, baby.

Ele se vira e bate de frente com uma parede de músculos. Colin claramente é mais alto, mais forte, e está muito irritado

— Ninguém chama minha garota de baby — diz antes de acertá-lo com tudo na boca.

Michael tenta se levantar e revidar, as pessoas começam a se aglomerar à nossa volta, mas graças a Deus, Brad interfere e arrasta Michael dali. Analiso bem a cara do meu chefe, mas ele não parece bravo, acho que não perdi o emprego.

— Boa tarde, baby — Colin diz sorrindo para mim como se nada tivesse acontecido e me dá um beijo demorado na testa.

— O que está fazendo aqui?

— Vim salvar você, é claro.

— Se eu perder o meu emprego porque você bateu num cara idiota e aproveitador, além de tarado... é, tudo bem, ele mereceu.

Colin senta-se em uma mesa e rapidamente se torna o centro das atenções. Até mesmo uma mesa de universitárias o reconhece do clube e pedem para tirar fotos com ele. Enquanto dá atenção a elas, tento fingir que não me importo em como elas tocam demais, mostram os seios demais, e riem alto demais ao redor dele. Essas ridículas!

— É com esse cara que você quer passar o resto da sua vida, Caitlin? Foi com ele que você perdeu sua virgindade? Porque eu não o estou vendo afastá-las em respeito a você — acusa Lyla.

— Ele não tem que fazer isso, nós não temos nada.

— Não. Ele tem você. É você que não o tem. Eu acho que você ainda vai se arrepender do que fez, Caitlin, você devia ter me ouvido. Se relacionar com um devasso já é complicado o suficiente, mas entregar sua virgindade a ele, sem qualquer compromisso por parte dele, foi muita burrice.

— Meus orgasmos não pensam assim — respondo para descontrair o clima pesado que se formou de repente, e o medo bobo que está apontando em mim de repente.

— Espero que valham a pena.

Colin acha que vou para casa com ele quando saímos da lanchonete, o informo que vou ao shopping com as meninas e ele se esquia para ir treinar. Mas antes insiste em nos acompanhar até o shopping, que fica a poucas quadras da lanchonete. Ele conversa facilmente com as meninas, sem dar em cima delas, ou olhar demais em momento nenhum. Enquanto caminhamos, seus dedos tocam de leve nos meus e ele sorri, e meu coração bobo dá um salto gigantesco. Preciso ir com calma.

Meu celular toca e vejo na tela o nome do Stephen. Ele está me ligando há três dias e me esqueço de retornar. Preciso conversar com ele, essa coisa de sermos amigos não está dando certo, é melhor nos afastarmos de uma vez por todas. Vejo os olhos azuis de Colin fixos na tela do meu celular, e sua expressão tranquila de poucos segundos atrás,

foi substituída por uma carranca. Antes que eu possa recusar a ligação, ele pega o celular da minha mão e recusa ele mesmo.

— O que foi isso? — pergunto irritada.

— Você não vai atender esse babaca!

As meninas entram no shopping e tento explicar de uma maneira clara, para que ele entenda, sem se fazer de ofendido.

— Você não tem o direito de pegar o meu celular e decidir quem eu posso ou não atender.

— Eu não vou fazer isso. Você só não vai mais falar com esse babaca. Nem adianta me olhar assim, Caitlin! Porra! Depois da noite que tivemos, por que você quer falar com ele?

Percebo que mais do que ciúmes, ele está magoado.

— Não tem nada a ver com isso, Colin. Nós somos só amigos. Há um bom tempo não rola nada entre a gente. Ele é uma pessoa legal.

Ele pensa por um momento, mas nega com a cabeça.

— Não, não quero que você fale com ele, por favor.

O que estou fazendo? Sendo a Caitlin de sempre com ele, atendendo seus pedidos, cedendo ao que o deixa melhor. Não posso agir assim ou meu plano vai todo por água abaixo.

— Você não pode me pedir isso. Nós transamos, Colin — falo o mais baixo possível — e foi ótimo, mas foi isso. Isso não te dá o direito de decidir quais amigos posso ter. Somos apenas amigos.

Ao invés de retrucar e ficar mais irritado, ele me devolve o celular e abre um imenso sorriso.

— Vai sonhando, baby.

Então me dá um beijo rápido no canto da boca, e sai rindo. E eu demoro a voltar a mim porque não consigo entender o que acabou de acontecer aqui.

Olho-me no espelho analisando se terei coragem de sair com essa roupa. Ela não é curta demais, nem colada demais, nem mostra nada que não deveria ser mostrado, só é muito diferente das que costumo usar. A Caitlin diante de mim no espelho se parece com uma mulher. E mesmo que eu saiba que não sou mais uma menina há muito tempo, é estranho me ver assim. Eu me sinto bem, e me sinto diferente demais.

Três batidas na porta e a voz de Colin chama do outro lado:

— Cait, você quer comer algo? Vou preparar nosso jantar!

Respiro fundo, pego minha bolsa e abro a porta.

— Não precisa, obrigada Colin, mas vou sair com as meninas.

Ele me analisa diversas vezes, pega minha mão e me gira, mas não sei dizer se gostou ou não da maneira como estou vestida.

— Que roupa é essa?

— Está tão ruim assim?

— Não! Você está absolutamente... deliciosa! Eu comeria você agora mesmo! O encontro dos seus seios bem no meio dessa blusa está me deixando louco.

Ele dá um passo em minha direção e enfia a bolsa na frente dos meus seios.

— Obrigada, eu acho. Não precisa guardar nada para mim, eu como com as meninas.

— Onde mesmo vocês vão?

— Sair, beber, coisas de jovens.

Meu Deus! Eu poderia ser pior sendo uma jovem fingindo ser uma jovem?

— Vocês não têm idade para beber. Como vai conseguir isso se não estiver com o campeão?

ACHERON - NACIONAIS

— Agradeço sua humildade, Colin, mas a Joy conhece um barman que vai facilitar nossa noite.

Ele cruza os braços encostado à parede e seus olhos passeiam vagorosamente por todo meu corpo, então pergunta como se não se importasse, mas posso ver em seus olhos que está realmente confuso.

— Por que isso agora? Desde quando você gosta de sair para esses lugares e beber?

— Não gosto ainda. Mas percebi que me privo demais de viver a idade que tenho, depois estarei velha e quando me interessar por essas experiências, será tarde. — Ele assente e coça o queixo, não aprovando muito minha explicação.

— Você poderia ir a outros lugares, com outras pessoas e curtir sua juventude sem que isso envolva uma briga em um bar.

— Eu não vou arranjar briga. Você não vai precisar me salvar. É só que eu também não me importava com sexo, mas a gente fez isso e foi uma das melhores experiências da minha vida. — Seu sorriso lindo aparece e seus olhos brilham em minha direção, quase digo a ele que estou mentindo, que foi na verdade, a melhor experiência da minha vida. — Você me fez ver que realmente eu preciso sair mais, viver mais, ter mais experiências, ser jovem.

Seu sorriso some e sua postura se torna tensa.

— O quê? Não! Não foi isso o que eu quis mostrar aquela noite, não era para você sair por aí vivendo experiências. De jeito nenhum entenda isso!

Dou de ombros como se não fosse nada demais.

— Caitlin, onde vocês vão? Quem vai com vocês? Se você quer novas experiências, eu estou bem aqui. Achou aquela boa? Espere até ver o que vou fazer com você quando não estiver mais sentindo dor.

Controlo a gagueira e minhas pernas que querem tremer e respondo calmamente:

— Não se trata só de sexo. Só quero me conhecer mais, conhecer mais pessoas, ser mais como você.

— Não! Não seja como eu, de jeito nenhum! — ele está gritando e acho que seu rosto está ficando vermelho. — Caitlin, vamos, você não precisa mudar tanto de uma vez assim, me diga o que quer conhecer e eu a levo. Não precisa envolver sexo, podemos ser jovens juntos.

— Tudo bem. Amanhã vou pensar em algo mais que queira fazer e você me leva.

Vou em direção a porta e ele vem atrás de mim.

— Por que não pensa agora?

— Porque estou atrasada. A gente se fala amanhã. Boa noite, Colin.

Tenho vontade de colocá-lo no colo e cobri-lo de beijos, quando vejo sua expressão antes de eu fechar a porta, como se estivesse perdendo algo muito importante para ele. Mas, resisto a isso, e sigo meu plano, mesmo sentindo-me culpada. Tento me lembrar que ele não sentia culpa alguma em quebrar minhas regras levando tantas mulheres para nossa casa, que ele não sentia culpa alguma em cancelar programas bobos comigo para ficar com elas. Talvez seja bom para ele passar um pouco pelo que passei. Não a dor, porque eu o amava quando passava por essas coisas, mas o medo de perder.

Mas mesmo essa linha de pensamento não impede que eu sinta que deveria ter ficado lá cuidando dele.

Chego ao apartamento das meninas e estão todas de frente para a televisão, desgrehadas e com baldes de pipoca.

— Uau! Quem é essa intrusa em nosso apartamento? — brinca Mackenzie.

— Precisamos sair — respondo já encarando Joy com súplica no olhar.

— Ah não, nem me olha. Fiz um bico numa festa hoje que acabou com meus pés. Eu não sairia deste sofá nem se o apartamento pegasse fogo.

— Joy, por favor! Estou tentada a voltar para casa e ficar lá de melhor amiga do Colin, pra ele não ficar chateado. Você precisa me salvar!

— Posso prender você no meu quarto, se quiser, mas não vou sair daqui Cait, sinto muito!

— Eu até vou com você, mas como vamos beber sem ela? — Mackenzie diz levantando-se.

— Bem, vocês podem usar as pernas à mostra da nossa nova Cait para tentar convencer algum cara legal e mais velho a comprar as bebidas de vocês. Se fizerem direito, ele também vai pagar as bebidas de vocês. Boa sorte — é tudo o que Joy diz antes de resgatar seu balde de pipoca das minhas mãos e voltar sua atenção à televisão.

Sem outra saída, vamos Mackenzie e eu, ela também de vestido, e eu espero que ela seduza o cara mais velho e legal, porque eu é que não vou fazer isso.

A fila para entrarmos estava imensa e ficamos quase uma hora apenas nela. Embora tagarela como sempre, algo está diferente com a Mackie hoje. Assim que entramos e avisto a quantidade de caras bonitos presentes aqui, descubro o que está errado com ela, ela não olha para nenhum deles. Seus olhos passeiam, mas não se fixam em nenhum.

— Tá legal, o que está havendo? — grito por sobre a música alta. — Você não está olhando para nenhum cara daqui.

Ela olha rapidamente à nossa volta e dá de ombros.

— Não fazem meu tipo.

— Desde quando caras bonitos não fazem seu tipo?

— Caitlin, por que você não escolhe algum que pareça ter mais de

vinte e um e convence ele a pegar bebida para a gente? Eu realmente preciso beber.

— Eu? Achei que você fosse fazer isso!

— Eu até faria, mas eles não fazem meu tipo.

— Você sabe que não vou conseguir convencer ninguém a me comprar nada. No mínimo vão achar que tenho dezesseis.

Ela ri alto e concorda.

— Você até que está parecendo ter dezessete com essa roupa. Vem, vamos ao bar ver o que conseguimos.

Mackie se aproxima do barman e começa a gritar por sobre a música, algo sobre ter tido um dia difícil, mas ele a corta com educação, dizendo que precisa atender os outros clientes. Então ela escolhe outro alvo e exhibe seu decote, funciona por alguns minutos, ele fica de papo com ela, mas, quando ela pede um drink, ele pede a identidade dela. Então procuramos o boy da Joy. Parker nos cumprimenta ao nos ver, procura por Joy e Mackie explica que estava cansada demais por conta de um serviço extra. Ele logo trata de nos abandonar ali, e claro, não aceita nos servir nenhuma dose.

— Ei, para entrar na boca da Joy você arrisca seu emprego, né! — reclama Mackenzie recebendo uma careta do barman que seria nosso próximo alvo.

— Que coisa feia, dedo duro! — ele a repreende e ela desce do banco, olhando para mim.

— Você me tirou de casa e eu preciso beber! O último barman não gostou de mim. Se vira! — acusa jogando a responsabilidade de salvar a noite no meu colo.

— Eu?

Subo no banco sem saber o que fazer e cruzo as pernas, não é para chamar sua atenção, mas ele mantém um sorrisinho de lado, achando que estou tentando seduzi-lo.

ACHERON - NACIONAIS

— Então, tenho vinte e um anos e preciso beber.

— É mesmo? Onde está sua identidade?

— Deixei no carro.

Ele sorri.

— Eu espero você ir lá buscar.

— Estacionei muito longe — tento, mas ele apenas sorri nada convencido a nos vender a bebida.

— Você não vai fazê-la ir até lá com esse salto não é mesmo? — Mackenzie levanta um pouco minha perna mostrando a ele o salto, e mais do que depressa ele se debruça sobre o balcão e observa atentamente meu “salto”.

— É, até que fiquei com um pouco de pena agora. Você tem mais do que dezoito?

Assinto e ele me encara.

— Neste caso, falta pouco para completar vinte e um, volte aqui depois dessa data.

Mackenzie choraminga e uma voz atrás de mim, grita uma ordem por sobre a música alta.

— Sirva o que as garotas querem, Mike, elas estão comigo.

— E aí, campeão? Sua cara está horrível!

— Já estive pior — Colin responde cumprimentando o barman, debruçando-se sobre mim e diz em meu ouvido: — Então esta é sua ideia de novas experiências? Seduzir um barman para conseguir bebida?

— Não deu muito certo. O que está fazendo aqui?

Tento esconder a quão animada estou por ele estar aqui.

— Salvando sua noite, é claro. Mackie.

— Valeu, Colin — responde ela pegando o copo da mão dele, já que o barman o serve a ele.

— Dança comigo, pequena? — diz levando-me com ele antes que eu possa beber meu drink e sei que Mackenzie o fará por mim.

Ele me arrasta até a pista e me puxa de encontro ao seu corpo, enfiando seu rosto em meu pescoço e respirando ali, causando-me arrepios por todo corpo.

— Colin, como foi que você nos achou?

Ele sorri daquele jeito moleque e me rodopia, fugindo da resposta e me fazendo acreditar que ele me seguiu de novo.

CAPÍTULO QUATRO

COLIN

— Eu segui você — confesso após a terceira música e aqueles olhos de gata tão lindos não se desviarem do meu rosto cobrando uma explicação.

— Típico — diz, mas não parece estar brava, parece estar confusa, e talvez satisfeita. Conheço bem esse sorriso contido de quem quer sorrir abertamente com uma informação.

A puxo para perto de mim quando uma música mais leve começa e ela não tenta se afastar. Fica quietinha nos meus braços e eu poderia ficar aqui a noite toda, só respirando o cheiro dela, sentindo seu corpo pequeno protegido no meu. Noto que ela está cansada após algum tempo e a levo até uma mesa no ambiente mais silencioso possível. Chamamos a amiga loirinha dela, mas ela preferiu continuar no bar, conversando com o barman. Pela cara dele, ela não está dando mole, e sim desabafando com o coitado. Mas ele espera levá-la embora depois da sessão descarrego, por isso ainda a está ouvindo apesar do movimento no bar.

— Então, quando exatamente você e o Stephen terminaram? — esta pergunta estava girando em minha cabeça desde quando ela confessou isso mais cedo.

Ela fica surpresa pela pergunta, mas responde.

— Quando eu vi você tomando banho.

— Espera, você saiu correndo com ele, achei que iriam direto para um motel e você foi terminar com ele?

— Bem, eu não queria ter algo sério com ele quando estava me deixando seduzir pelo meu companheiro de apartamento. Não me pareceu certo.

Concordo com a cabeça, isso é bem a cara dela.

— Mas então por que você continuou saindo com ele depois disso?

— Porque somos amigos. Você pode não acreditar, mas o Stephen é uma pessoa maravilhosa. Ele foi muito compreensivo comigo, foi amigo e protetor do jeito dele. Assim como você sempre foi comigo, entende? Fazendo tudo do seu jeito porque acha que é melhor para mim? Vocês são mais parecidos do que você imagina, Colin.

— Nem fodendo! Todas as vezes que vocês saíram desde então, foi como amigos?

— Para mim, sim.

— E ele não tocou mais em você, então?

— Não sei o que você entende por tocou, se se refere a encostar a mão em mim sim, ele tem o costume de andar de mãos dadas.

— Não me refiro a isso.

— Neste caso, ele nunca me tocou.

Sorrio. Um sorriso vitorioso e aliviado. Toda experiência que ela teve nesse campo foi comigo, e só comigo, cuidarei para que nunca mais as tenha com nenhum outro.

— Eu não quero ser mandão, nem possessivo com você. Não sou tão babaca, mas eu gostaria que você não fosse amiga dele. Não é por nossa rixa no clube, nem pelo fato de eu realmente o achar o maior idiota do mundo.

— Então é por quê? Não estou procurando uma discussão, Colin, mas ser meu amigo não dá a você o direito de decidir quem mais pode ser meu amigo. A gente já discutiu tanto isso.

Acaricio sua mão mostrando que não quero mesmo discutir com ela.

— Amigos não transam, Caitlin. Nós somos outra coisa.

— Amigos coloridos sim. E o que somos então?

Sorrio.

— Quem diria! Caitlin Ross tem um amigo colorido! Agora posso dizer que já vi de tudo. — Largo o copo sobre a mesa e seguro suas duas mãos, olhando em seus olhos para que ela veja dentro dos meus o quanto isso importa para mim. — Por favor, não o veja mais.

— Nós somos apenas amigos, nunca vai rolar nada demais entre ele e eu.

— Não importa, isso não torna uma amizade entre vocês aceitável para mim.

Ela está prestes a começar a discutir, tenta tirar suas mãos das minhas, mas impeço. Tento explicar como me sinto antes que ela me coloque no meu lugar, de seu melhor amigo apenas, onde ela acha que vai me manter.

— Caitlin quando eu a vejo com ele, isso me machuca. É maior do que ciúmes, é maior do que medo de perder você para ele. Dói. Por favor, não faça isso comigo.

Ela aperta minhas mãos, e sei que está entendendo.

— Por que você se sente assim? Eu não quero machucar você, só quero entender — pergunta daquele jeito doce que amo nela.

— Porque ele é melhor para você do que eu. Se eu fosse um bom amigo, diria a você para ficar com ele, mas não sou. Uma hora você vai perceber isso sozinha, e vai me deixar por ele. E antes que você diga que nós não estamos juntos, estou me referindo a tudo. E não importa o quanto você repita que são apenas amigos, você não sabe bem das coisas, Caitlin. Você acha que você e eu somos apenas amigos.

Ela sorri, a tensão sumindo um pouco de seu rosto.

— Porque nós somos.

— Então você transaria com ele?

Ela nega categoricamente com a cabeça.

— Eu não o fiz quando estava com ele, não o faria não estando.

— Ele não vai desistir. Enquanto tiver acesso a você, vai tentar convencê-la de que ele é melhor, como eu fiz. Nós somos assim. Uma hora, ele a convence.

— Como você convenceu?

— Eu não a convenci, isso não deu muito certo. Você ficou comigo mesmo sabendo que eu era o cara errado. Só que agora, não sou mais o errado. E ver você com ele me machuca mais do que posso expressar. Só pensa nisso.

Ela assente, mas não diz que vai se afastar dele. Mas da maneira doce e terna com que está me olhando, tenho a certeza de que ela vai se afastar, e se depender de mim, farei valer a pena. Serei seu amigo, namorado, protetor, fodedor, tudo em um só.

Voltamos para a pista e tudo o que quero é beijá-la. Ela não bebeu nada com álcool, está linda dançando para mim, com um vestido que está me enlouquecendo desde que a vi com ele. Sorri de vez em quando, mas não olha à sua volta. Com tantos caras por perto, ela não olha em volta em momento algum. E posso dizer que se há alguma mulher aqui além dela e da amiga, eu sequer notei.

Como quem não quer nada, aproximo-me dela, descanso meu braço em sua cintura, trazendo-a mais de encontro a mim. Ela não se afasta, mas seus olhos de gata estão avaliando meus movimentos, atentos. E não quero que ela fuja. Encosto minha testa a dela e beijo seu rosto, ela se afasta o máximo que consegue estando presa em meus braços.

— O que está fazendo?

— Beijando minha garota.

— Colin, não estou te entendendo. Não é você que vive dizendo que sexo não é compromisso? Poxa, quantas vezes já te vi falar isso para suas garotas?

— Eu não tenho mais nenhuma garota. E as coisas aqui são bem

diferentes do que eram com elas. Você sabe, tenho que ficar com você, porque com você é diferente.

— Ah é? Diferente como?

— Então você não conhece a lenda? — pergunto em tom brincalhão aproximando minha boca mais da dela.

— Que lenda?

— Quando uma virgem se entrega a um devasso, ela passa a pertencer a ele. E ele tem que cuidar dela. Esta é a regra. Você é minha agora, e eu sou seu.

Antes que ela venha com uma resposta sarcástica e se afaste, tomo sua boca na minha. Parece que não a beijo há uma vida. A aperto em meus braços, e ela corresponde do seu jeitinho doce e apaixonado. É engraçado como tudo muda quando a pessoa que está nos seus braços é a pessoa certa para você.

Ficamos mais algum tempo na pista, dançando e nos beijando, e parece que estou no paraíso.

Chegamos em casa e ela toma um banho rápido. Penso em fazer uma visita a ela no banheiro, mas ela corta meu barato trancando a porta. Um recado claro que ela acha que vai escapar de mim esta noite. Mas não vai mesmo! Ela sai do banho enquanto preparo algo quente para bebermos, toma quase ronronando e escolhe um banco para se sentar ao meu lado, mas sou mais rápido e a puxo para meu colo. Ela não reclama, não se afasta, apenas me olha com um sorrisinho bobo de que está manjando o que pretendo depois da bebida.

Mantenho minha mão que não está segurando a xícara em sua barriga para que ela não escorregue do meu colo, bem posicionada de forma que meu dedão roça a parte de baixo de seu seio. Fico brincando ali, ela chega a engasgar com o chá num primeiro momento, mas não impede que eu a toque.

E só consigo me perguntar como caralho eu não tive isso antes? Onde eu estava com a cabeça que não percebia a mulher linda e perfeita para mim bem ao meu lado? Quantas noites como essa poderíamos ter tido? Tomando algo quente enquanto a tenho em meus braços, com essas preliminares doces para um ato que nos consumiria em seguida. Quantas manhãs eu poderia ter acordado com a visão de sua bunda perfeita bem na minha cara? Quantas vitórias eu poderia ter comemorado com ela no pub ao meu lado, dançando e beijando-a, e dizendo em seu ouvido tudo o que faria com ela quando chegássemos em casa? Enfim, não vou ficar me preocupando com o tempo que perdi sendo um babaca cego, vou dar um jeito de recuperar todo esse tempo a partir de agora.

Respiro seu cheiro gostoso em seu pescoço, e vejo seus pelos se arrepiarem, ela emite um pequeno gemido que acorda meu pau.

— Adivinha o que acabou de acordar com esse gemido gostoso que você deu? — pergunto baixinho em seu ouvido, tocando meus lábios nele enquanto falo e ela se remexe inquieta em meu colo.

— Não sei — responde com a voz falha. — Mas sei quem vai dormir agora.

Então ela se levanta, deposita a xícara na pia e me dá um recatado e frio beijo no rosto.

— Boa noite, Colin.

Seguro seu braço antes que ela entre em seu quarto, confuso e irritado.

— O que está havendo? Por que boa noite? Por que você não quer fazer amor comigo de novo?

Ela fica surpresa por eu usar a expressão fazer amor ao invés de transar, mas logo se recompõe e sorri para mim, como se estivesse entrando em alguma brincadeira minha, me dá um soquinho de leve no ombro.

— Ah, até parece que vou cair nessa! Acha que não sei que você não dorme duas vezes seguidas com a mesma mulher? Já te ouvi repetir isso

para o Luke um monte de vezes, Colin.

Ela só pode estar brincando! Mais uma vez a maneira errada com que sempre tratei as mulheres, voltando contra mim quando quero ser diferente com ela.

— Você não é qualquer mulher para mim, Caitlin.

— Eu sei que não sou, não foi o que quis dizer. — Ela se aproxima e acaricia meu rosto, penso que está cedendo, mas lá vem outra bordoadada. — Só quero que você saiba que não espero que você aja diferente comigo porque somos amigos. Exatamente por sermos amigos eu conheço você, Colin, sei como age, como pensa. Não espero que porque transamos você vá de repente querer passar todas as noites comigo. Não tem problema. Eu não esperava mesmo nada diferente de você, está tudo bem para mim, pode ir curtir sua vida normalmente, pegar suas garotas. Eu vou superar isso. Eu já aceitei que esse é você e não vou tentar mudá-lo. Boa noite.

— Mas... mas... — não consigo dizer nada e ela entra em seu quarto e fecha a maldita porta. — Mas você eu quero todas as noites! — grito.

Que merda! Como posso provar para ela que com ela vai ser diferente? Que não sou mais aquele Colin, não quero ser ele, quero ser dela. Começo a me dar conta de que a ideia da doutora casamenteira não é de todo ruim, preciso urgentemente fazer coisas com ela que não envolvam sexo, para que ela entenda que isso é para valer!

Vou para o meu quarto com o pau duro, preparo-me para saciá-lo eu mesmo, pensando nela. Mas ela está logo ali, na porta da frente, por que eu não posso simplesmente ir lá e...

— Que se foda! Não vou dormir sem você esta noite, Caitlin! Não mesmo!

Entro em seu quarto como um furacão e acendo a luz. Ela se assusta num primeiro momento e olha-me com olhos preocupados.

— Colin, o que está fazendo aqui?

— Foda-se, Caitlin! Você precisa fazer amor comigo! Agora! Venha

aqui!

— O quê? Como assim? Nós acabamos de falar sobre isso e entendemos que você não é o tipo de cara que dorme com uma mulher apenas e...

Seguro seu rosto e a calo com um beijo rápido. Então olho em seus olhos, seu rosto ainda preso em minhas mãos, e digo claramente:

— Eu quero você de novo hoje. Vou querer de novo amanhã e vou querer todas as noites e dias e sempre. Você não é aquelas mulheres com quem saí e eu não sou aquele Colin que não pertencia a ninguém. Coloca isso na sua cabeça, eu sou seu! E vou fazer amor com você agora, porque se não a tiver neste momento, vou enlouquecer de vez! Então cale essa boquinha linda e venha comigo.

Ela está boquiaberta e não dou tempo que retruque, Deus sabe que minha garota pode ser bem perigosa em uma discussão. A pego no colo e a arrasto até o meu quarto, adorando a expressão surpresa dela. A jogo na minha cama e tiro minha roupa, deixando que ela veja meu pau duro para ela.

— Você não faz ideia do que fez comigo, não é meu pequeno anjo? — pergunto enquanto subo em cima dela na cama, pouco antes de meus lábios tocarem suas pernas.

— E você tem alguma ideia do que vai fazer comigo? — pergunta receosa e entendo que não está falando da maneira como vou comê-la agora.

— Tenho absoluta certeza sobre isso. Vou fazê-la feliz — respondo e a beijo, queria que houvesse uma maneira de ela sentir em meu beijo o quanto a amo e que estou disposto a tudo para ser o namorado perfeito para ela.

Ela enfia as mãos em meus cabelos, puxando-me para cima dela, logo desce suas mãos por minhas costas, arranhando-me, levando-me ao limite do que posso suportar longe dela. Abocanho seu seio mordendo de leve e o gemido dela é o combustível para que eu a sugue com força,

brincando com minha língua em seu mamilo, e em seguida com os dentes, com mais força, marcando-a levemente, arrancando gritos cada vez mais altos dela. Afasto-me tempo o suficiente para tirar sua blusa fina de pijama, acho que a rasgo no processo, mas não consigo ser cuidadoso agora.

— Cuidado com o short... — ela tenta alertar pouco antes de ouvirmos o som do rasgo, e ela apenas ri.

Sua calcinha faço questão de não rasgar, a tiro vagarosamente, revelando aos poucos para mim o lugar em que mais quero estar. Toco-a levemente no início, provocando, deixando-a ainda mais molhada para mim. Até que desço de boca em sua boceta molhada, minha língua tomando seu suco enquanto ela geme e se contorce, com o dedo, vou abrindo-a para mim, enfio um nela e procuro aquele ponto que a fará gritar. Em seguida, enfio o segundo dedo enquanto chupo com força e ela grita ainda mais alto.

Acabo de descobrir meu novo som preferido no mundo.

Quero ficar aqui sentindo seu gosto e a enlouquecendo, mas também quero penetrá-la logo, meu pau quase não pode esperar para estar dentro dela, mas quero que ela goze, que fique bem molhada e escorregadia para ser preenchida por mim. Porque ela ainda vai sentir dor e eu não sei ser cuidadoso com ela. Então a penetro com a língua e enfio a ponta do dedo em seu cuzinho apertado. Ela se assusta num primeiro momento, mas não dou tempo a ela de pensar direito, chupo com mais força seu centro sensível e giro o dedo no seu cu, fazendo-a chegar ao êxtase aos gritos.

— Garotinha escandalosa, você, quem diria!

Ela tenta sorrir em meio aos gemidos, mas tenho pressa dela. Tenho fome dela. Preciso tê-la agora mesmo. Deito meu corpo grande sobre o seu pequeno e a giro na cama, deixando-a por cima de mim.

— Monta em mim, baby.

Com os olhos ainda anuviados e meio receosos após meu pedido, ela

se afasta o suficiente para segurar meu pau com suas mãos pequenas, toca o liquido que sai dele e me masturba, descendo e subindo as mãos, apertando-o, adiando o que mais quero.

— Ah, minha pequena, isso está delicioso, mas preciso estar dentro de você. Não precisa ter medo, só suba em cima de mim e me deixa entrar, eu faço o resto, tudo bem?

Ela assente, passa sua perna por minha cintura, apoiando suas mãos no meu peito. Coloco a camisinha depressa, sob seu olhar atento e encaro aquele rosto lindo de boneca tingido de vermelho.

— Isso vai doer — alerta me perguntando se será uma boa ideia.

— Faça seu melhor — ela provoca e mais do que depressa posiciono meu pau em sua boceta molhada e apertadinha e a desço de uma vez.

Ela grita, aquela mistura gostosa de dor e prazer e dou um tempo para que se acostume a ter-me dentro dela. Logo, ela mesma se levanta devagar e cai com tudo sobre o meu pau, repetindo o movimento até que percebo que não sente mais dor, então cumpro minha promessa. Como o desesperado que sou, agarro sua cintura e a movimento para cima e para baixo. Seus seios batendo bem diante do meu rosto enquanto ela grita e me aperta dentro dela. Deixo que ela dite o ritmo e seguro seus seios, apertando-os em minhas mãos, brincando com seus mamilos rosados e ela rebola em cima de mim, quase me levando ao limite.

— Ah, baby! Assim você acaba comigo! — confesso e ela rebola de novo.

Há uma luz em seus olhos, aquela luz de saber que está me dando prazer que a deixa ainda mais deliciosa e irresistível. Não vou aguentar muito tempo com ela rebolando assim, pressiono meus dedos em seu clitóris enquanto ela cavalga e rapidamente ela grita, desmanchando-se em cima de mim, seguro sua cintura e a desço sobre mim mais algumas vezes, atingindo o ápice do prazer, gozando gostoso dentro dela.

Ela cai sobre mim mole e gemendo, e a ajeito nos meus braços, beijando o alto da sua cabeça, sem coragem de sair de dentro dela.

Afundo meu rosto em seu pescoço e sinto seu cheiro, e o meu cheiro, misturados naquele espaço quente e macio. A beijo ali e entendo perfeitamente o que ela quis dizer quando disse que eu encontraria a púbis certa e não precisaria mais de nenhuma outra. Neste momento, tendo-a saciada e nua nos meus braços, eu não preciso de mais nada.

CAPÍTULO CINCO

Uma perna pesada descansa sobre a minha e antes mesmo de abrir os olhos, lembro-me da noite passada e sei onde estou. É impossível evitar acordar com um sorriso de satisfação e genuína alegria ao lado dele. Mexo-me um pouco, ainda fingindo dormir e meu seio esbarra em seu braço, mais do que depressa ele se mexe na cama, e uma mão toma meu seio, acariciando de leve para que eu não acorde. Então ouço sua voz falando bem baixinho:

— Sinto muito, Blair, não vai rolar.

Ele está com alguma de suas mulheres ao telefone. Abro meus olhos e ele sorri para mim, como se não fosse nada demais.

— Sabia que você estava acordada, sua danadinha — sussurra antes de aproximar-se para me beijar, mas desvio, libertando meu seio de sua mão e sua perna de cima da minha.

Levanto-me depressa e vou tomar um banho.

Tento não pensar nas muitas garotas que ainda podem ligar para ele, caso ele realmente não procure mais por nenhuma delas, e quero acreditar que será assim, preciso disso. Mas meu bom humor já foi para o saco e não consigo dar a ele nem mesmo um sorriso falso, quando passa por mim completamente nu em direção ao banheiro.

— Ei, quer tomar banho comigo? Estou me sentindo sozinho — propõe antes de entrar no banheiro, mas o respondo categoricamente.

— Não!

Ele fica rindo e mais do que depressa vou descobrir qual das garotas que encontrei aqui é a tal Blair. Abro seu perfil na internet e digito o nome e, para minha sorte ou não, só há uma Blair. E ela é deslumbrante! Um cabelo dourado na metade das costas repleto de ondas perfeitas, um corpo lindo e peitos de silicone, que dão aquele tchan a ela. Tem os olhos

ACHERON - NACIONAIS

mais verdes que já vi em alguém e lábios que só podem ter sido aumentados. Como posso competir com ela?

— Os lábios são silicone — a voz dele atrás de mim me faz dar um pulo e fecho o notebook rapidamente, ainda com raiva dele. — Você está brava comigo porque uma mulher me ligou?

— Não!

Ele abre um sorriso enorme.

— Você fica tão linda com ciúmes.

— Me deixa, Colin. Eu tenho que ir.

Levanto-me e tento passar por ele, mas ele me cerca facilmente com seus braços enormes. Seu corpo dourado e gigante ainda molhado do banho e, como se eu não estivesse com ódio mortal dele neste momento, passeia sua boca por meu pescoço.

— Me solta!

— Você não pode estar tão brava porque uma mulher me ligou. Eu não saí com ela, não marquei nada e nem pretendo.

— Então por que você a atendeu?

— Para dizer a ela que agora tenho uma namorada.

Encaro-o surpresa e tento segurar o riso.

— Hoje você está mesmo muito engraçadinho — comento debochada.

Ele se afasta irritado e abre o notebook.

— Ok, vamos resolver isso?

Desconecta da minha conta e conecta na dele, digitando pausadamente a senha, que faço questão de não ver. Não vou ser esse tipo de garota de jeito nenhum! Isso porque sou uma mulher segura de si, não porque tenho medo do que posso encontrar se entrar em seu perfil, com sua senha e abrir suas conversas.

ACHERON - NACIONAIS

Ele localiza a senhorita silicone e desfaz a amizade, bloqueando-a em seguida.

— Pronto? Problema resolvido? — pergunta-me com um sorrisinho convencido.

— Não tão facilmente, o celular, garanhão.

Ele pega o celular, vai até o número dela e o bloqueia, de forma que ela não poderá mais ligar ou mandar mensagem para ele.

— E agora, feliz?

Abro um enorme sorriso e dou três tapinhas em seu ombro.

— Muito feliz! Você é mesmo um bobo e nós não somos namorados. Você sabe que não posso te exigir que bloqueie ninguém, não é?

Seu sorriso vacila por um momento enquanto me afasto, e pego minha bolsa. Ele não me segue e nem diz nada até que abro a porta para sair, então grita:

— Acho que preciso te provar um ponto.

Ouçó apenas o barulho de seus pés correndo pelo apartamento e corro também, saindo pelo corredor e batendo a porta. Os vizinhos do apartamento da frente, o senhor e senhora Dawson estão saindo e se assustam com minha correria. Então Colin abre a porta e me puxa de encontro ao seu corpo, pegando-me pela cintura como se eu não pesasse mais do que algumas gramas.

— Meu beijo de bom dia, baby. — Sem me dar tempo de resposta, toma meus lábios daquele jeito que me faz derreter, prendendo-me em seus braços.

Depois, me solta do nada e entra de novo, deixando-me zonha e sem ar no corredor. Olho para meus vizinhos que estão de boca aberta e até arriscaria dizer que a senhora Dawson está vermelha.

— Eu... é... tenham um bom dia.

Saio quase correndo e resolvo descer de escada. Espero não vê-los de
ACHERON - NACIONAIS

novo por alguns meses.

“Se não me responder vou aparecer na sua casa. Não sou seu inimigo, Caitlin.”

Stephen me manda após a terceira ligação não atendida dele no dia. Há dias não nos falamos e sei que estou agindo errado com ele. Somos amigos afinal de contas e não quero machucar ninguém. Logo, me vem à cabeça a maneira quase desesperada com que o Colin me disse o quanto o machucava me ver com ele. E eu não acho certo que homem nenhum decida com quem posso ou não conversar, estar com alguém não significa perder toda a liberdade, se trata de respeitá-la. Mas não quero mesmo machucá-lo, nem ao Stephen. Terei que falar com ele, contar que não podemos ser amigos se ele não concordar de uma vez por todas em ser apenas isso, e pedir um tempo até que eu me acerte com o Colin e ele possa entender que nunca haverá nada demais entre o Stephen e eu. Então respondo sua mensagem:

“Vc é meu amigo, Stephen, não me esqueci disso, nem vc deveria. Me encontra na praça aqui perto após meu serviço, pode ser? Precisamos conversar.”

“Ok.”

É o que ele responde e me sinto mal por magoá-lo de algum jeito.

Me vem à mente os momentos em que estávamos juntos, antes do Colin bagunçar minha cabeça, quando o Stephen era tão doce, e delicado. Às vezes até parecia perfeito demais, do tipo de cara que abre a porta, oferece o casaco, entrega as coisas na mão e pergunta o tempo todo como estou, o que quero fazer. Ele nunca tentou avançar o sinal, nem

ACHERON - NACIONAIS

mesmo nosso primeiro encontro tendo começado com sua brincadeira sobre tirar minha virgindade.

Mas, ele mudou quando eu disse a ele que não poderíamos mais ficar juntos. Mudou quando percebeu que o Colin o estava vencendo em algo. Foi a primeira vez que ele armou para mim, e depois ficou tentando me convencer de várias maneiras a ficar com ele. Por fim, ele mesmo se deu conta de que estava sendo ridículo, pediu-me desculpas e se afastou. No fundo, sei que ele é uma pessoa tão maravilhosa, que se perdeu um pouco ao não saber lidar com a maneira como o rejeitei, e essa culpa é minha para carregar. Quero me desculpar com ele. E quero encontrar um jeito de não perder um amigo para não ter que ferir outro.

Ele está sentado na praça, olhando o tempo e chamando a atenção das mulheres que por ali passam, mas, como sempre, parece totalmente absorto ao estrago que faz com o público feminino.

— Olá — cumprimento sentando-me ao seu lado.

Ele me observa da maneira lenta dele, reparando cada detalhe, e logo, seu rosto se fecha e seu olhar parece triste.

— Você está diferente.

— Eu estou cansada. Trabalhei muito a manhã toda.

— E não dormiu muito na noite passada também, não é?

Não consigo me sentir culpada por mim e Colin, mas também não consigo não sentir culpa pela expressão triste em seu rosto agora.

— Stephen, não faça isso. Acho que falamos tanto sobre isso, que chegamos a um ponto em que isso está gravado em nossa mente, não é? Adoro você e somos amigos, não passa disso.

— Eu sei, Caitlin, você deixou isso claro um milhão de vezes. Então você está com ele? — pergunta olhando nos meus olhos e não vacilo ao afirmar com a cabeça. — E você está feliz? Ele está cuidando de você?

Penso um pouco antes de responder, porque realmente acho que essas respostas são desnecessárias e só irão feri-lo mais, mas ele insiste.

— Não estou querendo me meter nem nada assim, eu só não o imagino sendo esse tipo de cara e me preocupo com você.

— Eu estou feliz. E assim como você, ele é melhor do que todos pensam, Stephen.

Ele apenas assente.

— Eu estarei aqui por você, Caitlin. Você se tornou extremamente especial para mim e não deixará de ser. Conte comigo para o que precisar, estarei bem aqui, como seu amigo, sempre — diz deixando claro que não irá tentar mais.

Seguro sua mão nas minhas e ele se acalma, só quero que essa tristeza em seu rosto passe. Eu sei como é sofrer por alguém que não sente por você o mesmo que você sente, e a última coisa que queria era que ele passasse por isso. Eu não desejo isso nem ao meu pior inimigo.

— Eu devia ter percebido que saímos como amigos não daria certo. Mas quando a gente conversou, eu não imaginei... a gente mal se conhecia, eu não achei que você estivesse se apaixonando.

— Mas eu estava. Sabe uma coisa engraçada? Minha família acha que há algo errado comigo, porque nunca tive uma namorada, nunca me interessei pelas garotas do clube ou da faculdade enquanto me formava. Assim como não me interessei pelas funcionárias das empresas do meu pai. Então eles acham que não gosto de mulheres, por isso quiseram conhecê-la quando citei seu nome. Eu nunca me envolvi antes, não porque não me interesse por mulheres, nem nada assim. Foi porque me preocupei em passar algum tempo com aquelas que se mostravam interessadas em mim, e nunca vi nada demais nelas. Sempre mais do mesmo.

Ele para de falar e olha o longe, parece perdido em seus pensamentos antes de sorrir e voltar a falar.

— Você foi a garota cujos olhos de gata me fizeram sentir algo mais.

ACHERON - NACIONAIS

Foi a menina mulher mais desastrada e divertida que eu poderia encontrar, com uma alma de anjo e um coração gigante. Foi diferente me apaixonar tão rápido por você, Caitlin, mas eu me apaixonei. O pior de tudo é que eu sempre soube que você o amava, e que ele sabia exatamente quem você era e não ia demorar a querer você para ele. E eu sabia que ia acabar nisso. Mas quem manda no coração, não é mesmo?

O sorriso ainda está lá, mas sei que ele não está feliz.

— Eu sinto muito que você se sinta assim por mim. Eu não queria que você tivesse se apaixonado.

— Eu sei, você sempre deixou isso muito claro. Mas não se preocupe, Caitlin, o importante é que você seja feliz, e eu acho que você pode ser. Embora ele seja um idiota, você é perfeita. E merece isso. Eu vou me recuperar de você. Só não podemos ser amigos, tudo bem?

Meus olhos também se enchem e me pergunto por que as coisas não podiam ser mais fáceis?

— Não está tudo bem. Mas entendo. Se um dia você precisar de mim também, estarei aqui por você, como sua amiga.

Ele sorri e bagunça meu cabelo, aproximando-se e falando em tom mais leve:

— Nós nos amamos. Mas não queremos seu namorado possessivo dando ataques quando nos vir juntos.

Então ele me abraça e correspondo ao abraço de despedida, torcendo muito que ele encontre alguém que o faça se sentir ainda mais apaixonado do que eu fiz, e que essa pessoa o ame de volta.

— Tire a merda das suas mãos dela! — a voz de Colin é ouvida atrás de mim e me afasto de Stephen em um pulo.

Seus olhos estão cheios e ele parece tão ferido!

— Colin, não é o que você está pensando... — tento dizer, apenas para não ver aquela dor em seus olhos, mas ele nem me olha, seu olhar fixo em Stephen.

— Já estávamos nos despedindo, Hanson. Espero que não seja babaca o suficiente para perdê-la mais uma vez. Vou deixá-la com você agora porque me importa mais a felicidade dela, mas se você pisar na bola, se a fizer infeliz, eu não vou desistir na próxima vez.

Colin dá um passo na direção dele, transtornado. Temo que Stephen vá reagir caso Colin o toque, e Colin ainda está ferido, não pode se meter em uma briga. Entro no meio deles, torcendo que o olhar de Colin se foque em mim ao menos uma vez, e que ele me escute. Mas, sou pequena comparada a eles, que se enfrentam como se eu não estivesse aqui.

— Não haverá próxima vez, Ryan. Tenho anos de erros com ela para corrigir e não vou me contentar com menos do que vê-la imensamente feliz. Siga seu caminho despreocupado.

Stephen assente, me olha uma última vez e vai embora. Quando olho para Colin, para explicar a ele, a maneira como parece estar sentindo dor, a mão daquele jeito exagerado no peito, me fazer ficar calada.

— Eu te pedi por favor — diz baixinho, e volta a si, desviando seus olhos dos meus e me dando as costas. — Preciso ir.

— Colin, espera. Fica e vamos conversar como adultos. Eu só vim me despedir — peço.

— Tenho treino agora, eu só queria te dar um beijo de boa tarde.

— Então é isso? Não vamos conversar? Você vai só ficar com raiva e voltar a ser o mesmo Colin de sempre?

— O mesmo Colin de sempre — repete com deboche, sem olhar para mim. — Faça o que tem que fazer, Caitlin. Eu vou fazer o mesmo.

Então ele se vai e não entendo o que quis dizer. Será que ele desistiu de tentar com a gente? Bem, se for este o caso, não há nada que eu possa fazer além de lamentar, porque eu suportei tantas coisas por ele, não é possível que ele vai desistir no primeiro obstáculo.

Já passa das onze e nem sinal do Colin. Resisto à vontade de ligar

ACHERON - NACIONAIS

para ele, e começo a imaginá-lo com a loira siliconada de mais cedo, apenas para me tirar de sua mente, ou para me provocar. Quem sabe ele não vá passar por essa porta com ela a tiracolo? Vai olhar para mim daquele jeito soberbo dele e nem vai fazer questão de me dar uma desculpa esfarrapada por ter quebrado essa regra. Vai levá-la ao seu quarto, onde eu acordei esta manhã, e fazer com ela tudo o que fez comigo.

— Não, não. Ele não vai fazer isso — repito para mim mesma.

A porta se abre e ele entra, cabisbaixo, anda até onde estou e puxa meu notebook, digitando algo rapidamente. Seu olhar não pousa em mim até o momento em que o gira de volta para mim. Seu perfil na internet está aberto e ele me encara.

— O que é isso? — pergunto.

— Meu perfil. Não tenho mais amigas mulheres, está vendo? Só você e sua mãe.

Incrédula, rolo a página e vejo que ele realmente excluiu todas as mulheres do perfil dele, com as exceções que ele disse. Ele me entrega seu celular na parte dos contatos e diz todo orgulhoso:

— Também apaguei todas as mulheres da minha agenda. E você sabe que não sei nem mesmo meu número de cor, só sei o seu.

Tento esconder um sorriso, mas ao mesmo tempo em que age como um babaca possessivo, ele age como o homem mais fofo e encantador do planeta! Como posso lidar com ele?

— Por que você fez isso? Sabe que eu jamais te pediria algo assim.

— Não foi para você fazer o mesmo e excluir todos os seus amiguinhos de tudo o que é perfil e agenda — diz num tom brincalhão piscando para mim.

— Que bom, querido, porque eu não vou fazer isso.

Seu sorriso some e ele diz sério:

— Estamos juntos agora. Você pode fingir não ver isso, pode agir como se não fosse nada demais, mas você é minha! E eu me senti traído hoje mais cedo — leva a mão ao peito, exageradamente. — Eu tinha tanta certeza que você não o veria mais!

— Só porque eu transei com você depois do primeiro encontro? — brinco. — Eu não deveria ter sido tão fácil.

Ele parece indignado ao retrucar.

— Caitlin, você só transou comigo meses depois do nosso primeiro encontro, não dá para ser mais difícil do que isso!

Senta-se pesadamente de frente para mim e me encara por um tempo.

— Descontou sua raiva no treino hoje? — mudo de assunto.

— É, bem, eu imaginei sua cara em cada saco de pancada. Mas aí quase beijei um deles e precisei parar. — Sorrio. — Eu não fiquei com raiva, não apenas isso. Eu fiquei magoado.

E eu quero entendê-lo, saber se teria reagido assim caso fosse qualquer outro amigo. Será que seu medo é me perder, ou me perder para o Stephen? Porque ele diz tanto que estamos juntos agora, mas não me disse como se sente em relação a mim.

— Eu sei que você me pediu e por mais que eu ache que você não tem esse direito, eu ia te atender, Colin. Porque eu não queria ver você como ficou mais cedo. Eu não suporto isso. Eu estava só me despedindo, ia dizer a ele que não podíamos mais ser amigos, mas ele até percebeu isso e ele mesmo disse que não nos veríamos mais.

O sorriso fraco em seu rosto não alivia a tensão que está sobre ele.

— O que mais me machucou foi a maneira como você olhava para ele, Caitlin! Como você entrou na frente dele quando achou que eu ia acertá-lo. Você o defendeu, o abraçou, você ficou triste por estar se despedindo. Como se você se importasse!

— Porque eu me importo! Ele é meu amigo! Não gosto de vê-lo triste.

ACHERON - NACIONAIS

Ele me olha como se eu o tivesse apunhalado, e levanta-se transtornado.

— Eu também sou seu amigo! Mas a mim você não se importa de magoar, não é?

— Pelo visto não é mais! — Arrependo-me do que disse e respiro fundo. — Desculpa, eu não quis dizer isso. A gente só não consegue mais conversar como antes. É como se não falássemos a mesma língua.

— O que mais você quer de mim, Caitlin? Você é a única mulher que quero na minha vida e eu não sou o único homem que você quer na sua? Eu não entendo!

— Não funciona assim. Colin nós somos melhores amigos, moramos juntos e agora transamos. Isso não se caracteriza como um relacionamento. Você não me disse como se sente sobre mim, não me disse nada além do que devo ou não fazer.

— Você quer que eu seja mais claro?

— Eu preciso que seja!

— Estamos juntos, Caitlin. Eu tive você, foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido e ao invés de estar nas nuvens comigo, como eu estou, você está aí preocupada e me culpando por ter que se afastar dele!

Abaixo a cabeça desanimada. O quão difícil é para nós dois conversarmos como adultos? Quando foi que perdemos a capacidade de falar de tudo, abertamente, de entender um ao outro? Porque parece que ele não me ouve e eu não o entendo.

— Você não entende Colin, o que ele representa para mim.

— Não mesmo, e eu estou fazendo um esforço do caralho para entender.

— Não, você não está. Você está olhando seu lado, achando que tem direitos sobre mim, que se não se sente bem com algo que faço, eu devo parar de fazer e pronto e não é assim que funciona. Você não pode ditar

ACHERON - NACIONAIS

que estamos em um relacionamento, não pode ditar com quem posso andar e com quem devo me importar, você poderia ao menos me perguntar por que me importo com ele, só para variar um pouco, ao invés de ser tão mandão e possessivo!

— Faria diferença? — pergunta do seu jeito debochado.

Levanto-me cansada demais para estender essa discussão.

— Não vamos saber, não é? Sabe o quanto é ridículo isso tudo? Estamos aqui discutindo seu ciúme exagerado como um casal e não somos isso! Você estava certo, eu me cansei de esperar por um relacionamento. E eu realmente não espero nada vindo de você! O que temos estava bom para mim, amigos com benefícios, como você disse, não é? Porque isso não justifica esses seus ciúmes.

Viro as costas para deixá-lo ali, mas antes que alcance meu quarto, ele pergunta:

— Por que, Caitlin? Por que você se importa tanto com ele? Você o ama? Está confusa? Precisa que eu te dê espaço para pensar? — pergunta com a voz mais baixa, quase que com medo do que posso responder.

Paro onde estou e o encaro, ele parece prestes a chorar e tenho aquele impulso de sempre de abraçá-lo e fazer ficar tudo bem. Odeio vê-lo assim! Mas me contenho e respondo. De repente pareço tão cansada! Por que não posso apenas dizer que o amo e ouvi-lo dizer que vai tentar? Por que temos que ficar nesse jogo? Eu já esperei por ele por tanto tempo, eu me imaginei com ele de tantas maneiras, e esta possibilidade de que não vamos dar certo juntos porque ele mais parece um maluco possessivo e eu nunca sei o que fazer, me mata um pouco. A gente tinha que ser melhor do que isso juntos!

— Porque ele me ama. E eu sei como é horrível amar alguém e não ter isso de volta. Eu sei como é morrer um pouco a cada dia porque a pessoa que você ama está com outras. Eu sei como é olhar alguém, e saber que você vive por essa pessoa, e ela ter tantas outras coisas para se dedicar e nunca, em momento nenhum, enxergar você como uma opção. Isso é que é dor de verdade, Colin. E eu não queria jamais ser a

ACHERON - NACIONAIS

responsável por causar isso a alguém.

Ele não diz nada. Não consigo identificar se ele entendeu o que eu disse, mas sendo o Colin, não entendeu, como sempre. Então saio dali e o deixo sozinho, e passo a noite tentando impedir minha mente de me convencer que não vamos dar certo.

CAPÍTULO SEIS

COLIN

Demoro alguns minutos em completo transe para me dar conta do que aconteceu aqui. Nesses minutos, enquanto ela vai para seu quarto e bate a porta, tento entender, tento me lembrar do que ela está falando. Ela estava tão sentida! Como se tivesse passado por isso a vida toda! Como se entendesse como me sinto desesperado, porque agora que sei que tê-la é única maneira de eu ficar bem, parece que posso perdê-la em qualquer esquina. E saber o que sinto não vem com um manual que me ensina como agir. Eu me sinto magoado por ela sentir falta dele, porque a mim apenas ela me basta, eu não precisaria de mais nada. E eu posso não ser suficiente para ela.

E então ela age como se o que sente por ele nada mais fosse do que culpa, culpa porque ele a ama, porque vai sofrer por ele. Como se ela...

— Ah, merda!

Como se ela sofresse por amar alguém a vida toda.

Tudo o que ela disse, cada palavra, cada medo que tenho agora, ela já viveu. E só há uma maneira de ela ter passado por tudo isso. Tento me lembrar de nós dois juntos, o que mais eu não vi nesses anos todos em que nos conhecemos? E fico entre cair de joelhos de tanta felicidade ou socar minha cara por ter sido tão burro!

Não acredito no quanto a fiz sofrer esse tempo todo!

Não acredito que ela me ama! De verdade! Ela sempre amou!

Caio de joelhos lembrando-me de repente de tantas coisas, coisas que eu jamais veria como algo a mais, jamais veria suas verdadeiras intenções com a cabeça que tinha antes. Apenas agora, que sei o que é amar alguém, é que vejo quantas vezes ela tentou se declarar para mim e

eu nunca a ouvi. Meu Deus, eu poderia ter evitado que ela tivesse beijado o nerd retardado, e eu fiquei com tanta raiva por ela gostar dele! Achei que ele era lento demais para ela! Porra! Eu poderia ter evitado Romeo e a maneira como a encontrei despedaçada quando cheguei.

Então uma bomba cai no meu colo e me dou conta de que todo o sofrimento que a vi passar quando cheguei aqui não foi por causa de Romeo. Foi por minha causa, pela mulher que trouxe para casa logo na minha primeira noite, quando eu havia combinado de sair com ela. Como pude ter sido tão burro? Tão cruel?

Começo a pensar em todas as mulheres que trouxe para cá, em como ela pareceu desistir de mim em algum momento, ao se dar conta de que eu não a via como mulher. Entendo perfeitamente sua reação agora, tão mordida e receosa, porque mesmo eu prometendo que a quero, ela tem certeza que não sou esse tipo de homem, que consegue ser de uma só. Ela tem toda razão do mundo para desconfiar de mim, e qualquer outra mulher em seu lugar jamais teria me entregado sua virgindade.

Ela estava com meu maior inimigo, era amada por ele, ela tinha a faca e o queijo na mão para se vingar de mim, e ao invés disso, afastou-se dele porque me amava. Ela é a melhor pessoa do mundo. Eu sempre soube disso, mas agora, mais do que nunca, eu a amo com tanta força que parece que vou explodir. Agora, mais do que nunca, entendo o quanto ela merece que eu a ame, e faça feliz, o quanto tenho que agradecer por ela ser essa menina tão boa, de coração puro, que sempre perdoa minhas merdas e me ama.

Ela me disse isso tantas vezes, como foi que eu não ouvi? De repente quero guardar os meus medos e mágoas no bolso, e cuidar dos dela. Porque não são poucos causados por mim.

Caminho vagarosamente até seu quarto e abro a porta com cuidado. Ela está dormindo, descoberta como sempre e encolhida de frio. Com cuidado, deito-me ao seu lado e a cubro, puxando-a para mim. Ela resmunga algo e se vira, deitando em meu braço, era tudo o que eu precisava. Observo através da luz da lua que entra por sua janela aberta, seu rosto sereno. As marcas de lágrimas estão ali, e as contorno

levemente com o dedo.

Nunca mais a farei chorar, minha menina. Nunca mais!

Saio de sua cama antes que ela acorde. Agora vou fazer as coisas do jeito certo. Agora vou cuidar de fazê-la entender de maneira que não reste qualquer dúvida, que eu a amo de verdade! E a doutora casamenteira tem razão, por mais que estar dentro dela seja a melhor coisa do mundo, preciso mostrar a ela que vai muito além disso.

Quando saio do banho, ela já acordou e está tomando café, logo que a vejo, ando até ela e a abraço. Ela me olha confusa, mas cede, deixando que eu a prenda em meus braços.

— O que é isso? Está tudo bem? — pergunta desconfiada.

— Sim, estou apenas te dando bom dia. E quero que saiba que acima de qualquer coisa, somos amigos, Caitlin. Então mesmo que eu seja um babaca e tenha dificuldade em te ouvir às vezes, a minha ficha vai cair e eu vou fazer isso, porque você é acima de tudo, minha melhor amiga.

— Que bom que você se lembrou disso. Eu estava lisonjeada por ser a garota por quem você ficou obcecado, mas temia que se esquecesse do que é mais importante e a gente acabasse essa amizade colorida sem nenhuma amizade.

Posso dar uns tapas nela agora? Ou quem sabe uns beijos? Como a faço entender o quanto é importante para mim?

— Você acha que estou obcecado por você? Que interessante! — provoco.

— Acho que você confundiu nossa amizade com o sexo, não soube como agir comigo depois, e acabou criando toda essa confusão. Porque não queria me tratar como trata todas as outras, e não sabe como me tratar de maneira diferente.

Estou aprendendo, baby. Tenha calma!

— A sua teoria é a de que estou faminto por você porque não sei como te dar um fora? Caitlin, acho que você deveria se consultar com a minha psicóloga.

Ela revira os olhos e se senta, pegando sua xícara

— É claro! Porque olha o belo trabalho que ela está fazendo com você! — comenta e sorri, e me sinto aliviado por vê-la sorrindo para mim de novo.

— Eu quero fazer amor com você, porque amei fazer amor com você, não podia ser mais simples do que isso. Apaguei os contatos de todas as outras mulheres, porque não preciso mais transar com nenhuma delas. Mais uma vez, não vejo nada de complicado nisso. Mas, se você quer uma coisa complicada, estou agindo como um louco obcecado com você porque não sei lidar com o que sinto.

— Você ouviu o que eu disse ontem? — cria coragem e pergunta, seus grandes olhos de gata estão com medo, mas ela me encara, esperando uma resposta.

— O que será que dói mais, Caitlin? Amar alguém que não te corresponde ou ter essa pessoa, saber o que é ser feliz com ela e depois perdê-la?

Ela pensa um pouco antes de pegar sua bolsa, sua expressão cansada e triste.

— Acho que amar dói de qualquer maneira. Bom dia, Colin.

— Eu vou lutar hoje, achei que gostaria de ir assistir — comento como quem não quer nada e ela sequer desvia o olhar do celular, onde está mexendo desde que chegou do trabalho.

— Achei que sua luta fosse na semana que vem.

— A final é. Hoje é mais uma luta treino.

— Hum, você está bem para isso? — pergunta referindo-se às fraturas na minha costela.

— Estou quase novo, baby.

— Boa sorte então. Ah, claro, aquela sua Sorte, a irmã do Stephen, vai te ajudar a vencer.

Sorrio.

— Bem, acho que você tem que ir, Cait. Não tem outra saída já que prometeu ir a todas as minhas lutas. Se você quebrar esta promessa, então saberei que não somos mais amigos. E a culpa vai ser sua, porque eu tentei consertar nossa amizade — jogo.

Ela me olha confusa com minha chantagem, mas dá de ombros. Tudo o que quero é pegá-la no colo e dizer o quanto a amo e pedir perdão pelo tempo que a fiz esperar por mim, vendo-me com tantas outras. Mas não quero que ela pense que mudei da noite para o dia, ou que associe meu repentino amor ao fato de ter tirado sua virgindade. Quero que ela entenda que este sentimento sempre esteve aqui, eu só era cego demais para enxergá-lo, e que isso aconteceu antes da nossa primeira vez, se intensificou após ela, e se multiplicou após descobrir que ela sempre me amou.

— Contra quem você vai lutar? — pergunta derrotada.

Uma promessa é sempre uma promessa.

— Contra o Dustin.

Um sorriso se abre em seu rosto e ela fica animada.

— Jake Dustin? Nosso Dustin? Ah, essa eu não perco por nada! Quero ver quem vai derrotar quem.

— Mudando de time, senhorita Ross?

— Você sabe que não, baby, mas vai ser divertido te ver levar uns tapas — brinca.

É, bem que estou merecendo.

ACHERON - NACIONAIS

Ela se agarra a mim na garupa da moto e pego o caminho mais longo para tê-la assim por mais tempo. Observo-a com seu novo estilo: calça jeans apertada, uma blusa jovem e um pouco decotada e uma jaqueta. Uma maquiagem leve que ela não costumava usar, mas que a deixa linda do mesmo jeito! Assim como eu, vários outros homens entrando ali reparam nela. Já vi que vou ter um pouco de trabalho para deixar claro que ela é minha!

Luke aproxima-se dela meio sem jeito, ainda não conversamos desde que ele mostrou a Caitlin a gravação. Ainda não tenho vontade de falar com ele, mesmo que sinta falta do meu amigo, mesmo que eu também tenha errado. Acho que nossa amizade nunca mais será a mesma.

— Caitlin, que bom te ver. Você está bem?

Ela assente e dá um passo para perto de mim. E tenho uma vontade enorme de beijá-la agora mesmo! Está fazendo isso por tudo o que a gravação do Luke causou. Está fazendo isso para mostrar que está do meu lado. Como sempre esteve. Cumprimento Luke com um gesto, Caitlin conversa mais algumas coisas com ele, então pego sua mão para entrarmos no clube, mas ela se solta, brava por minha tentativa de agir como se nada tivesse acontecido e estivéssemos juntos. Brava por eu não ter comentado nada sobre sua confissão de ontem à noite.

— Então, você dá um ataque e agora age como se não fosse nada demais? Acha que vamos entrar aí de mãozinhas dadas, e sair daqui depois para fazer amor? — pergunta distraída olhando os quadros dos lutadores na entrada. Quando seus olhos passam pelo do Stephen, vejo certa tristeza neles. Ela se sente culpada.

— Baby, estou aprendendo. Você precisa ter paciência.

— Aprendendo o quê?

Seus olhos de gata me avaliam, esperando uma resposta que a tranquilize em relação ao fiasco que foi nossa noite de ontem.

— A me desculpar.

— Engraçado, não achei que estivesse fazendo isso, já que até agora não me pediu desculpas.

Sorrio.

— Tenho um jeito especial para te pedir desculpas. Espere até depois da luta.

Ela revira os olhos, não muito contente com minha resposta. Mas quero ir com calma. Mesmo que já tenhamos esperado tempo demais. Ela merece toda minha dedicação e o tempo que for necessário para se sentir segura. Ela quer saber como me sinto em relação a ela. E hoje irei mostrar o que mais sinto: culpa.

Avistamos Dustin e ela corre e o abraça. Eles se conhecem há um bom tempo, e são bons amigos. Ele a apresenta a Carol, que brinca dizendo que serei detonado.

— Qual é, chatinha? Acha mesmo que seu maridinho muso fitness tem alguma chance contra mim? Há anos esse bosta não luta!

Uma sombra passa pelos rostos dos dois e Dustin diz mais baixo do que estava falando até poucos segundos atrás:

— Na verdade, eu lutei há pouco tempo. Contra o meu pai. Mas você está certo, provavelmente vou levar uma surra, porém, você não vai sair daqui limpo, seu bundão.

— Você não vai tocar em mim, sabe disso. Carol, fique sabendo que não vou pegar leve com ele só porque você me ajudou com o jantar.

— Ele não precisa da sua piedade — diz apoiando o marido, mas em seguida completa — por favor, não bata muito nele!

Eles vão se despedir e olho para minha menina, minha namorada mesmo que ela não saiba disso, minha melhor amiga que preciso cuidar e a quem devo pedir um milhão de vezes perdão.

— Onde está seu cartaz? — provoco.

— Você vai ouvir minha torcida.

— Sempre identifico seus gritos desafinados dos demais.

Aproximo-me para beijá-la, mas ela se afasta. Acho que não fui o único a ter lembranças demais com a declaração dela ontem à noite. Estou tentando encontrar um jeito de dizer a ela que entendi o que disse, que sinto muito mesmo por tudo o que a fiz passar e que a amo independentemente do que ela sente por mim, mas não sei como. Penso que se disser que a amo agora, ela vai associar isso ao fato de ter me contado como se sente sobre mim desde sempre e, como fez com minha obsessão por ela, vai achar que meu amor é apenas mais uma forma minha de não saber como agir com ela.

— Boa sorte. Não bata muito no Dustin. A Carol parece legal.

— Talvez seja ele quem deva me bater. — Ela me olha confusa e explico: — Acho que não tenho que vencer essa luta, Caitlin. Acho que preciso apanhar, preciso sentir dor de algum jeito, pelo tempo em que a fiz sofrer.

Seus olhos piscam em confusão e logo ela entende que estou falando de sua confissão de ontem à noite. E do quanto preciso pagar pelo que a fiz passar.

— Você não tem que fazer isso. Isso não tem nada a ver com o que eu disse ontem. Quer saber? Esquece o que eu disse ontem, suba naquele ringue e dê o seu melhor!

— Não tenho motivos para vencer já que você mal olha para mim. Eu surtei porque você me feriu uma vez, e olha só, quantas vezes será que eu a feri?

— Eu estou aqui, não estou?

— Será que está?

Meu nome é anunciado e viro-me para subir no ringue, mas ouço seu grito.

— Vença essa luta, Colin!

Olho para ela e nego com a cabeça. É claro que vou vencer esta luta,
ACHERON - NACIONAIS

Dustin era um excelente lutador, mas está a tempo demais parado, e mesmo essa luta difícil que teve que fazer contra seu pai, não foi suficiente para que ele vença um lutador em campeonato. Ainda mais um lutador finalista. Mas foi bom ver que ela se importa. E foi bom que ela saiba que entendi seu recado ontem. Que finalmente entendi, não por meio de suas declarações adolescentes, não pelo cuidado e devoção que sempre teve comigo, mas pelo seu desabafo, mesmo atrasado anos no tempo, eu entendi. E vou me desculpar por tudo. Só preciso que ela se lembre nesse percurso, que ainda se importa.

Dustin é anunciado e o coro feminino com certeza não agradou a Carol, ele ainda brinca comigo antes de lutarmos e deixo que me acerte primeiro. Deixo que me acerte de novo, e mais uma vez. Olho para Caitlin na plateia e ela parece em pânico. Está de pé, o rosto tenso e me suplica com os olhos que reaja. Sorrio para ela, e dou uma leve piscada, o que a deixa confusa, então acerto Dustin em seguida.

Não bato muito nele e nada em seu rosto. Ele não pode ter o rosto remendado com o serviço que tem. *Modelinho fitness*, como ele detesta ser chamado. A luta não dura muito, estava apenas me aquecendo após a recuperação e os treinamentos, já que a luta final é em poucos dias. O juiz faz a contagem e sou declarado campeão. O ajudante se levanta e ele ainda tem a cara de pau de dizer que me deixou vencer para me estimular para a final.

Esta deve ter sido a luta mais amigável que já ocorreu neste ringue. O juiz entrega meu lenço da vitória e Serena me olha, no canto do ringue e em seguida olha para Caitlin, e confirmo com um pequeno gesto, que Caitlin será minha Sorte hoje, não ela. Ao que ela entende e desce do ringue. Carol abraça e beija Dustin e me agradece por não ter acertado o rosto, e olho para Caitlin com o lenço em mãos. Porém, antes de chamá-la até o ringue, já que não tenho certeza que ela vai aceitar subir pela maneira como parece puta pela minha inocente brincadeira de perder a luta, resolvo provocá-la.

Pego o lenço e aponto para ela, toda a atenção da plateia se volta para ela e continuo meu show. Finjo secar lágrimas imaginárias com o

lenço, imito o som do choro, bato no peito indicando que estou com dores no coração, o que faz a plateia feminina em peso se lamentar em um único som, e a chamo:

— Ei, Caitlin, quer vir aqui e secar o que você fez?

A plateia inteira ri e ela até tenta esconder o sorriso, mas falha. Sei que está se divertindo, e está um pouco mais calma ao se dirigir ao ringe ao meu pedido. Ela sobe com calma, aproxima-se de mim e pega o lenço estendido. Com aquela sua cara de malvada, o esfrega no meu rosto, fazendo todos rirem.

— Satisfeito, Hanson? — provoca.

A puxo para perto de mim, agora tenho o direito de beijá-la aqui, na frente de todos e deixar claro que ela está comigo. Mas, quero fazer isso direito. E não vai ser depois de discussões tão tensas, em que ela deixou bem claro que acha que o que existe entre nós não passa de sexo, porque não sou capaz de dar mais do que isso a ela.

Aproximo meu rosto do seu e beijo sua testa, com carinho. Afasto-me vagarosamente, olhando seus olhos, que estão atentos aos meus, e a abraço apertado, prendendo-a a mim sinto um alívio imediato de uma merda de angústia que me tomava.

— Você ainda vai me deixar louco — sussurro em seu ouvido.

— Idem — responde apertando-se mais a mim.

Chegou a hora de calar sua boca, senhorita Ross.

Saímos do clube direto para nosso segundo encontro oficial, mas ela ainda não sabe disso. A levo até a Bow Bridge, ela olha o lago, calada por um tempo, não sabe mais como agir comigo agora que sei que ela me amou esse tempo todo. E não quero que não saber agir comigo se torne comum para ela. Seguro sua mão e a advirto:

— Juro que se tentar tirar sua mão daqui e vier com esse papinho de sermos amigos de sexo, vou atirá-la nesse rio.

ACHERON - NACIONAIS

— Você não seria capaz.

— Não duvide de mim, baby.

— Você não precisa apanhar para se desculpar por nada. Não tem que ser assim.

Seguro seu rosto entre minhas mãos e a beijo, devagar, saboreando seu gosto, seus lábios, seu cheiro. Ela corresponde sem qualquer mágoa pelo que tem acontecido, corresponde com toda paixão, doçura, com todo amor, como se também precisasse desse beijo depois de tanta confusão que criamos. E a mantenho assim, comigo por muito tempo. Até ela estremecer levemente, até eu estar tão excitado que quase não posso esconder dela, então me afasto, acaricio seu rosto de anjo e faço uma promessa:

— Eu vou mantê-la assim para sempre, Cait. Você não vai ter que esperar nem um dia mais. Eu prometo.

Ela abre a boca para responder, mas concluo, não deixando margens para que ela tente negar o que sente, ou dizer que não tenho que sentir de volta, nem nada assim.

— Você me ama. Sempre me amou. Você podia ter me dito, de forma clara, já que eu era cego demais. Podia ter dito que me amava.

Ela parece sem graça, mas responde, seus olhos brilhando e seu rosto levemente ruborizado:

— O que você acha que ia acontecer? Se eu tivesse obrigado você a me ouvir em cada tentativa falha e você entendesse o que eu sentia, o que acha que ia acontecer?

— Eu acho que poderia magoá-la ainda mais — respondo com toda sinceridade. — Que poderia afastá-la, não entendê-la. Ou eu poderia ter um estalo e amar você de volta.

Ela ri alto, mas se controla e se afasta de mim, parece mais leve, mas nada convencida.

— Ah, eu acho que não. E acho que você não deve ficar se culpando

ACHERON - NACIONAIS

pelo que já passou. Não tem que sentir dor por algo que nem sabia que estava fazendo, já houve dor demais envolvida nisso, você não acha? Eu não disse a você o que sentia, não tem porque se culpar — diz para que a expressão de culpa que sei que não consigo tirar do meu rosto, desapareça.

— Eu deveria ter percebido. Todo mundo percebia, menos eu. Você tentou me dizer de várias maneiras e eu, seu melhor amigo, aquele que sempre abriu a boca para dizer que a conhece, não percebi. Foi um erro meu, sim. Acho que tenho que pagar por isso, tenho que compensá-la de alguma forma.

— Não tem. Eu não quero que você tenha qualquer tipo de obrigação comigo, ou vamos desandar de novo. Você consegue entender isso? Você não tem que ficar comigo, excluir suas amiguinhas, nem nada assim porque nós transamos. E não tem que sentir nada diferente por mim porque eu amei você um dia. Nós sempre podemos ser abertos um com o outro, certo?

O que? Amou um dia? Que merda é essa?

— Como assim amou um dia? O que isso quer dizer?

— Que eu não te amo mais... Oh! Você achou que eu ainda estivesse nessa fase de amar você e sofrer? — Então ela ri, e sua risada de bruxa é como uma faca enfiada no cu da minha alma. — Não, Colin. Não precisa se preocupar com isso. Eu amei você sim, por muito tempo esperei por você, mas aí você veio morar comigo e eu o conheci de verdade, vi que você é um devasso, um espírito livre, que sequer acredita em amor, então desisti. Agora está tudo bem, eu não amo mais você.

Fico um tempo ali, esperando que ela diga que está brincando. Porque não é possível que aquelas regrinhas bobas que eu quebrava fossem tão importantes a ponto de matar nela o que sentia por mim. Ou é possível? Claro que é possível! Ela me viu com muitas mulheres diferentes sendo o mais babaca que eu poderia ser. Por que ela me amaria?

— Como eu faço para você me amar de novo? — pergunto seguindo

seu conselho de que podemos ser abertos um com o outro e a expressão em seu rosto, além de surpresa, é aquela doce e apaixonada de sempre. Ela não pode estar falando sério sobre não me amar mais.

— O amor não funciona assim. Eu demorei muito para tirar de dentro de mim o que sentia por você. Não quero sentir de volta, e além do mais, para que você quer isso?

— Porque eu acabei de descobrir que você me ama, Caitlin. E eu me senti a merda do cego mais sortudo desse planeta! Me senti o maior campeão de qualquer campeonato que já tenha existido. Me senti tentado a entrar em você e não sair nunca, também queria trancafiá-la comigo em qualquer lugar só nosso para nunca mais te perder de vista. E agora você vem dizer que não me ama mais? Que eu consegui tirar isso de você?

Eu não consigo imaginar alguém tirando de mim o que sinto por ela agora. Mesmo que ela ficasse com outros caras, mesmo que ela fosse a pior das pessoas. Por que caralho eu fui me apaixonar por ela?

— Colin, nós conhecemos você. É gostoso a gente ficar junto, é diferente e você está empolgado agora, mas na semana que vem aparece uma *ring girl* nova no clube que vai chamar sua atenção e sua empolgação vai mudar de direção.

— Você não tem como saber disso.

— Eu sei! Eu já vivi isso um milhão de vezes! Eu conheço você! Você quer exemplos? A minha festa de quinze anos, você estava empolgado em ser meu príncipe, mas no minuto que uma mulher mais velha te deu mole, você se mandou com ela! Quer outro exemplo? Quando você se mudou para cá, disse que teria mais tempo para dedicar a mim, e na primeira noite, encontrou o clube e sua empolgação toda por viver comigo passou! Este é você. Você me fez sofrer muito sem saber o que estava fazendo, não queira me fazer sofrer agora, acredite, foi melhor pra nós dois eu ter acabado com o que sentia por você.

Ela vai andando e a sigo, preso em mil pensamentos, tentando encontrar no fundo de mim a resposta para essa pergunta que ela enfiou

na minha cabeça: será que isso vai mesmo passar? Então olho para ela, lembro-me do seu beijo, seu toque, seu cheiro. Lembro-me dessa dorzinha maldita que está aqui agora, que já é quase minha amiga, me ajudando a entender como me sinto, e só consegui controlá-la depois ter a Caitlin. Isso não vai passar. Não desta vez. Não é uma empolgação, é amor.

— Se você agora só vai oferecer o seu amor a um cara que nunca tenha pisado na bola, devia procurar de novo o imbecil do Stephen. Não que eu vá permitir que você faça isso, de qualquer forma, só quero entender — digo segurando sua mão antes de subirmos na moto.

— Não vou. Eu não o amo. Não quero oferecer amor a ninguém, como você sempre disse, não preciso disso!

— Tá legal, pare de jogar todas as merdas que eu disse a vida toda na minha cara!

Ela ri alto e pega o capacete da minha mão.

— Desculpa, achei que você fosse bem inteligente quanto a isso. Você sempre se gabou.

— Se eu soubesse o quanto eu não sabia de nada, na verdade... vamos fazer um acordo, Caitlin. Esqueça tudo o que eu disse antes da nossa primeira noite. Tente prestar mais atenção no que estou dizendo agora.

— Por quê? Agora você aprendeu a falar?

— Agora eu aprendi a sentir. Suba aqui, estou ansioso para dormir com você.

Ela não responde, mas sobe na moto passando seus braços por meu peito, e já começo a maquinar o que fazer para provar a ela que aquele Colin que ela chama de devasso morreu.

Você vai entregar o seu amor ao filho da mãe sortudo que provar a você que pode cuidar dele. Eu serei este cara.

Chegamos em casa cansados, ela quase desmaiada nos meus braços, tomo um banho rápido enquanto ela prepara algo quente, tomamos juntos e não consigo tirar as mãos dela. Não consigo parar de olhá-la, mais ciente do que nunca de que o que sinto não vai passar. E não consigo deixar de me sentir culpado. Por tudo o que a fiz passar. Por tê-la feito esquecer o que sentia por mim. O quanto uma pessoa tem que sofrer para desistir de um amor? Sei que este será o meu maior e mais difícil desafio, mas eu irei vencê-lo, não costumo perder uma luta e esta não será diferente.

A puxo para o meu quarto quando vamos dormir, a posiciono no meu peito, a abraço apertado e apago a luz. Logo, ela a acende.

— Você quer dormir? — pergunta confusa.

Não, minha menina. Eu quero muito entrar em você e fazê-la gritar que me ama. Mas não vou, vou seguir os conselhos da minha doutora preferida.

— Estou cansado, mas você fica aqui comigo, não fica? — Ela assente, parecendo irritada, mas deita-se de novo no meu peito, e pouco tempo depois, adormece.

Acordo com o som do celular e percebo o quanto é tarde e que estou atrasado para minha sessão com a doutora casamenteira. Justo hoje que preciso muito mesmo falar com ela. Ela vai ficar chocada quando souber o que a Caitlin sentia, e claro, vai me ajudar a pensar em maneiras de fazê-la sentir tudo de novo por mim. Identifico na tela o nome da doutora casamenteira e saio do quarto para não acordar a Caitlin.

— Bom dia, doutora! Eu perdi a hora, podemos trocar para de tarde? Preciso mesmo falar com você.

— Colin, eu sinto muito.

— Por quê? Está tudo bem?

Ela demora um pouco antes de responder, e o faz com pesar e preocupação:

— A sua madrasta esteve aqui. Achei que poderíamos conversar, que poderia fazer você e ela conversarem e colocarem tudo isso para fora, mas esse não é o plano dela.

— Você não tinha que falar com ela, pare de bancar a mediadora!

— Colin, você não está me ouvindo. Ela veio aqui me pedir que diga ao agente da sua condicional que você não está melhorando, que ainda é descontrolado e violento. Eu disse a ela que não vou fazer isso, tentei falar do seu progresso, mas Colin, o que ela quer é muito claro. Ela quer mandá-lo de volta para a cadeia. Por favor, filho, tome todo o cuidado.

Deixo o telefone cair da minha mão e não sei nem mesmo o que pensar. Ela vai tentar me mandar de volta para a prisão. Sei que minha condicional pode ser revogada a qualquer instante, principalmente por causa dela. Mas não vou permitir que ela acabe com a vida perfeita que acabei de planejar. Não mesmo! Desta vez, Hannah Thompson não vai me vencer!

CAPÍTULO SETE

Colin parece chateado e preocupado e não faço ideia do que pode estar o afligindo, mesmo assim, não pergunto nada, deixo que ele me conte quando achar que deve. Chego à lanchonete e cumprimento Mackie, mas ela parece em outro mundo. Há algo errado com ela e preciso descobrir o que é. Parece que há algo errado com todo mundo.

Estou distraída lembrando-me da ponte ontem à noite, do momento em que Colin me perguntou como ele fazia para que eu o amasse de novo, e eu tive tanta vontade de pular em seus braços e dizer que eu o amo, e que jamais deixarei de amar! Mas, depois do fiasco daquela discussão sobre o Stephen, depois de eu praticamente gritar na cara dele que o amei desde sempre, acusando-o do que passei, sendo que nunca achei que confessaria o que sinto usando isso para acusá-lo, me dei conta de que preciso me resguardar. Não desistir dele, isso não está mais em minhas mãos, eu só demorei demais a entender que não ficaríamos juntos, e não quero criar toda essa ilusão de novo, para levar um enorme tombo depois. Um tombo do qual posso nem me levantar. Foi bem difícil da primeira vez, seria impossível uma segunda vez. E o Colin às vezes tem dessas, de se empolgar demais com uma coisa e depois isso passa. E não quero passar na vida dele, eu tenho que ser aquela que vai ficar em sua cama e em seu coração.

Então pensei que talvez, apenas talvez, fazê-lo se perguntar primeiro se o que sente por mim é mais um desejo insano do que um sentimento real, pudesse dar a nós dois uma luz do que ele sente de verdade. Sei que ele parou para pensar nisso, porque ele estava se sentindo culpado. E eu não queria que ele chegasse a um veredito baseado em culpa, por isso disse que não o amava, por isso preciso que ele me prove que devo amá-lo.

Converso com Joy na hora do almoço e conto por alto o que aconteceu, sua boca está aberta, seus olhos sem foco e ela não acredita

nas reações dele.

— Caitlin, sempre achei que por mais que você o amasse, nunca iria conseguir redimir aquele devasso, mas agora que você me contou as coisas que ele disse, você não acha que está diferente com você?

Sorrio como uma boba tentando frear as batidas do meu coração apaixonado.

— Sim, ele com certeza está diferente. Algo mudou nele, eu vejo isso, mas enquanto achou que eu o amasse ele não me disse isso de volta. Ele ficou cheio de culpa e tentando sentir dor pelo que me fez passar, mas não disse que me ama, nem que está apaixonado, nem nada assim. Você acha que estou exagerando?

— Depois do que você passou esses anos todos, acho que todo exagero é válido. Mas bem, se aquele pedaço de mau caminho estivesse tentando me conquistar, eu estaria com uma cara melhor do que a sua agora, o que você tem?

— Acho que não é nada demais. Ontem, quando a gente voltou do parque ele quis dormir comigo. Sabe, dormir mesmo, sem sexo, só deitar e dormir.

A cara dela é tão engraçada que eu teria rido se não significasse algo ruim.

— Mas já negando fogo? Ah Caitlin, acho que você o fez pensar cedo demais nessa coisa de amor. Vocês mal transaram!

— Cedo demais? Eu já estou esperando por ele há anos! Não venha me dizer que fiz tudo errado!

— Eu disse que seria assim — Lyla comenta sentando-se ao meu lado. — Não existe redenção de um devasso, Caitlin. Se você quer ficar com ele, transar com ele, então fique e transe, mas não tente fazê-lo amar você, porque aí vai ficar sem os dois.

— Bem, eu não penso assim. Se fazer com que ele me ame não der certo, então vou tentar de outro jeito. E também vou encontrar uma

amiga mais otimista.

— Não estou sendo pessimista e sim, realista. Coisa que você costumava ser até sentar no pau mágico.

Me vem à mente as lembranças de cavalgar sobre ele e sinto meu rosto esquentar, ao que Joy já solta o grito:

— Acho que alguém aqui sentou e muito no pau mágico do Hanson.

— Não precisa gritar isso! — repreendo recebendo olhares curiosos dos clientes. — Ele é bem experiente com essa coisa, experiente até demais, às vezes eu fico assustada. Mas quando dou por mim, já estou gozando e o susto passou.

— Garota, pare de me fazer propagando do seu homem — avisa Joy.

— E se não der certo? O que você vai fazer se chegar em casa hoje e ele disser que pensou direito e não quer mais feri-la? Então que é melhor que vocês não fiquem juntos mais? — pergunta Lyla, e apesar de parecer que está tentando me colocar para baixo, percebo que está na verdade, preocupada comigo.

Se não der certo, eu não sei. Tento de outro jeito, de outro, mas eu vou conseguir conquistá-lo de uma vez por todas!

— Eu sempre posso usar a culpa, você sabe, *“Colin eu custei a te esquecer e você me fez amá-lo de novo só para me dar o fora”* — imito com uma voz de choro, deixando Lyla com uma expressão horrorizada engraçada. — Ou eu posso dar um golpe da barriga. Talvez eu espalhe pelo clube que ele tem uma doença...

— Entendi! — ela me corta. — Pode ficar aí bancando a engraçadinha, Cait, mas você não tem ideia do que vai fazer.

— Não tenho. Só sei que vou fazer alguma coisa. Vale a pena, para vê-lo me olhar daquele jeito que estava me olhando ontem quando eu disse que não o amava mais. Vale a pena, Lyla, você devia se apaixonar de novo.

Ela nem se dá ao trabalho de me responder, antes de arrastar a

ACHERON - NACIONAIS

cadeira com força e sair batendo o pé.

— Já que você anda por aí cavalcando nas noites frias, deveria ir a um ginecologista, pede o contato do doutor deus da Mackie e marca uma consulta — alerta Joy e é exatamente o que vou fazer.

Aproximo-me de uma Mackie arrumando condimentos que estão perfeitamente alinhados e começo a falar.

— Você está bem? Tem andado bem estranha e mal falou hoje. Olha, eu preciso do contato do seu ginecologista, a Joy acha que já que estou tendo relações, devia me cuidar. Você pode me passar?

Ela continua alinhando os condimentos e não me responde.

— Mackie! Mackie! — chamo mais alto e ela dá um pulo, percebendo a minha presença.

— O que foi?

— Contato, do seu ginecologista.

Ela arregala os olhos e dispara a falar:

— Ginecologista? Não é nada, ele é casado!

— O quê? O que tem a ver?

— O que você quer, Caitlin?

— O contato do seu ginecologista, para marcar uma consulta. O que tem a ver ele ser casado?

— Nada — diz dando de ombros. — Achei que gostaria de saber.

— A menos que a mulher dele fique lá de plantão vigiando as pererecas que ele olha, não entendo porque isso é relevante. A não ser...

— Vou te mandar por mensagem. Até mais, Caitlin — diz esquivando-se e saindo quase correndo de perto de mim.

E tenho a impressão que a minha amiga está apaixonada pelo ginecologista dela.

Assim que saio da lanchonete, encontro Colin me esperando, sentado na calçada, avaliando o tempo. Abre um sorriso contido quando me vê e levanta-se, me dando um abraço apertado.

— O que está acontecendo com você? — pergunto com medo que sua resposta seja a de que não quer me magoar, e precisamos nos afastar, como Lyla disse.

— A Hannah foi procurar a doutora Mansfield. Ela quer que a doutora diga ao meu agente da condicional que ela deve ser revogada. Ela disse que a Hannah está disposta a tudo para que eu volte para a cadeia.

Antes que eu possa praguejar aquele verme de pessoa, Colin segura minhas mãos, está assustado e com medo, e eu não sei como ajudá-lo.

— Caitlin, eu não vou voltar para a cadeia. Eu juro para você que não vou! Não vou deixá-la de novo, vou fazer o impossível, se for preciso, mas ela não vai conseguir desta vez.

— E não vai mesmo — garanto abraçando-o.

Ele precisa se abaixar para que eu consiga passar meus braços por seu pescoço, mas ele o faz, e o prendo a mim da melhor maneira que posso.

— Não vamos deixar isso acontecer, Colin. A gente vai pensar em algo, vamos falar com a minha mãe, com seu agente, o advogado. Mas ela não vai vencer desta vez.

Ele se afasta e segura minhas mãos, seus olhos medrosos fixos em mim.

— Não é esse tipo de cara que merece o seu amor, não é? Você vai amar alguém que não corra o risco de ir parar atrás das grades.

— Não diga isso, você é exatamente o tipo de cara que eu... — noto um sorriso que logo se esconde em seu rosto, e eu quase caí na dele, mas me contive a tempo. — Não acredito que está mesmo usando algo tão sério para me fazer dizer que te amo.

Então ele abre um enorme sorriso, uma luz em seu rosto escuro.

— Vai que funciona? Sabe, pequena, o que eu percebi? Você gosta de problemas tanto quanto eu. E você vai admitir mais cedo ou mais tarde que não deixou de me amar coisa nenhuma. Se eu fosse você, faria isso logo, antes que eu vá parar atrás das grades.

— Você não vai parar atrás das grades, não diga isso. E eu não amo você. Vamos logo porque preciso sair com as meninas hoje à noite.

— Não vai, não! Você vai sair comigo hoje à noite. Sabe essa sua coisa de novas experiências? Pois é, quero tentar isso também. Hoje você vai comigo em uma experiência nova para mim, tudo bem?

Não digo em voz alta, mas acho que estou com medo do que ele pode considerar como uma experiência nova.

Chegamos ao apartamento, ele mantendo segredo absoluto do que planejou para nossa noite, e suas novas experiências, ouço uma música baixa vinda de seu quarto e penso que deve ter esquecido algo ligado. Apesar de tentar fazer brincadeiras e parecer calmo, sei que está tenso, sei que esse passado ressurgindo de novo mexe com ele mais do que assume, e esses malditos fantasmas o estão rondando. E ele não pode neste momento, deixar que os fantasmas o vençam, sei que ele é capaz de mantê-los longe, mas acho que ele não sabe disso. E preciso encontrar um jeito de fazer com que ele perceba a força que tem.

Ouçó uma voz feminina vinda de seu quarto, e em seguida ele aparece, os olhos arregalados e o rosto avermelhado, estende as mãos me pedindo calma e atrás dele surge uma mulher, ela usa apenas uma lingerie vermelha muito curta e tem olhos apaixonados por debaixo de uma maquiagem forte.

— Eu juro que não sei o que ela está fazendo aqui — diz-me esperando por minha reação.

Eu encaro bem aquela oferecida seminua que não sei como conseguiu entrar no quarto dele, no nosso apartamento, e grito em sua

ACHERON - NACIONAIS

cara que ele é meu, e não vai de maneira nenhuma colocar as mãos nela de novo. Para deixar claro o que estou dizendo, pulo sobre ela e a pego pelos cabelos, descubro que são apliques pouco antes de arrancá-los e...

— Como ela entrou aqui? — pergunto respirando fundo e saindo da minha fantasia de matar a mulher da vez.

Já tive um milhão delas, de um milhão de formas diferentes, mas elas sempre acabavam com a “mulher da manhã” saindo linda e ilesa do apartamento enquanto eu me afundava um pouco mais no desespero.

— A chave debaixo da planta no corredor — ela responde com uma voz melosa aproximando-se de Colin, que mais do que depressa corre para perto de mim.

— Eu não a convidei — garante.

— Mas contou para ela sobre a chave. Para quê?

— Para eu entrar aqui quando você estivesse dormindo — ela responde piscando para ele e Colin parece prestes a desmaiar.

— Isso foi há muito tempo, eu nem me lembrava mais de ter dito isso. Kristyn, diga a ela quanto tempo isso faz.

— Meu nome é Kimberly, e não faz tanto tempo, uns três meses, eu acho.

— Tempo demais! — ele praticamente grita. — Querida, eu não me lembro de uma mulher com quem eu durmo por mais de uma semana, três meses...

Nós duas o encaramos de cara feia e ele tenta remediar.

— Exceto você, Caitlin. Eu não quis dizer isso, Kimberly, eu...

Ok, não achei mesmo que essas mulheres fossem apenas deixá-lo ir, afinal de contas, todos conhecem o Colin e sua fama. Ele pega todas as garotas daquele clube, da faculdade e de onde mais estiver e elas não iam simplesmente sumir porque ele as excluiu em uma rede social. Pensei que fossem ficar ligando, tentar falar com ele em dias de luta, ou até durante

os treinos, mas não achei mesmo que fossem aparecer seminuas em nossa casa. E por mais que esteja neste momento com aquele medinho bobo de que alguma delas acabe convencendo-o a voltar à sua vida normal, não posso negar o quanto é engraçado a maneira como ele tenta dispensá-la sem magoá-la. Eu sei que esta ele não convidou, ele estava comigo, foi me buscar no trabalho, não seria tão burro. Mas sabe-se lá para quantas outras ele contou sobre a chave debaixo do vaso de planta no corredor. Sabe-se lá se numa dessas o encontrarei com ela na cama.

— Eu não estou entendendo, Colin. Você sempre gostou dessas visitas da tarde, quando sua irmã está no serviço, por que está fugindo agora? — A voz da mulher seminua insistindo me tira de meus pensamentos e encaro Colin, esperando por sua resposta.

Então além das mulheres das manhãs seguintes, também haviam as da tarde, de quando eu estava no trabalho. *Uau! Nem sei o que pensar sobre isso.*

— Kimberly, eu não quero ser grosso, nem nada assim, mas não apareça aqui de novo, por favor. De preferência nem fale comigo de novo. Apenas apague meu número e esqueça de mim. Não estou sendo mau com você, eu estou comprometido agora, e esse lance entre a gente não vai mais rolar.

Ela começa a rir num primeiro momento, depois analisa bem a expressão séria no rosto dele e olha para mim buscando que eu diga que é uma brincadeira.

— Você não está falando sério! Até parece, Colin! Você, comprometido com uma mulher só?

Ele assente e pede mais uma vez que ela vá embora.

— Bem, eu não queria ser ela. Vai viver de chifres, a coitada — diz antes de se dirigir até o quarto de Colin, para buscar suas coisas.

Assim que ela sai, Colin aproxima-se de mim como se estivesse pisando em ovos, avaliando minha reação, ou a falta dela.

— Você sabe que ela não está certa, Caitlin.

— Eu não tenho que saber de nada, Colin. É você quem tem — digo indo para o meu quarto.

Isso vai ser mesmo mais difícil do que eu havia imaginado.

Enquanto Colin termina de se arrumar para o que quer que queira me mostrar, fico avaliando-me no espelho. Eu nunca fui uma pessoa preocupada com aparência, roupas e essas coisas. E sempre me achei inferior às mulheres com quem o Colin saía, e agora, que estou tentando ser a única mulher com quem ele sai, me pergunto se deveria começar a me preocupar mais. Afinal de contas, eu quero que ele abra mão de centenas delas, para ficar só comigo. E me comparando a mulher seminua de mais cedo, acho difícil que ele não caia na lábia de uma delas qualquer dia desses.

Meu celular toca enquanto ainda me avalio, tentando achar aquele traço de mulher que enxerguei em mim algumas vezes, ao invés dessa cara de menina, e atendo a ligação de Luke.

— Caitlin, tudo bem? Será que a gente podia conversar amanhã? É sobre o Colin. Eu só preciso da sua ajuda para conseguir me reaproximar dele.

— Claro, Luke! Ele vai precisar de você agora. A Hannah apareceu de novo e ele não está bem.

— O que essa maldita ainda está fazendo em Nova York? Eu passo aí amanhã à tarde, pode ser?

— Combinado.

De tudo o que sei sobre essa briga deles, sei que eu fui o grande motivo. E, apesar de nunca ter dado qualquer esperança ao Luke, e de saber que ele nunca esteve realmente apaixonado por mim, sinto que devo dar uma mãozinha para que eles se entendam, pois, o Colin vai mesmo precisar de todos em quem confia ao seu lado para enfrentar Hannah.

O encontro esperando por mim na sala, um brilho divertido no olhar enquanto avalia minha roupa. Beija minha testa e comenta admirado:

— Você está linda!

— Onde nós vamos? — pergunto sorrindo pela maneira quente com que me olha, avaliando cada pedaço do meu corpo neste vestido colado.

— A um programa que nunca fiz antes. Confie em mim, baby. Você vai gostar.

Ao invés de irmos na moto dele, como achei que faríamos, vamos de táxi, ele não solta minha mão no caminho até o destino, que descubro ser o cinema. O encaro confusa:

— Achei que fôssemos fazer algo que você nunca fez. Você nunca veio ao cinema?

— Eu nunca vim ao cinema com uma mulher. Nunca em um encontro. Ainda não vivi esse tipo de programa romântico de namoradinhos.

— Entendi. Vamos ver como você se sai.

Entramos de mãos dadas e nem sei dizer o que sinto quando os olhares femininos caem sobre ele e sobre mim, de mãos dadas, como se fôssemos realmente namorados. Eu não esperava que viéssemos aqui quando saímos de casa, mas confesso que adorei a ideia. Nunca achei que faríamos isso, vir ao cinema como um casal, um programa bobo eu sei, mas vindo de alguém que só sai de casa para ir ao clube e ao motel, este é um grande passo.

Ele me deixa escolher o filme e escolho um baseado em um livro de uma autora brasileira, que a Carol recomendou.

O filme começa e vejo o brilho dos olhos dele focados em mim.

— A tela fica lá na frente — sussurro e ele sorri.

Aproxima sua boca do meu ouvido, causando-me deliciosos arrepios ao sussurrar:

— Você está tão linda! Às vezes penso que você parece de mentira.

— Eu acho que você está me adulando demais.

Ele acaricia meu rosto e beija minha testa carinhosamente. E sinto falta de estar nos braços dele, na boca dele, espero que esta noite termine com a gente fazendo amor em sua cama, ou na minha, já que ele quer novas experiências.

— Eu nunca pensei que um dia viríamos ao cinema, assim, em um encontro — comenta.

— Isso é um encontro? Acho que não fui informada desta parte.

— Desculpe minha falta de jeito. Caitlin Ross, você quer sair para ir ao cinema comigo? É um encontro e vamos fazer isso como um casal — brinca fazendo-me rir e algumas pessoas chamam nossa atenção para que façamos silêncio. — Apesar de nunca ter me imaginado levando uma garota para um encontro num cinema, com um filme romântico, não me parece estranho estar aqui com você. Nem errado. Parece que é normal, como se tivéssemos feito isso desde sempre. Não achei que me sentiria assim.

Seguro sua mão e ele aperta a minha de volta.

— Está decepcionado?

— Encantado seria a palavra mais correta. Acho que qualquer coisa que façamos como um casal, vai ser assim, a coisa certa.

Consigo segurar os suspiros e começo a rezar imediatamente: *“Meu Deus, se for para ele ser fofo e intenso desse jeito, faça com que ele demore bastante a se cansar de mim, porque já era difícil resistir a ele antes, convivendo com esse Colin estilo namoradinho então, vai ser impossível guardar meu coração.”*

Um homem sozinho senta-se ao meu lado e somos obrigados a parar de falar para não incomodá-lo. O filme tem uma história forte, uma garota que foge de casa para se livrar dos abusos do padrasto, achei que seria triste, dessas que a gente chora a semana inteira depois que assiste e fica sentida com a vida e as injustiças, mas eis que ela conhece o amor de sua vida, e ele é tão divertido e leve, que dá à história outra cara,

tirando o drama pesado, se tornando fofa.

— Você é daqui? — uma voz ao meu lado me tira do filme e percebo o homem desconhecido me encarando.

— Não. Wisconsin — respondo e volto a atenção ao filme.

— Eu deixei a minha chave cair e minha mão não entra, você poderia pegá-la para mim? — pede apontando a lateral do banco onde está sentado, e o faço, entregando-a a ele. — Obrigado.

Olho para Colin que já encara o homem com uma careta e faço um carinho em sua mão, indicando que não foi nada demais. O desconhecido na verdade é bonitinho, deve ter uns trinta anos, o cabelo escuro e barba por fazer. Se veste de um jeito desleixado e não se importa de vir ao cinema sozinho. Pouco depois, volta a falar comigo:

— Sabia que este filme é baseado em um livro de uma escritora brasileira? O livro se chama Sublime.

Colin pigarreia ao meu lado e passa o braço por meu ombro, puxando-me de encontro a ele.

— Ela está acompanhada — adverte com cara de poucos amigos.

— Colin! — repreendo e volto a prestar atenção ao filme.

Tão logo o filme acaba, eu ainda enxugando as lágrimas, olho para Colin e vejo que ele está segurando as dele, mas seus olhos estão cheios. O desconhecido me cutuca:

— Deixei a chave cair de novo, você pode pegar por favor? Desculpe incomodar.

Viro-me para pegar a chave desse desconhecido lerdo e ele coloca a mão em meu braço, agradecendo pela ajuda e a mantém ali. Ao que Colin já se levanta irritado.

— Acho que você não está me vendo aqui! — pergunta alto demais chamando atenção das pessoas que começam a deixar o cinema.

— Colin! — tento acalmá-lo fugindo do contato do homem.

ACHERON - NACIONAIS

— Ela só estava pegando minha chave. Minha mão não entra aqui, a dela é pequena — justifica o homem.

— Você vai ver onde vou enfiar essa chave — ameaça dando um passo em direção ao homem, e entro em sua frente.

— Quer parar com isso?

Ele respira fundo e se acalma, pega minha bolsa para ir embora e quando passamos pelo desconhecido, ele comenta:

— Sabe o que dizem sobre esses caras que tem músculos demais, não é? Tem outras coisas de menos.

Antes que eu possa impedir, Colin pega o refrigerante do próprio desconhecido abusado e o vira em sua cabeça.

— É, tenho paciência de menos! — responde ao homem pegando minha mão e me arrastando dali.

Quando entramos no restaurante ao lado do cinema, sentamos lado a lado e olho sua cara, tentando segurar o riso.

— Bem, não achei que nosso encontro no cinema fosse acabar assim, mas considere isso como um grande passo, em qualquer outro momento, eu teria quebrado a cara dele. E você sabe.

— Era só um estranho abusado demais. Não havia motivos para ciúmes até ele provocar você.

— Ele colocou a mão em você! — explica indignado e dou de ombros indicando que isso não é nada demais. — Então como você faz quando alguém toca no que é seu? — pergunta olhando em meus olhos, esperando realmente uma resposta.

— Se for um objeto, peço que a pessoa tome cuidado.

— E se for uma pessoa? — insiste.

— Você entende que ninguém pertence a ninguém, portanto a sua pergunta é absurda, não entende? — Ele continua me encarando e respondo: — Se for uma pessoa, então tomo cuidado para que ela saiba

ACHERON - NACIONAIS

que é minha, e prefira o meu toque a qualquer outro.

Um sorriso lindo surge em seu rosto, seus olhos fixos nos meus lábios e quase me derreto ali por ele.

— Isso eu posso fazer.

Ele me beija de um jeito tão terno, calmo, tão diferente da maneira possessiva e quente com que sempre me beija e adoro esse seu novo lado. Nós jantamos, conversamos como sempre fizemos, tirando muito daquele medo de não sabermos mais nos comunicar que estava me tomando, e no final da noite, quando chegamos em casa, ele me beija daquele jeito apaixonado e me arrasta para o seu quarto. Tira minha roupa e me deposita em sua cama. Então tira a sua própria roupa, deita-se ao meu lado, e apaga a luz.

— Obrigado pela noite, baby. Durma bem.

— O que aconteceu? Por que você não quer mais fazer amor comigo?
— solto, arrependendo-me em seguida.

Ele acende a luz e me encara, surpreso por eu estar cobrando isso dele.

— Quem disse que eu não quero?

— Você está indo dormir. Eu estou seminua com você na cama, achei que nosso lance de amizade colorida ainda fosse ficar de pé. — Observo seu membro quando falo isso e percebo que ele está excitado, aponto então para ele acusadoramente — Você quer! Então por que está indo dormir?

— Porque nós tivemos nosso primeiro encontro oficial hoje, Cait. E você não é do tipo de garota que transa com o cara no primeiro encontro. Estou respeitando você — explica com um sorriso provocante.

— Sério isso? Vai usar meu lado mais recatado contra mim?

— Você usa meu lado devasso contra o mim o tempo todo. Venha, deite-se aqui comigo, deixa eu sentir seu cheiro, durmo melhor assim. Adoro o cheiro do seu shampoo.

ACHERON - NACIONAIS

— E você vai dormir assim? — insisto apontando o volume em seu short.

— Pequena, com você, eu durmo bem seja como for. Venha aqui. — Ele me puxa para seus braços e logo adormece e eu não entendo porque mais uma vez ele não quis fazer amor comigo. Alguma coisa está errada.

Chego do trabalho na tarde seguinte e há um bilhete de Colin na geladeira.

Cait, precisei ir resolver algumas coisas na rua e talvez não dê tempo para buscá-la, se chegar antes de mim, sinta minha falta, já devo estar chegando.

Um beijo bem gostoso nessa sua boca linda.

Certifico-me de que ele realmente não está em casa e salto feito uma maluca pela sala, por que tão fofo, Colin Hanson? Como faço para não me derreter por ele se até um simples bilhete me faz amá-lo ainda mais? Sei que parece uma coisa boba, uma frase boba, nem tem um eu te amo em letras garrafais ali, mas eu nunca imaginei que chegaria em casa e teria um bilhete dele me mandando um beijo na boca, eu nunca achei que fosse viver isso e só peço que esse sonho dure mais um pouco, que ele me veja por mais um tempinho, para me mostrar mais desse lado dele que estou amando conhecer.

Como ele está quase voltando para casa, tenho uma ideia de como seduzi-lo e acabar de vez com essa coisa de não transarmos mais. Desta vez não paro para olhar-me no espelho e analisar se serei capaz de seduzi-lo, vou apenas fazer. Tiro minha roupa e me encaminho ao banheiro, logo, ouço o barulho da porta se abrindo. Então deixo a porta entreaberta e corro para debaixo do box, deixando apenas esta luz acesa, como ele fez comigo um dia. Se ainda assim ele conseguir se controlar, precisarei procurar a minha mãe e tomar aulas de verdade de como

ACHERON - NACIONAIS

seduzir um homem.

Não sei bem o que fazer, então pego o sabonete e o passo pelo corpo, ouço algum barulho e grito que estou no banheiro, chamando-o. A porta se abre, seguro meu seio com uma mão, enquanto desço a outra pela minha barriga, da maneira mais sensual que consigo fazer.

— Uau! Caitlin! Uau!

Opa! Essa voz...

— Ah! Luke, o que está fazendo aqui? Saia daqui!

— Você me mandou entrar!

Tento me cobrir, mas não trouxe roupa alguma para o banheiro, e a toalha está lá do lado de fora do box, perto dele.

— Luke, saia daqui!

Mas, ele está parado, me encarando boquiaberto, vendo cada pedaço meu que não deveria estar descoberto para ele.

— Luke! — grito mais alto. — Saia daqui!

— Caitlin! — a voz de Colin grita do lado de fora e Luke sai de seu transe, deixando-me no banheiro, um segundo antes de Colin entrar.

Ele fica olhando de mim nua, molhada, ensaboada e envergonhada para Luke, estupefato do lado de fora.

— O que caralho aconteceu aqui?

— Eu usei a chave debaixo do vaso de planta no corredor. Marquei de conversar com a Caitlin aqui, mas acho que ela se esqueceu — ele explica.

Sim, eu esqueci totalmente disso. E joguem essa maldita chave fora!

Escondo meu rosto nas mãos e Colin entra no banheiro, fechando a porta atrás de si. Deve estar possesso comigo. Ele pega a toalha e desliga o chuveiro, envolvendo-me nela.

— Cait, o que aconteceu? O que estava tentando fazer?

— Seduzir você. Como você fez comigo aquele dia. Eu me esqueci que o Luke viria aqui e nem sabia que ele sabia sobre essa púbis de chave.

Crio coragem de olhar em seu rosto e ele está sorrindo. Está realmente se divertindo com o meu constrangimento.

— Bem, acho que você acabou de dar ao Luke inspiração para um mês inteiro de banhos.

— Saia daqui você também! — grito empurrando-o. — Sumam vocês dois!

Bato a porta atrás de um Colin em crise de risos e começo a pensar no que posso ficar fazendo no banheiro pelas próximas duas horas, já que não quero ver o Luke nunca mais na vida.

CAPÍTULO OITO

COLIN

Espero em uma sala cheia de gente bem vestida, com seus ternos caros e pastas, elas mexem as pernas ansiosas em cumprir mais uma obrigação, os olhos fixos nos celulares, vez ou outra, conferem papéis em suas mãos, e em nenhum momento observam a tarde se pondo pela enorme janela ao lado delas. Nenhuma dessas quatro pessoas que aguardam a juíza comigo, olham na direção da janela sequer uma vez. Vivem suas vidas numa correria tão intensa, que passam os dias sem realmente tê-las vivido.

— Hanson, o senhor pode entrar — uma mulher mais nova e igualmente arrumadinha me avisa e posso finalmente falar com Lorna.

— Querido, você por aqui? Está tudo bem? A Caitlin está bem?

Assinto estendendo as mãos para que ela se acalme.

— Tudo bem com sua preciosa filha, não se preocupe, Lorna. Meu Deus! — observo assustado enquanto me sento de frente para ela. — A senhora vem mesmo julgar casos com essa roupa? Te deixam entrar? Eles te levam mesmo a sério?

Um sorriso de canto surge em seu rosto e ela se levanta, dando uma volta para que eu confira todo o seu visual roxo.

— Meu bem, estou na última moda.

— A última mesmo! Só se chega nela quando não há mais salvação.

— Sempre tão gentil, Colin Hanson. O que você quer aqui?

— Duas coisas. — Tento impedir que minha cara demonstre o quanto estou preocupado, mas, a julgar pela mudança em seu olhar, eu falhei. — Primeira, preciso de um advogado. Um melhor do que o que possuo. A

senhora tem algum do estado para me indicar?

— Hannah Thompson? — pergunta caindo pesadamente na cadeira.
— Com certeza eu tenho, querido. Essa mulher não vai colocar as mãos no seu dinheiro.

Não é isso que me preocupa, mas ter um bom advogado já em um grande passo.

— Ela não quer apenas isso. Também quer que a doutora Mansfield peça ao meu agente da condicional que me mande de volta para a cadeia. E eu temo ainda ser o mesmo desequilibrado de antes e a senhora sabe onde isso vai parar.

— Você não tem que se preocupar com isso, filho. Você não é violento ou desequilibrado, você era só um menino e passou por coisas que nem mesmo um adulto suportaria com sanidade. Agora você é um homem, tem sua profissão, sua faculdade, seu lar, não vai cair nas provocações dela. Não deixe que ela atinja você.

— Prometo tentar.

— E eu prometo conseguir o melhor advogado do país para você. Então, qual a segunda coisa? Deixe-me adivinhar — um sorriso surge em seu rosto — Caitlin. Então, como andam as coisas entre vocês? Quentes? Tranquilas? Vocês conversaram, estão quentes?

— Estou tentando mostrar à sua filha que isso entre a gente vai além de sexo.

Sua expressão é tão engraçada, que me pego rindo, apesar da tensão que estou sentindo pelo que estou prestes a perguntar.

— Querido, pare com isso! A melhor de maneira de mostrar a uma mulher que você a ama é dando orgasmos para ela. O resto é consequência. Você pode ser fofo, romântico, dedicado, mas, acima de tudo, bom de cama. Vai por mim, isso funciona!

Ao ver minha cara de desconfiado, afirma categoricamente:

— Estou falando por experiência própria! Nunca tive um desses! Sei

ACHERON - NACIONAIS

exatamente o que faltou em cada um, você pode ser o pacote completo.

— Lorna, há quanto tempo a Caitlin é apaixonada por mim?

Ela se cala e desvia seus olhos do meu rosto, passando a mão pelo porta-retratos em sua mesa, um em especial, em que estamos Caitlin e eu quando crianças.

— Por que você acha que ela está apaixonada por você?

— Eu não acho. Ela me disse, disse que sofreu a vida toda por mim, que sofreu o suficiente para tirar dela o que sentia.

Sua expressão surpresa e um pequeno sorriso me deixam confuso.

— Foi o que ela disse? Que não te ama mais? E isso incomoda você?

— Claro! Eu não consigo entender como alguém simplesmente deixa de amar outra pessoa, quero dizer, quem é que controla essas coisas? Ela parecia tão sentida e tão triste quando confessou o que sentia, e depois tão calma e segura quando disse que não sentia mais e que está bem com isso, mas se você ama alguém uma vez, não é possível que fique bem depois, sem amar ninguém, não é?

— Ah, querido, as coisas são mais complicadas do que isso. Nem sempre o amor é uma coisa boa, as pessoas podem sofrer muito por causa dele, ela sofreu.

— Eu gostaria de entender o que ela sentiu, entender o que a fez me esquecer. É que esse amor que ela sentiu por mim a vida toda tem que estar ali em algum lugar, não tem? E eu só preciso fazer com que ela deixe sair de novo.

— Você quer que ela volte a amá-lo para quê? Vocês já não são amiguinhos de foda?

— Não quero foder sua filha, Lorna, quero amá-la, de todas as maneiras possíveis. Vai muito além de tê-la em uma cama.

— Não acredito que esse dia finalmente chegou! Eu não acredito!

Ela vem até mim e me abraça apertado, parece prestes a chorar, mas
ACHERON - NACIONAIS

há um sorriso tão grande em seu rosto, que fico confuso.

— Você pode me falar mais sobre isso? Eu não quero ser invasivo com os sentimentos dela nem nada assim, eu só não quero perder a pessoa mais importante da minha vida porque ainda não sei lidar com este tipo de sentimento. Nem os da parte dela, nem os da minha. Juro que não vou magoar sua filha. Não propositalmente.

Ela nega com a cabeça, deixando-me desanimado, mas diz:

— Ela tinha um diário, um caderno que carregava para cima e para baixo, sei que cada página dele foi dedicada a você. É uma pena que eu não saiba que ele está guardado na terceira porta de seu guarda-roupa, debaixo de uma caixa de lembranças do colegial. E ainda bem que você não é o tipo de cara que leria o diário da melhor amiga, não é mesmo?

— Eu não! Jamais invadiria a privacidade dela desse jeito!

— Que bom! Não tenho culpa de nada.

Certifico-me de que a barra está limpa logo que chego em casa, faltam duas horas para que Caitlin saia do serviço, entro em seu quarto e localizo a terceira porta do guarda-roupa. Eu queria dizer que minha consciência pesa por um segundo ao menos, para que eu não faça isso, mas não acontece. Eu simplesmente preciso saber. O que ela sentia, pelo que passou, o que eu possa ter feito ou dito que a magoou ao ponto de ela preferir me esquecer do que me dizer o que sentia. Só preciso saber uma coisa, uma página, para ter uma ideia. Isso vai nos ajudar, é para um bem maior, tanto que a própria Lorna foi quem deu a dica deste diário que eu já nem me lembrava mais que andava grudado com ela.

Localizo o pequeno caderninho, e como me lembrava, não tem chave. Sento-me em sua cama, pois fica mais fácil escondê-lo caso ela apareça e abro em uma página qualquer.

dezembro/2012

ACHERON - NACIONAIS

Querida Caitlin

Você precisa ter outras prioridades na vida, que não incluam amar alguém. Principalmente, alguém que não quer ser amado desse jeito. Você pode sair, fazer novas amizades, comprar coisas legais, ou apenas ficar parada dentro de casa, ouvindo uma música boa, viajando em algum livro, você tem tantas opções para passar o seu tempo que lhe permitem ser essa menina estranha e tão quieta. Então, por favor, escolha uma dessas opções e não perca mais os dias da sua vida amando alguém que nunca vai olhar para você. Não deixe que futuramente, quando olhar sua juventude, tenha apenas essas lembranças dela, as do cara que você ama distribuindo sua atenção com todas as outras, menos com você. Não permita que suas futuras amizades a encontrem neste estado tão fechada em si mesma, porque perdeu o seu melhor amigo e não sabe mais ter esse tipo de relacionamento. Seja mais você, por você, e menos a Caitlin dele.

Não entendo o que essa confissão quis dizer. Passo mais algumas páginas e encontro outra parecida.

Fevereiro/2013

Querida Iludida

Até quando você vai se esconder nas sombras, sendo o braço direito, a irmã, a melhor amiga e nunca, em nenhum momento, o amor dele? Até quando vai calar seus sentimentos e carregar isso sozinha quando sabe onde encontrá-lo para dividir tudo isso? Ele vai entender, pode não sentir o mesmo, mas pelo menos irá poupá-la de ter que vê-lo com tantas outras, e quem sabe um dia, quando ele se cansar de tantas mulheres que nunca sentirão por ele metade do que você sente, ele se lembre dessa conversa e a procure com seu coração livre para dar a você? Prefira chorar por algo que não conquistou do que por algo que não teve por sequer tentar. Não seja essa menina de dúvidas, se perguntando o tempo todo onde isso vai dar, apenas vá até ele e descubra.

ACHERON - NACIONAIS

Eu me lembro dessa data. O dia dos namorados de dois mil e treze, ela me convidou para dar uma volta, passarmos um tempo juntos e eu aceitei. Mas, no último momento levei Shelby, a irmã universitária do Luke junto com a gente e passei a noite na boca dela. E ela ia se declarar.

Também entendo qual é a deste diário, ela escreveu para si mesma, as coisas que esperava ouvir de uma amiga, talvez. Conselhos para lidar com o que sentia por mim. Como seu melhor amigo, eu deveria ser aquele que diria essas coisas a ela. E como escolhido por seu amor, ela nunca deveria ter pensado em coisas assim.

Volto algumas páginas, e vejo pequenas passagens, como uma do dia da sua festa de quinze anos.

Caitlin, sua retardada!

De que adiantou o vestido, o clima, a música perfeita? A maquiagem mais adulta, o cabelo mais arrumado, e esse decote idiota? No final das contas, ele foi embora com uma mulher mais velha, com seu próprio carro, descolada e atrevida, o tipo de mulher que ele curte, o tipo de mulher que você nunca será. E todo o seu esforço, todo esse trabalho da sua mãe e avó, todo o empenho de cada convidado, tudo isso foi em vão, já que você vai acordar amanhã querendo esquecer o dia de hoje. Então deixe a dor passar e quando passar, lembre-se da dança.

Eu sempre vou ser o seu príncipe.

Eu disse isso a ela em sua festa. Enquanto dançávamos. Disse pouco antes de deixá-la para ir comer alguma garota qualquer em algum carro qualquer.

Caitlin, abandonada

Ele veio à cidade e não veio ver você, mas por favor, não chore mais. Você precisa entender que ele tinha pouco tempo, e era mais importante passá-lo dentro da vagina, do que dentro do coração de alguém. Talvez você esteja oferecendo a ele seu órgão errado.

Caitlin, ferida

Você não precisa entender por que alguém é incapaz de notar algo que é quase possível tocar. Não precisa entender porque os olhos dele nunca olham mais de uma vez na sua direção, nem porque ele te entende tão bem em tudo, menos quando fala do que sente. Não precisa se perguntar se ele sabe e finge que não, apenas para não perdê-la, já que não quer você de outra maneira. Não fique aí tentando encontrar um jeito de fazê-lo ver que você pode cuidar dele, que você vai parar sua vida para isso, e dedicá-la inteiramente a ele. Não pergunte.

Pergunte a si mesma porque você o ama. O verdadeiro motivo. Uma lista de prós e contras, analise-a e deixe de sentir algo que só está destruindo você.

PORQUE EU AMO O COLIN

1 – Ele é a pessoa mais forte que já conheci

2 – Ele é o garoto mais lindo que já vi

3 – Ele foi meu único herói

4 – Ele sempre cuida de mim

5 – Ele é engraçado e fofo

6 – Ele realmente se preocupa com as pessoas

7 – Ele tem grandes sonhos

8 – Ele nunca mente

9 – Seus olhos têm o tom azul da cor perfeita do céu

ACHERON - NACIONAIS

10 – Sempre que ele me toca, me olha, ou sorri para mim, tudo faz sentido.

POR QUE NÃO DEVO AMAR O COLIN

1 – Porque ele não me ama

Fecho o caderninho e o coloco de volta em seu esconderijo, saio de seu quarto e do apartamento. Ela tinha treze anos quando fez aquela lista, quinze naquela festa, dezesseis naquele dia dos namorados, e sabe-se lá quantas outras datas e coisas como essas eu a fiz passar. Quantas noites ela perdeu escrevendo para si mesma em um caderno, tentando entender o que sentia, tentando lidar com a dor que isso causava. E em nenhum momento, de cada anotação que li nesse caderninho, ela me odiou. Em nenhum momento ela desistiu. Entre esperar que eu a amasse um dia, ou que pelo menos não a fizesse sofrer tanto, ela sempre, sempre me amou. E alguém que ama tanto, não deveria ter de pagar pelo que sente. Alguém que ama com tal verdade, não deveria ter que desistir deste sentimento para ter paz.

Quantas garotas como ela eu magoei? Quantos *eu te amo* já ouvi? E fingi gostar para estar com alguém por uma noite, e na manhã seguinte, inventar uma namorada, um acidente, um compromisso, qualquer desculpa para não ver mais essa pessoa. Quantas Caitlins já tive na minha vida e nunca soube?

Chego ao clube antes da primeira luta da noite, o movimento ainda é pouco, mas de cara avisto Brianna, ela realmente foi apaixonada por mim, e eu usei isso para levá-la para a cama, já que ela era difícil, depois, troquei meu número de telefone e comecei a sair com a Rachel. Ela é a primeira com quem vou falar esta noite. A chamo em um canto, e seu olhar ferido e desconfiado, faz um nó surgir em minha garganta.

— Eu sinto muito. Nunca tive a intenção de ferir você. Eu não acreditava realmente nessa coisa de sentimentos, não entendia. Se eu

fizesse a menor ideia do que amar significa de verdade, nunca teria usado isso para ir para a cama com você. Então eu quero te pedir desculpas por ter sido um babaca desalmado e por cada vez que você chorou por mim. Espero que encontre alguém melhor do que eu para dar o seu amor.

Espero por seus insultos e coisas assim, mas ela está confusa e calma.

— Por que isso agora? Acha que vai morrer na final do campeonato?

— Não! Não mesmo, eu vou vencer essa coisa! Porque agora amo alguém, enlouquecidamente, e acho que eu morreria se tivesse de vê-la com outro.

Ela me abraça e diz que me perdoa. E vejo que isso vai ser mais fácil do que imaginava, pelo menos com elas. Já com a Caitlin, bem, preciso ser mais criativo do que isso. Avisto Norah, vestindo sua roupa de ring girl e aproximo-me dela.

— Norah, eu, eu sinto muito...

CAPÍTULO NOVE

— Caitlin por que você está aqui de novo com aquele deus grego em casa? — reclama Joy assim que entro em seu apartamento.

Jogo-me desanimada ao seu lado no sofá e espero todos os olhares estarem sobre mim para fazer meu relato choroso:

— Não consigo seduzir o Colin.

— Conte uma novidade — brinca Mackie.

— Estou falando sério. Estamos dormindo juntos há dois dias e nada. Ele diz que só quer dormir comigo. Não me toca mais. Ontem eu até tentei seduzir ele, como ele fez comigo, mas aí tudo desandou e acabou com o Luke me pegando nua no banho e o Colin chegando em seguida.

Joy e Mackie riem enquanto Lyla me avalia.

— Ele está com outra mulher?

— Não que eu saiba.

— Bem, se ele não está saindo com mais ninguém e quer passar tempo com você sem que vocês transem, me parece que está tentando te provar algo.

— O quê? Que eu não sou sexy o suficiente para ele manter o desejo por mim?

— Ou que quer com você mais do que apenas sexo, mas se tratando do Colin é difícil que seja isso. Tem certeza que ele não está com mais ninguém, certo?

— Tenho!

Claro que não tenho! Com o Colin não dá para ter certeza de nada! E se ele tiver voltado a ser o Colin de antes, e tiver se empolgado com

alguma outra *ring girl* daquele clube, então está passando tempo comigo para quê? Não, ele ficou bem sentido por eu não amá-lo mais, não faria algo assim.

— Cait, sei de uma coisa que pode te animar. Para te ajudar a seduzi-lo, vem comigo! — Joy me arrasta até seu quarto e me estende um microvestido vermelho. — Minha arma secreta. Use isso e não dou dois minutos para ele estar tirando-o de você, só não o deixe estragar meu precioso no caminho.

Avalio o pedaço de pano com uma careta.

— Claro que ele tira isso em dois minutos, quase não há roupa para ser despida. Eu jamais usaria algo assim.

— Isso é sexy! — ela defende.

— É indecente!

— Está dizendo que sou indecente?

— Você sabe que é. Eu não vou usar isso aqui não!

— Tudo bem, deixe que outra use e chame a atenção dele — ela diz como quem não quer nada guardando-o de volta em câmera lenta em seu closet.

Sei que isso é uma artimanha para eu querer colocar o vestido, já que agora estou imaginando uma outra mulher sem noção e desavergonhada com ele, e claro que o Colin olharia, todo mundo olharia. Mas isso não vai fazer com que eu queira experimentá-lo uma vez que nunca vou usá-lo, não é?

Arranco o vestido de sua mão e vou até o banheiro seguida por sua gritaria comemorativa. Mas, quando me olho no espelho com ele, não tenho reação. Ao contrário de Joy, que começa a rir.

— Você não tem seios para usar algo assim.

— Meus seios cabem perfeitamente na boca... — calo-me antes que diga besteira e Joy está de olhos e boca abertos.

— Uau! Minha garotinha cresceu! Para sua sorte, eu também não tenho seios para encher esse decote, mas os meus são maiores que os seus, você já pensou em colocar silicone? Ia tirar um pouco dessa sua imagem de menininha.

— Eu não vou colocar silicone, qual sua segunda opção?

Ela aparece no banheiro com duas pequenas almofadas.

— Enchimento de sutiã.

— Isso é uma enganação. O que acontece após os dois minutos que o cara leva para tirar este vestido? Os seios simplesmente caem?

— Claro que não! Você os fixa ao sutiã! Mesmo porque na hora do fogo eles nem reparam nisso, vai por mim, vai dar certo.

Não tenho certeza sobre isso, aliás, acho que é mais fácil que eu não o use do que que eu o use de fato, mas, por via das dúvidas, para o caso de as coisas chegarem à crítica extrema, levo o vestido para casa. Vou ficar com ele até conseguir fazer amor com o Colin de novo, então o devolvo a Joy. Provavelmente, sem tê-lo usado.

Encontro Rachel sentada em frente a nossa porta quando chego, ela sorri sem graça quando me vê e se levanta. Pelo menos alguém não sabe sobre a chave debaixo do vaso de planta.

— Ei, o Colin pediu para você esperá-lo aqui? — pergunto temendo que Lyla esteja certa e ele esteja voltando a ser ele.

— Não, ele está no clube, eu o vi a pouco lá. Eu vim mesmo falar com você. Eu sei que não somos amigas, nem nada parecido, mas eu realmente gostei muito de você naquela noite da bebedeira, dança na mesa, e *ei, sou virgem!*

— Eu me lembro — corto. — Desnecessário me constranger assim.

— Desculpe — pede incerta.

— Eu não quis dizer isso em voz alta. Se não está esperando o Colin,
ACHERON - NACIONAIS

o que quer aqui? Não reclamando por você ter vindo, eu só não faço ideia de porque você veio e estou começando a ficar assustada.

Pare de falar, Caitlin!

Ela me olha como se eu fosse uma pessoa estranha, o que tenho certeza que sou mesmo, ainda mais quando fico nervosa e começo a falar tudo que me vem à mente sem pensar antes.

— As coisas estão diferentes com ele. Ele mudou. De algum jeito, seu lance de virgindade o afetou e eu imagino que você seja o motivo de ele estar dispensando todas as outras meninas no clube.

Tento segurar o sorriso, mas sei que estou falhando porque sinto meus dentes à mostra.

— E você veio até aqui me dar os parabéns?

— Vim até aqui alertar você. Como sua amiga.

Meu sorriso some e tento me preparar para o que quer que ela queira me contar.

— Como minha amiga? Que você acabou de dizer que não é. Desculpe, não quero ser grossa, estou confusa.

— Se você fosse mais... — busca uma palavra, mas parece desistir — jovem, e frequentasse o clube e as baladas como uma jovem comum, provavelmente seríamos grandes amigas, Caitlin. Por isso acho que deve ver o que presenciei hoje.

— Não quero! — digo de repente. — Obrigada por ter vindo até aqui, mas seja o que for, o que os olhos não veem...

Mas ela nem me dá tempo de terminar a frase, vira a tela de seu celular para mim e nela há uma imagem do clube, algumas pessoas conversando em um ponto e num cantinho afastado está o Colin, conversando intimamente com uma mulher. Ela passa o dedo pela tela e a imagem muda, na seguinte, ele está em outro canto, abraçado com outra mulher. Mais uma imagem, ele segura a mão de outra.

Ela faz o movimento de arrastar a tela e viro-me de costas. Não preciso mais ver essas coisas.

— Não quero atrapalhar o lance de vocês, nem nada assim. Mesmo porque eu fui a responsável por ele finalmente notá-la, não é mesmo? — *Jura? Achei que fosse esse meu lance de virgindade.* — Mas você precisa parar de se iludir e se vai entrar nessa com ele, fazer isso sabendo como ele realmente é. Devia parar e analisar se está disposta a suportar isso, porque ninguém muda da noite para o dia, Caitlin. E por mais que ele queira mudar, o passado dele vai continuar aqui, pertinho dele, ainda mais quando ele não está tentando evitá-lo.

Olho em seus olhos maquiados e o que vejo ali é algo parecido com o que já passei tantas vezes. Exceto que eu jamais tentaria afastá-lo de quem quer que fosse sua escolhida, só porque esta não fui eu.

— Agradeço sua boa vontade, mas vamos ser sinceras aqui? Você foi legal comigo aquela noite, mas o fez para pegar no meu pé, não para me ajudar. Está aqui me mostrando essas coisas para que eu desista dele, porque não é fácil para você vê-lo mudar por alguém que não é você. Então se vai começar a agir como minha amiga, comece sendo sincera. Você veio aqui justamente para atrapalhar nosso lance.

— As imagens falam por si só — responde tentando mostrar uma segurança que não está refletida em seus olhos.

— Bem, ele não está nu com ninguém aí. Acho que o fato de estarmos juntos não o proíbe de conversar com outras mulheres.

— Poxa, que segura você é! Eu não gostaria de ver o meu namorado em cantos escuros de um clube de luta com as mulheres mais lindas daquele lugar. E menos ainda que a amizade dele com elas fosse desse jeito, de abraçar, pegar na mão, falar ao pé do ouvido... você tem que ser muito segura, ou muito burra para achar isso normal! Eu jamais correria esse risco.

— E é por isso que ele está tentando mudar por mim, e não por você.

Ela se cala e reage como se eu a tivesse ferido. Guarda o celular na

bolsa e se afasta, olhando-me dos pés à cabeça com desdém.

— Ele vai se cansar de você e você sabe bem disso. Aproveite enquanto pode.

Tento não pensar nas palavras dela, e apagar as imagens da minha cabeça. Porque de fato, ele não estava fazendo nada demais nelas, mas não consigo não me perguntar por que ele estava em momentos tão íntimos com mulheres diferentes esta noite? Me jogo desanimada em uma poltrona, tentando pôr os pensamentos em ordem, tentando lembrar a mim mesma que não posso passar por isso de novo. Não posso arriscar ser mais um desejo na lista dele e perder tudo o que tenho vivido depois. Desde o instante em que acordei em sua cama, alertei a mim mesma para ir devagar, não criar expectativas e não depositar de novo todo meu amor e ilusões nele, eu sei que ele é imprevisível. E aqui estou eu, com medo de como ele vai chegar em casa esta noite. Com medo que seja com alguém, ou que seja de novo o melhor amigo que finge não notar o que eu sinto e vive quebrando regras.

— Pare com isso, Caitlin! Pare com isso.

Não quero sentir de novo a dor de vê-lo com alguém e me importar daquele jeito que me importava antes. Meu Deus, eu custei tanto a conseguir conviver com ele sem ficar imaginando-o comigo o tempo todo, levei anos praticando vê-lo com outras sem deixar que isso me matasse e agora parece que foi tudo por água abaixo. Eu preciso ser mais forte do que isso.

Não sei quanto tempo fico ali, sentada na poltrona tentando me convencer a não amá-lo, mas ele finalmente chega, um sorriso enorme quando me vê, deposita algumas sacolas na bancada e tudo o que sinto quando olho seus grandes olhos azuis é medo.

— Está tudo bem? — pergunta preocupado.

— Sim e não.

Ele dá um passo em minha direção, mas o adianto, levanto-me e me

ACHERON - NACIONAIS

jogo em seus braços, que me aperta forte. Eu simplesmente não posso. Não posso parar isso agora, não posso tirá-lo de mim, superá-lo, esquecê-lo, nada disso. Não posso fingir que não o amo, e é tarde demais para me resguardar. Se isso tiver que dar errado, estou ferrada, mas não há nada que eu possa fazer. Porque agora mais do que nunca quando o olho, eu só quero estar com ele, em contato com ele, seja como for. É tarde demais para mim. Só me resta torcer que desta vez eu seja suficiente para ele.

— Ei, amor, o que foi? O que eu posso fazer por você? — pergunta preocupado afastando-me um pouco para olhar em meus olhos.

Seguro seu rosto enorme em minhas mãos pequenas e olho de volta em seus olhos antes de pedir:

— Por favor, Colin, por favor... — Pressiono com toda força que tenho minhas mãos em seu rosto. — Não me machuque.

Ele segura meu rosto pequeno em suas mãos grandes, pressionando levemente, consolando, seus olhos ainda fixos nos meus.

— Eu nunca irei machucá-la. Eu te prometo.

Então beija minha boca do jeito mais doce e intenso que poderia ter feito, e isso me traz calma imediata.

Então é isso! Vamos amar um devasso e torcer que dê tudo certo.

Mesmo com meu estado emocional abalado, opto por não bancar a ciumenta e não pergunto nada a ele sobre seus encontros nos cantos com as *ring girls*, ele também não diz nada, então julgo que não foi importante. Assistimos um filme de luta sangrento na tv a cabo, e vejo-o tão relaxado, seu corpo gigante colado ao meu no pequeno sofá, sua respiração é tão leve, que adormece no meio do filme e eu nem me lembro quando foi a última vez que o vi assim, tão calmo. Sorrio como a boba apaixonada que sou, acariciando de leve seu rosto másculo, feliz como nunca estive por poder estar assim com ele, colados no sofá, e afundo de vez esse assunto das fotos. Jogo um cobertor sobre a gente e

me aconchego nele.

— Dor nas costas, aí vamos nós! — Deito-me em seu peito e logo durmo também.

Acordo com o sol na minha cara e estamos na cama dele. Em algum momento ele acordou e nos trouxe para cá, e eu estava tão apagada, que nem vi. Consigo me livrar de sua perna sobre a minha, sofro um pouco para me livrar da cabeça no meu pescoço, mas consigo cair no chão com dignidade. Nada de bunda aberta esta manhã! Vou na ponta dos pés me ajeitar para estar linda ao lado dele quando acordar, e o som alto demais da campainha me faz dar um pulo e tropeçar nos meus próprios pés. Abro a porta irritada e encontro um lindo buquê de flores. Assino a entrega, acho que minha cara de manhã pós susto é tão assustadora, que o entregador nem me pede gorjeta, se manda logo de perto de mim. Logo agora que minha expressão muda totalmente ao ver o lindo e diferente buquê!

Geralmente quando um homem manda flores para uma mulher, é comum que mande rosas vermelhas, são lindas e em arranjos ficam mesmo perfeitas. Mas Colin, sendo o Colin, me mandou um buquê um tanto diferente, ele é composto por girassóis, orquídeas e lavandas. Presos por uma fita de cetim azul escura. Não é delicado demais, nem feminino demais. Amei!

Mais disposta e feliz, coloco as flores na água e vou tomar um banho rápido para o que tenho em mente. Ouço a porta de seu quarto abrir e desligo depressa o chuveiro. Bolo em um segundo um plano de sedução: ele vai me encontrar na cozinha, passando o café, enrolada apenas na toalha. Bem, sempre que o vejo só com aquela toalha minúscula em volta da cintura tenho um milhão de pensamentos impróprios, talvez isso funcione com ele também.

Concentro-me em pegar a toalha e abrir a porta do box ao mesmo tempo, e me esqueço totalmente do maldito degrau do box. Tropeço nele e caio com tudo no chão, gritando desafinada pelo susto.

Num segundo a porta se abre e Colin me levanta do chão, joga a toalha sobre meu corpo enquanto ele me tira do banheiro. Deposita-me sobre a bancada e avalia meu corpo em busca de algum machucado. Quando não encontra nada, acaricia meu rosto com um sorriso.

— Mais uma manhã normal na casa dos Hanson.

— Que bom que estou te divertindo — rebato.

— Baby, você sabe como acordar um homem. No susto, mas sabe — brinca antes de me descer da bancada e me cobrir com a toalha. Então deposita um beijo na minha testa e vai fazer o café.

Tiro a toalha, me seco vagarosamente, finjo não olhar, mas pelo canto do olho, vejo-o fixar os olhos em mim, parando o movimento de colocar a água na cafeteira no ar. Então prolongo o máximo que consigo antes de começar a congelar, e enrolo de novo a toalha por meu corpo. O encaro com um sorriso e ele olha para a frente de uma vez, concentrado no café.

— Colin — chamo. — Você acabou de me ver nua aqui na sua cozinha agora?

— Sim, e antes de disso, a vi nua e estatelada no chão do banheiro, e poderia ter se machucado. Quer que mande tirar aquele degrau?

Quer que eu comece a chorar? Que implore? O que eu tenho que fazer?

— Não precisa! Eu só tropecei porque estava com pressa demais para te receber de toalha na cozinha.

Ele se vira para mim curioso, um sorriso de lado em seu rosto, avaliando-me.

— O que você pretendia, me recebendo logo cedo de toalha, senhorita Ross?

— Ser o seu café da manhã — falo sem pensar e me arrependo em seguida. — Não foi o que eu quis dizer, queria que você visse como eu acordo disposta a... também não era isso!

Ele começa a rir, ao invés daquele olhar de predador que me faz ficar

bamba, seu olhar pequeno é risonho.

— Era só para agradecer pelas flores, ok? Não que eu esteja com saudade de ser sua, nem nada assim — explico por fim.

— Que flores?

Ótimo! Agora vai começar a caçoar de mim. Pego o buquê envergonhada e o estendo a ele, que com uma careta, chega em tempo recorde perto de mim, tirando-o da minha mão.

— Eu não te mandei flores.

— Então quem mandou? — pergunto debochada até ver sua expressão assassina e me dar conta de que ele realmente não me mandou flores.

— Você sabe, flores não são nada demais, não quer dizer realmente nada, não sabe? — tento acalmá-lo temendo que sejam do Stephen e que ele tenha voltado atrás com sua palavra.

Colin localiza o cartão e sua expressão assassina passa para surpresa, seguida de divertida.

— Ainda bem amor, que você sabe que flores não são nada demais — diz colocando as flores de volta no vaso.

Puxo o cartão de sua mão e quase caio para trás ao lê-lo. Em uma letra redondinha muito caprichada, há uma mensagem para ele, não para mim.

Colin, obrigada por sua sinceridade e delicadeza. O amor verdadeiro nunca morre, o meu não morreu. Me liga!

Brianna

— Sinceridade e delicadeza? E ela te mandou flores? Ok, estou boiando aqui, o que está havendo com o mundo? — pergunto confusa.

— Ela só está agradecendo por uma conversa que tivemos ontem, não entendi o porquê das flores — explica. — Mas, por falar em mundo confuso, acho que você estava tentando me seduzir, mas sendo você, tropeçou no degrau do box e está aí fingindo que não está sentindo dor, nem frio. Quem diria que você iria tentar me levar para a cama, Caitlin Ross?

Ele vem em minha direção, mas o impeço, com um gesto exagerado de mãos.

— Espera! Volta lá no banheiro e pegue a minha dignidade que eu deixei lá no chão, por favor.

Assim, vou vestir a roupa, já que estou com o traseiro congelando apenas para ver o maior devasso da história rindo da minha cara. Ligo para minha mãe no modo chorona dramática e vou logo falando:

— Preciso aprender a seduzir um homem! Mãe! Não está funcionando!

— Bom dia, querida. Olha, mas que engraçada é essa vida, uns dias atrás você estava deixando-o doido, negando a perseguida. Agora, está aí quase implorando que ele a persiga.

— Não tem graça. Seja minha mãe agora e não a amiga comediante. Como eu faço para seduzi-lo?

— Como sua mãe, você espera que eu a ensine a fazer um homem querer transar com você? Caitlin! Você precisa de uma psicóloga. Tudo bem, você tem lingerie novas?

Uma psicóloga! Como não pensei nisso antes? Quem melhor do que Katherine Mansfield para me dar uma luz quando o assunto é o Colin?

A recepcionista me olha curiosa e tento não me sentir maluca enquanto espero o meu horário com a doutora Mansfield. E meu sentimento de estar enlouquecendo não vem do fato de eu estar aqui para me consultar com uma psicóloga, e sim do fato de que vou perguntar

a ela como faço para levar meu melhor amigo devasso para a cama de novo. O quão desesperado isso soa? Meu Deus! Não posso fazer isso!

Levanto-me como quem não quer nada para sair de fininho dali, mas a porta de seu consultório abre e sou pega no pulo pela doutora.

— Caitlin, você pode entrar, querida.

Dividida entre envergonhada e desesperada, sigo a doutra, buscando uma melhor maneira de começar a conversa. Sento-me diante dela, que me observa com um sorriso preocupado.

— O que o Colin fez? Ou ele não é o motivo da sua consulta?

— Sim, mas ele não fez nada. Na verdade, ele não fez absolutamente nada, este é o motivo da minha consulta.

— Desculpe, querida. Não entendi — diz, olhando-me confusa, e antes que me arrependa, fecho os olhos e solto:

— Ele parecia tão empolgado em fazer amor comigo e de repente ele é fofo, brincalhão e não quer mais sexo. Ele nem me olha mais com aquele desejo que eu quase podia pegar e que me fez fugir às pressas dele poucos dias atrás, agora é como se quisesse estar comigo, mas sem estar comigo. E eu sei que se tratando dele eu deveria estar feliz por ele querer estar comigo fora da cama, mas a gente sempre fez isso, éramos amigos antes de tudo e passávamos um bom tempo juntos que não incluía nada de sexo. E agora, voltar a passar tempo juntos sem sexo parece com a nossa amizade de antes, já que ele não diz como se sente além de que acha que sou propriedade dele, mas ele já era um amigo ciumento desde sempre e se a gente estivesse se entendendo na cama, então eu teria um pouco mais de certeza de que algo está mudando nele, mas esse Colin anti-sexo que ele se tornou me deixa ainda mais confusa do que aquele que só queria transar...

— Caitlin! Caitlin! — ela grita fazendo-me calar a boca. — Querida, você precisa respirar, seu rosto está vermelho e tenho certeza de que é culpa da sua fala desenfreada.

— Desculpa. Eu falo muito quando fico nervosa.

Ela me serve um copo de água e leva as mãos à testa preocupada.

— Caitlin, eu sinto muito. A culpa disso é minha. Eu disse a ele que deveria fazer coisas com você que não envolvessem sexo, para provar a você que ele a quer além disso.

— Mas você disse a ele para não fazer sexo comigo de maneira nenhuma? Por que você fez isso? Não criticando seus métodos de conhecer a mente dele, mas, sim, na verdade criticando seus métodos. Por que você fez isso?

— Sinto muito, querida. Eu acabei me empolgando demais com os sentimentos dele por você, e me meti onde não devia. A verdade é que o Colin é mais do que um paciente para mim, ele é como um filho. Veio me pedir conselhos de como provar a você que realmente quer algo sério e eu dei essa ideia que achei que seria boa. Mas pelo visto, eu me enganei.

— Ele veio pedir conselhos à senhora? Sobre mim?

— Como um menino prestes a ficar sem lar. Disse que você não o queria mais. Chega a ser curioso você entrar no meu consultório poucos dias depois queixando-se que ele não a quer mais. Acho que como amigos, vocês têm uma grande falha na comunicação, nunca dizem ao outro como realmente se sentem.

— Conversar com o Colin não é a coisa mais fácil do mundo. Na verdade, é quase impossível. Ele é intenso demais, é como um furacão. Eu preciso medir cada palavra para não entregar demais e ficar totalmente nas mãos dele.

Ela segura minha mão por cima da mesa e há tanta calma em seus olhos, que sinto-me acalmar aos poucos.

— Você não acha que tem tomado cuidado com o que diz a ele há tempo demais? Será que não é hora de tirar de dentro de você tudo isso que tem guardado e deixar que ele lide com isso?

— E se eu o assustar e ele sair correndo? Acredite, doutora, eu já disse a ele de mil maneiras diferentes que eu o amo, mas ele nunca entende. Cheguei à conclusão que ele nunca quis entender. Então tomo

cuidado para não falar mais.

— E isso ajuda? Você se sente melhor guardando para si o que realmente sente por ele?

— Até poucas semanas eu me sentiria mal de qualquer jeito, falando ou não o que sentia eu jamais o teria. Mas agora, é como se os olhos dele estivessem abertos. Eu não sei por quanto tempo ele vai ficar acordado em relação a mim, mas sei que se ele dormir de novo, eu não vou, estou sempre acordada quando se trata dele. Vai que esse sonho se torna um pesadelo? Com a sorte que tenho...

— Caitlin, tudo o que a gente faz na vida há o risco de dar certo ou não. Absolutamente tudo. Se você for temer cada resultado, não fará nada. Se não se sente segura para dizer a ele o que sente, deveria perguntar a ele como ele se sente sobre você. Sem joguinhos. Apenas chame-o e diga que vai acreditar no que ele lhe disser, talvez se surpreenda com o resultado.

— Eu queria que a gente pudesse dizer o que sente sempre, sem medo do que vai acontecer. É uma pena que não sejamos tão corajosos — confesso porque sinto que há algo que o impede também. Seja o que for que ele sente, há sempre aquela sombra em seus olhos quando está se mostrando para mim, uma coisa pequena que o faz parar quando acho que vai se entregar.

— As pessoas têm medo, Caitlin, todo mundo tem. O Colin é uma das pessoas com mais medo dentro de si que conheço. Ele enxerga tudo em sua vida como algo que irá feri-lo, porque esta foi a vida dele até agora. Tudo o que fez ou sentiu, todo mundo que ele conheceu, até o que ele ama fazer, tudo se resume à dor. Quando ele se deu conta do que sentia por você, chamava isso de dor. Ele acha que você irá feri-lo. E ele tem medo do que pode sentir caso perca você por fazer algo errado, então ele pensa demais, sente demais e não sabe como agir.

— Eu não me importo em ajudá-lo. Eu não ligo que ele seja assim, como um tornado, que ache que pode me manter presa em uma caixa sob suas asas e ninguém mais pode olhar ou falar comigo. Não ligo que

ele sinta que eu preciso ser dele e precisar só dele e viver por ele. Eu sei que ele pode aprender. Eu posso mostrar a ele que o amo acima de qualquer coisa. Mas eu preciso saber que é isso o que ele quer. Porque não vou oferecer toda minha devoção e amor a alguém que vai jogar isso fora. Não de novo.

— Não é para mim que você tem que dizer isso, Caitlin. Pergunte a ele. Pergunte como ele se sente.

Bem, acho que preciso de coragem, álcool e muita coragem para fazer isso. Porque tenho mesmo medo da resposta. Eu já disse que preciso de coragem? Pois é. Não vai ser fácil. As pessoas inventam tantas coisas, coisas absurdas e que facilitam tudo o que a gente faz no dia a dia. Por que não inventam uma armadura para o coração? Um soro, que fecha uma barreira em volta dele e um antídoto, que a abre quando você tem absoluta certeza que ele não irá se ferir no processo.

— Eu posso voltar na semana que vem? — pergunto despedindo-me dela.

— Deve voltar. Vou adorar tê-la aqui. Ah, e Caitlin — chama quando dou um passo para fora de seu consultório. — A sua ideia de fingir que não esperava nada mais dele foi brilhante. Você o fez buscar as respostas em si mesmo, e ele se conheceu mais por isso. Eu quero ser madrinha quando essa coisa chegar ao seu destino.

Abro um enorme sorriso em resposta.

— Doutora casamenteira. Entendi.

Saio dali diferente de quando entrei. Ainda em dúvidas, agora em cólicas de medo de atender o que a doutora pediu e ainda em direção ao tribunal para falar com minha mãe, afinal de contas, ainda preciso seduzir meu devasso.

CAPÍTULO DEZ

COLIN

— Eu quero ser pai — Dustin confessa esperando minha reação.

— Para que você quer dar continuidade a essa cara feia que você tem? Se bem que sempre pode puxar a mãe, neste caso, espero que não tenha uma filha, vai te dar muita dor de cabeça — brinco.

— A Carol acha que não está pronta para isso. Ela acabou de se formar, quer conseguir um bom emprego primeiro, fazer sua carreira. Eu sei que ela provavelmente está certa e tem esse direito, mas eu quero ser pai. Como faço para convencê-la?

— Você está me pedindo conselhos de como resolver um problema de casal? Cara, eu não consigo nem mesmo dizer a mulher que amo, que eu a amo. Você devia procurar minha psicóloga, aquela ali se acha a especialista em casamentos. O engraçado, é que ela não é casada.

Quase atinjo Luke, que aparece do nada, com o golpe seguinte.

— Cara, para que isso? Eu não queria ver a Caitlin nua, não precisa apelar — brinca, mas não acho graça.

Ele ainda não me disse porque estava na minha casa, o que ele queria falar com a Caitlin. Na última vez em que tentou bancar o amiguinho dela, quase fodeu com a minha vida.

— Você a viu nua? Colin, não sabia que estava dividindo sua garota — zomba Dustin, mas percebe que estou sério e se afasta, dizendo ir a algum lugar, pegar alguma coisa.

— O que você queria com ela? — pergunto tão logo Dustin se afasta.

— Falar sobre você. E sobre essa merda toda. Eu fui idiota, você foi idiota. No final das contas você ficou com a garota e eu perdi os dois.

Você acha isso justo?

— Você quer mesmo falar de justiça comigo?

Continuo meu treinamento e ele segura o saco de pancada, me orientando nos golpes.

— Estou de boa com você, cara. Só queria que soubesse disso — é sua forma de me pedir desculpas, então faço o mesmo da minha forma.

— Está de boa? Acho mais que está morrendo de saudade de ter alguém para aguentar seu papo chato e sua cara de prego. Você precisa tomar conta dela na final. Não quero o imbecil Ryan perto dela.

— Prometo que não vou imaginá-la nua.

Quase o acerto de novo e dessa vez, por querer, e ele levanta as mãos em rendição:

— Ok, distância segura dela, eu entendi. Vou arrumar minha própria namorada e ficar olhando para ela sem roupa até esquecer a Caitlin, tudo bem assim?

— Fale dela sem roupa de novo e não errarei o próximo golpe.

Após horas de treino, estou pronto para ir embora e ver minha menina. Não transar com ela tem sido uma merda de teste, e quase sempre eu falho, mas ela está tão mais calma, que acho que a doutora casamenteira tinha razão, e provar a ela que o que sinto vai além de desejo tem dado resultados. Meu pau não concorda em nada com essa nova filosofia de relacionamento, mas parece que não dá para agradar todos os órgãos quando se está tentando conquistar alguém.

Abro meu armário em busca da minha toalha e algo inesperado acontece. Um ursinho de pelúcia feminino cai dele.

— Mas que porra é essa?

Pego a coisa pequena do chão e há um cartão pendurado nele.

Para meu doce Colin.

Com amor, Spencer.

— Que merda!

Pego a coisa pequena e a jogo na mochila. Já tenho um presentinho para dar a minha garota após o jantar romântico a que irei levá-la esta noite. Passo pelas *ring girls* na saída e as cumprimento, e acho estranho, mas elas suspiram por mim e me olham de um jeito, como se estivessem esperando que eu fosse até lá passar a mão na barriguinha delas.

Acho que estou ficando louco.

Mando uma mensagem para Caitlin quando não a encontro em casa.

Onde vc está, baby? Venha para a casa. Tenho algo especial para vc esta noite. Por favor, não demore.

Meia hora depois, ela entra pela porta, seus olhos de gata avaliando-me desconfiada. Em suas mãos, um buquê de rosas brancas.

— Você me trouxe flores? — brinco.

— Na verdade, uma tal de Camrym. Colin, você está trabalhando em uma floricultura ou algo assim? Por que está recebendo flores? Nem eu recebo flores, e olha que sou fofa com as pessoas na maior parte do tempo. Pelo menos eu acho.

Amasso o cartão sem lê-lo e estendo as flores para ela.

— Flores para uma flor.

— Querido, um buquê reciclado de uma mulher qualquer! Que romântico! — Pega as flores e as joga sobre a mesa. — O que você está aprontando?

— Você está me perguntando isso como minha namorada, não é? Assim sendo, te devo satisfações de porquê estou recebendo flores de outras mulheres — provoco colocando as novas flores junto com as velhas na água.

Sua expressão é tão engraçada, que a puxo para meus braços, mas ela se afasta, dando de ombros.

— Não. Somos apenas amigos coloridos.

— Que pena! Neste caso, não lhe devo satisfações. Mas vou te dar uma desculpa, as mulheres acham que sou fofo. Alguém notou, querida, o quanto sou carinhoso.

Ela abre um enorme sorriso.

— Ou você está dando drogas para elas, ou contou a elas a mentira do século. Enfim, aonde vamos hoje? O que tenho que vestir?

— A um lugar especial e secreto e vista-se com sua melhor roupa, baby. Coloque a melhor lingerie e o melhor sapato. Hoje você vai se surpreender.

Pode ser impressão minha, mas acho que ela ficou animada demais de repente. E esta noite não se trata de sexo, não tocarei nela até a final do campeonato, quando já tenho tudo planejado para dizer a ela o quanto eu a amo.

Estou esperando por ela no carro do Dustin, quando finalmente ela aparece e sequer sou capaz de abrir a porta para que entre, porque caralho! Penso rapidamente em uma maneira de mudar meus planos e levá-la para um lugar reservado, deserto de preferência e tirar esse maldito vestido dela, mas é tarde demais. Ela se senta ao meu lado no carro e cruza as pernas, e meu pau se levanta para dar boa noite.

— Você está querendo acabar comigo? — reclamo.

A merda do vestido é vermelho sangue, curto demais, decotado demais, colado ao seu corpo, como uma luva de seda embrulhando um presente e só consigo olhar o volume de seus seios nesse decote, e pensar no quanto os homens do maldito restaurante vão fantasiar com a minha garota esta noite.

— Você assaltou um sex shop? — insisto. — Caitlin que roupa é essa?

— Está tão ruim assim?

— Você está brincando com fogo, senhorita Ross. Você não poderia estar mais deliciosa, tentadora e linda. Tem certeza que pode lidar com os olhares obscenos que vai receber por estar indo onde vamos vestida assim?

O sorriso presunçoso some de seu rosto e ela parece confusa, em seguida, seu rosto atinge aquela tonalidade vermelha que amo e arranco com o carro antes que ela queira trocar de roupa.

— Nós vamos a um lugar onde terá mais pessoas?

— Bem, ainda não tenho o suficiente para fechar um restaurante para você, querida, mas um dia quem sabe...

— Vamos a um restaurante? — grita. — Você disse que era um lugar secreto! Me mandou colocar a melhor lingerie!

Rio alto, essa safadinha está mesmo querendo sexo.

— Amor, também disse que era um lugar especial e para colocar a melhor roupa e sapatos. Você que só guardou do que eu disse o que poderia ter algum teor sexual. Esse vestido é mais uma tentativa sua de me seduzir?

— Colin, dê a volta. Preciso trocar de roupa.

— Adoraria, mas não vai dar tempo. Temos reserva e estamos atrasados.

— Eu me troco em dois minutos. Colin pense bem, conhecendo você

ACHERON - NACIONAIS

como conhecemos, vai querer bater em cada olho que pousar em mim. É melhor a gente voltar...

— Que isso, pequena. Você tem o direito de sair seminua para um restaurante caro e eu não vou bater em quem olhar você. Só vou bater em quem olhar muito para você. Mas tudo bem, estou estressado e precisando dar uns socos. Vai ser uma noite divertida.

Ela resmunga seu palavrão preferido e me pergunto se não deveria ter voltado em casa e deixado que trocasse de roupa, afinal de contas, sou eu que vou ficar a noite toda perto dela vestida assim, imaginando-a sem roupa e ciente de que não poderei tocá-la depois. Essa coisa de amor deveria ser mais prazerosa e menos trabalhosa, isso sim.

Ela encara boquiaberta o restaurante à nossa frente e trava.

— Você está brincando! Como conseguiu uma reserva aqui? A fila deste lugar dura meses! Como vamos pagar por isso?

— Você está acabando com todo o romance da noite. Apenas fique feliz e entre ali que estamos atrasados para nossa reserva.

Ela olha embasbacada o *Eleven Madison Park*, um dos restaurantes mais caros da cidade, e um dos melhores. Como eu imaginei, todos os olhares caem sobre ela logo que entramos. Uma hostess nos atende e nos guia até nossa mesa, num canto reservado. Caitlin chama bastante atenção enquanto passamos pelos outros clientes, e aperta minha mão com um sorriso envergonhado.

— Devem estar achando que sou sua puta. Não acredito que finalmente entrei neste lugar e estou usando isso.

— Você fica linda de qualquer jeito, Caitlin. Não importa o que as pessoas podem pensar, nós dois sabemos que você é a pessoa mais doce, bondosa, delicada, companheira, linda e apaixonante do mundo! — Quero muito beijá-la. E tirar esse vestido tentador em seguida. — E bem, olhando minha cara remendada e esse tanto de tatuagens, também não devem pensar muito bem de mim.

ACHERON - NACIONAIS

Ela sorri de um jeito doce e entregue e pula em meus braços, mais do que depressa a beijo, mas o garçom pigarreia e sou obrigado a afastá-la. Sei que o volume na minha calça é notável e seu rosto em chamas prova que ela também queria mais do que um beijo, contrariando os lugares à mesa, arrasto minha cadeira para ficar ao seu lado, porque preciso manter as minhas mãos nela.

— Acho que acabamos de confirmar sua fama — brinco.

— Acho que todas essas mulheres me olhando torto estão na verdade morrendo de inveja.

— É uma enorme besteira que você se sinta envergonhada pela roupa que está usando, você sabe. Uma mulher tem que ter o direito de se vestir como quiser, sem que isso a classifique.

— Eu sei. Luz de velas, hein? Quem te deu esta ideia?

— Ninguém. Eu apenas quis fazer algo diferente para você.

— Colin romântico, quem diria?

Escolho sua entrada porque sei exatamente o que ela gosta, e ela ainda elogia minha comida, dizendo ser melhor do que a do restaurante. Assim que acabamos o prato principal, como eu havia solicitado, dois violinistas se aproximam, eles tocam suavemente *This Love*, da banda Maroon 5, uma de nossas preferidas. Ela parece emocionada, seus olhos brilham e seu sorriso enorme faz valer a pena todo o trabalho em conseguir a reserva, contratar os músicos e planejar a noite. Daqui iremos a um lugar especial para nós dois. Um lugar que sei que vai significar muito para ela, um certo barco.

Alguns casais começam a dançar ao som da música e faço o mesmo, ignorando o alerta de mico que soa alto em minha cabeça, a puxo pela mão para dançar comigo.

— Espero que eu ainda me lembre da sua valsa, ou vamos passar vergonha, senhorita Ross.

Claro que me lembro dessa valsa. Me lembro perfeitamente de sua

festa toda, de cada segundo ao lado dela. E me lembro do que li em seu diário sobre essa noite, mas estou fazendo o possível para compensá-la. A felicidade estampada em seu rosto é a prova de que estou no caminho certo. Ao final da música, a rodopio exageradamente só para ouvir sua risada alta e a prendo em meus braços um pouco, tendo que soltá-la quando a sobremesa chega.

— Eu amei a noite — ela diz levantando-se da cadeira.

— Ainda não acabou, baby. Agora vem a parte romântica. Esta, foi apenas a parte necessária para o resto da noite, encher a barriga.

— Uau! Você caprichou! Eu queria aproveitar esse clima leve e gostoso para te perguntar algo — sua voz tem um tom tenso, e por um momento me preocupo. — Colin, o que realmente você... — sua pergunta morre em uma careta e ela está olhando em volta.

Faço o mesmo e noto que algumas pessoas estão rindo dela. Outras, cochichando com reprovação. Ela parece tão confusa quanto eu, até que se vira de frente para mim e noto do que todos estão falando.

— Caitlin, o que houve com seus seios? Um está em cima e outro, na sua barriga.

Seu rosto atinge um tom vermelho que nunca havia visto e ela olha para os lados constrangida, tentando cobrir o seio que está na barriga com as mãos. Avista o que está procurando e sai correndo. Imediatamente corro atrás dela.

Ela entra no banheiro feminino e entro logo atrás, sem me importar com as caretas que recebo das senhoras presentes ali. Insatisfeitas, elas saem e tranco a porta, ficando apenas com minha pequena namorada apalpando por baixo do vestido, ela tira de lá uma coisa estranha, que se parece com um seio, mas de um material duvidoso. Então, tira o outro e abaixa a cabeça, sem coragem de olhar para mim.

— Isso são seios falsos? — pergunto e ela assente em resposta. — Mas por que você colocaria isso se é tão perfeita do jeito que é, Caitlin?

Ela não responde e aproximo-me dela, parando atrás de seu pequeno corpo e tocando seus braços, encontro seus olhos no reflexo do enorme espelho.

— Não estou julgando você, eu só não entendo por que você faria uma coisa dessas.

— Você não me deseja mais. Por isso o vestido que eu jamais usaria em qualquer outra ocasião. Ele é indecente e tem um decote grande demais para meus seios pequenos. Eu achei que talvez, se você me visse assim...

Ela se cala e sinto um nó no meu peito por tê-la feito pensar por um segundo que eu não a desejo.

— É por isso que tem feito todas essas coisas para me seduzir? Você acha que não a desejo mais?

— Qual é, Colin, você praticamente respira sexo e agora não quer mais tocar em mim. Tinha que haver algum motivo. Eu sei que pareço uma menina, só não queria que você perdesse o interesse...

— Você é a mulher mais linda e sedutora que eu já vi, Caitlin — interrompo-a. — Você é tão sexy, que desde que toquei você, nunca mais desejei outra mulher. É tão linda e perfeita, que me faz ficar como um tonto, fazendo tudo para que entenda o quanto eu quero você, e pelo visto fazendo tudo errado.

Passo meus braços por sua barriga e deito meu queixo em sua cabeça, meus olhos ainda presos nos dela.

— Você me tira o sono, o sossego, o juízo, porque a quero o tempo todo. Eu quero tocar você e entrar em você cada vez que te vejo e não quero que pense que só a quero para isso, por isso tenho feito um esforço do caralho para não tocá-la. Você é perfeita. Não tem que mudar absolutamente nada para ser mais sexy, é perfeita exatamente assim.

Ela sai dos meus braços e me encara, seus olhos cheios e seu rosto ainda vermelho.

— Tem certeza que não me vê como uma menina? Eu coloquei este vestido tão adulto e nem seios para enchê-lo eu tenho! — Ela abaixa a alça do vestido, expondo seus seios rosados e perfeitos tão perto de mim. — Achei que se agisse mais como...

A calo com a minha boca, sugando sua língua em desespero. Eu me controlei por tempo demais, esta noite então, vendo-a neste vestido tentador, estou quase ficando louco. Não precisava vê-la com seus seios à mostra para perder de vez o controle. Belisco seu mamilo enquanto sugo sua boca e a encosto à bancada atrás de nós.

— Preciso ter você — sussurro em sua boca entre mordidas em seus lábios cheios. — Agora.

— Aqui?

— Você me provocou, baby, não adianta bancar a tímida agora. Vire-se.

Meio receosa e olhando a porta que não sabe que tranquei, ela se vira. Parece tensa quando começo a tocá-la, mas não tenta me impedir. Levanto o vestido sexy até acima de sua cintura e tiro sua calcinha com todo cuidado. A guardo no bolso para devolvê-la depois, ou não. Ajoelhado, toco toda a extensão de suas pernas com a ponta dos dedos, bem de leve, fazendo-a se remexer inquieta e soltar pequenos gemidos.

— Você não pode gritar, amor. Se fizer isto, vou cobrir sua boca.

— Com o quê? — pergunta com a voz falha.

— Você adora me provocar, não é? — pergunto enquanto sinto seu cheiro e passeio minha língua por sua bunda, e ela ri em meio a um gemido mais alto. — Silêncio. Agora você precisa ser boazinha.

— Então pega leve.

— Amor, não sei o que é pegar leve. Eu só sei amar assim — enfio dois dedos nela, que está deliciosamente molhada e deslizo sem problemas.

Ela perde momentaneamente a força nas pernas e se ampara na pia,
ACHERON - NACIONAIS

abrindo mais as pernas conforme movimento meus dedos sem piedade dentro dela.

— Colin... mais devagar, Colin... — chama pouco antes de seus gemidos serem abafados e reparo que ela colocou uma parte do vestido na boca.

Quando noto que ela está molhada o suficiente, levanto-me, abaixo minha calça e pressiono meu pau em sua entrada, levanto sua perna deixando-a o mais alto possível para facilitar que eu consiga acessar sua bocetinha tão apertada, a penetro devagar, pela primeira vez sentindo suas paredes pressionando meu pau. A sensação é indescritível e mais intensa do que quando usamos camisinha. Eu não estava preparado para este momento com ela, pretendia não tocá-la, por isso não trouxe nenhuma. Mantenho-me um pouco dentro dela, ignorando as batidas na porta, perdido na sensação de estar dentro dela sem nada entre a gente. Então saio com a mesma velocidade com a que entrei, testando, sentindo, conhecendo. Entro mais uma vez devagar, e quando saio, levo meu pau até sua outra entrada.

Ela trava imediatamente, passeio ali um pouco e volto para sua boceta molhadinha, penetrando do jeito que sei fazer, com força e depressa. Empurro suas costas forçando-a a se debruçar sobre a bancada da pia, facilitando que eu a penetre com mais força. Ela tenta não gritar, mas seus gemidos, mesmo abafados pelo vestido, são altos, e cubro sua boca com a minha mão. Ela morde meus dedos para controlar os gritos e meto mais forte, enquanto com a mão livre pressiono seu clitóris, massageando-o com a mesma força com que a penetro, e logo ela atinge o orgasmo, gritando em meus dedos enquanto continuo a penetrá-la. Não vou aguentar por muito tempo, aperto seu seio com a mão que cobria sua boca e tiro meu pau, para gozar fora dela.

Estou tão absorto em seu orgasmo, seu calor e seu cheiro, que não me dou conta em que momento ela se vira e se abaixa diante de mim, mas sua boca cobre a cabeça do meu pau, seus olhos fixos em mim, esperando instruções, enquanto sua língua lambe seu gozo ali. Não consigo desviar meus olhos dos dela, e nem falar nada para orientá-la. A

visão de seus lábios grossos em volta do meu pau é quase demais para suportar. Eu poderia gozar em sua boca agora mesmo, só de vê-la com a boca em mim, olhando-me desse jeitinho travesso. Ela toma a iniciativa ao ver que sou incapaz de formular uma frase decente e suga meu pau com cuidado, sua mão em volta do membro, subindo e descendo, acompanha o que faz com a boca. Eu adoraria ficar um tempo maior sentindo sua língua me tocando, e seus lábios em volta do meu membro, mas não posso segurar mais.

— Eu não posso segurar mais — aviso e tento afastá-la, mas ela se recusa e explodo em sua boca, fazendo com que ela tome tudo, cada gota, em sua boca gostosa.

Ela engole tudo e a ajudo a levantar-se, prendendo-a em meus braços. Eu realmente amo essa mulher!

A ajudo a limpar-se alguns minutos depois e ajeitar de novo os seios falsos e o vestido. Quando abrimos a porta uma pequena fila de mulheres irritadas aguarda do lado de fora. Ficam boquiabertas olhando de mim para Caitlin e me divirto vendo seu rosto atingir aquela tonalidade vermelha que adoro.

— No final das contas, seios falsos surtem efeito, meninas — diz fazendo-me rir enquanto passamos pela pequena fila. — Acho que não vão nos deixar entrar aqui mais — sussurra para mim logo que deixamos o restaurante.

Antes de entrarmos no carro, a puxo para meus braços mais uma vez, só para me certificar de que ela está mesmo aqui, comigo. E que nada disso foi coisa da minha cabeça, algum tipo de alucinação feliz.

— Amor, se todo jantar romântico com você for assim, vamos fazer isso todos os dias!

— Você se saiu bem para um jantar romântico, Hanson. Só que estragou tudo quando me comeu no banheiro.

— Sério? E eu achando que isso havia sido a cereja do bolo. Então não tirei nota dez?

Ela solta uma risada alta, e me avalia dos pés à cabeça, seu rosto corando, provavelmente com as lembranças do que acabamos de fazer no banheiro.

— Dez? Você merece um mil!

Eu ainda vou me casar com essa mulher!

A luta é no domingo, em dois dias, e me sinto mais do que preparado para vencer. Mesmo com os caras no clube dizendo o quanto Franz, mais conhecido como Assassino, é mortal, ainda me sinto confiante na vitória. Não importa se nenhum deles acredita que vou realmente vencer o campeonato. Eu sei que vou. Posso até sair bem quebrado, se as últimas lutas me mandaram para o hospital, imagina a última? Mas serei um quebrado com um cinturão de campeão, imensamente feliz.

Estou no ringue treinando com Dustin e algumas das *ring girls* da casa estão reunidas em um canto, olhando para a gente e cochichando.

— Fiquei sabendo que está colecionando bichos de pelúcia, Hanson
— zomba Dustin.

— Tá me estranhando, rapaz? Devem ter errado de armário, só isso.

— Você acha que algum lutador aqui coleciona essas coisas fofas?

— Bem, eu é que não coleciono. E você deveria se concentrar no meu treinamento, não em algum lutador florzinha.

— Você vai dividir a grana do prêmio comigo. Sério mesmo, parece até que trabalho de carteira assinada, você me exige horários, dedicação e profissionalismo.

— Na próxima encarnação, não seja meu amigo, Jake. Mas, nesta aqui, já que já é amigo, cale a boca e se concentre.

Treinamos por mais algumas horas e Thor chega a parar para me avaliar por um tempo, diz satisfeito que tenho alguma chance afinal e quando estamos encerrando, o inesperado acontece. Um punhado de

bichinhos de pelúcia é arremessado no ringue, em minha direção.

— Mas que porra é essa? — pergunto confuso, e Luke aparece analisando a quantidade de coisas coloridas e cheias de pelos aos meus pés.

— São para você.

— Por que caralho elas estão me dando essas merdas de bichinhos?

Não sei explicar porque, mas esse monte de bichinhos coloridos e fofos aos meus pés me fazem sentir menos... homem!

— Cara, não fale assim em voz alta. Vai acabar com sua fama — ralha Luke.

— Que fama? — Por um momento tenho medo do que podem estar falando de mim por aí.

— De romântico, sensível e delicado. Estão falando isso de você. Rola um boato que você pediu desculpas às mulheres que magoou, e que agora é um desses boiolas apaixonados e delicados. Então todas elas querem ser sua namorada — explica rindo, Thor está rindo, Dustin está rindo, mas eu não acho a menor graça.

— Romântico? Estão dizendo por aí que sou romântico? — Pelo menos minha masculinidade não sofre uma queda muito brusca com este rótulo. Melhor do que ser um colecionador de bichinhos de pelúcia.

— E sensível e delicado, não se esqueça — completa Dustin.

Bem, isso aí já causa uma queda brusca na minha masculinidade.

— Que merda! Por que eu sempre me ferro quando faço a coisa certa?

— A questão aqui é o que você vai fazer para acabar com essa fama — pergunta Luke falando sério finalmente.

— Eu? Nada. Não fiz nada para ganhá-la, nada farei para perdê-la. Deixe que a Caitlin venha à final e fique sabendo dela. Vai me ajudar a ganhar uns pontinhos.

ACHERON - NACIONAIS

Mesmo porquê, com o que tenho em mente para quando eu vencer a luta, de nada adiantaria acabar com essa fama agora, ela viria de novo com o que estou planejando fazer para Caitlin.

— Ei, Luke — chamo quando ele está saindo do ringue. — Leve estes ursinhos daqui, você sabe, sou alérgico. A eles e a flores — falo em alto e bom tom. Agora entendi também porque tenho recebido flores. Essas mulheres são mesmo malucas!

A doutora Katy parece aérea quando entro em seu consultório. Senta-se diante de mim e me pergunta três vezes a mesma coisa. Em determinado momento, fica olhando para suas anotações e parece ter se esquecido que estou aqui. Levanto-me, pego dois copos, sirvo duas doses de whisky e levo até ela.

— O que a senhora tem?

Ela percebe que estou aqui, e um pouco confusa, pega o copo da minha mão. Então respira fundo e o vira de uma vez.

— Hoje é aniversário...

— Seu aniversário? Que legal, a senhora está ficando mais velha e dando um passo para mais perto... — calo-me quando ela me encara de olhos arregalados. — Parabéns, doutora!

— Não é meu aniversário. Mas se fosse, você teria acabado com ele com esses cumprimentos. É aniversário de uma perda — confessa triste.

— Por que a senhora conta no calendário anualmente a data de uma perda? Não tem coisas boas para marcar no calendário e comemorar?

— Infelizmente, não é algo que eu possa escolher esquecer.

— A senhora é casada, doutora Mansfield? — pergunto e me sinto o psicólogo por um momento.

— Já fui.

— O que aconteceu? Deu errado?

— Nos separamos por conta de uma tragédia que nenhum de nós dois soube como lidar.

— É a tragédia que está aniversariando hoje?

Ela assente, e seus olhos enchem, mas ela controla as lágrimas.

— Enfim, vamos falar sobre você, alguma notícia da Hannah?

— Vamos falar de outras coisas hoje, o que acha?

— Tudo bem, quer falar da Caitlin?

— Não. De uma outra amiga. Ela adora tomar conta da minha vida, mas está triste hoje e não sei como ajudá-la. Então, quero tomar conta da vida dela um pouco, só para variar.

Ela exhibe um sorriso triste e tira seus óculos. Não olha para mim quando explica a data que não está comemorando hoje.

— Hoje faz dez anos que meu filho se foi. Ele morreu em um acidente. Meu ex marido e eu também estávamos no carro, mas apenas ele... você me lembra muito ele, teria sua idade hoje e acredito que sua falta de senso também.

Não sei como fazê-la sentir-se pelo menos um pouco melhor. Quero abraçá-la, ou dar dois tapinhas leves em seu ombro. Talvez convidá-la para dar uma volta, ou quem sabe mandar que vá para casa e fique lá quietinha curtindo a dor. Não sei mesmo o que pode ser feito para consolar a dor de uma perda. Eu nunca consegui amenizar bem as minhas, o máximo que faço para lidar com elas, é escondê-las bem fundo. E quando elas vêm à tona, são os momentos em que me perco completamente da realidade, ficando preso a um passado sombrio. Parece que todo mundo que perdeu alguém carrega as sombras dentro de si.

— Eu sinto muito — digo. — O que a senhora faz que ajuda a passar o dia de hoje?

— Ele não passa.

— Me ver a faz lembrar-se mais dele?

Ela assente rapidamente e começo a me sentir culpado por estar aqui, mas ela logo explica:

— De uma forma boa. Você é realmente muito parecido com ele. Se ele fosse como você, posso dizer que eu sentiria um enorme orgulho dele.

— Bom, a senhora tem feito um bom trabalho comigo. Acho que teria feito um melhor ainda com seu filho. De toda forma, a senhora é o que tenho de mais próximo a uma mãe. E a Lorna, claro, mas ela não é muito uma figura materna. Só quero dizer que não precisa se sentir sozinha, será sempre bem-vinda à minha casa.

Ela segura minha mão por alguns segundos com o primeiro sorriso genuíno que vejo nela hoje.

— Obrigada, Colin. Isso significa muito para mim. Mas não quero que enjoje da minha cara, então nos vemos aqui mesmo.

É aí que uma ideia me ocorre.

— Talvez a senhora possa conversar com pessoas que entendem o que está passando. Não estou falando de terapia nem grupos anônimos. A senhora poderia vir comigo e a Caitlin ao orfanato amanhã. Boa parte das crianças tem alguma lembrança de seus pais, e seja por morte, ou abandono, os perderam. São pequenos, mas acham formas bem criativas de lidar com a dor. Acho que vai te fazer bem.

— Acho que pode estar certo. A que horas vocês vão ao orfanato? Talvez eu faça uma visita.

Passo a ela o endereço e horários certos e espero muito mesmo que ela apareça. Se o que falta em sua vida é um filho, não que vá substituir o que ela perdeu, apenas tirar a mente dela do filho perdido um pouco, para ter que se concentrar em alguém que precise de sua atenção e cuidados, que melhor lugar para encontrá-lo do que em um lar onde moram dezenas de crianças que precisam de uma mãe?

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS

CAPÍTULO ONZE

Passo o café cantarolando como em um desses musicais adolescentes, com direito a passinhos e um homem lindo que sorri ao ver meu espetáculo e se junta a mim, rodopiando-me pela cozinha. Não sei dizer qual de nós dois é mais desafinado, mas imagino que os vizinhos estejam nos odiando neste momento. Acabamos nosso show e Colin me abraça, depositando-me sobre a bancada e se encaixando no meio das minhas pernas, com um sorrisinho bobo de contentamento que realmente adoro ver em seu rosto. Ele beija minha testa e os dois lados do meu rosto, sua boca pairando sobre a minha. Mas, ao invés de me beijar, ele pergunta baixinho:

— Você queria me perguntar uma coisa na outra noite. Temos feito tantos exercícios desde então, que sempre me esqueço de perguntar o que era.

— Por que você vem com um assunto difícil a essa hora da manhã de um sábado?

Ele se afasta com olhos arregalados.

— Um assunto difícil? O que houve? Caitlin, seja o que for que ficou sabendo sobre o clube, a culpa não é minha. As mulheres simplesmente enlouqueceram. Começaram a me mandar flores e bichinhos fofos de pelúcia, e estou juntando todos eles para você, mas prometo que não pedi nada. Nem dei esperança a ninguém. Eu não fiz nada. Estou tão santo quanto se é possível estar santo em um clube de luta clandestina. Uau! Acho que sua mania de falar demais é contagiosa.

Abro um enorme sorriso ao constatar algo sobre Colin Hanson em um relacionamento.

— Você se deu conta de que no dia em que fizer algo errado, vai acabar dando com a língua nos dentes? — provoco. — Cuidado, Hanson, você fala demais quando fica nervoso.

ACHERON - NACIONAIS

Ele abre um lindo sorriso em resposta.

— Para compensar o quanto falo de menos o que precisa ser dito.

Ele me olha de uma maneira tão intensa, que me mantém presa aos seus olhos azuis de céu, como se estivessem penetrando minha alma e despindo-me com sua força.

— Que seria? — consigo perguntar sem desviar meus olhos dos seus.

— Que você ainda me deve uma pergunta. O que queria saber? Parecia importante para você. Qual o seu assunto difícil?

Puxo uma respiração e me decido, de nada adianta ficar com essas dúvidas só para mim. Posso estar sendo apressada no ponto de vista dele, mas no meu segurei essa pergunta por tempo demais. Só peço sabedoria para lidar com sua resposta e solto:

— O que você sente de verdade por mim?

Ele parece surpreso, mas um sorriso divertido em seu rosto indica que não se assustou com a pergunta.

— Além de tesão?

Assinto começando a ficar nervosa. Será que é um bom ou mau indício ele pensar primeiro em sexo?

— Além de desejo?

— Colin...

— Tudo bem. Você merece essa resposta. No momento, estou tentado a chegar atrasado ao orfanato para tirar sua roupa agora mesmo e comê-la aí, sobre essa bancada. Seria o café da manhã perfeito.

— Então é isso? Fome? — Não é de todo ruim, e menos ainda bom. Só não é o que eu esperava ouvir.

— Ah não, não apenas isso, me desculpe. Me distraí com suas pernas à mostra nessa bancada, em volta da minha cintura. Mas bem, já que você insiste, precisa me prometer que vai acreditar no que eu disser,

porque eu prometo que falarei de todo coração, com a mais pura verdade, de maneira incondicional.

Acho que estou ficando com medo.

— Você promete que acredita? — insiste.

— Você promete que não mente?

— Eu prometo — responde com aqueles olhos fixos nos meus, e sei que vai falar a verdade.

— Eu... — sou interrompida pelo som do celular dele.

Ele pragueja algo, mas atende e responde a pessoa do outro lado da linha que já estamos descendo.

— É a doutora Mansfield, ela vai conosco. Temos que ir. A gente conversa à noite, tudo bem?

— Você não pode me dizer uma palavra que seja? Só umazinha! E eu não pergunto mais. Só para eu ter uma ideia?

— Amor, há coisas que não cabem em palavras. Em uma então, seria injusto.

Contrariada, não tenho outra saída a não ser concordar com ele, e já sei que vou passar o dia criando mil teorias do que ele vai me responder à noite.

Você já esperou quinze anos, Caitlin. Um dia a mais não vai matá-la.

A doutora Katy parece animada quando nos encontramos na entrada do orfanato. Aperto a mão de Colin para indicar que a ideia dele é simplesmente genial. Megan, a diretora do orfanato, nos recebe com seu habitual sorriso, e pede que eu ajude a garotinha nova, Daysi, que está com medo de deixar a diretoria. Ela é bem pequena, tem longos cabelos negros e uma franja grande demais, cobrindo boa parte dos seus olhos. Sento-me diante dela, que me observa com olhos verdes enormes e assustados.

— Olá, princesa, seja bem-vinda à sua nova casa. Como você se chama?

Ela olha de mim para Katherine, e não parece disposta a responder. Tiro da bolsa um dos muitos ursinhos de pelúcia que o Colin me deu e estendo a ela o mais bonito deles.

— Toma, este é seu novo amiguinho, você precisa cuidar dele, tudo bem? Ele é novo aqui e está com medo, você precisa mostrar a ele que será muito amado aqui, que terá um monte de novos amiguinhos e vai brincar muito.

Desconfiada, ela pega o ursinho da minha mão e um pequeno sorriso surge em seu rostinho em agradecimento.

— Eu vou poder levar ele quando a minha mãe vier me buscar? — pergunta esperançosa.

Esta é a pior parte, a mãe dela não vai buscá-la. Está presa, associada ao tráfico. Mas perdeu a guarda da filha antes disso, por maus tratos. O tamanho pequeno demais para uma menina de quatro anos, assim como algumas cicatrizes no braço magro, evidenciam a falta de cuidados que ela tem sofrido.

— Você pode levá-lo onde quiser, querida. Onde você for, ele vai. Eu sou a Caitlin, e você, como se chama? — Estendo minha mão e ela a toca.

— Daysi.

— Que nome lindo, Daysi. A minha boneca preferida quando era criança, também se chama assim.

— Onde ela está?

— Guardada. Vou encontrá-la e dá-la a você, você quer?

Um sorriso enorme surge em seu rosto assustado.

— Eu quero. Eu adoro bonecas, nunca tive uma.

Ouçoo um arquejo de Katherine atrás de mim, mas ela não diz nada.

— Agora você vai ter muitas bonecas. Quer ir conhecer seus novos amiguinhos?

Ela nega com a cabeça e dá um passo para longe de mim, encostando-se à parede. Penso em uma melhor maneira de convencê-la a deixar a diretoria, quando Carter aparece. Corre até mim e me abraça.

— Tia Cait, você chegou!

— Oi, meu amor. Esta é a tia Katy — digo apontando Katherine, e ele faz um floreio antes de abraçá-la, Katherine retribui o abraço e noto que gostou dele. — Esta é sua nova amiguinha, a Daysi. Ela está com um pouco de medo, como você quando chegou aqui, se lembra?

Ele assente e abraça Daysi de repente. Temo que vá assustar a pequena, mas ela sorri para ele.

— Não precisa ter medo. Eu cuido de você — diz a ela.

Ela assente e ele pega sua mão, arrastando-a para fora da diretoria. E isso me remete anos atrás, quando eu era a garotinha de quatro anos em uma escola nova, e conheci meu herói. Sei que a pequena Daysi vai ficar bem a partir de agora.

— Vem comigo, vou te mostrar os quartos, onde a gente come, e tem um parquinho lá nos fundos. Pode deixar tia Cait, eu cuido dela! — diz pouco antes dos dois sumirem de vista.

Olho para uma Katherine emocionada.

— Não sei dizer qual deles é mais apaixonante — ela diz com a voz embargada.

— Todos eles são, cada um à sua maneira. Você não faz ideia do quanto dá para aprender com eles.

Ela assente e a apresento a outras crianças, logo, ela está rodeada delas, brincando no chão do pátio, como se fosse também uma criança.

Encontro Colin observando-a em um canto e o abraço.

— Que bom que ela está feliz — diz.

— Você teve uma ideia brilhante! Tomara que ela venha mais vezes e acabe por adotar algum desses anjinhos.

Ele assente distraído e diz em meu ouvido:

— Vida.

— O quê? — pergunto confusa quando ele se afasta.

— A palavra que você pediu. O que você representa para mim. Esta é uma delas.

Sorrio tentando entender.

— Eu sou uma vida para você?

— Não, amor. Você é minha vida. Sempre foi, sempre vai ser.

Meu coração dá um salto tão grande, que por um segundo me falta o ar. E no segundo seguinte, tão logo me recupero, pulo em seus braços e o beijo. Um beijo casto, porque estamos entre crianças, ao que ele retribui me apertando em seus braços.

Passamos uma ótima tarde com as crianças, me certifico de ver a pequena Daysi correndo pelo pátio com outros meninos, enquanto bem próximo a ela, Carter a observa atentamente.

— Acho que alguém está levando bem a sério essa coisa de tomar conta da pequena — comento com Colin e Katherine.

— Isso é muito sério. Você não se lembra quando éramos nós? Eu a acompanhava até a porta do banheiro. E só não entrava com você, porque a professora me castigou quando o fiz uma vez — Colin lembra com um sorriso.

— Verdade. Você ia comigo para todo lugar, e me entregava nas mãos da mamãe. Por isso ela sempre te adorou. Você era um grande puxa-saco.

Ele ri alto e Katherine o acompanha.

— Estava fazendo meu trabalho, baby. Se você me achava grudento naquela época, espere até ver agora. Você tem seios e eu estou mais

forte, prometo ser bem mais divertido perseguindo você.

Reviro os olhos rindo. Quando estamos indo embora, uma figura pequena aparece carregando uma bolsa enorme, seguida da nova garotinha que amo, também com uma bolsa, e seu ursinho de pelúcia.

— Tia Cait, a gente pode levar ela também? Sei que o combinado era somente eu, mas eu prometi tomar conta dela, não posso deixá-la — Carter pede apontando Daysi.

— Levá-la para onde, amor?

— Para morar com vocês. Eu vi você e o tio Colin beijando na boca. Agora que vão casar vocês podem me adotar, como a gente combinou, lembra? Só que a gente tem que levar a Daysi junto. Porque ela é minha agora, tenho que tomar conta dela.

Um aperto no meu peito me impede de reagir, e é Colin que se abaixa ficando à altura do nosso garotinho preferido.

— Campeão, a gente ainda não vai casar, por isso não podemos levá-lo agora, tudo bem?

— E quando vocês vão se casar?

— Vai demorar um pouco. Até lá tenho certeza que você e a Daysi, já terão encontrado uma mamãe muito boazinha, que vai amar muito vocês.

— Mas eu não queria outra mamãe. Quero a Cait, e você. Era nosso acordo.

Katherine se abaixa e conversa com ele, segurando sua mão entre as dela. Não escuto o que diz, mas ele abre um sorriso conformado, e ela os acompanha de volta ao quarto, para guardar as coisas. Antes de sair de nosso campo de visão, ele olha para trás e acena despedindo-se de mim e Colin.

Eu fico o dia todo com essa sensação ruim, de que falhei com ele. Que o magoei. Chegamos em casa, Colin já atrasado para o último treino

antes da luta, ainda em silêncio, como fizemos o caminho todo até aqui. Estou prestes a fazer uma pergunta maluca para Colin, quando ele a faz:

— A gente tem alguma chance de adotá-lo? Digo, se tentássemos, você acha que algum juiz daria a guarda dele para nós?

— Um lutador clandestino e uma universitária? Eu não sei. Vou conversar com a minha mãe.

— Eu posso arrumar outro emprego, durante o dia. Podíamos dar um jeito.

— A gente pode perguntar a ela o que temos que fazer. Você precisa ir agora, não tem seu último treino?

— E você? Vai fazer o quê?

— Tenho uma consulta com o ginecologista daqui a pouco. Depois vou falar com a minha mãe.

— Ginecologista? Sei. Boa consulta — diz com algo diferente em seu rosto, uma espécie de sorriso divertido de quem vai aprontar.

— Nem pense em aparecer.

— Eu não, baby, tenho outras coisas para fazer.

— Ótimo!

Ele sai pela porta e eu vou me arrumar para minha aguardada consulta. Vamos ver o que esse ginecologista da Mackie tem demais.

Descubro o que há demais com o ginecologista da Mackie assim que ele abre a porta do consultório para chamar a paciente que está na minha frente.

— Ele é maravilhoso! — comento embasbacada admirando o homem alto, másculo, com um furo lindo no queixo, a barba bem feita e olhos claros penetrantes.

— Eu sei — Mackie sussurra enquanto recebe uma análise dele dos
ACHERON - NACIONAIS

pés à cabeça, seguida de um risinho provocante.

— Ele olhou para você!

— Eu sei — agora seu tom é choroso.

— Achei que não estivesse pegando o ginecologista. Que ele fosse casado.

— Não estou e ele é. Casado com uma mulher linda e assustadora. É sério, ela é assustadora. Parece que não bate bem da cabeça.

— Mackenzie Johanna Wells, eu conheço esse olhar. Ele é casado!

— Eu não estou saindo com ele. Não aconteceu nada, eu juro!

Vou discutir que não é o que parece, quando uma figura alta e musculosa aparece, atraindo todos os olhares da pequena sala de espera.

— O que ele está fazendo aqui? — pergunta Mackie divertida.

— Vai embora agora mesmo! — ordeno antes que ele diga qualquer coisa, mas um sorriso enorme surge em seu rosto e ele beija minha testa, ignorando completamente minha ordem.

— Oi amor, oi Mackie. Você acha mesmo que um cara qualquer vai olhar sua boceta sem que eu esteja por perto?

As mulheres riem e sinto meu rosto queimar.

— Não é um cara qualquer, é um ginecologista, esta é a profissão dele! — resmungo o óbvio.

— Muito conveniente — responde se divertindo com meu constrangimento.

— Colin! Para de ser ridículo! Eu não vou ser examinada com você lá dentro vendo tudo.

— Mas que besteira é essa? Se eu já vi tudo aí, já chupei tudo aí, já toquei...

As mulheres riem mais ainda, encabeçadas pela Mackie, essa amiga

da onça.

— Já entendi! A Mackie vai entrar comigo, qualquer coisa ela te chama, tudo bem?

Ele parece não gostar da opção e insisto.

— Você precisa respeitar minha privacidade. Entrar comigo no consultório do ginecologista é ridículo, absurdo e inaceitável! Você não vai entrar!

Ele parece se acalmar e fico olhando para o chão, sem coragem de olhar para as pessoas que ainda riem à nossa volta.

— Não me sinto confortável com você entrando lá sozinha — reclama.

— Nem eu com você entrando lá comigo.

Ele bufa irritado e me abraça.

— Tudo bem, desculpe por essa cena. Eu estou aprendendo a lidar com isso, mas ainda que seja um ginecologista, me dá ciúmes, entende? É um homem que estará ali cara a cara com o que é meu.

— Vamos poder não usar mais camisinha depois dessa consulta. Ele vai me passar algum método contraceptivo.

Ele abre um sorriso de lado, avaliando-me.

— Bela barganha, senhorita Ross. Mas estarei esperando aqui.

Respiro aliviada quando a porta do consultório abre e o doutor deus chama meu nome:

— Caitlin Ross, pode entrar.

Dou um passo rápido em direção ao consultório, mas Colin segura meu braço, enquanto o doutor deus se aproxima de Mackie com olhos de predador.

— Este é o doutor? Bonitão e comendo sua amiga com os olhos? Mas você não vai entrar aí mesmo! Por que não marcou com uma mulher? Ou
ACHERON - NACIONAIS

um ginecologista feio? O que está aprontando, Caitlin?

E lá vamos nós.

— Caitlin? — o doutor chama de novo, seus olhos ainda focados em Mackie.

— É minha namorada, eu vou entrar com ela — Colin diz e pega minha mão, arrastando-me para dentro da sala.

Mackie entra atrás e percebo que minha primeira consulta virou bagunça.

— Que monte de gente para ver minha púbis, não tem mais ninguém que queiram convidar? Se o doutor tiver nachos para oferecer podemos anunciar a festa — resmungo mas não sou levada a sério por ninguém.

Isso é que dá amar um devasso, ele acha que todo homem que se aproxima de você é tão safado quanto ele! Colin ainda me mata de vergonha quando o doutor Gabriel pergunta por minhas atividades sexuais e ele quase ilustra cada uma delas. Mas, pelo menos na hora de me examinar, ele se mantém na outra sala com Mackie, falando apenas ameaças ao doutor caso me escute gemer. Peço desculpas ao doutor e procuro um buraco para enfiar minha cabeça e não sair nunca mais.

Chegamos em casa com o dia se despedindo e ainda não estou falando com ele. Não acredito que ele entrou mesmo no consultório comigo e disse todas aquelas asneiras para o doutor.

— Você não vai falar nada?

Apenas lanço a ele meu melhor olhar assassino, mas ele fica rindo e quero mesmo matá-lo.

— Gente boa o seu médico. Se ele não está comendo a Mackie, está disposto a comer.

Ainda não respondo, até que ele toca no assunto delicado.

— Acho que temos uma conversa pendente, não é?

ACHERON - NACIONAIS

— Muito conveniente — repito com ironia a resposta dele de mais cedo.

— Caitlin, eu sei que está brava, mas preciso que você entenda, eu sou louco mesmo, sem noção, incontrolável, mas sou assim porque eu...

O som do meu celular o interrompe, e como não estou no melhor dos climas para suas desculpas, atendo, ignorando-o. É Megan, do orfanato, Carter e Daysi fugiram.

Mais do que depressa vamos para lá, Colin liga para Katherine que vai também. A polícia já está à procura dos pequenos, visto que não faz muito tempo que fugiram, foram vistos à tarde, conversando isolados do resto das crianças e estavam tristes. Isso é culpa minha! Devia ter deixado claro para Carter desde sempre que não o adotávamos se nos casássemos um dia, que não funciona assim. Mas quem imaginou que eu e Colin ficaríamos juntos um dia?

Megan me pergunta pela décima vez onde eles podem ter ido, se existe algum lugar que o Carter tenha mencionado, ou a Daysi em nossa breve conversa, mas não consigo pensar em nada. Tento puxar pela memória, uma vez que ele morava em Kansas antes de vir para cá, não pode ter ido procurar lembranças da família. E a Daysi é pequena demais para saber onde morava até poucos dias com a mãe. De qualquer forma, uma viatura segue para a casa antiga dela, enquanto isso ficamos aqui de mãos atadas.

Dustin e Carol, assim como minha mãe, chegam pouco depois para ajudar a procurar. Rodamos pelas proximidades do orfanato, assumindo que não conseguiram pegar um ônibus nem nada assim e não poderiam andar até muito longe. O medo de que alguém os tenha levado, aproveitando-se da ingenuidade deles me assombra mais a cada minuto. Ouço por alto Katherine dizer pela terceira vez a mesma coisa a Colin:

— A culpa não é sua! Ninguém poderia prever o que eles fariam, e eles deveriam estar melhor cuidados no orfanato. A culpa é de quem deveria estar tomando conta do portão e não estava, não de vocês!

Eu a entendo, mas é difícil não me sentir culpada sabendo que todas

ACHERON - NACIONAIS

as esperanças dele de sair dali estavam em mim e em Colin. De certa forma, a culpa é nossa. Podíamos ter explicado com palavras mais gentis, mais fáceis, de forma que entendessem melhor. Podíamos tê-los levado para passar o final de semana conosco, para explicarmos a ele melhor que esse processo seria demorado. Podíamos ter ao menos prometido tentar adotá-lo, como ele sempre pediu. Nós falhamos com ele, e o que quer que aconteça aos dois agora, é nossa culpa.

— Nós vamos encontrá-los, vai ficar tudo bem — Colin diz apertando minha mão, tentando convencer a si mesmo disso.

— Eu sei que vamos — respondo devolvendo a força que está tentando me passar.

Rodamos por horas e nem sinal dos pequenos, no rosto de cada um, o medo do que pode ter acontecido com eles. Apesar de estarmos exaustos, molhados por conta de uma chuva fina que começou há pouco, e não ter muito mais onde procurar, nenhum de nós pensa em desistir. Até que passando por baixo de um viaduto, ouço um barulho diferente. E ali, escondidos atrás de arbustos, protegendo-se da chuva, os encontro.

Carter forra algumas de suas roupas para que Daysi possa se deitar e fica repetindo para ela que está tudo bem e que amanhã vão encontrar a mãe dela. Nem sei dizer o alívio que sinto ao vê-los. Aproximo-me devagar para não assustá-los e Carter arregala os olhos quando me vê.

— Ah meu amor, o que vocês estão fazendo aqui?

O pego no colo e sento-me com ele, que me abraça forte.

— Tia, a gente ficou com medo, mas eu cuidei dela — explica.

— Eu sei, meu amor. Vai ficar tudo bem agora. Por que vocês fugiram?

Ele olha em meu rosto enquanto abraço a pequena Daysi, que treme um pouco de frio, tentando aquecê-la.

— Porque eu sabia que ia sair de lá para ir morar com você. Mas você não me quis. Então pensei que não tinha mais que ficar lá.

— Nunca mais repita isso, Carter. Eu sempre vou amar você, e não o levamos hoje porque não podíamos. Não tem nada a ver com não querermos você. Nunca mais pense uma coisa dessas.

— Mas eu não quero voltar para lá. Eu só quero uma mãe. Eu vou fazer aniversário, vou ficar grande e depois ninguém mais vai querer me adotar.

— Não é verdade, meu amor. Você é o garoto mais lindo, inteligente e especial que existe no mundo todo.

— O mundo todo é muito grande, tia.

— Pois é, para você ver o quanto é especial, venha aqui, vamos fazer um acordo, tudo bem? — Ele se senta ao meu lado, ficando ele debaixo de um braço meu e Daysi debaixo do outro. — Quando é o seu aniversário? Em dois meses?

Ele assente, aconchegando-se o máximo possível a mim.

— Então, se você não tiver encontrado a melhor mamãe do mundo até o seu aniversário, eu vou tentar adotar você.

— Você jura? — pergunta alto olhando-me com esperança e um enorme sorriso.

— Eu juro. Mas você precisa entender que pode ser que eu não consiga, porque sou muito nova e recebo pouco no meu trabalho. Mas eu prometo tentar, tudo bem assim?

— Tudo ótimo!

Katherine e Colin nos encontram em seguida e Carter a abraça assim que a vê.

— Tia, bem que a senhora disse que eu ia ter uma mãe em breve. A tia Cait vai tentar me adotar!

Katherine abaixa-se ficando de frente para ele e diz:

— Ah, que pena, querido! Eu queria muito ser a sua mamãe, mas se você prefere a Caitlin, eu entendo.

— A senhora também quer me adotar? — pergunta surpreso.

— Quero muito. Lembra sobre o meu filho que virou estrelinha que eu te contei? Você se parece muito com ele.

Ele fica um tempo em silêncio enquanto visto roupas mais quentes em Daysi, o que é difícil já que ela não tem quase nada de roupas em sua sacola. Então, Carter puxa minha roupa, seu rostinho vermelho e meio sem graça.

— Tia, você fica brava se eu for filho da tia Katy? Eu amo você, mas ela não tem mais o filho dela, e eu não tenho mais a minha mãe. Acho que posso cuidar dela.

Olho para Katherine que com um gesto me confirma que está falando sério.

— Claro que não, meu amor. Mesmo porque, você não poderia ter uma mamãe melhor do que a Katy, sei que ela vai te amar muito.

Sorrindo animado, ele corre até Katherine que o pega nos braços. E não consigo segurar as lágrimas. Colin me abraça e Daysi pede colo a minha mãe, que nos encontrou há pouco com Dustin e Carol, alegando estar cansada de tanto andar.

— Mas e ela? A senhora vai ser a mãe dela também? — Carter pergunta indicando Daysi.

E antes que Katherine responda, minha mãe fala, surpreendendo a todos.

— Não, pequeno. Deixa que dessa princesinha aqui eu mesma cuido.

— Mãe, a senhora está falando de adotá-la? Está falando sério?

— Estou. Estou com a síndrome tardia do ninho vazio, e Caitlin, ela se parece tanto com você quando tinha a idade dela! Vamos ver se consigo criá-la mais corajosa do que você, e mais divertida — brinca admirando a pequena que dorme em seus braços.

— Bem, neste caso vou tomar cuidado para que você não traumatize

outra criança. Nem acredito que vou ter uma irmã.

Levamos as crianças a um hospital mais próximo, e em seguida de volta ao orfanato, e minha mãe já entra em contato com seus amigos, garantindo a Katherine que irá agilizar os processos de adoção de ambas. Carol e eu estamos chorando tanto, que ela chega a comentar com Dustin a possibilidade de adotarem uma criança assim que se estabelecerem na cidade, e eu, bem, já tenho alguém a quem me dedicar por um bom tempo, mas decido que vou fazer o mesmo futuramente, assim que me formar e tiver um bom emprego.

Minha mãe nos deixa em casa, e Colin desce na frente para que ela possa falar comigo algo que diz ser sério.

— Estou muito orgulhosa de você — digo abraçando-a.

— Ah, você sabe que terá que me ajudar em tudo. Mas estou feliz por ter outra filha, Deus sabe que sempre quis mais uma. Bom, preciso de um conselho seu. Tem um homem lá no tribunal...

— Espera! Um homem? Vai me pedir conselhos amorosos?

— Claro! Você é a pessoa mais cabeça que conheço, aliás é a única que conheço. Enfim, ele é juiz, acabou de ficar viúvo e é todo pomposo, então pensei...

— Calma! Pomposo? Isso significa que é bonito? — Ela concorda com a cabeça e prossegue. — Acabou de ficar viúvo, que triste! Faz quanto tempo?

— Uma semana. Ela morreu por conta de um câncer.

— Mãe! Uma semana!? A cama dele ainda nem esfriou, o coitado deve estar de luto e você de olho nele?

— Claro minha filha, ele cuidou dela por muito tempo antes de perdê-la, está precisando de uma diversão agora. E você não conhece as mulheres com quem trabalho, se eu não pegar agora, semana que vem outra pega. Pare de me julgar e seja minha amiga, como chego nele? Devo

falar da mulher morta? Ou já começar com um papo de bola para a frente?

— Meu Deus! Lá se foi meu orgulho. Comece dizendo que você é louca, que tal?

— Isso! Filha você é um gênio! Vou começar falando da Daysi, quer motivo melhor para alguém sair de um luto?

— Mamis, ele ainda está entrando no luto, vai com calma, por favor. Não vá se apaixonar por ele como costuma fazer, talvez ele ainda não esteja pronto para te corresponder.

— Entendi. Ir com calma. Tudo bem, posso fazer isso. Acha que preciso de uma cama maior?

— Mãe!

CAPÍTULO DOZE

COLIN

Hoje é o dia da grande final, e após um sábado tão tenso e emocionante, estou com a corda toda para acabar com o Assassino. Esta noite vou levar o cinturão para a casa, e pendurá-lo na parede no lugar mais visível possível. Quero me lembrar sempre de que sou capaz de viver cada sonho.

Acordo com o gás todo e antes mesmo de abrir os olhos apalpo a cama ao meu lado procurando por uma bundinha perfeita que amo apertar. Quero acordar minha garota no melhor estilo. Porém, encontro o lençol frio e a parte dela na minha cama, vazia. Abro os olhos depressa e nem sinal da minha garota. Olho em seu quarto, no banheiro, e nada. Pego meu celular para ligar para ela, quando vejo sua mensagem.

Colin, precisei ir à Biblioteca da universidade concluir um trabalho. Um amigo não conseguiu fazer a parte dele e vou ajudá-lo, mas não demoro. Chego antes do almoço. Sinta minha falta -_*

Ajudar um amigo? Em pleno domingo? Esta é uma desculpa que já usei algumas vezes com colegas de classe para pegá-las depois de fazerem minhas tarefas nos trabalhos. Porra! Fiz isso há três meses! Sei bem como funcionam essas desculpas, problemas em casa, trabalhando demais, não consigo entender o que preciso fazer, socorro. O filho da puta vai dar em cima dela!

Pego a chave da moto, mas me contenho. Eu já invadi sua consulta ontem, se eu a seguir até a biblioteca e não for nada demais ela vai ficar puta comigo. Dou um pulo rápido na lanchonete onde sei que vou encontrar alguma das três escudeiras dela, e encontro Lyla, justo a que

ACHERON - NACIONAIS

não vai com a minha cara.

— Lyla, tudo bem? Você sabe onde está a Caitlin?

— Olá, Colin — cumprimenta com uma careta. — Fazendo um trabalho, acho.

— Hum, e você sabe com quem? — joga como quem não quer nada e ela me analisa antes de responder, parecendo divertida.

— Colton Heyes, o quarterback do time da faculdade, conhece?

— Valeu! — digo já saindo com o capacete.

E como conheço, o filho da puta é tão sem vergonha quanto eu era, ou pior. Pegou todas as garotas da faculdade, provavelmente com exceção da Caitlin. Ele é um calo no meu pé, e se acha que vai me tirar minha garota, vai aprender agora mesmo que não deve mexer em nada do que é meu. paro antes de subir na moto porque escuto a voz de Lyla me chamando.

— Você vai até lá fazer uma cena, não vai?

— Vai por mim, não iria se ela estivesse com outro cara, mas Colton Heyes é perigoso. Ele não vai colocar as mãos nela.

— Você deveria confiar nela — acusa.

— E confio. Não confio nele.

— Papo machista de um homem possessivo e mandão.

— Na verdade, papo desesperado de alguém que pisou feio na bola inúmeras vezes e tem medo que ela pense que outro pode não errar tanto. Não posso dar a chance para outro cara chamar a atenção dela, sinto muito se pareço machista por isso.

Ela não diz nada, mas também não diz que não devo ir.

— Não vai tentar me impedir? — pergunto.

— Eu? Na verdade, estou torcendo para que você chegue lá e faça uma cena, e que ela entenda de uma vez por todas que você vai estragar

ACHERON - NACIONAIS

tudo.

— Por que esse ódio gratuito contra mim? Não julgando, você ama e odeia quem quiser, mas por que eu?

— Porque eu conheço tipos como você, só tentam mudar enquanto algo é novidade, depois, vai destroçá-la, como fez a vida toda.

— Eu vou ficar muito feliz quando encontrá-la de madrinha do nosso casamento bem em cima do altar e jogar na sua cara que eu calei sua boca. Até mais, Lyla.

Ela abre um pequeno sorriso que considero como uma vitória e diz:

— Até lá, Colin.

Localizo os dois em uma enorme mesa e fico à distância, tentando ouvir o que dizem, saber o teor da conversa para decidir se devo ou não interferir. Ando a passos leves, por trás das muitas estantes e me aproximo com cautela, ouvindo o final de uma frase que ela fala.

— Não é tão difícil. E obrigada pelo convite, mas não posso, hoje é a final do Colin, estarei lá com ele.

— Ah, que pena! A festa vai ser legal, mas boa sorte para o Hanson, então.

Não esperava uma atitude tão legal da parte dele, então eu estava enganado a respeito dele. Ainda bem que não cheguei fazendo uma cena. Eu poderia ir embora e fingir que sou um cara normal, um namorado como qualquer outro que fica em casa sabendo que sua garota está por aí com um cara boa pinta e bom de papo, mas não posso correr esse risco, então, como quem não quer nada, pego um livro qualquer e fico ali, folheando-o sem sequer saber seu título, prestando atenção à conversa deles, sem que eles me notem. O que os olhos não veem o coração não sente, Caitlin não pode ficar brava se não souber que estou aqui.

Caitlin fala alguma coisa sobre o trabalho, mas para no meio a frase, quando volta a falar, percebo que mudou de lugar. *O que será que*

ACHERON - NACIONAIS

aconteceu? Abandono o livro e os observo o máximo que consigo atrás de tantos livros, e percebo que ela está a uma distância segura dele. *Essa é minha garota!* Tenho vontade de beijá-la agora mesmo! Ele comenta algo sobre a tal festa que a está convidando para ir, e se aproxima dela, quase encostando seu braço no dela.

Opa!

— Você não quer mesmo ir à festa? Eu posso levá-la à luta e depois até a festa. A levo para a casa quando você quiser, mas garanto que não vai querer ir embora tão cedo.

Filho de uma mãe!

Dou um passo pronto para acertá-lo, quando Caitlin responde:

— Você sabe que estou com o Colin, não sabe? Estou estranhando porque você nunca falou comigo antes, nunca olhou para mim, e sendo porque estou com o Colin ou não, eu não gostaria que começasse agora.

Não disse que essa é minha garota!?

— Não sabia que estavam juntos, me desculpe eu não quis ser inconveniente. Vocês sempre foram amigos e ele sempre está com tantas mulheres que não achei...

Já chega, lá se foi minha paciência e normalidade. Sou louco mesmo. Ela tem que me amar assim!

— O que pensa que está fazendo, seu babaca? — O pego pela gola da camisa cara e seus olhos assustados são o indício de que ele não pretende me enfrentar, sabe que não pode me vencer.

— Colin! Pare com isso! Você vai ser expulso! Pare! — Caitlin pede quase se pendurando em mim e é somente por ela que desisto de quebrar essa cara de convencido dele!

— Nunca mais se aproxime dela, da próxima vez não vou me importar de ser expulso.

Para garantir, esfrego sua cara com toda força que consigo pela mesa,

não vai machucar realmente, mas deve arder o suficiente para se lembrar do meu aviso. Então o solto e encaro uma Caitlin possessa. Ela junta suas coisas e vai andando na frente, sem esperar por mim. Não se despede do babaca, mas também não fala nada comigo. Espero um pouco e a sigo, torcendo que não esteja desistindo de mim porque sou ciumento demais para o nosso próprio bem. Eu sei que exagero, eu só não consigo sentir algo tão grande e que me domina desse jeito e não o extravasar de alguma forma. Não consigo correr riscos quando se trata dela. Simplesmente não posso.

Ela está sentada em um banco do lado de fora, as mãos no rosto, esperando por mim. Sento-me ao seu lado como um menino que aprontou com a professora e sabe que vai levar bronca.

— Você é a pessoa mais linda e bondosa que conheço, Caitlin — tento.

— Nem adianta me adular! Colin, o que deu em você? O que estava fazendo aqui? Nos espionando? Ainda vai ficar com isso?

— Não, eu juro que não sigo você sempre, eu não ia fazer isso hoje. Desculpe. Estou nervoso com a luta e você saiu, eu passei na lanchonete e quando soube que estava com ele perdi a cabeça. — Antes que ela comece com a bronca do século, tento ser o mais sincero possível sem entregar a ela como me sinto, porque tenho tudo planejado para fazer isso esta noite. — Caitlin, eu não quero ser um maluco descontrolado, não quero te dar ordens e nem ficar te perseguindo. Eu quero respeitar seu espaço, a parte da sua vida sem mim. Mas eu não sei como fazer isso. Por favor, você precisa ter paciência e me ensinar. Eu não sei raciocinar o que sinto, só sei sentir e eu sinto um medo do caralho de perder você.

Ela cala o que quer que ia me dizer e sorri para mim daquele jeitinho doce de quem me perdoou. Pousa sua mão na minha e está calma quando volta a falar.

— Amor, você não pode fazer isso, não pode agir sempre como um maluco, precisa aprender a confiar em mim! Não precisa ter medo de nada, onde mais eu iria que não junto a você? E você sempre pode falar

comigo, me contar como está se sentindo, não precisa ficar me seguindo e agindo como um descontrolado, você não é assim.

— Parece que sou. Isso é bem novo para mim, você sabe disso. Será que não podemos chegar num acordo? Eu paro de falar com outras mulheres e você com outros homens.

Ela dá uma risada alta e tira sua mão da minha.

— Não mesmo. Eu tenho amigos, sabia? Professores, primos, e mesmo que não tivesse, não podemos basear um relacionamento no fato de que o outro não fala com o sexo oposto. Não funciona assim, Colin.

— Eu sou seu amigo, posso ser seu namorado, seu cúmplice, seu confidente, tudo o que você quiser. Para que você precisa de outros homens na sua vida?

— Não preciso. Mas seria insanidade evitá-los. Vivemos numa coisa chamada sociedade, onde boa parte dela é masculina. Como posso não falar mais com homem algum?

— Mas e se um deles der em cima de você?

Eu realmente não entendo como uma pessoa pode amar alguém e deixá-la solta por aí entre tantos outros pretendentes.

— O que é que tem? Por acaso as várias *ring girls* e mulheres daquele clube não vão mais dar em cima de você só porque você está comigo?

— Mas eu jamais olharia para nenhuma delas — garanto.

— E nem eu vou olhar para qualquer outro homem desse jeito. Você tem que me dar a mesma confiança que dou a você. E olha que é muito mais fácil você confiar em mim, do que o contrário, eu conheço pouquíssimos homens e você vive rodeado de belas mulheres seminuas. Você já se colocou no meu lugar?

Vê-la com um monte de homens bonitos e seminus? Nem fodendo. Não tenho psicológico para isso. Mas então, por que ela tem que ter? Por que ela tem que passar pela agonia de me ver perto de tantas mulheres? É aí que tenho uma ideia perfeita.

ACHERON - NACIONAIS

— E se eu proibir a entrada de todas as mulheres no clube? Aí você para de falar com os caras da sua faculdade?

— Ah, sendo assim é claro! As mulheres não entram mais, metade do público do clube será proibido de entrar, as apostas vão diminuir e você vai viver de que mesmo?

Detesto quando ela parece ter razão em algo que parecia tão certo na minha cabeça.

— Colin, — ela chama segurando meu rosto e fixo meus olhos naqueles olhos de gata dela. — Eu não vou querer outro homem, não vou olhar de outra maneira, nem cair em qualquer cantada, nem nada do tipo. Você está todos os dias com tantas mulheres lindas, que te acham romântico e delicado e querem ser sua namorada. Por que você não fica com nenhuma delas?

— Porque nenhuma delas é você — respondo prontamente.

— Nenhum outro homem é você. Você entende?

Não, mas fazer o quê? Ela tem que ser livre, viver sua vida e eu tenho que aceitar e cuidar bem dela para que realmente nunca aja outro homem para ela.

— Ei — grito de repente segurando suas mãos. — Você me chamou de amor?

Ela arregala os olhos e nega imediatamente com a cabeça

— Eu não.

— Chamou sim! Você me chamou de amor, você ainda me ama, eu sabia, senhorita Ross, eu sou inesquecível.

— Até parece que eu ainda...

A calo com um beijo apaixonado e ela desiste de discordar. Ela pode não me dizer, pode até tentar negar para si mesma, mas eu sei que ela ainda me ama. E vou fazer com que me ame ainda mais.

Depois de deixar Caitlin em casa, vim direto para o clube. Treinei mais algumas vezes com o Dustin durante a tarde e me sinto mais do que preparado. Boa parte da confiança que estou sentindo que vou vencer essa luta, vem do que planejei para depois, da declaração que vou fazer à Caitlin, e não posso fazê-la se não for o campeão. Não faria sentido. Por isso, não importa o que eu precise fazer, vou dar o máximo de mim e ganhar esse campeonato, e então deixar claro para todos o quanto amo essa menina doce e deliciosa.

O clube está enchendo, há alguma confusão na entrada por conta da quantidade de pessoas que querem entrar. E ainda não vi a Caitlin, mas sei que ela jamais perderia a final do campeonato. Sei que vou me acalmar assim que vê-la ali, com seu cartaz colorido e seu sorriso doce. Dustin faz piadas com meu estado inquieto, mas nem o escuto. Até que alguém bate na porta e a pessoa que eu menos esperava ver aqui coloca sua cabeça pela greta e me cumprimenta.

— Boa noite, campeão. Vim torcer por você.

— Katherine! — Puxo minha psicóloga mais linda pela mão e a abraço. — Que bom que você veio.

Ela cumprimenta Dustin e os apresento, então diz com um sorriso orgulhoso no rosto, que me faz sentir um galope no peito. É como ter uma mãe de novo.

— Não perderia a final do campeonato do meu filho, não é? Sei que você vai vencer. Onde está a Caitlin?

— Ainda não chegou. Mas você pode esperá-la aqui, vocês se sentam juntas depois.

Ela assente e começa a conversar com Dustin sobre Carter e o processo de adoção. Caitlin ainda não chegou e a doutora, acho que para me acalmar, puxa assunto.

— Então, como está o namoro de vocês?

— Porra! É muito difícil essa coisa de ser um bom namorado! Se eu dou muita atenção, sou grudento, mas sei que se não desse, seria frio. Se

acho ruim ela estar perto de ouros caras, sou maluco, mas se eu não achasse, seria indiferente. Aí eu quero estar com ela o tempo todo, quero que ela fique apenas comigo e então me torno possessivo. Mas se tento encontrar um meio termo entre sentir o que sinto e não precisar tanto estar com ela, me parece que não existe. Fico me perguntando se sou maluco, possessivo se só a amo mais do que deveria. A verdade é que essa coisa toda cansa, parece que nunca estou certo, por mais que tente acertar.

— Você está desistindo? Estou mesmo ouvindo um quê de resignação na sua voz? — pergunta preocupada e vejo o sorriso de Dustin atrás dela, enquanto faz um gesto negativo com a cabeça.

— Até parece! — ele comenta. — Elas nos enlouquecem, nos testam e não vivemos sem elas.

Sorrio em concordância e tranquilizo a doutora, que ainda tem olhos apreensivos direcionados a mim.

— Não mesmo, doutora! Ou eu aprendo a ser um bom namorado ou ela vai ter que me amar sendo todo errado mesmo. Mas desistir dela? Nunca!

O locutor cumprimenta a plateia e sei que está na minha hora de ir. Olho mais uma vez entre as pessoas entrando e nem sinal da Caitlin. Dustin se oferece para deixar Katherine em um lugar bom e procurar pela Caitlin, ele me tranquiliza dizendo que ela vai aparecer, mas nem precisava. Eu sei que ela vai. Deve estar presa no aglomerado de pessoas que tentam entrar, mas assim que os seguranças a reconhecerem, a passarão na frente.

Subo no ringue enquanto o locutor apresenta meu adversário, direto do clube alemão de luta livre, e é a primeira vez que o vejo. O Assassino é mais alto do que eu, mas não mais forte. O corpo é coberto por tatuagens e o rosto, por cicatrizes. Ele grita como um louco quando é anunciado, mas não tenho medo dele. Seu verdadeiro nome é Franz, e ele é do clube alemão de luta livre. Soube que são os mais violentos do campeonato. Procuro mais uma vez entre a plateia e nem sinal da Caitlin. O lugar ao

lado da doutora casamenteira está vago, e a própria doutora olha para todos os lados em busca dela. Chamo Luke em um canto e peço que vá até a entrada procurar por ela, ela só pode estar no meio da multidão. Então chamo o juiz e meu adversário e digo que não vou começar a luta sem a minha garota. O Assassino é até compreensivo, uma mulher bonita está ao seu lado e ele diz que não se importa em esperar. Pego o microfone do locutor e chamo por ela.

— Caitlin, você está aí? Caitlin, preciso que venha até aqui para eu saber que está tudo bem.

A plateia procura, a luz do holofote passa por várias cabeças, e nenhuma é a dela. Alguma coisa está errada. Luke volta correndo e diz que Caitlin não está lá fora, mas as amigas dela sim. Avisto Mackie, Joy e Lyla. Mackie sobe no ringue e percebo que parece preocupada.

— Onde ela está? — pergunta, mas dou de ombros e ela pega o celular. — Não faz sentido. Eu liguei para ela quando chegamos aqui, ela disse que estava na porta, nos esperando. E não estava. Agora não atende mais.

— Merda!

Alguma coisa está errada, eu posso sentir. Algo como uma falta de ar começa a me tomar, e uma apreensão que não lembro de já ter sentido. Caitlin não está bem.

Stephen surge correndo e atrás dele Brin Vega, uma conhecida garota de programa, e parecem desesperados. Não achei que ele viria assistir a luta. Ele sobe no ringue e sem cerimônia vem até mim.

— É a Caitlin, eles a levaram — diz me puxando para fora do ringue.

— Eles quem?

— Você precisa vir comigo, eu não vou dar conta sozinho, são pelo menos seis caras.

Me solto dele antes de sair do ringue, conheço as regras, se eu deixar o ringue serei desclassificado.

— Se isso for um plano para que eu perca...

— Ela está em perigo! Estou pouco me lixando para a merda desse campeonato, mas você precisa salvá-la! Eu iria sozinho, mas não vou dar conta e não consegui tirar ninguém daqui! Você tem que vir comigo!

Ele está falando a verdade. Posso ver pelo desespero em seu rosto, e no rosto de Brin, que eu nem sabia que o conhecia. Sem pensar duas vezes desço do ringue com ele, ouço o espanto da plateia, tentam se aproximar de mim, mas consigo passar pelas pessoas. Há vaías, e uma enorme comoção e o juiz anuncia quando estou saindo do clube que fui desclassificado.

Entramos no carro do imbecil do Stephen e ele explica:

— Eu a vi mais cedo, quando cheguei aqui, conversei com ela por breves segundos. Em seguida, encontrei Dirk e Hanz, dois competidores do clube alemão de luta, pouco depois eu os vi perto dela, e ela parecia assustada. Eu tentei chegar até eles, mas havia muita gente entrando e quando passei pela multidão, não a vi mais. Ela só pode estar com eles.

— E para onde estamos indo?

— A um galpão onde sei que eles estavam treinando. Quando enfrentei Dirk, Coleman o espionou para mim e descobriu o local. Se ela está com eles, só podem estar lá.

— Eu sempre soube que você não lutava limpo, Ryan.

— Eu não pedi que ele fizesse isso, partiu dele. E eu não quis saber as informações que ele levantou com essa espionagem.

— Então além de trapaceiro é burro. Anda mais rápido com essa coisa! Está com medo de levar uma multa? Se tiverem encostado um dedo que seja nela, vou sair do maldito galpão direto para a cadeia, mas eu os mato.

— Somos dois, Hanson — garante Stephen.

Não entendo porque ele está aqui, arriscando-se por ela, já que nem se falavam mais. Entendo menos ainda o que Brin Vega está fazendo aflita neste carro. Mil coisas rondam minha mente, mas só me concentro em uma: que minha garota esteja bem, não quero nem começar a pensar em perder de novo a pessoa que mais amo no mundo. A única pessoa que realmente amo.

— Deus, não me tire minha Caitlin, por favor, ela não — peço baixinho e avisto o galpão à nossa frente.

Eu vou te salvar, meu amor. Não importa o que eu tenha que fazer, eu vou.

CAPÍTULO TREZE

Estou no meio de uma pequena multidão animada que tenta entrar no clube de forma desorganizada e acabam empurrando todo mundo de um lado ao outro. Mas não me importo porque a maioria dessas pessoas está torcendo pelo Colin, e irão vê-lo vencer este campeonato daqui a pouco. Saio do meio da multidão e fico um pouco afastada, ao lado da entrada, esperando as meninas. Nem acreditei quando a Mackie disse que elas queriam vir. Mas quanto mais pessoas torcendo por ele, melhor será a comemoração quando ele vencer o campeonato.

Estou distraída procurando por elas, quando esbarro em alguém, derrubando o celular dela no chão. A garota é muito bonita, da minha altura, tem longos cabelos negros, mas seu corpo é completamente diferente do meu. Apesar do tamanho ela tem o estilo mulherão, a maquiagem forte, mas de uma maneira que a deixa ainda mais bonita, e roupas apertadas e curtas demais. Eu já a vi por aí.

— Me desculpe — começo a pedir quando alguém se aproxima preocupado perguntando se ela está bem. É Stephen.

— Caitlin? Tudo bem?

Ele me cumprimenta meio sem graça e me apresenta a garota, é Brin Vega. Já ouvi falar dela porque é garota de programa, e frequenta a faculdade. As pessoas não são legais com ela lá. Cumprimento a garota que praticamente se pendura em Stephen, e ele diz:

— Boa sorte para o Hanson. Até mais, Caitlin.

— Obrigada. Até mais.

Vejo-os se afastarem e me preocupo um pouco por ser ela a nova escolhida dele. Stephen é atencioso, romântico e bonzinho demais em seu jeito normal, sei que vem de uma família rica, e está seguindo os passos do pai na empresa da família. Essa garota pode estar apenas se

aproveitando dele, de sua condição. Mas bem, não cabe a mim decidir isso por conta do que ela faz para viver. Quem sabe o que a levou a isso? Só espero que ele saiba se cuidar e que não tenha outra decepção como a que causei a ele.

Dois brutamontes se aproximam de mim, cobrindo minha visão. Dou um passo para o lado, afastando-me deles, mas eles fazem o mesmo e sou obrigada a encará-los. Um tem o cabelo grisalho, uma cicatriz enorme logo abaixo do olho e cara de mau. O outro parece um modelo desses de catálogo de cueca, seus braços cobertos por tatuagens e é bem forte.

— Você é Caitlin Ross? — o bonito pergunta.

— Depende. Quem são vocês?

O da cicatriz abre um sorriso perverso, meio de lado e dá um passo mais para perto de mim.

— Sua companhia da noite.

Antes que eu possa processar o que ele disse, um me abraça, levantando-me do chão, e o outro dá cobertura, impedindo que outras pessoas me vejam, eles me arrastam como se eu não pesasse nada e me colocam dentro de um carro. Meus gritos não são ouvidos pelo barulho de som alto de alguns carros ali e a multidão que se aglomera para entrar no clube. Há mais dois homens igualmente fortes e assustadores dentro do carro, que arranca em alta velocidade para longe do clube. Para longe de Colin.

— Quem são vocês? O que querem? Eu não tenho dinheiro. Não vão conseguir nenhum resgate comigo, eu... — reconheço então o homem loiro sentado no banco da frente. Ele lutou contra Stephen em uma de suas lutas. — Eu sei quem vocês são, são do clube do outro finalista. O que vocês querem comigo?

— Tem certeza que é ela a garota que o Stephen mencionou? — o lutador pergunta alto, por cima das minhas perguntas histéricas.

— Stephen? Não, vocês estão com a garota errada eu sou a garota do Colin não do Stephen. Me levem de volta agora mesmo. A garota dele
ACHERON - NACIONAIS

está lá penduradinha no braço dele.

O cabelo grisalho me olha com um sorrisinho divertido e comenta:

— As fotos do clube tem você beijando o Stephen, achei que fosse a garota dele.

Púbis! Estou quase me sentindo uma Maria Tatame.

— Meu lance com ele durou pouco, estou com o Colin agora. Não que eu seja uma Maria Tatame nem nada assim. Mas o Colin é meio esquentado, muito esquentado na verdade, ele é puro fuga. Não vai gostar de saber que vocês tocaram em mim, então talvez possamos fazer um acordo. Vocês me levam de volta, eu entro e assisto a luta, e não conto nada a ele do que aconteceu aqui.

— Não temos medo do seu namoradinho, garota. Agora é melhor calar a merda da boca se quiser continuar com seus dentes! — o motorista que não consigo ver direito ameaça.

Eu até tento me calar, mas tenho esse defeito e não consigo frear a língua. Principalmente quando eles param em frente a um galpão velho, onde há mais dois gigantes, e me arrastam para fora do carro. Tento gritar, mas recebo um olhar ameaçador do grisalho e me calo, observando tudo o que é possível enquanto sou carregada para dentro.

— Vocês são péssimos sequestradores. Se eu fugir sei voltar para o clube, sei pedir ajuda, sei até trazer a polícia aqui depois e indicar cada um de vocês — acuso.

— Garota, se um dia você for pega por sequestradores de verdade, tente manter a matraca fechada e não os faça atirar na sua cabeça por saber demais e ser irritante demais — o modelo de cueca diz.

— Obrigada pelo conselho. O que vocês querem comigo?

— Não vamos te machucar. Só precisamos que seu querido namorado perca a luta, e vamos soltar você.

— Perder? Ele vai detonar o amiguinho idiota de vocês.

— Mesmo? Porque nosso amigo Stephen nos disse que ele se recusaria a lutar se a garota dele não estivesse na plateia. Então mesmo que ele aceite lutar, estará muito decepcionado com ela por não ter aparecido na final. Você acha que ele vai conseguir se concentrar? Eu não conseguiria.

Púbis! Ele não vai lutar sem mim.

— Então é isso. Estão me usando para desclassificarem ele porque sabem que o lutadorzinho de vocês não tem chance de vencer. Ah, por favor, sejam mais homens do que isso. Ele acabou de fraturar as costelas, estão com tanto medo assim?

O modelo de cueca me olha com um sorriso.

— Você é bem atrevida, não é? Percebo o que o exterminador vê em você, afinal. O Franz pode derrotar seu namoradinho, na verdade ele irá acabar com ele. Só queremos garantir.

Eles me amarram em uma cadeira, mas não apertam muito a corda. Meu pulso é bem fino e minha mão pequena, começo a conversar para distrai-los enquanto tento pegar meu celular na calça.

— Vocês conseguem dormir à noite sabendo que desclassificaram um oponente sequestrando a namorada dele? Claro, vocês nem devem saber o que é consciência, me admira muito que tenham se tornado lutadores e não uma quadrilha. Se bem que, quem me garante que não são mesmo uma quadrilha? Não, vocês não são, como eu ressaltai antes, lerdos demais me deixando ver claramente seu esconderijo e suas faces. Isso pode até funcionar, o Colin pode não lutar e se preocupar, mas conhecendo ele como eu conheço, ele virá atrás de mim. E ele tem um pequeno problema de descontrole emocional e violência, acho que sabem disso, não vão gostar do que ele vai fazer quando encontrar vocês.

Nem gosto de pensar nisso, vê-lo perder o controle com a Hannah rondando-o é perigoso demais. Tomara que ele não tente bancar o herói. E tomara que ele lute, e destrua o maldito alemão. O modelo olha para mim e preciso parar o movimento, já consegui soltar uma mão, mas finjo ainda estar amarrada e volto a falar para não levantar suspeitas.

— Vocês podiam estar passando seu tempo com uma *ring girl* americana, podiam estar bebendo e dançando em uma boate sei que tem pouco tempo aqui, por que não o usam para curtir a cidade ao invés de sequestrar a namorada do inimigo de vocês? Quatro brutamontes desses para pegar uma garotinha do meu tamanho. Um de vocês dava conta. Mas pelo visto vocês têm problema de insegurança, por isso não se garantem no ringue, precisam roubar para vencer. Vocês sabem que quando a luta acabar eu vou sair daqui e vou contar ao Thor e aos patrocinadores do campeonato o que vocês fizeram, e se por acaso a donzelinha de vocês tiver vencido a luta, serão desclassificados, não sabem?

Opa! Acho que falei demais!

O grisalho se aproxima de mim com cara de poucos amigos, para seu rosto bem em frente ao meu e me avalia.

— Você tem razão, não podemos correr este risco, não é? Acho que vamos ter que cortar a sua língua fora!

Engulo em seco, meus olhos fixos nos dele para que ele não desça o olhar e perceba o pequeno celular na minha mão.

— Se fizer isso eu faço um desenho...

— Melhor então matarmos você, é o que está sugerindo? Assim não corremos risco. Com sorte, seu querido exterminador nunca mais sobe em um ringue e garantimos o campeonato do ano que vem também. Ei, Dolph, me passa o facão.

Facão? Púbis!

— Vo-você está brincando não está? — pergunto sentindo meu corpo todo tremer.

Ele sorri de lado e respira fundo em meu cabelo, causando-me arrepios e quase choramingo como um bebê.

— É, estou. Espero que com isso você cale a maldita boca! Você fala demais!

— Eu falo muito quando fico nervosa — justifico. — Então não vão me matar, não é? Não são assassinos, só um bando de esquisitos, desajustados e assustadores, mas não assassinos, certo?

— Certo. Cale a boca, se ouvir você dar mais um pio, corto a sua língua. Sei de um golpe que faz isso em três segundos.

Aperto os lábios indicando que vou ficar calada e ele se afasta e acho que fiz xixi nas calças. Pego o celular de olho neles e procuro o número de Colin, mas penso que ele pode estar no ringue agora, então procuro o de Mackie, ela deve estar mesmo procurando por mim. Localizo a última chamada recebida e quando vou apertar chamar, meu telefone recebe uma chamada e *Mooves like Jagger* começa a tocar numa altura totalmente desnecessária. É o Colin, atendo a chamada, mas em segundos o aparelho é arrancado da minha mão e o brutamontes que lutou contra Stephen me puxa pelo cabelo.

— Sua vadia, filha da puta! Não queríamos machucar você, mas agora...

A porta do galpão é aberta e Colin aparece com Stephen.

— Tire as malditas mãos dela!

Tudo acontece tão rápido que não consigo ver. O brutamontes faz um movimento forte derrubando-me da cadeira, e bato a cabeça com força no chão. Vejo Colin batendo em um deles, enquanto Stephen enfrenta o outro. Tento chamar por ele, há três homens em cima dele agora, eles vão feri-lo. Eu preciso ajudá-lo. Consigo me livrar totalmente da corda, mas há um zumbido no meu ouvido e minha cabeça dói muito. Colin derrubou dois deles e eu nem vi como, há sangue escorrendo na lateral do meu rosto, consigo me levantar, mas não consigo ir até onde Colin está. Minha cabeça dói e me sinto tonta.

— Colin... — tento chamar, mas acho que minha voz não sai.

Então ele olha para mim, enquanto segura o imbecil que me machucou. Seus olhos encontram os meus, não é ele, é o Colin violento e descontrolado.

— Não, Colin, não faça isso!

Ele arremessa o cara na parede e pula sobre ele, cobrindo-o de socos. Grita com pura raiva e Stephen chama por ele. Só ele e Stephen estão de pé, e o cara que Colin soca sem parar. Stephen tenta separá-los, mas não consegue tirar Colin de cima do cara. Ele está incontrollável. Ele vai matá-lo.

— Colin... — minha voz sai baixa, mas sai.

Stephen corre até mim e me apoia nele para chegar até Colin.

— Não toque nele, Caitlin. Vou tirá-la daqui — avverte Stephen.

— Não! Me solta! — Consigo me soltar dele e pulo sobre Colin. — Ele não vai me machucar. Colin, estou aqui. Colin, solte-o. Colin!

Ele para o punho no ar e me olha. Seus olhos vermelhos e sua expressão não diferente da assustadora desses homens que me pegaram. Toco seu rosto e ele percebe o sangue escorrendo pelo meu. Solta o homem e suas mãos estão em mim.

— Você está ferida.

— Eu estou bem. Preciso de você, vem comigo. Me tira daqui, deixa ele, já passou. Está tudo bem. Estou aqui, está tudo bem.

Sua expressão se transforma como mágica, a raiva, o ódio, o descontrole, tudo some. Sua respiração se normaliza e ele me abraça, me pega no colo e grita para Stephen ligar o carro. Ouço coisas desconexas então, algo sobre sangue, hospital e polícia.

Acordo em uma cama de hospital, Colin ao meu lado, e minha cabeça não dói mais. Ele vem até mim quando me vê olhando-o e senta-se ao meu lado na cama, levando minha mão aos lábios.

— Você foi desclassificado?

— Isso não importa, amor. Você está bem?

Assinto e tento me sentar, ele me ajuda a me ajeitar no travesseiro.

— Não é justo! Eles eram da gangue do seu adversário, esse campeonato é seu. Precisamos contar para o Thor, ir à polícia, temos que fazer alguma coisa!

— Ei, fica calma! Está tudo bem, você está bem é isso o que importa. — Ele aperta minha mão e explica. — Caitlin, não pudemos chamar a polícia. Nossa luta é clandestina, o Thor tem alguns amigos lá dentro, mas um sequestro e a agressão depois, não iam passar batido. Ligamos para o Thor e contamos a ele, vamos nos encontrar com o treinador do clube alemão amanhã para decidirmos o que fazer, mas não podemos entregá-los.

— Púbis! Isso não é justo.

— Eu sei que não é, amor. Mas não se preocupe, isso não vai ficar assim.

— Você já fez o que tinha que fazer, Colin, você quase matou aquele homem, deixa isso para lá. Me promete que não vai fazer nada além de derrotá-lo no ringue.

Ele olha para baixo e não diz nada, então insisto:

— Me promete, Colin, por favor.

Então seus olhos azuis, escuros esta noite, olham nos meus e ele promete.

— Eu prometo. Vou acabar com eles, mas no ringue. Você ficou com medo de mim? Quando eu estava lá e... — ele se cala, mas sei do que está falando. De sua perda de controle no galpão.

— Eu nunca tenho medo de você. Eu sabia que ia parar quando me visse. Não foi culpa sua, Colin. A situação era pesada demais, quem pode culpá-lo? Você fez o que tinha que fazer.

— Eu perdi o controle.

— E o recuperou depois. O que é ainda mais difícil, não é? Ele está

vivo?

Ele assente e solto minha mão das suas apenas para acariciar seu rosto másculo e preocupado.

— Me desculpa fazer você ser desclassificado.

— Não foi culpa sua. Mas, da próxima vez que eu disser para você não falar mais com a merda do Ryan, me obedeça.

Eu me lembro dos caras citando o Stephen, mas não acredito que ele esteja envolvido nisso. Tanto que ele foi ajudar o Colin a me salvar. Então, como ele sabia onde estávamos? Alguma coisa aqui não faz sentido.

Apesar da dor leve na cabeça, faço questão de acompanhar o Colin até o clube na tarde seguinte. Eu fui levada por esses brutamontes e quero apontar o dedo na cara de cada um deles e acusá-los. Quero que a justiça seja feita. Esse título pertence ao Colin. Conto toda a história a Thor, diante do treinador deles, que apenas escuta calado. Quando termino o relato, ele me pede desculpas e então diz o que Colin alertou que ele diria:

— A prova que vocês têm é a palavra da namorada do desclassificado. Não dá para tirar o título do meu garoto por causa disso.

Quero bater nele, mas Colin me segura e torço que meu olhar mortal direcionado a ele possa feri-lo, pelo menos um pouco.

— Nós dois sabemos que ela não está mentindo, Klaus. Vamos ser justos pelo menos com o campeonato. Seus lutadores se salvaram da cadeia porque os meus não quiseram expor o clube e o que fazemos. Mas não vão sair tão impunes disso. O cinturão não pertence ao Franz, já que a culpa pelo Colin ter abandonado o ringue foi dele — defende Thor.

— Então o que você sugere? Que ele dê o cinturão ao Hanson?

— Seria o justo. Mas como justiça não é seu forte, sugiro que marquemos a luta. Para esta noite. Desta vez, sem joguinhos do seu
ACHERON - NACIONAIS

clube, quero uma luta justa e que vença o melhor no ringue, não a melhor gangue.

A contragosto, Klaus aceita. Colin terá mais uma chance. Porém, Franz não se conforma em devolver o cinturão, eles discutem por um tempo e por fim, Franz é quem se dirige a Colin, falando diretamente com ele.

— Nós lutamos de novo, Hanson, esta noite. Contudo, só vou dar o cinturão a você, se me vencer por KO e não for atingido nenhuma vez.

Não sei o que significa KO, mas ouço os arquejos de Thor e Dustin, então não deve ser coisa boa. Mas Colin concorda e aperta a mão dele, que diz antes de deixar a sala:

— Você já sabe, se eu acertar um golpe que seja em você, o cinturão é meu.

— Pode ter certeza que você não vai me acertar — Colin responde.

— O quê? Você ficou louco? Isso não é justo! — começo a esbravejar e Colin me abraça, tentando me tranquilizar.

— Vai dar tudo certo, amor. Não se preocupe.

— Colin, você pode vencê-lo, eu não tenho a menor dúvida disso, mas sem que ele acerte você? É impossível!

— Não, Caitlin, não é. Eu tenho raiva demais dentro de mim agora, um ódio que quase não posso controlar e vou descontá-lo nele. Isso é justiça.

Nego com a cabeça temendo onde isso vai parar. Ele pretende perder o controle, deixar seu eu violento assumir para vencer a luta. Ele tem chance de vencê-la mesmo nos termos absurdos de Franz, mas tenho medo do que será dele depois.

Estamos saindo da sala de Thor, e encontramos Stephen do lado de fora nos esperando. Ele olha para mim com o curativo na cabeça e vejo a culpa passar por seus olhos. Antes que qualquer um de nós tenha a

chance de perguntar a ele como sabia onde eu estava, ele mesmo fala.

— Eu disse a eles que você não lutaria sem a sua garota. Não achei que eles fossem usar a informação para sequestrá-la. Eles me perguntaram qual o seu ponto fraco e eu disse que ela era o seu calcanhar de Aquiles. Depois, eu mostrei a eles quem ela era. Pedi a Brin que esbarrasse nela. Achei que eles fossem ficar de olho, algo assim. Se eu tivesse imaginado que eles pegariam a Caitlin... — Colin o acerta com um soco na boca, calando-o.

Mais rápido do que consigo prever, pula sobre Stephen, gritando enraivecido e acertando-o em cheio socos atrás de socos. Thor e Dustin tentam separá-los, e Colin ainda o acerta mais alguns socos enquanto é afastado dele. O rosto de Stephen está horrível, os lábios começam a inchar e há sangue por toda parte.

— Seu filho da puta! Se chegar perto dela de novo, se você falar o nome dela de novo eu mato você! Eu mato você, Ryan, está me ouvindo? — Colin grita descontrolado, mas Stephen nega com a cabeça, resignado.

— Não vou, não vou chegar perto dela de novo.

Quando Colin se acalma, Klaus está observando atentamente Thor, seguido de perto por Franz. Eles não dizem nada, mas não é preciso. Esta é a regra do clube, durante o campeonato ou fora dele, a principal regra, e até eu a conheço. Com pesar, Thor se afasta de Colin e o comunica:

— Porra, Colin, caralho! Como você me apronta uma dessas?! Sinto muito, filho, mas você conhece as regras do clube. Não pode agredir outro lutador dentro do clube, fora do ringue. Me dói a alma dizer isso, mas você está desclassificado do campeonato, Colin. Escolha outro lutador para lutar a final no seu lugar.

Não! Não! Não! Não! Até quando a vida dele vai ser cheia de injustiças? Até quando ele vai pagar tão caro por cada deslize? Ele é só um menino! Pulo em seus braços, as lágrimas me tomando. Sinto raiva pelo que está acontecendo e por tudo o que aconteceu. Ele deveria ter lutado ontem, e deveria ter vencido. E pronto. Não tinha que haver sequestro, não tinha que haver desclassificação. Ele abaixa a cabeça,

posso ver a decepção e o cansaço em seu rosto. Como ele pode não surtar assim? Como ser um cara normal e controlado se tudo dá tão errado? É aí que Stephen fala, nos surpreendendo.

— Ele não está desclassificado. A regra do clube é clara, ele não poderia agredir outro lutador aqui dentro, ela não diz nada sobre brigas entre lutadores e visitantes.

— Você é lutador desse clube, o que está dizendo? — Franz pergunta confuso.

— Não mais. Eu decidi me afastar do clube e pedi o desligamento. Não sou mais um lutador do Luck, portando Colin Hanson ainda é elegível para disputar a final do campeonato. Ele não quebrou nenhuma regra.

— Desde quando você não é membro do clube? Se o próprio Thor acabou de dizer...

— Desde ontem — Luke intervém. — Ele falou comigo, trabalho na administração do clube, não tinha passado ainda ao Thor devido a confusão do sequestro da Caitlin. Mas desde ontem, Stephen Ryan foi desligado do Luck, ele não faz mais parte do quadro de lutadores. Colin Hanson não quebrou nenhuma regra.

Eles estão mentindo e todo mundo sabe disso, mas quem vai provar? Encaro Stephen sem ter certeza se devo odiá-lo ou me sentir grata e ele pisca para mim, antes de olhar em volta com pesar e deixar o clube. E a grande final está remarcada.

Deixei Colin treinando com Dustin, apesar de ele me pedir tanto para não sair de perto dele, eu tinha que vir ao meu trabalho, entregar o atestado do dia e explicar aos meus chefes o que aconteceu, afinal de contas, eles sempre foram muito bons para mim. E não é diferente desta vez, entendem bem o que aconteceu e até me mimam um pouco. Aproveito para contar às meninas tudo sobre a noite passada e a manhã, e as convido para a luta de noite, que claro, elas irão. Já estou me despedindo quando *ela* entra na lanchonete. Usa um chapéu grande,

óculos escuros e um lenço em volta do pescoço que esconde uma parte de seu rosto. Hannah senta-se em uma mesa e espera ser servida.

Lyla vai atendê-la, não digo a ela quem Hannah é, trato de sair daqui o mais depressa possível, porque sei que não é coincidência ela estar aqui. Despeço-me das meninas, e ouço sua voz falando mais alto com Lyla, exigindo algo.

— Eu quero que Caitlin Ross me atenda. Não vou ser atendida por nenhuma outra garçonete!

Lyla tenta explicar que não estou trabalhando hoje, e Hannah me encara, e pede para chamar meu chefe. Aproximo-me nervosa para ver o que quer, sei que ela não vai me dar paz.

— O que você quer, Hannah?

Ela abre um imenso sorriso.

— Uma vitamina. De mamão. Sem gelo e bem depressa.

— Eu não vou servir você. Estou indo embora agora, a não ser que me diga logo o que veio fazer aqui.

Com uma careta, ela estende uns papéis.

— Preciso que faça o Colin assinar esses papéis.

— Ele já disse que não vai assinar — respondo afastando-me, mas ela grita para se certificar de ser ouvida.

— Acho melhor você voltar aqui e pegar esses papéis se não quiser que seu namorado agressivo volte para a cadeia.

Alguns olhares caem sobre mim, inclusive dos meus chefes que não conhecem Colin e sua história com essa bruxa. Volto para perto dela e tiro os papéis de sua mão. É claro que ele não vai assiná-los.

— Ou você faz ele assinar esses papéis até a noite, ou eu vou mandá-lo direto para a prisão. E não pense que estou brincando, menina, eu nunca vou esquecer o que ele fez comigo! Eu me lembro disso toda vez que me olho no espelho. Ninguém nunca mais olhou de verdade para

ACHERON - NACIONAIS

mim, ninguém mais se interessou por mim, ele tem que pagar por isso. Ou com o dinheiro que ele nem faz questão de ter, ou com a liberdade. É você quem decide.

Guardo os papéis na bolsa amassando-os de propósito para que ela veja e respondo:

— E o que você fez com ele? Você se lembra também? Porque marcas num rosto não são nada comparadas às vidas que você tirou. A família que você destruiu. Você vai pagar com o quê?

— Eu vou aparecer no clube hoje, Caitlin, é bom que esses papéis estejam assinados, ou o seu amiguinho vai voltar para a cadeia.

— Boa sorte, Hannah — digo indo embora.

Mas por dentro, não tenho essa segurança de que ela não pode fazer nada contra ele. Colin anda nervoso, anda se descontrolando, não que não tenha razão para isso, ele realmente tem, e Hannah seria uma razão e tanto! Se ela o provocar um pouco que seja, ele vai perder a cabeça e dar a ela o que tanto quer. Analiso os papéis no ônibus. É um acordo ridículo onde ele abre mão de tudo o que é dele para ela. Como esposa do falecido pai do Colin, ela tem direito a uma parte da herança dele, mas não tem sobre o dinheiro da mãe do Colin, que é a maior parte, é esta parte que quer que o Colin ceda para ela. Assim como a metade que pertence a ele de seu pai.

Fico alguns minutos olhando os papéis, pensando se devo ao menos falar disso com o Colin, mas hoje é a final do campeonato, já estou com medo pelo que pode acontecer a ele deixando que toda sua raiva o domine, não quero colocar mais lenha na fogueira e vê-lo se queimar. Até mesmo quando estou indo para o clube com as meninas, fico lendo os papéis e pensando. Só que sei que não é justo, ele não tem que abrir mão do que é dele, ele diz que não quer esse dinheiro agora, e eu entendo perfeitamente a dor que ele lhe causou. Mas logo ele vai superar, vai aprender a expulsar esses malditos fantasmas de sua vida e vai fazer algo realmente bom com esse dinheiro.

E não posso ajudar a bruxa que destruiu a família e a mente do

ACHERON - NACIONAIS

homem que amo a ter o que sempre quis. Este dinheiro foi o motivo de tudo o que ela fez, tudo o que ela tirou dele, não é justo que no final das contas consiga tê-lo. E saia totalmente impune, afinal de contas, as marcas em seu rosto, apesar de bem visíveis não se parecem em nada com as marcas originais, de quando foi resgatada no incêndio. Ela fez plásticas e procedimentos, vai continuar fazendo até que sumam o suficiente para ter uma vida normal. Mas o Colin nunca terá uma vida normal. Os pais dele não vão voltar à vida magicamente e cuidar dele. Então ela não tem que ter um final feliz.

Chegando ao clube, amasso as folhas e as arremesso no lixo, fazendo uma cesta e comemorando. Posso até falar disso com o Colin depois da luta, mas sei que tomei a decisão certa.

Dou um beijo rápido de boa sorte nele, que me prende em seus braços, e me promete vencer, mas eu não tenho a menor dúvida disso. Me junto às meninas no nosso lugar reservado por ele e espero ansiosa que a luta comece. Enquanto isso, vou rezando para que ele não seja atingido. Sei que é quase impossível, mas bem, tenho vivido o impossível nos últimos dias, e aprendi que o impossível na verdade não existe, com exceção de evitar a morte, tudo no mundo é possível para alguém.

Colin sobe no ringue e a plateia vai à loucura, gritando seu nome bem alto. Eles também vão quando Franz é anunciado, e me junto ao coro, com meu cartaz e uma camisa personalizada dele. As meninas também a estão usando, mandaram fazer de última hora.

— Estou me sentindo quase uma cheerleader aqui. Só faltou as roupas curtas e os passos impossíveis — brinca Joy.

— Acho que estamos mais para o fã clube dele, mas tudo bem, por hoje vou torcer para o seu Colin, Cait — diz Lyla nos surpreendendo.

— Achei que você o odiasse até o âmagô — brinco.

— E odiava. Mas, no final das contas, ele não é tão ruim assim, acho que você ainda pode consertá-lo. E bem, entre ele e esse alemão idiota e

trapaceiro, eu torço para o seu namorado.

A luta começa e Colin quase é atingido de cara, ele fica um tempo desviando dos golpes de Franz, quase sendo pego, se controlando. E se ele continuar se controlando, não vai vencer o campeonato. Estou tão focada em cada movimento e cada golpe que ele acerta Franz que me assusto quando sou puxada por Luke, que nem vi que estava me chamando.

— Desculpe, está tudo bem?

— Não. A Hannah está lá fora e quer entrar, disse que quer falar com você.

— Púbis.

Vou com ele temendo que isso desconcentre Colin, então antes aviso a ele que vou ao banheiro com um gesto, apenas para que ele não se preocupe e encontro Luke na porta de entrada, segundos antes de Hannah passar pela porta, olhando as pessoas e o local com desdém.

— Você não pode entrar aqui, Elvis, tire-a daqui imediatamente! — grita Luke a um dos seguranças, que logo se aproxima dela.

— Os papéis, Caitlin. Onde estão?

— Você viu uma lixeira verde do lado de fora? Estão lá dentro.

Sua expressão é de puro ódio, e ela faz um gesto negativo com a cabeça.

— Você sequer pediu a ele — conclui.

— Ele não vai assinar, agradeça por estar livre, apesar de tudo o que fez e vá viver sua vida longe dele. Você pode se achar a vilã, achar que tem o direito de destruir a vida dele assim, de graça, mas você não me viu com raiva, Hannah. Eu sou muito boazinha e justa, e sou igualmente protetora. Aproxime-se dele de novo e eu garanto que não paro até que você vá para a cadeia, onde deveria estar. Não é uma ameaça rasa, você sabe quem é minha mãe, não duvide do que sou capaz.

Noto que ela engole em seco, certamente reconhecendo a verdade em minhas palavras e então se retira. Fácil demais, sem ao menos brigar.

— Ela vai aprontar alguma coisa — alerta Luke que parece tranquilo.

— Acho que não. A cara que você fez, até eu fiquei com medo. Você precisa andar menos com o Colin malvado.

Ainda fico com a sensação de que foi fácil demais e que ela vai fazer algo, mas volto ao meu lugar para ver a luta, com Luke a tiracolo, que fica de olho em Lyla e apenas lamento por ele. De todas as minhas amigas solteiras, sendo sincera encalhadas, ele escolhe justamente a única que não está procurando um amor.

Quando olho novamente para o ringue, Franz tem o rosto ensanguentado e Colin está batendo nele.

— Ele entrou no modo exterminador literalmente. Chegou um momento em que começou a bater como um louco e não parou mais. Estou sem fôlego só de vê-lo batendo tanto — comenta Joy admirada.

Colin não para, ele não apenas bate, ele o derruba, segura seus braços e o joga ao chão, sobe nas cordas e pula sobre ele, gira com ele pelo ringue, é como um espetáculo, onde ele até então está saindo ileso. Franz está claramente cansado e sentindo dor, e Colin parece não se cansar. Ele escapa por pouco de um gancho de Franz e o derruba em seguida, então Franz se fecha totalmente no chão, ele fica ajoelhado, preparando-se para o próximo golpe, com a cabeça baixa e dificulta que Colin o acerte, mas Colin o rodeia e senta-se atrás dele. Ouço Luke gritar animado para Lyla:

— Ele vai aplicar o Mata-leão![\[1\]](#)

Em questão de segundos Colin está com os braços em volta do pescoço de Franz, dá uma cambalhota com ele no ringue deixando-o totalmente à sua mercê e permanece assim, prendendo-o pelo pescoço. Pouco depois, parece que Franz desmaia, vejo-o apagar enquanto a plateia vibra e o juiz se aproxima declarando Colin como o campeão por KO.

Colin venceu o campeonato.

Gritamos feito loucas, nos abraçando e sinto um orgulho tão grande dele. Meu meninão, meu melhor amigo, o amor da minha vida. Serena, a irmã do Stephen, sobe ao ringue para fazer seu papel de Sorte do Colin e sinto um nó no peito, tento afastá-lo, afinal de contas, ele acabou de vencer o campeonato! Colin diz algo a Serena que se retira do ringue sem pegar o lenço da vitória. Thor sobe no ringue com o cinturão para entregá-lo a Colin, que o beija emocionado antes de erguê-lo, e a plateia grita ainda mais alto. Então, Colin pega o lenço da vitória, o mais importante lenço que ele já pegou.

Escuto de fundo as pessoas à minha volta comentando que ele não foi atingido nenhuma vez, aclamando seus golpes e técnica, confirmando que ele é o melhor lutador do país. Colin me localiza na plateia e me chama. Fico confusa, porque sei que não posso subir ao ringue, não sou a Sorte dele e não vou fazer nada que possa puni-lo por regras bobas quebradas. Ele insiste e como sempre, tira o microfone da mão do locutor para me chamar.

— Caitlin Ross, você poderia vir até aqui, próximo ao ringue, por favor?

Todo mundo me olha, e sem jeito, acabo indo até o ringue, não subo nele, só paro o mais perto possível de Colin. Ainda com o microfone em mãos, ele diz:

— Boa noite, senhoras e senhores, eu agradeço muito por estarem aqui e torcerem por mim, e caralho! Nós vencemos! — A plateia grita e aplaude, e ele continua. — Mas hoje, em especial, quero agradecer a uma pessoa, uma mulher, se Deus quiser a minha futura mulher.

A plateia ri e grita e a luz cai sobre mim, ele olha diretamente para mim ao proferir as próximas palavras.

— Caitlin Ross, minha menina, minha melhor amiga, minha garota. Eu fui uma criança que teve tudo e depois perdeu tudo e achei mesmo que não teria nunca mais algo tão bom como a família que perdi, mas eu estava errado. O tempo todo, eu sempre tive tudo. E houve um momento

ACHERON - NACIONAIS

em que fechei os olhos para você, eu a via, precisava de você, a amava, mas não o suficiente, não com tudo o que realmente sentia por você. E passar esses dias com você, sendo o seu namorado, mesmo que te impondo esse relacionamento, só me provou que eu tenho tudo o que preciso, tudo o que poderia querer, em você.

A plateia feminina suspira, os homens zombam um pouco e eu já começo a enxergá-lo embaçado.

— Eu não sou bom com palavras, sou pior ainda sentindo o que sinto. Sei que muitas vezes quase a sufoco com meu excesso de amor, piso na bola tentando te agradar demais, ou ajo como um maluco possessivo por medo de perder você, mas isso é porque eu te amo demais. Eu te amo tanto, que me assusto com a intensidade do que sou capaz de sentir. Então mesmo que eu seja louco, possessivo, exagerado e pegajoso, nunca se esqueça nem por um segundo que eu te amo demais. E tudo o que eu faço é por amor. Então obrigado por ter paciência, por ensinar do seu jeitinho doce a amar você da maneira mais normal, eu não sei se existe um jeito certo de amar alguém, mas prometo tentar fazer isso de um jeito menos maluco.

As pessoas riem alto e só consigo chorar. Não sei nem começar a descrever o que estou sentindo, além desse amor que me sufoca e me faz quase flutuar até ele.

— Eu quero dizer dez motivos de porque eu amo Caitlin Ross. Um, você é a pessoa mais doce, sincera e linda que eu já vi. Dois, vem de você toda minha força. Três, você me entende e me conhece como ninguém mais. Quatro, e você me ama assim mesmo, isso é incrível! — Ouço risadas e me pego rindo também. — Cinco, você realmente acredita na bondade das pessoas e nas coisas boas. Seis, você é a melhor amiga que alguém poderia sonhar em ter. Sete, você não tem filtro entre o cérebro e a boca, eu amo mesmo isso em você, porque te faz ser transparente e engraçada. Oito, você fica ainda mais deliciosa tentando me seduzir. Nove, você é a mulher mais sexy, quente e gostosa que existe no mundo.

Ele para de falar e seus olhos estão cheios, fixos nos meus. Enfia a mão no bolso e tira algo de lá, que fica rodando entre os dedos, antes de

falar o décimo item da lista. Uma lista de porque ele me ama. Como a que fiz dele tantos anos atrás.

— E dez, a melhor coisa que aconteceu na minha vida foi amar você. Você é o melhor de mim, Caitlin. — Ele desce do ringue e vem até mim, a plateia dando espaço para que ele se aproxime, seus olhos não deixam os meus em nenhum momento enquanto se ajoelha diante de mim e estende um pequeno anel, com pedras delicadas e de grande brilho. — Então, por favor, aceite ser minha. Você sabe o que isso quer dizer, eu só quero que seja para sempre. Não estou sendo suficientemente claro — admite sorrindo. — Caitlin, namora comigo?

— Sim — respondo quase como um sussurro e ele brinca.

— Vocês não ouviram, mas ela disse sim, não disse?

As pessoas riem, suspiram, eu concordo com a cabeça e me jogo em seus braços. Ele coloca o anel no meu dedo e o beija em seguida, e logo sua boca está na minha, estou nos seus braços, o lenço da vitória está sobre a minha cabeça e ele me beija daquele jeito apaixonado e intenso dele. Daquele jeito que amo ser beijada, só que desta vez eu realmente entendo tudo o que ele me transmite em um beijo, todo amor, loucura, desespero, carinho, tudo.

— Eu te amo — sussurro tão logo sua boca deixa a minha e ele sorri.

— Eu sei. Mas por favor diga isso todos os dias. Você não faz ideia de como é bom ouvi-la dizendo isso.

Estou perdida em seus braços, seu cheiro, suas palavras, quando alguém grita. Há o barulho de uma sirene, e tiros. As pessoas gritam e correm em várias direções.

— A polícia está aqui! — Ouço alguém gritar.

— Foi a Hannah, ela chamou a polícia — concluo.

Colin parece confuso num primeiro momento, mas Thor aparece alarmado, entregando-o o cinturão.

— Corra! Tire sua garota daqui, vão embora! A polícia não pode

ACHERON - NACIONAIS

pegar você, Colin, corra!

Ele segura firme minha mão. Procuro por alto as meninas e não estão mais onde estavam sentadas e só posso torcer que Luke as tenha tirado daqui em segurança. Passamos por pessoas caídas, e várias trombam na gente no caminho. Ele me guia para o vestiário, entra correndo e abre uma enorme janela que dá para a rua. Repetindo que tudo vai ficar bem, mas sei que está assustado, ele me passa pela janela e o ajudo a passar em seguida. Abaixa-se diante de mim ao ver o movimento de policiais do lado de fora e ordena:

— Suba em mim. Vamos ter que correr.

Obedeço prontamente subindo em suas costas e me prendendo a ele.

— Segure-se, baby!

Eu me seguro e ele corre. Fecho os olhos e rezo que consigamos sair sem sermos pegos, ele não pode voltar para a cadeia de jeito nenhum!

CAPÍTULO QUATORZE

COLIN

O caos está armado.

As pessoas correm enlouquecidas para todos os lados, há tiros, gritos, muitos carros de polícia. Consigo fugir de um policial, estou com minha garota nas costas e não vou permitir que ela manche sua ficha perfeita com uma passagem pela prisão por estar em um clube de luta clandestina. Também não vou voltar para lá. Uma dessas e minha condicional seria revogada, eu responderia não só por luta clandestina, mas por aqueles erros do passado, os que tenho pago a cada dia desde então, mas a polícia não vai querer saber disso.

Nos mantenho nas sombras, a polícia cercou todo o quarteirão, é quase impossível sair ou entrar nele, mas a quantidade de gente correndo, a superlotação do clube esta noite impede que os policiais deem conta de todo mundo. Viro a esquina fugindo de um carro de polícia que está encostando e avisto Stephen. Ele parece desesperado, correndo em direção ao clube.

— O que está fazendo? Está cheio de policiais aí, tem que ir para o outro lado — aviso.

A cara dele está tão feia que com certeza um policial irá pará-lo, ciente de que é um lutador.

— A Sabrine não saiu de lá. Preciso encontrá-la.

Está se referindo a Brin Vega, sua nova melhor amiga.

— Você não pode voltar lá, está maluco? Ela é mulher, não vai ser acusada como lutadora e além do mais, ela sabe se virar muito bem, cresceu nas ruas, você sabe disso.

— Não, cara, você não entende! Ela estava lá por minha causa! Ela

ACHERON - NACIONAIS

trava quando vê policiais, é uma espécie de pânico, não sei explicar, mas ela tem crises. São muitos policiais, ela estava logo atrás de mim, começou a ter crises, eu a carreguei até uma saída, mas havia muita gente, nos perdemos. Me disseram que ela havia saído e estava procurando por ela, mas ela não saiu. Eu sinto que não. Preciso encontrá-la.

— Ryan, se você for pego seu pai te mata. Todo mundo sabe do punho de ferro com que você e sua irmã são criados. Peça qualquer outra pessoa para ir até lá procurar por ela, mas não volte lá.

— Eu vou! Eu volto lá e procuro por ela. Eles não estão parando nem agredindo mulheres. Vou correr menos risco do que você — Carolina diz aproximando-se de nós com Dustin a tiracolo.

— Você não vai voltar lá, ficou maluca? — Dustin veta imediatamente.

— E se eu estivesse lá, Phill? Não ia querer que a Caitlin ou a Brin fossem me procurar?

— Amor eu iria atrás de você até no inferno! Você não vai voltar lá.

Há um combate de olhares entre eles e vejo o momento exato em que Dustin cede.

— Você não vai sozinha.

— Você não vai comigo de jeito nenhum! Eu dou conta, entrar lá, encontrá-la e trazê-la até aqui. Vocês se escondam!

— Eu vou com você — Caitlin diz descendo das minhas costas.

— Caitlin... — quero impedi-la, mas sei que não vou convencê-la do contrário. Ela está com aquele olhar determinado.

— Eu sei onde é a saída pela qual você me tirou. Vamos entrar por lá, eu acho a Brin e nós a trazemos. Não tem perigo, eles não estão barrando garotas. Se esconda e fique tranquilo.

Ela deposita um beijo rápido na minha boca e vai com a Carol.

Rapidamente elas somem na multidão e começo a rezar. Há algo em meu peito, uma espécie de nó que me diz que algo vai dar errado. Penso em ir atrás dela assim mesmo, mas não posso ser pego. Dustin, assim como eu, não consegue ficar parado, está conversando com Deus e olhando o tempo todo, em busca da sua esposa.

— Obrigado. A vocês dois. Sei que não é fácil deixá-las voltarem lá. E eu não sou exatamente amigo de vocês, então, obrigado de verdade — Stephen diz.

— A Brin não tem culpa de nenhuma das nossas merdas, é só uma garota — Dustin responde e eu nem consigo formular uma frase, preciso que a minha Caitlin volte. Preciso que volte agora!

Já se passou muito tempo e elas não voltaram. Escondidos para que a polícia não nos veja, temos uma boa visão da movimentação em volta do clube, avisto Luke e Lyla entrando em um carro e fico mais aliviado que a amiga de Caitlin e meu amigo estejam bem, não vejo Mackie nem Joy com eles.

— Elas estão demorando demais! Eu é que deveria ter ido, a Sabrine não vai vir com elas! Eu vou até lá! — Stephen sai do esconderijo, mas o seguro, impedindo que cometa a maior burrada da sua vida.

— Elas já foram, já se arriscaram por você, você não vai sair daqui. Esfria essa cabeça e reza, elas vão voltar.

O que não digo é que também estou tentado a ir até lá procurá-las. Estão demorando demais.

— Chega! Eu vou lá — Dustin diz desesperado e o acompanho, e assim que viramos a esquina, as vemos.

Mackenzie ajuda Joy que parece machucada, enquanto Carolina e Caitlin praticamente carregam uma Brin em choque. Seus olhos mal piscam, ela treme muito e chora.

— Stephen, ela está passando mal, o que a gente faz? — Caitlin grita e rapidamente ele as alcança, pegando Brin no colo.

Alcanço Caitlin e a prendo em meus braços, respiro seu cheiro e a beijo como um desesperado.

— Nunca mais banque a heroína de novo. Não faça mais isso comigo.

Ela assente e me abraça de volta, e só me afasto dela, para carregar Joy, que torceu o pé.

— A coisa está feia lá dentro, liguei para a equipe do jornal em que trabalho, estão vindo para cá. Eu vou ficar e cobrir a matéria. Os policiais estão atirando, há muitos lutadores e expectadores feridos, mas eles não estão revidando, não há motivos para tiros. Quero documentar tudo, isso não pode passar batido — Carol diz triste e Dustin decide ficar com ela.

Levamos Brin e Joy a um hospital, vamos no carro de Dustin, e durante o caminho, noto Stephen tentando trazer Brin de volta de seu transe. Ele segura seu rosto e tenta fazer com que ela o veja, mas os olhos dela parecem não se fixar em nada. Ela chora e geme e treme muito.

— Ei, Sabine, olhe para mim. Sabine, volte. Estou aqui, está tudo bem. Vamos cuidar de você agora! Brin, volte! — Ela não parece escutá-lo, mas ele não desiste. — Diabinha, você tem que vencer isso, vença esse medo, não tem ninguém mais aqui, somos seus amigos. Brin, volte para mim! Volte!

Ela grita, grita alto e se mexe descontrolada, ele a abraça o mais forte que consegue e Mackie o ajuda a segurá-la. Depois de gritar ela chora e abraça Stephen. Ele respira aliviado, a aperta em seus braços e olha para mim pelo retrovisor, diz baixinho, mas consigo ler.

— Ela voltou.

E percebo que o que há entre eles é muito maior do que uma estranha amizade.

Chegamos em casa com o sol nascendo. Joy e Brin atendidas e liberadas. Caitlin dorme no caminho e preciso carregá-la até nosso apartamento. A levo direto para o banheiro, onde ela desperta. Tiro sua

roupa com cuidado, em seguida tiro a minha e a arrasto para debaixo da água quente. Ela me abraça e chego a pensar que dormiu assim, em pé, debaixo da água comigo, mas ela se move e pega um sabonete, passeando-o por minha barriga, me olha daquele jeito apaixonado e exhibe o anel que dei a ela, com um sorriso enorme.

— Você é o homem mais romântico da história dos homens românticos! — brinca. — Como você soube da lista?

— Você está brava?

— Estou surpresa. É, meio brava porque você leu o meu diário, e nem vou citar o quanto isso é invasivo.

— Este sou eu, baby. Isso te faz querer desistir de mim?

Ela ri alto e me olha com alegria genuína em seu rosto lindo.

— Desistir de você? Você é o homem mais lindo, apaixonado, intenso, maluco e delicioso do mundo! E para ser sincera, eu amo esse seu jeito sem noção e possessivo de amar. Eu amo você, Colin Hanson.

— E eu te amo ainda mais, Caitlin Ross. Espero que um dia você me perdoe por cada segundo em que a fiz sofrer, e passe a assinar Caitlin Hanson. Este sobrenome combina com você.

— Não há o que ser perdoado. Você só tem que me compensar e você faz isso. Me faz esquecer até quem sou, imagina coisas que já aconteceram. Não me lembro de mais nada que não seja você nu.

Sorrio.

— Então preciso te provar um ponto. Tem que se lembrar de mim nu e dentro de você.

A levanto depressa e me viro, pressionando-a à parede. A beijo com todo amor e paixão que sinto por ela, com toda loucura que ela me provoca, e que me faz amá-la ainda mais. E a penetro devagar, enquanto suas mãos passeiam por meu ombro e costas, suas pernas rodeiam minha cintura e sua boca devolve à minha todo esse amor, paixão e loucura.

Não me atrevo a aparecer no clube na tarde seguinte. Fico sabendo que vários competidores foram presos, incluído Klaus, Dirk e Franz, do clube alemão. É questão de tempo para que meu nome vazze e a polícia venha atrás de mim. Dois dias depois, recebo uma ligação de Thor, a polícia até agora não veio e isso me deixa ainda mais apreensivo.

— Hanson, está tudo bem com você e a Cait?

— Estamos bem. E você? Está ferido? Está livre?

— Estou livre, eu tinha uns contatos, um bom advogado, enfim, estou cuidando de tirar todos os lutadores do clube da prisão. Muitos foram pegos. O clube alemão não teve a mesma sorte, acharam mais podres nas fichas deles do que poderíamos imaginar.

— Bem, eles merecem.

— Você pode dar um pulo aqui no clube? Estou convocando os lutadores que estão livres, é importante que você venha.

— Estou indo. E Thor, por que a polícia não chegou até mim?

— Porque ninguém disse seu nome. Todo mundo aqui sabe sobre sua condicional, Colin, ninguém vai te entregar. E o que os alemães disseram foi desmentido por todos os lutadores e expectadores, sem exceções. As pessoas gostam de você.

— Caralho! Parece que gostam mesmo! Valeu, Thor, fico te devendo essa.

— Pare de sentimentalismo e traga esse traseiro para cá, preciso falar com vocês.

Nos despedimos e me sinto até emocionado por ter sido defendido, até mesmo por aqueles que pensei não gostar de mim. No final das contas, nunca estamos sozinhos.

Levo Caitlin comigo porque Hannah foi vista rondando nosso prédio e
ACHERON - NACIONAIS

estou de guarda dela, mesmo com os bicos e resmungos desaprovadores. Chegamos ao clube e sinto um nó na garganta, está tudo quebrado na portaria.

— Imagina como deve estar lá dentro? — comento e Caitlin aperta minha mão.

Passamos pelo enorme corredor que dá acesso ao interior do clube e os quadros dos lutadores estão ao chão, quebrados. E ali, na parede principal, onde antes havia o quadro do Stephen, está o meu quadro. Uma foto gigante minha e a frase: *campeão internacional 2017*. Logo abaixo, meu nome, o que não é comum nos quadros, e a frase *principal lutador do Luck*.

— Olha amor, você é o rei agora — Caitlin brinca, mas me sinto orgulhoso e feliz pra caralho!

O estrago lá dentro é pior do que imaginávamos. Alguns poucos lutadores estão reunidos aqui, entre eles, três do grupinho que fez a aposta sobre a virgindade da Caitlin. Bryan se aproxima de mim e estende a mão receoso.

— Não entregamos você, Hanson e não vamos. Vamos protegê-lo, damos nossa palavra. E em troca pedimos que nos desculpe pelo que falamos da sua garota. Caitlin, desculpe-nos também. Somos todos idiotas com músculos, como diz a dona Candice.

Caitlin sorri e pega a mão dele, perdendo a aposta que nem sabe que fizeram. Mas eu ainda quero muito socar a cara de cada um deles. Porém, eles me ajudaram no final das contas e pediram desculpas à minha rainha. Então pego a mão de Bryan e dos outros dois presentes.

— Valeu pela ajuda. E tudo bem, apostas esquecidas. Amigos agora, certo? — pergunto e eles concordam, então dou um soco rápido em cada um deles, fingindo estar brincando, mas os acerto com a força que eles merecem. — Valeu amigos, estava precisando disso. Alguém mais quer me pedir desculpas?

— Colin! — Caitlin repreende, mas fica tudo bem.

Stephen é o último a chegar. Claro que aquela coisa de se desligar do clube era papo furado para eu disputar o campeonato, mesmo assim Thor brinca dizendo que ele foi readmitido. Brin não está com ele, mas ele diz que ela está bem.

— Valeu, Hanson, pela ajuda com ela. Espero um dia retribuir o favor.

— Está tudo bem, cara. Tudo acabou bem.

Ele me estende a mão e embora ainda sinta raiva dele por todos esses anos de rivalidade, por Caitlin e principalmente, por ter falado demais com os alemães psicóticos, não posso imaginar o que ele passou ao perdê-la para mim. E, no final das contas, ele nos ajudou. Formamos um time. Então aperto sua mão e sob os olhares curiosos e surpresos, acabamos com a famosa rivalidade. Mas, como não podia deixar de fazer, o lembro de algo de suma importância:

— Eu sou o principal agora. O mundo está no eixo de novo.

— Ah, cale a boca, Hanson. Espere até o próximo campeonato.

— Estou contando com isso, Ryan.

Estamos todos ao redor de Thor, que com pesar nos comunica o óbvio:

— O clube está fechado por tempo indeterminado. Não tenho como fazer essa reforma agora, ainda mais com a polícia de olho em nós. Preciso achar outro lugar, vender este e montar tudo de novo. Isso, claro, depois de algum tempo, alguns meses talvez, quando a polícia não estiver mais no meu encalço. Então, eu quero agradecer a cada um de vocês por fazerem parte desta que foi a minha história por tantos anos. Espero que encontrem excelentes clubes, campeonatos e oponentes pelo caminho. Mantenham contato comigo, assim que abrir um clube novo quero meus campeões, minha família ao meu lado. Colin, parabéns por vencer o campeonato, apesar de tudo e indo contra tudo. Você é o maior campeão que este clube já teve, não tenha dúvida disso. Sem ofensa, Ryan.

— Não me ofendo.

— E o que você vai fazer agora? — Bryan pergunta a Thor, já que a vida dele toda estava aqui.

— Tirar umas férias. Conheci uma garota linda, vou levá-la para algum lugar paradisíaco e depois, vou começar de novo. Não podemos desistir, não é?

Luke se aproxima de nós e sussurra algo no ouvido da Caitlin, mas consigo ouvir.

— A garota nova dele é a Joy.

— Joy? Joy Linn, minha Joy? — pergunta surpresa e ele confirma.

— Quem você acha que a tirou do clube ontem com aquele pé machucado? Quando Lyla e eu voltamos, vimos os dois, ele a estava carregando e sei até que foi visitá-la.

— Uau! Eu desencalhei quase todas as minhas amigas — Caitlin brinca piscando para ele, que sorri em resposta.

Quando estamos indo embora, Thor me chama sem que os outros lutadores vejam, e arrasto Caitlin até o que sobrou de sua sala.

— O que tenho a dizer é particular, desculpe Caitlin — diz sério.

— Tudo bem — ela responde se afastando, mas a seguro.

— Se for algo sobre mim ela pode ouvir seja o que for. Ela pode ouvir qualquer coisa.

Ele concorda e diz:

— Havia um organizador de UFC aqui ontem, Colin. Ele está encantado por você, e quer que você participe do torneio profissional de UFC.

Caitlin arqueja e nem tenho palavras. Este sempre foi o meu sonho.

— Tá brincando comigo?

— Não estou. Parabéns, filho. Você merece mais do que ninguém essa chance. Dei seu número a ele, espere seu contato.

Estou mais feliz do que posso expressar, vou poder lutar sem medo, ter uma profissão que não é clandestina e dar a Caitlin uma vida muito melhor. Mas, por algum motivo, Thor parece apreensivo e não exatamente feliz pela minha conquista.

— O que há de errado com essa proposta? — pergunto.

— Você precisa ir para Las Vegas com ele. O torneio é lá.

Ainda vou ter a chance de conhecer Vegas? Não vejo qual a notícia ruim até que olho para Caitlin. Sua faculdade, sua mãe, amigas, sua vida toda está aqui.

— Eu não vou de jeito nenhum se você não for comigo — digo a ela e Thor nos deixa a sós.

Ela segura minha mão, tenta controlar as lágrimas, mas sei que quer deixá-las cair.

— Não diga isso, esta é a chance da sua vida. A gente vai dar um jeito. E você tem que aceitá-la.

— Não vou sem você. De que adianta a profissão dos sonhos sem a mulher que amo ao meu lado?

— Eu posso trancar a faculdade, termino no ano que vem, também posso conversar com a minha mãe e... — ela se cala e não precisa dizer o que a impede de viajar comigo. Eu sei bem: Daysi. Lorna a está adotando, mas já deixou claro que boa parte da responsabilidade sobre a pequena garota será de Caitlin, já que Lorna está sempre trabalhando. Daysi já sabe que terá uma nova mãe, Caitlin não pode voltar atrás com sua palavra.

— Eu não vou, Caitlin.

— Vai sim! A gente vai dar um jeito. Nem que a gente leve a Daysi,

vamos encontrar um jeito! Estou muito orgulhosa de você, meu amor! Muito mesmo!

A prendo em meus braços e a mantenho ali, e por mais que seja um sonho e que eu esteja abrindo mão dele, e provavelmente nunca mais vá ter uma chance como essa, eu não vou aceitá-la. Não vou ficar um ano longe da Caitlin. De jeito nenhum!

CAPÍTULO QUINZE

Colin e eu não falamos mais sobre ele ir para Las Vegas, embora eu saiba que ele não pode perder esta chance, e que eu não posso ir com ele, tento não pensar no possível fim iminente de um relacionamento que demorou uma vida para acontecer. Eu escolho não falar disso com ele, sei que já se encontrou com o tal patrocinador, sei da proposta excelente que recebeu e sei que não posso ir com ele. Até tento me enganar dizendo que podemos fazer dar certo, mas a verdade é que Las Vegas fica do outro lado do país, não poderíamos nos ver nem mesmo toda semana. As lutas dele serão no final de semana, aqueles em que terei folga. E bem, eu até aceitaria isso, até ignoraria o fato de que ele vai estar do outro lado do país com lindas mulheres seminuas, sozinho e carente, e arriscar perder o período na faculdade por excesso de faltas para ir vê-lo durante a semana, mas ele não aceita. Este é ele, sempre tão intenso, vive de contato, gosta de dormir e acordar juntos, de fazer amor sempre, de me beijar o tempo todo e saber cada passo meu. E, segundo suas próprias palavras, me ver uma vez por semana, ou nem isso, o mataria. Não é o bastante para ele. Não sei mais o que posso fazer.

— Por isso optei por não falar nada, eu apenas não posso ir, ele não aceitou as sugestões que dei, então ele quem tem que decidir. Mas por mais que me doa a decisão dele, eu vou apoiá-lo — explico a Katherine.

— Ele vai tomar a melhor decisão, Caitlin. O importante é que independente de qual seja ela, você não se culpe. Ele é adulto, sabe a dimensão da proposta que recebeu e sabe o que é melhor para ele.

— Mamãe! — Carter vem correndo e pula no colo dela, mostrando um desenho que fez. — Somos eu, a Tia Cait, o tio Colin, a Daysi, você, a tia Lorna e... — Ele para de falar e observa atento a reação de Katherine. — O meu futuro papai. Você tem um namorado?

— Ah meu Deus, filho, um passo de cada vez.

Todos rimos e ele insiste. Estamos em um almoço na casa da minha mãe em comemoração ao andamento do processo de adoção. A comemoração se dá ao fato de que Katherine e minha mãe podem pegar as crianças alguns dias da semana para se familiarizarem com elas. Este é o primeiro final de semana deles em casa e minha mãe quis fazer este almoço.

Daysi está dormindo no colo da minha mãe, abraçada a seu ursinho de pelúcia que deu o nome de Carter Ursinho. Acho que esses dois se gostam demais. Colin aproxima-se da minha mãe e tira Daysi de seu colo para levá-la para a cama, ela ainda resmunga um pouco, está me saindo mais coruja do que teria imaginado. Ela se aproxima e conta animada sobre seu juiz viúvo, pela expressão no rosto da doutora Mansfield, a está assustando e até que me divirto. Está na hora da minha mãe enlouquecer alguém que não seja eu. Seu telefone toca e ela se afasta para atender. Pela mudança drástica em seu rosto, não são boas notícias. Despisto Colin e a doutora e aproximo-me dela, que pega minha mão e me leva para a cozinha, longe de todos.

— O que houve? Algum problema com o processo de adoção? — pergunto preocupada.

— Não, não é isso, filha.

— Você está me assustando. O que aconteceu?

— É a Hannah. Ela conseguiu com que o agente da condicional do Colin seja pego com drogas. Eu conheço Henry há anos, sei que ele não está envolvido com o tráfico. Ela armou para ele. Filha, ela não vai parar até mandar o Colin de volta para a cadeia, ela tentou e falhou então vai tentar de novo. Você precisa fazer com que ele aceite essa proposta, precisa fazê-lo ir embora.

— Eu não posso fazer isso.

— Mas você tem que fazer! Caitlin, olha nos meus olhos e me diz que se ela o procurar e provocá-lo, ele pode se controlar. Olha para mim e diz que meu menino não vai cair em qualquer armadilha dela e machucá-la.

Não posso fazer isso. Eu acredito nele, há poucos dias teria colocado minha mão no fogo por ele, mas o vi perder o controle algumas vezes desde então. A mente dele está uma bagunça agora, ele está com medo pela decisão que precisa tomar, se ela o procurar, e o provocar, o que sei que ela sabe como ninguém fazer, ele vai perder a cabeça.

— Ela irá atirá-lo, mamãe, ele não é violento. Não é perigoso. Mas ela sabe como tirar o pior dele.

— Eu sei, é por isso que estou pedindo, Caitlin. Tire o Colin de Nova York, faça com que ele aceite essa proposta e vá para Las Vegas, você sabe que isso não acaba lá, sabe que o próximo torneio será em outro lugar e ele não estará tão ao alcance dela como agora. Hannah Thompson é uma criminosa habilidosa, Caitlin, ela conseguiu não ser pega até agora, não arrisque a liberdade dele por medo de perdê-lo. Está na hora de você ser a adulta ajuizada que sempre foi.

O resto do almoço é perdido para mim. Observo Colin sorrir, brincar com Carter, com Daysi, tratar a doutora como se fosse seu filho e até ser disputado por ela e mamãe. Esse menino gigante já sofreu tanto, não pode perder sua carreira, sua vida, tudo o que conquistou caindo nas armadilhas dessa bruxa. Não posso permitir.

No caminho para casa, tento convencê-lo a tentarmos do meu jeito.

— Você deveria aceitar a proposta — comento recebendo um olhar confuso dele.

— Você não tocou neste assunto até agora, o que mudou?

— Acho que você vai recusar para ficar comigo.

— Então você deveria se sentir lisonjeada, amada e feliz, baby.

— É a oportunidade da sua vida.

— Você é minha vida. O que conta mais?

— Não temos que nos separar. Eu posso perder algumas aulas para

ver você, você pode voar para cá nos seus dias de folga, são quantas horas de avião de lá aqui? Umas cinco horas?

Ele me olha e não diz nada, continuo falando, insistindo, por fim, ele deposita a mão na minha perna e diz de maneira firme, para que eu não insista mais:

— Não vou morar longe de você. Está fora de cogitação, não há o que decidir, por favor, não insista.

Tento não demonstrar o quanto estou preocupada, tento até mesmo falar de Hannah, conto a ele o que minha mãe disse, apenas a parte sobre seu agente da condicional e ele se sente culpado, quando menciono que talvez ele ir embora seja o melhor, ele nega rapidamente e diz que vamos enfrentar tudo juntos. E espero mesmo que esta seja a melhor decisão e que isso não acabe com ele atrás das grades.

Estou limpando as mesas próximo a minha hora de ir embora, na lanchonete. Joy viajou com seu novo amor, o Thor, a Mackie está escondida temendo que a esposa louca do ginecologista dela apareça. Isso porque ela jura de pés juntos que não rolou nada demais entre eles. O serviço da Joy ficou para mim, normalmente, teríamos dividido, mas Robert, meu patrão, insistiu que eu daria conta. Desde que Hannah esteve aqui e mencionou que Colin já foi preso, eles mudaram totalmente comigo e com ele. Agora, quando ele vem me buscar, Robert e dona Charlie dão um jeito de sumir para não terem de falar com ele. Quando acontece de estarem no caixa, ou não dar tempo de se esconderem, simplesmente o ignoram. Detesto que as pessoas apenas apontem o dedo e julguem, sem saber ao certo a história da pessoa. Estou com algumas coisas engasgadas para dizer a eles, me segurando muito para não soltar.

Pensar em Hannah é como convocá-la. Assim que ela entra na lanchonete, Mackenzie me manda para dentro e vai ela mesma atender a bruxa. Mas como era de se esperar ela exige ser atendida por mim. Fingindo não me conhecer depois que exige que eu a atenda, ela pede um descafeinado, então troca para um cappuccino sem açúcar e um donut.

Providencio o pedido e o entrego sem ao menos olhar para ela. Não quero entrar em seus jogos. Eu não acho realmente que ela vá apenas comer e ir embora depois, sem me dar qualquer dor de cabeça, e ela faz exatamente o previsível.

Assim que a entrego o pedido, ela chama meu patrão e diz que pediu um descafeinado. Ele a ouviu pedir isso. Tento explicar que ela trocou o pedido depois, mas ele não me dá ouvidos. Meu próprio chefe a serve um descafeinado por conta da casa e me olha feio. Em seguida, ela me chama novamente, Lyla tenta ser ela a atender a mesa, mas Hannah exige que seja eu. Aproximo-me dela que comenta com minha chefe que acaba de entrar na lanchonete:

— Acho um absurdo ser atendida pela namorada de um ex-presidiário. A senhora sabe que o namorado dela tem problemas de desequilíbrio mental e violência? Já foi preso várias vezes.

Minha patroa parece em pânico e trato de defendê-lo.

— Isso não é verdade! Ele foi para a cadeia porquê você...

— Não disse! — ela me corta e Charlie me repreende mandando que eu vá limpar a cozinha.

Ela se senta na mesa com Hannah e sei que o estrago já está feito. Junto minhas coisas, pois deu a minha hora, e quanto estou saindo, Hannah me chama de novo. Penso em não atender, mas Charlie está com ela e já me encara com a expressão fechada de descontentamento, então decido não arriscar. Mal me aproximo da mesa, Hannah me estende a xícara com o descafeinado que não tomou e me pede para trocar por um quente. O faço, e quando vou entregar a ela, ela bate a mão na minha, virando o café quente na minha mão.

— Sua desastrada! Aposto como seu namoradinho está preso de novo e por isso está com a cabeça nas nuvens!

Respiro fundo enquanto levo uma bronca contida de Robert, que pede desculpas a Hannah e me manda voltar para a cozinha. Ela vem atrás de mim e fala tanto, que chega um momento em que não a escuto

mais, logo após ela dizer que eu deveria me afastar da má influência do meu novo namorado tatuado. Até quando a mente das pessoas vai ser pequena assim? Até quando vão julgar por aparência, por tatuagens, por impressões? Há tantos meios de comunicação, não seria mais justo conversar e conhecer as pessoas antes de tirar qualquer conclusão sobre elas?

Quando para de falar, pego minha bolsa para ir embora. Já estou quase na rua quando Hannah comenta alto:

— O seu namorado delinquente vem te buscar, não vem? Estou contando com isso.

É a gota d'água! Desde que ela entrou aqui estou me segurando, ela me humilhou, disse o que quis sobre o Colin, causou em meus chefes uma impressão totalmente errada dele, me fez levar broncas e parecer incompetente. E estou segurando tudo isso. Mas ela não vai se aproximar do Colin. Isso eu não vou permitir.

— Você não vai chegar perto dele! Eu acho que fui bem clara na outra noite, Hannah!

— Você está me ameaçando, Caitlin? Porque estou vendo muitas testemunhas. Acho que tem passado tempo demais com o desequilibrado do seu namorado. Acho que está se tornando perigosa como ele.

— Você está avisada! — Viro-me para ir embora, quando ela fala:

— A mãe dele era uma desequilibrada como ele, e como você está se tornando. Acho que ele tem esse feito nas pessoas, ele corrompe tudo o que toca. É por isso que preciso mandá-lo de volta para a cadeia, para o lugar dele. Quem sabe vocês não formam o casal do ano na prisão?

— Não fale da mãe dele! Você a matou! Seu monstro!

Lyla e Mackenzie me seguram e a vontade que tenho é de calar a boca dela, se ela provoca esse efeito assassino e mim, imagina o que vai causar a Colin. Robert aparece possesso e nem precisava ouvir o que diria a seguir para saber:

— Você está demitida!

Me solto das meninas e lanço um olhar de ódio a Hannah, que tem um sorriso satisfeito no rosto. Em seguida, meu chefe se dirige a ela e diz que ela não é mais bem-vinda nessa lanchonete, e isso só me irrita mais. Por que ele não fez isso antes? Envio uma mensagem a Colin dizendo que já estou em casa apenas para impedir que ele apareça e a encontre, como ela espera. E começo a pensar em um jeito de pará-la, tem que haver um jeito. Mas, até lá, minha mãe tem razão. Colin não pode ficar na mesma cidade que ela.

Ele está fazendo o jantar quando chego, a noite começando a cair. Ele sorri e me beija, do jeito moleque dele, usa apenas uma calça branca e o avental. Os braços fortes e tatuados à mostra. Seus olhos brilham, e ele cantarola enquanto cozinha.

— Você não estava em casa, danadinha. O que foi fazer que eu não podia saber? Foi com sua trupe a um sex shop?

Sorrio em resposta e começo a pensar. Eu não posso mandá-lo embora. Não posso decidir assim o destino dele, mas, conhecendo-o como conheço ele não vai querer sair. Se souber o que Hannah fez, que perdi meu emprego, ele irá procurar por ela na hora. Entendo que é isso o que ela esperava, que eu contasse ao Colin para que ele mesmo a procurasse. Eu sou a armadilha, a arma que ela tem nas mãos contra ele. Penso que eu poderia explicar a ele, mas eu já tentei, e a menos que conte o que Hannah fez, não adianta tocar neste assunto de novo. Penso, penso e não chego a uma resposta que não vá nos ferir de alguma forma.

Nem percebo a lágrima escorrendo por meu rosto, mas Colin a limpa com o dedo gentilmente, sua expressão preocupada. Ele me puxa para o seu colo e me aninha em seus braços, beijando o alto da minha cabeça, consolando-me porque preciso terminar com ele.

— O que foi, amor? Por que está chorando? O que aconteceu?

Nego com a cabeça e me prendo a ele, sinto seu cheiro, seus braços

fortes à minha volta, ouço seu coração bater e sua voz angustiada me perguntando o que pode fazer para que eu fique bem.

— Faz amor comigo — peço.

Ele me olha apreensivo, parece entender que há algo errado em meu pedido. Mesmo assim, me pega nos braços, desliga o fogo e me leva até sua cama. Deposita-me com todo cuidado, beija meus olhos e todo meu rosto, secando as lágrimas fujonas. Deita-se sobre mim e me observa, acaricia meu rosto e me beija de leve. Não é o jeito dele de começar uma transa, não é assim que ele ama. Preciso que seja mais forte, e menos desse jeito tão amoroso.

— Colin... — insisto e ele me beija com mais urgência, afasta-se um pouco para sussurrar em meus lábios, abre os olhos e os fixa nos meus.

— Eu te amo, você é minha vida.

Quero chorar de novo, quero dizer a ele que o amo também, que ele nunca vai fazer ideia do quanto, mas não posso. Não posso porque aí vai fazer menos sentido ainda o que vou dizer a ele depois. Então apenas sorrio para ele e assinto e sua boca toma a minha daquele jeito dele, voraz, faminta, me dominando e me fazendo esquecer que esta pode ser a última vez que ele me toca assim. Tira minha roupa devagar, beijando cada pedaço de pele exposta. Suga meus seios com a fome habitual dele, fazendo-me gemer e prender meus dedos por seu cabelo loiro. Ele os junta apertando-os, beijando, mordendo de leve, de um ao outro, até que escolhe apenas um e termina de tirar minha blusa com a boca nele. Arrancando-me suspiros, deixando-me em brasas por ele. Eu nunca vou me cansar de seus toques, eu provavelmente vou morrer sem eles.

Ele se afasta para tirar minha calça, observando-me atentamente. O quarto começa a ficar escuro, e a lua vai surgindo. Acendo a luz do abajur e ele sorri em agradecimento. Acaricia todo o meu corpo com as pontas dos dedos, como se estivesse decorando, como se soubesse o que virá depois. Eu me ajoelho na cama e me aproximo dele, tiro seu avental e ele sorri. Assim como ele fez comigo, passeio meus dedos por seu abdome e peitoral, e passeio com a boca ali, sentindo o gosto de sua pele, seu calor.

Ele fecha os olhos e sua respiração se torna mais intensa. Contorno seus braços, as tatuagens, cada uma das que ele fez de alguma forma em homenagem a mim. Ele tem um desenho que escolhi, um símbolo que eu disse uma vez que o representava, uma frase que eu disse e nossas iniciais formando um coração. Ele sempre me amou também, nem ele via isso, nem eu.

Liberto sua ereção e a toco, ouço-o gemer e quase gemo junto com ele. Passeio minha mão por toda sua extensão, como vou viver sem ele? Ficando quase de quatro na cama, abaixo-me e o coloco na boca, saboreando-o, levando-o o mais dentro possível na minha boca. Ele geme alto e enfia as mãos em meus cabelos, guiando minha cabeça enquanto o sinto crescer ainda mais. Ele acaricia meu rosto e gentilmente me afasta, essa gentileza ficando totalmente esquecida em seguida.

Volto a me ajoelhar de frente para ele que me beija docemente, segura meus ombros e com um sorriso safado de quem vai aprontar, me vira empurrando-me na cama, de forma que caio de frente no colchão. Rapidamente ele me ergue, abre minhas pernas, deixando-me quase de quatro diante dele. Levanto meu dorso ficando realmente de quatro e tento olhar para ele, mas seu pau passeia pela minha entrada e quando começa a me penetrar, sinto a força nos meus braços ceder. Finalmente ele me penetra, preenchendo-me com toda sua extensão, brincando, saindo e entrando devagar, me torturando e indo tão fundo como não pensei ser possível. Ele começa nesse ritmo gostoso e lento, e vai aumentando. Bombeando mais rápido, mais forte. Suas mãos agarram minha cintura puxando-me de encontro ao seu pau, indo mais fundo, mais rápido, ele guia meus movimentos e quase não sou capaz de manter-me de quatro, tamanho prazer que estou sentindo. Seus dedos alcançam meu clitóris e o pressionam com força, a cada estocada ele pressiona mais, até que atinge um ponto dentro de mim que me faz desmanchar. Deixo que meu dorso caia sobre o colchão enquanto gozo, e ele vai ainda mais fundo, atingindo seu próprio prazer, gritando meu nome como uma prece. Deixa que seu corpo caia sobre o meu, ambos suados e satisfeitos. Rapidamente sai de cima de mim, deitando-se ao meu lado, e me puxa para seus braços.

— Acho que precisamos de um banho — diz preguiçoso acariciando minhas costas.

— Também acho — respondo e ele me carrega até o banheiro.

Depois de tomarmos banho e comermos, chega a hora da conversa que eu nunca pensei que teria com ele. Preciso que ele vá embora, e o motivo pelo qual ele não vai, sou eu. Me esquivo de um beijo e sento-me na bancada, olhando para todos os lados, menos para ele.

— Colin, nós precisamos conversar.

— Você está grávida?

Olho para ele confusa e seus olhos arregalados quase me fazem rir.

— Não, não tem nada a ver com isso.

Ele se senta em um banco ao meu lado e digo de uma vez, antes que desista e deixe que ela o vença de novo.

— Eu quero que você vá para Las Vegas.

— Isso de novo? Caitlin eu não vou deixar você. Já está decidido.

— Acontece que não sou mais motivo para você ficar. Você indo ou não isso que existe entre a gente, acabou.

Ele não tem qualquer reação, apenas me observa claramente não acreditando em mim.

— Estou terminando com você, Colin. E não gostaria de ter que viver na mesma casa que você a partir de agora. É melhor que você vá.

— É mesmo? Por que? Por que isso agora? Até ontem você me amava, você acabou de gozar no meu pau e agora não me quer mais?

Preciso ser mais convincente do que isso.

— Isso não vai dar certo. O sexo é a parte boa, porque eu não sei nada, não conheço nada e tudo o que você faz me fascina. Mas você como

namorado me assusta. E eu quero saber como é ser tocada por outro, se o prazer é o mesmo, se a sensação...

— Pare com isso, Caitlin! — Ele se levanta nervoso. — Essa brincadeira não tem a menor graça.

— Eu não estou brincando. — Levanto-me também e o encaro, olhando em seus olhos para que ele acredite. — Eu quero que você vá embora, você precisa ir.

— Por quê?

— Porque não quero que você fique! Não quero mais ficar com você, eu não tenho que listar mil motivos. Terminamos, a casa é minha, vá embora!

— Até ontem você me amava! Você sempre me amou, o que mudou agora? Por que você está fazendo isso? — Ele se aproxima de mim furioso, posso ver que o estou machucando e me seguro para não desmentir e me desculpar.

— Eu achei que seria diferente quando estivéssemos juntos. De tudo o que eu fantasiei, nunca foi assim. — *Está sendo muito melhor do que eu poderia ter imaginado.* — Nas minhas ilusões você não era um ciumento, possessivo, não tinha que escolher entre sua grande chance e nosso namoro, eu não teria que frequentar um lugar como um clube de luta e passar por todo susto que passei. Está tudo errado. Eu preciso de um tempo, por favor, vá embora — digo isso tão sem vontade que não convenceria nem a mim mesma.

A dor some de seu rosto e a confusão toma lugar, ele volta a se sentar, pensando em voz alta.

— Você não me mandaria embora por estar se sentindo culpada, esta não é você. Então o que é?

— Eu não preciso de um motivo para desistir de algo que claramente não vai dar certo.

— Você me fez amá-la com tudo o que o tenho, com tudo o que sou,

então acredite, você precisa de uma merda de motivo melhor do que achar que não vai dar certo!

— Eu quero que você vá embora! — grito. — Junte suas coisas, vá para Vegas e me deixa em paz! Não perca seu tempo analisando motivos.

— Não vou encontrar nenhum, não é? Você não tem motivo nenhum para fazer isso comigo.

A maneira como ele me olha, o medo que vejo ali, o mesmo garoto assustado de quando perdeu a mãe, de quando viu seu pai ser preso. Não posso fazer isso com ele, e tenho que fazer. Sem conseguir me controlar, aproximo-me dele e o abraço. Ele me prende em seus braços como um desesperado e preciso ser forte como não pensei que seria para não desmanchar em seus braços e não chorar. Memorizo o cheiro dele, a sensação de estar em seus braços e me afasto.

— Se você não vai sair, então eu vou. Espero que não perca sua chance de ir para Vegas, Colin.

Pego apenas o necessário e vou para a casa da minha mãe. Tenho que ignorar os pedidos dele para que eu fique e converse com ele, tenho que ignorar o medo que sinto de não vê-lo mais e de vê-lo com outra. Chamo um táxi e passo o endereço, mas, quando chego à casa da minha mãe, desabo. Coloco tudo para fora, e por mais que chore, essa dor não passa. Estar sem ele é como estar sem oxigênio, é como estar presa no escuro, como sentir muito frio e quase não conseguir respirar, como saber que você vai morrer em breve e não pode fazer nada para impedir.

Passo uma das piores noites da minha vida, tenho pesadelos em que o vejo se casando com outra. Em que explico a ele porque fiz o que fiz e ele diz que é tarde demais, que nunca vai me perdoar e já me esqueceu. Então sonho que ele foi preso, condenado e vai ficar anos ali, confinado. Acordo me sentindo pior do que estava quando fui dormir, mais cansada, mais confusa, e parece que esta manhã isso dói mais.

Abro a geladeira procurando algo doce para tentar acabar com meu

humor do cão, e um prato pequeno com uma panqueca e calda me é oferecido. Pego o prato fechando a porta da geladeira, e Colin está aqui, analisa bem meu rosto e faz um gesto negativo com a cabeça.

— O que está fazendo aqui?

— Seu café da manhã — responde como se não fosse nada demais.

Imagino que minha mãe já tenha ido para o tribunal, sento-me do outro lado dele na mesa e o observo. Ele também não dormiu nada, mas assovia e come sua panqueca como se fosse uma manhã normal. Tomamos o café em silêncio e tento mesmo não ficar olhando para ele, já é difícil demais saber que está tão perto e não me lançar em seus braços pedindo desculpas por ter sido fraca.

— Eu li o seu diário — fala.

— É por esse tipo de coisa que terminamos.

— Eu nunca vi um amor tão forte e verdadeiro como o seu. Não até eu perceber que amo você, pelo menos. Você não desistiria de mim por causa dos meus erros, por maior que eles sejam. Não desistiria para eu aproveitar uma chance boba de fazer algo que posso fazer em qualquer lugar. Então se está fazendo isso, é por algo maior. Só não consigo decifrar o que é.

— Não venha aqui mais, Colin. Por favor, respeite minha decisão.

— Como você está respeitando a minha? — lança olhando-me com súplica no olhar e abaixa a cabeça. — Caitlin, será que a gente pode voltar para a casa agora? Eu não preguei os olhos, você claramente não dormiu nada, até quando isso vai durar?

— Até você ir embora.

Ele fica um tempo em silêncio, quando volta a falar, sua voz soa divertida e ele está com aquele sorriso moleque de lado.

— Tudo bem, eu vou. Vou para Vegas como você quer e não vou procurá-la mais. Mas primeiro, já que quer terminar comigo, devolva meu anel, porque você diz que está solteira, mas não o tirou do dedo.

Num gesto automático, levo o anel ao peito, protegendo-o.

— Para que você o quer?

— Para dá-lo a outra, claro. Ele foi caro. Se você não vai ser minha não precisa dele. Devolva-me.

— Que outra? Você não pode já ter alguém em vista para dar meu anel.

— Havia uma fila de mulheres no clube que me acham fofo e romântico, esperando para serem minhas namoradas, só tenho que escolher uma delas. Quem me mandou as flores primeiro mesmo? Talvez a Kristyn, a garota que sabia sobre a chave debaixo do vaso de planta.

— Era Kimberly — corrijo irritada.

— Uh! Verdade. Mas tenho certeza que também tem uma Kristyn. Bem, não importa. Devolva o meu anel e vou sair daqui e entender que acabou mesmo. Eu vou para Vegas e nunca mais te procuro, se é assim que você quer.

Assinto e tento tirar o anel do meu dedo, mas não posso. Ele se levanta, aproximando-se de mim e me levanto também, indo para longe dele. De nada adianta, pois ele vem com passos firmes, os olhos fixos em mim, daquele jeito predador e preciso controlar a tremura em minhas pernas.

— Meu anel, Caitlin.

— Não! Não vou devolver. Você não sabe que quando se dá um presente a uma pessoa não pode tomá-lo depois?

— Acontece que isso não é um presente, é um anel de compromisso, se não temos mais compromisso, não precisa deste anel.

— Bem, eu decido isso uma vez que ele é meu. Você não pode tomar! Você que compre outro para suas colecionadoras de bichinhos de pelúcia.

Ele tem um sorriso enorme no rosto quando se aproxima mais, prendendo-me à parede atrás de mim. Seus braços fortes estão me

cercando e seu corpo está tão perto, que sinto seu cheiro gostoso e quase cedo, só para dar um beijo rápido nesses lábios perto demais de mim.

— Você vai embora comigo ou eu vou ter que me mudar para cá?

— Colin, nós estamos terminando!

— Não estamos, não.

— Você não pode chegar aqui e...

Ele me cala com um beijo voraz. Me puxa de encontro ao seu corpo e sua boca toma a minha com desespero, pressionando sua língua até que cedo e me penduro nele. A saudade chega a doer, eu o amo tanto, que me assusta o quanto preciso dele. Ele para o beijo e desce os lábios por meu pescoço, afundando o rosto ali, me apertando em seus braços.

— Eu te amo, Caitlin. Nunca mais quero dormir longe de você.

Consigo empurrá-lo apenas porque ele percebe meu gesto e se afasta um pouco, mantendo os braços à minha volta.

— Não! Você precisa ir embora! Tem que ir para Vegas, vá embora!

— Eu não entendo — grita. — O que está acontecendo? Você me ama, porra! Você acabou de me mostrar isso, não consegue nem mesmo tirar meu anel, por que está me mandando embora?

Seguro seu rosto entre minhas mãos, não sei mais o que dizer.

— Você precisa ir. Mesmo que eu vá morrer por isso, você tem que ir embora, Colin.

Vejo a compreensão passar por seu rosto, ele abaixa a cabeça derrotado e se afasta e imediatamente sinto falta de seus braços à minha volta.

— Você me ama? — pergunta olhando-me, como se tudo dependesse da minha resposta.

— Eu sempre vou amar você.

Ele sorri, um sorriso enorme que quebra esse clima pesado. Espero

ACHERON - NACIONAIS

que venha até mim de novo, mas ele não o faz. Ao contrário, pega suas coisas e se despede:

— Então eu vou embora. Até mais, Caitlin. Se cuida.

— Até mais, Colin.

Espero mesmo que eu esteja fazendo a coisa certa, mas me sinto em parte aliviada que ele tenha entendido que precisa ir, que é algo maior do que nós, e que eu o amo.

Chego em casa à noite, todas as luzes apagadas indicam que Colin não está. Vou até seu quarto e suas roupas não estão em seu pequeno guarda-roupa. Sento-me em sua cama com um aperto no peito e deito ali. Não quero sair mais, ainda tem o cheiro dele, terá por dias e vou me mudar para o seu quarto. Não acredito que mandei o amor da minha vida embora. *Vida, sua vaca, eu realmente te odeio.*

Acabo adormecendo na cama dele e acordo com a campainha. É Mackenzie, quer que eu vá com ela a algum lugar, mas não tenho ânimo para sair. Deixo que ela entre, que fale sem parar e volto para o quarto de Colin com ela a tiracolo, jogo-me em sua cama, abraço seu travesseiro e ela se cala.

— O que está acontecendo aqui? Por que está com essa cara de quem comeu bosta? Ei, é você quem tem transado como uma louca com um dos caras mais gostosos que eu já vi. Você provavelmente transou mais nesse mês do que a maioria das mulheres em uma vida inteira, eu que vou sobrar como a última virgem do VSQ e você que está triste?

— O Colin foi para Vegas. Porque eu mandei ele ir.

Conto a ela o que aconteceu e minha amiga deita-se na cama dele comigo, me consolando.

— Que merda, Cait.

— Pois é.

O celular dela toca e ela recusa a ligação. Mas ele toca de novo, de novo e de novo.

— Por que você não atende essa porcaria?

— É a esposa do Gabriel, o meu ginecologista.

— E por que ela está te ligando?

— Eu vou te contar. Eu fui ao ginecologista porque você estava a um passo de perder a virgindade, eu sabia que o Colin ia acabar te convencendo e eu seria a última virgem e não queria ser. Não quero morrer e ter na minha lápide, aqui jazz Mackenzie Johanna Wells, fundou e encerrou o clube das VSQ, Deus me livre!

— O que isso tem a ver com a mulher do ginecologista?

— Calma, esta é minha pausa dramática.

Ela suspira um tempo, alisando meu cabelo e continua depois de alguns segundos.

— Enfim, resolvi perder a virgindade com o Travis, aquele babaca da faculdade, parece bem-dotado. Então fui ao ginecologista fazer um exame para ver se está tudo certo. Só que eu estava nervosa, bebi um pouco e acabei falando demais com o doutor, que por acaso é aquele deus maravilhoso que você viu, Gabriel Gynlard. Enfim, ele ficou curioso com a minha decisão e me convenceu a não fazer isso com o babaca do Travis então comecei a me consultar duas vezes por semana, mas veja bem, nunca aconteceu nada demais além das nossas conversas e bem, não posso te contar a outra parte, mas resumindo, um dia a mulher dele apareceu por lá, e me viu saindo da consulta. Ela achou que eu parecia satisfeita demais e fez um senhor interrogatório. Na semana seguinte, ela apareceu por lá e eu estava na consulta, que ela invadiu e ficou analisando a minh...

— O quê? Mackie você está me deixando confusa, onde isso vai parar?

— Ela encasquetou que tenho algo com o marido gostoso dela e está

me perseguindo.

— Ela parece do tipo perigosa?

— Parece do tipo louca.

— Você não vai até a polícia?

— Com certeza e contar a eles toda essa história. Claro que não, Cait. Mesmo porque ela é a esposa do meu ginecologista.

— Então o que vai fazer?

— Fugir para sempre? Mudar a cor do cabelo?

— Parar de ir ao ginecologista? — sugiro.

— Não posso, eu já tentei, é mais forte do que eu, Caitlin ele é tão... tão...

— Tem certeza que não pegou ele?

— Infelizmente, tenho. Ainda sou a última bolacha virgem do pacote.

— Se serve de consolo a Lyla é quase virgem.

— Não serve. E ela logo vai transar também, diz que não quer, mas está caindo na lábia do Luke. Só eu vou ficar nesse clube, abandonada e com teias de aranha, isso se não ficar desfigurada também, caso a louca consiga me apanhar. Por que a vida é tão difícil?

— Espere até você se apaixonar, aí vai ver o que é dificuldade.

Mackie vai embora no final da tarde e meu celular toca, o rosto lindo de Colin aparece sorrindo para mim na tela e atendo já segurando as lágrimas.

— Oi. Você está no avião?

— Oi, amor — ele responde e sua voz me acalma e me desespera ao mesmo tempo. — Algo assim.

— Então precisa desligar o telefone, não é?

— Daqui a pouco. Há algo que quero perguntar a você, mas quero sua palavra na resposta. Quando eu voltar para a casa, Caitlin, quando eu entrar por essa porta, você volta a namorar comigo?

— Acho que não terminamos de fato, já que não tirei o seu anel.

— Não terminamos. Mas você vai me pagar caro pela noite horrível que me fez passar.

— Hum, você vai me bater?

Ele solta uma risada gostosa que aquece meu peito e outras partes.

— Vou te regaçar, amor. Do jeitinho que você merece. Na sua cama.

— Você está falando isso no avião? Não tem ninguém do seu lado?

— Você me promete, Caitlin? Quando eu voltar, você vai ficar comigo e nunca mais, não importa o motivo, vai me mandar embora de novo?

— Eu prometo, Colin, nunca mais vamos nos separar.

— Você vai casar comigo?

Agora meu coração dá um salto triplo e me pego chorando de saudade dele.

— Quando você voltar? Claro que sim!

A porta abre atrás de mim e ouço sua voz ao telefone, e alta e clara atrás de mim.

— Comece os preparativos, então.

Viro-me e ali está ele, com um sorriso enorme de quem acabou de me enganar.

— O que está fazendo aqui? Você disse que estava no avião! Você levou todas as suas coisas!

— Não disse não, você concluiu. Minhas coisas estão em cima do

guarda-roupa, você não procurou direito, mas valeu o susto, não valeu?

— Colin!

Ele me abraça e me prende em seus braços, passeando os lábios pelo meu rosto.

— Você prometeu, Caitlin. Não pode mais me mandar embora, e vai ter que se casar comigo.

— Mas, você trapaceou.

— Eu não, disse quando eu voltasse, não falei de onde.

— Colin... — Não sei se fico mais feliz porque ele está aqui e estou em seus braços ou se fico preocupada porque não consegui tirá-lo da cidade como minha mãe mandou.

Ele não me dá muito tempo de pensar em nada, sua boca toma a minha e ele me ergue, levando-me em direção ao meu quarto.

— Eu vou amar você agora, e vou puni-la, e te amar de novo depois e nunca mais vou dormir longe de você!

Apenas concordo e o beijo. Temos que dar outro jeito em Hannah.

O preço de tê-lo perto de mim é cobrado no dia seguinte. Estou no tribunal esperando para ver minha mãe, quando Mackenzie me liga. Há um tom de desespero em sua voz, e ela fala tão rápido que não consigo entender. Penso que deve ser algo com a esposa maluca do ginecologista, mas é muito mais grave.

— Caitlin, você precisa me entender! O Colin esteve aqui, ele falou com a Lyla, ela não sabia, disse a ele sobre a Hannah. Ele foi atrás dela, Caitlin, ele foi procurá-la.

— O quê? Ele não vai conseguir encontrá-la, vou procurar por ele.

— Ele ficou louco, saiu daqui como um furacão. Ele sabe onde encontrá-la, ela mandou alguma mensagem para ele, ele vai matá-la

Caitlin, você precisa impedir.

Desligo o telefone e saio correndo. Ligo para ele, que me atende no terceiro toque.

— Por que você não me contou? Eu sabia que havia alguma coisa errada, Caitlin.

— Colin, por favor, onde você está? Por favor, não vá atrás dela. Vamos conversar primeiro, vamos encontrar outro jeito. Não vá até lá.

— Ela humilhou você! Estou cansado disso! Ela acabou com o clube, acabou com o Thor, com meu agente. Quantas pessoas mais ela vai destruir até chegar a mim? E se a próxima vítima dela for sua mãe, a doutora Mansfield, as crianças? Chega disso, Caitlin! Preciso encerrar esse passado de uma vez por todas!

— Eu sei! Mas não agora. Não assim. Você está nervoso, vai perder o controle e aí fazer alguma besteira.

— É isso o que ela merece!

— Colin, você prometeu nunca mais dormir longe de mim, como vamos fazer se for para a cadeia?

Ele fica em silêncio, mas ouço sua respiração acelerada.

— Colin, por favor não vá. Por favor.

— Eu te amo, Caitlin — diz e desliga o telefone.

Quase bato no motorista do táxi para que ande mais depressa, chego ao nosso apartamento torcendo muito que ele ainda esteja lá, mas ele não está. Seu celular está jogado na cama e o capacete e a chave da moto não estão. Encontro a mensagem que a maldita mandou para ele e localizo o endereço, então mando tudo para minha mãe e peço que chame a polícia. Espero não estar atrapalhando o Colin fazendo isso.

O local não é longe, consigo chegar antes que ele faça alguma besteira e impedi-lo. Então ele terá que me segurar para que eu mesma não acerte aquela bruxa!

Chamo um táxi, mas nenhum para, estou começando a ficar desesperada, quando um homem se aproxima de mim.

— Você é Caitlin Ross?

— Quem é você?

— Minha cliente, Hannah Thompson, deseja vê-la agora.

Algo está errado, ela jamais me levaria para seu encontro com Colin, ela sabe que eu posso impedi-lo de fazer alguma besteira.

— Venha comigo, senhorita.

— Não, obrigada. Estou indo para onde ela está, mas vou de táxi.

Dou um passo para longe dele, que segura meu braço com força.

— Você não está entendendo. Não é uma escolha, ela deseja que você esteja em um lugar e você estará nesse lugar.

— Me solta ou eu vou gritar.

Entendo tudo, ela quer me impedir de encontrá-los. Para que consiga provocar Colin até que ele perca a cabeça. O que levando-se em conta seu estado alterado ao telefone, não será nada difícil.

Ele me arrasta para perto de um carro e grito, mas ele cobre minha boca, é maior e mais forte do que eu, porem me debato o máximo que posso. Até que alguém pula sobre ele com um grito. Ele me solta e vejo Brin apertando os olhos dele, que começa a gritar tentando acertá-la.

— Corre, Caitlin, entra no carro.

Há um táxi parado, provavelmente ela estava nele quando viu a cena e parou para ajudar.

— Mas e você?

— Eu sei me virar, fui criada nas ruas. Saia daqui! — Ele consegue se livrar dela, mas ela o acerta em seguida, com um chute no meio das pernas.

Entro no táxi e dou o endereço e ligo imediatamente para a polícia, para que venham socorrer Brin. Chego ao endereço nem dez minutos depois e o local está cheio de policiais. Respiro aliviada por terem chegado tão rápido. É aí que o vejo. Colin é retirado do estacionamento onde se encontrou com Hannah, por dois policiais. Ele está algemado e é colocado no carro da polícia.

— O quê?

Tento chegar até ele, mas sou barrada por um policial, só então percebo a fita preta e amarela cercando a entrada do estacionamento, que indica um crime. Vejo minha mãe conversando com um policial, ela parece aflita e a chamo. Quando me vê, a expressão em seu rosto é a prova final de que algo deu errado. Ela vem até mim e me abraça chorando.

— O que houve? Por que ele está sendo levado? Mãe, o que aconteceu?

— Ele a matou, Caitlin. O Colin matou a Hannah.

Afasto-me dela sentindo um soco na boca estômago.

— Não ele não fez isso.

— Filha, infelizmente...

— Ele não fez isso! Ele não é um assassino, algo está errado, não foi ele!

Ela tenta me abraçar, mas não quero falar com ela, não quero falar com ninguém. Ele não a matou. Ele não faria isso, não foi ele. Não importa o ódio que sente por ela, não importa que se descontele às vezes, eu sei que ele não é perigoso. Ele não fez isso.

Sentindo-me sem rumo, sei que preciso de forças, preciso ajudá-lo, confortá-lo, tirá-lo de lá. Não posso me permitir perder-me agora. Pego um táxi de volta para casa e Brin está lá quando chego. Estou desnorteada e não sei o que fazer, digo a ela apenas que Colin foi preso e

ACHERON - NACIONAIS

ela me leva até Stephen. Me lembra que ele trabalha em um escritório de advocacia da família dele, talvez possa me ajudar, me indicar alguém, qualquer coisa.

Quando chegamos, avistamos Stephen do lado de fora do escritório conversando amigavelmente com um homem. O homem é alto, forte e usa terno. Estaco onde estou e Brin aponta o dedo, é o advogado da Hannah, o mesmo que tentou me levar e que Brin atacou. Mais do que depressa, ela cobre minha boca e me esconde para que eu não surte com ele, então liga para Stephen.

— Continue falando com esse homem como se não fosse nada demais — diz de maneira firme. — Esse homem estava tentando levar a Caitlin contra a vontade dela mais cedo, eu os vi, parei para ajudar e ele bateu em mim. Ele está envolvido com a mulher que acabou de mandar o Colin Hanson para a cadeia. De onde você o conhece?

Stephen olha despistadamente em volta e responde algo. Brin então me explica:

— Ele trabalha no consultório da família dele.

— Não acredito. Peça a ele para levar o homem a uma sala qualquer, precisamos falar com ele. Ele é o advogado da Hannah, só ele pode provar que o Colin é inocente.

Brin explica a situação para Stephen e o vejo entrar com o homem, em seguida, nós duas os seguimos. Não importa o que tenho que fazer, eu vou tirar o Colin da prisão.

CAPÍTULO DEZESSEIS

COLIN

Faz horas que estou aqui sentado neste chão frio. A noite chegou e a pequena janela com grades atrás de mim serve apenas para quase me congelar. Fico pensando se a Caitlin está bem agasalhada. Se está me odiando agora por não ter atendido seu pedido. Se eu a tivesse ouvido...

Fecho os olhos sentindo-me mais cansado do que me lembro de já ter estado, esta sensação não vem só de todo movimento que fiz durante o dia, nem do tempo que fiquei algemado, de pé, esperando para ser interrogado. Vem da alma. Estou realmente cansado. Eu tento fazer tudo certo, sei que não sou perfeito, cair na armadilha da Hannah foi um erro. Mas só porque cometi um erro que só poderia ferir a mim mesmo, tenho que passar o resto da minha vida aqui? Será que eu não tenho o direito de errar, levar um susto apenas e aprender com isso? Parece que tudo que vem para me castigar, me moldar ou me ensinar uma lição, é definitivo.

— Você teve o mesmo final que eu. É uma pena, garoto, achei que depois de tudo você se sairia bem. Que se tornaria um homem melhor do que eu fui.

Abro os olhos e meu pai está aqui. Sentado ao meu lado, ao contrário de mim, usa um uniforme laranja da prisão.

— Você não está aqui — digo mais para mim mesmo.

— Somos dois tontos. Caímos nas armadilhas dela. Não importa se não puxamos o gatilho, temos essas mortes nas costas.

— Não foi minha culpa.

— Claro que não. Mas quem vai acreditar em você? Eu sei como é, filho. Ficar preso aqui ciente de que poderia ter evitado tudo isso. Saber

que não merece a pessoa que está te esperando lá fora porque é fraco demais para cuidar dela. E aí sentir que tudo vai acabar. Eu sei como é. Você saber que o resto da sua vida será assim e ter que torcer para que a pessoa que vai conviver com você não seja ruim demais. Você não vai aguentar. Eu não aguentei.

— Eu não sou você. Não me importa seus erros, você pagou por eles, você ferrou a mim e a minha mãe com sua paixão absurda, mas você foi quem mais pagou. Todo mundo errou no final das contas. A mamãe por ter caído na conversa dela e se tornar tão relapsa. Você, por ter aceitado tirar da sua família tudo o que ela tinha por causa de uma mulher. E eu, por ter escolhido a vingança ao invés da paz. Todos pagamos. Todos nós pagamos. Sabe o que é pior?

Ele me encara, mas sua imagem parece borrada, como se estivesse desaparecendo.

— Pessoas que não erraram também estão pagando. Minha Caitlin não tinha que passar por isso, eu não podia ter feito isso com ela.

— Está aí a única escolha que você não teve nessa história toda. Mantê-la ao seu lado não dependia só de você. Ela escolheu te amar, escolheu ficar mesmo sabendo dos seus fantasmas, ela pode arcar com isso. Talvez você tenha uma salvação no final das contas.

— Talvez.

— Boa sorte, filho. E me perdoe.

Sua voz parece distante e abro os olhos, mas ele não está mais.

— Eu nunca vou entender porque você fez o que fez. Mas acho que você passou pelo que passei, um erro e bum! Lá se foi sua vida para sempre! Não temos direito de errar, nós não temos. Eu te perdoo, pai — digo para o nada.

— Falando sozinho? — Um policial abre a cela e me entrega algo para comer, mas não tenho fome. Ele deposita a bandeja sobre a cama e se retira.

Acho que preciso dormir, quero estar acordado se a Caitlin vier aqui, mas talvez ela não venha. Talvez tenha se cansado do meu descontrole, de cada promessa quebrada. Talvez tenha desistido, afinal de contas. E quem pode julgá-la?

— Eu venci, no final das contas — a voz de Hannah me faz abrir os olhos e a vejo como a vi poucas horas atrás. A mesma roupa clara, o lenço na cabeça, o pescoço no lugar certo. — Eu não planejei isso, Colin. Eu só precisava que você me acertasse, que encostasse em mim, e então eu acabaria com a sua vida. E viveria a minha. Eu odeio tanto você, Colin.

— E veja aonde isso te levou! Você teve o seu final merecido, mas não tinha o direito de me arrastar com você!

Ela ri alto, anda pela cela como se fosse sua sala.

— Ela não veio te ver. Há quanto tempo está aqui? Quantos dias? Ela desistiu de você. Deve estar te odiando agora pelo tempo que perdeu com você. Deve estar te culpando por estar sozinha. Você falhou.

Quero acertá-la e cometer o crime pelo qual estou sendo acusado. Quero matar o ódio que sinto dela, descontando nela, como devia ter feito mais cedo. Se eu tivesse tocado nela, então ela estaria viva, e eu preso do mesmo jeito, de nada adiantaria. Volto a me sentar e respiro fundo me concentrando na Caitlin, nos seus enormes olhos de amêndoas, no seu sorriso doce, seu jeito atrapalhado de me seduzir.

— Eu venci, Colin. Acabei com sua família, com a sua vida e no final das contas eu venci.

— Você morreu, não vejo onde está sua vitória nisso. Morreu sozinha, desfigurada, solitária. Você tirou meus pais, minha paz, minha casa, mas eu sempre tive um lar. Eu tive pessoas que me amaram incondicionalmente, eu nunca estive sozinho. Não passei uma noite sequer sentindo-me abandonado. Quando eu sair daqui, ainda terei para onde ir, com quem contar. Já você... de que adiantou seu dinheiro sem ninguém para curti-lo com você? De que adiantou sua liberdade se você nem saía na rua até reconstruir seu rosto? Sabe o que te impedia de se olhar no espelho? Não eram as cicatrizes que eu deixei, era sua culpa.

Toda sua feiura, vem da sua alma. E você passou todos esses anos se escondendo, sozinha, tendo que comprar uma companhia, talvez. Planejando me destruir enquanto destruía a si mesma. E agora você morreu, e não deixou nada. Não deixou nem mesmo alguém que vá sentir a sua falta. De todos que você prejudicou com sua ambição, quem mais perdeu foi você, Hannah.

Ela me olha com seu ódio característico direcionado a mim e começa a gritar. Como se estivesse sentindo dor, como se eu a ferisse.

— Boa viagem até o inferno — digo e ela some, entre gritos desesperados, desaparece.

Meu corpo todo dói, minha cabeça, mais ainda. Estou alucinando e de alguma forma me sinto melhor, mais leve. Não odeio mais meu pai, acho que sequer a odeio. Não que eu a tenha perdoado, não sou capaz disso ainda, mas entendo que ela perdeu muito mais, que acabou com sua própria vida movida por ambição, e depois por vingança. E eu não tenho que fazer o mesmo. Fui pego em flagrante, dificilmente vou sair daqui um dia, mas não preciso dessa prisão interna em que me enfiei desde o incêndio. Não sou uma má pessoa e não quero mais esses fantasmas.

Um dia, quando sair daqui, vou procurar por ela, minha menina. E serei um Colin controlado, seguro e inteiro para ela.

Pensar em Caitlin é como chamar por ela. Ela surge na minha frente com aquele vestido vermelho sangue. Aquele que quase me tirou a razão. Um seio lá em cima e outro na barriga. Rio alto, sentindo uma alívio por ela estar aqui. A puxo para meus braços e retiro esse seio falso, ela também ri, relaxada em meu colo, olhando-me daquele jeito apaixonado e não decepcionado.

— Você não virá me ver?

— Claro que vou. Acha mesmo que vai se livrar de mim?

A beijo. Consigo sentir seus lábios carnudos nos meus. Sua mão pequena passeando pelo meu rosto, acariciando do jeito doce dela. Ela se

ajeita em meu colo, passa as pernas por minha cintura e me beija mais forte. Emite pequenos gemidos que me enlouquecem, a aperto ainda mais, pressiono seu corpo no meu. Eu preciso tanto dela! Dessa sensação gostosa de tê-la, de possuí-la.

— Eu te amo — ela sussurra em meu ouvido pouco antes de beijá-lo, toco seus seios em desespero, sinto seu cheiro, a maciez da sua pele, mordo seus lábios e brinco ali. Quero tirar minha roupa e possuí-la aqui mesmo. Quero estar dentro dela para me sentir em casa.

— Colin — a voz dela me chama ao longe e de repente ela não está mais em cima de mim. — Colin, você está acordado?

Abro os olhos e a vejo, ela está aqui, do outro lado da grade. Parece cansada e sei que chorou muito porque seus olhos estão inchados. Sorri para mim, mas não consigo ir até ela. Há alguém ao seu lado, o policial que me trouxe a comida. Ouço-o dizer a ela:

— Ele está ardendo em febre. Tem tido alucinações e não quis comer. Desde que chegamos ele sentou-se ali e não se moveu. Gritou algumas vezes, acho que estava vendo o pai e Hannah.

— Está alucinando — ela diz preocupada. — Por favor, me deixe ir até lá.

— Não posso. Você nem deveria estar aqui, só estou atendendo um pedido da juíza Ross.

— Por favor. Eu só preciso chegar até ele, ver se precisa de um hospital. O que eu tenho que fazer para entrar aí? Ser presa? Porque eu posso agredi-lo agora mesmo.

— Acalme-se garotinha. Tudo bem, você tem dois minutos e não conte isso a ninguém.

Há o silêncio, o barulho de chaves e logo ela está ao meu lado. Joga-se sobre mim, suas mãos pequenas avaliando minha cabeça, tocando meus braços e barriga, procurando algo.

— Você está bem? Está sentindo dores? Colin!

Ela senta em meu colo e passa meus braços por sua cintura, então abro os olhos e ela está aqui. Comigo. De verdade dessa vez.

— Onde estamos? — pergunto confuso.

Sua expressão é triste antes de responder.

— Na cadeia. Mas é por pouco tempo, vamos tirar você daqui. Como você está?

— Você veio me ver.

— É claro que eu vim. Onde mais eu estaria senão junto a você?

Encosto minha testa à dela e sinto seu cheiro. Ela me beija suavemente e me abraça em seguida.

— Eu quebrei minha promessa a você. Não vamos mais dormir juntos. Eu estava pensando, quando eu sair daqui, não sei quanto tempo vou pegar, mas quando eu sair, posso procurar você?

— Não vai precisar porque eu estarei bem aqui. E você não vai ficar muito tempo, vamos tirar você daqui.

Sorrio.

— Você vai ser mulher de presidiário? Já posso vê-la com um lenço na cabeça, vindo com lingerie novas para as visitas íntimas. Os caras aqui vão olhar para você, e vou para a solitária toda semana por quebrar a cara deles.

Ela sorri.

— Não gaste sua imaginação tanto assim, você vai sair daqui logo, logo.

— Como você sabe que não fui eu? Eu estava lá, estava descontrolado e com raiva. O que a faz pensar que foi acidente?

— Você é uma boa pessoa, Colin. Você é a melhor pessoa que eu conheço, não faria isso. E não fez.

A certeza que vejo em suas palavras, a confirmação de que ela
ACHERON - NACIONAIS

realmente acredita em mim é tudo o que eu preciso agora.

— Menina Ross, você tem que sair agora. O delegado está subindo, se a vir aí ele acaba comigo — o policial chama.

Ela segura meu rosto entre as mãos e me beija.

— Estarei bem ali. Você precisa de remédios e precisa comer. Vou providenciá-los, o que quer comer?

— Vou comer o que o nosso amigo trouxe.

— Ótimo. Trate de se manter forte porque vou acabar com você quando sair daqui.

— Acho que você não está falando isso no sentido sexual da coisa.

— Não mesmo. Você me dá trabalho demais!

Ela me beija mais uma vez e se levanta. Sinto falta dela imediatamente, então se vai. E agradeço ao policial que a deixou entrar. Ela não desistiu de mim. Fico rindo como um bobo. Estou preso por um crime que não cometi, tenho chances nulas de provar minha inocência e sair daqui, e mesmo assim me pego rindo. É essa coisa no meu peito que me faz ficar bem mesmo na pior das situações. Essa coisa chamada amor.

Na tarde seguinte, sou chamado em uma sala para falar com Lorna. Ela e Caitlin estão lá, além de Stephen e um advogado. Lorna me abraça assim que entro na sala, está preocupada e não dormiu nada. Em seguida, Caitlin me abraça e me beija. Dois policiais me guiam até uma cadeira e ficam ali ao meu lado.

— Querido, você parece ótimo. Este é Eduardo Alencar, seu advogado. Ele é muito bom no que faz, tivemos sorte de ele estar aqui de férias com a namorada. É brasileiro e amigo da Carolina, a esposa do seu amigo.

O cumprimento e não entendo por que Stephen está aqui. Ele me cumprimenta e Lorna fala:

ACHERON - NACIONAIS

— Querido, preciso que me conte exatamente o que aconteceu. Por favor, por pior que pareça seja sincero, estamos aqui para ajudá-lo e não podemos trabalhar em cima de mentiras. Você entende isso, não entende?

Assinto.

— Eu achei que havia algo estranho quando a Caitlin me mandou ir embora — começo.

Lorna levanta a mão como uma menina levada.

— Culpada. Eu pedi a ela que fizesse isso porque temia que as coisas fossem acabar assim, como estão agora.

— Então eu falei com a Lyla e descobri que a Hannah apareceu no serviço da Caitlin há poucos dias, a humilhou e a fez perder o emprego. Eu perdi a cabeça. Eu tinha ciência de que era uma armadilha, principalmente quando ela me mandou o endereço de um estacionamento para nos encontrarmos. Eu sabia que ela queria me provocar até que eu perdesse o controle e encostasse nela, então ela me mandaria para cá.

— Então você foi ao local marcado, e depois? — o advogado pergunta.

— Ela estava no terceiro andar, onde havia apenas dois carros. Havia mais pessoas nos andares de baixo. Nós discutimos, eu pedi que ela fosse embora e me deixasse em paz, a acusei da morte da minha mãe e do meu pai, porque sei que foi ela. Eu estava nervoso, transtornado até, não parava de gritar. Até que ela veio para cima de mim, tentou me bater e fez isso. — Ergo o braço mostrando os arranhões.

— Então ela te agrediu, e não se segurou em você quando estava caindo — o advogado toma notas.

— Eu não estava perto dela quando caiu. Nós discutimos e sendo sincero eu senti vontade de acertá-la sim. De pegá-la à força levá-la a uma delegacia e obrigá-la a confessar seu envolvimento na morte dos meus pais. Mas eu pensei na Caitlin. E na promessa que fiz a ela. E me controlei.

ACHERON - NACIONAIS

Então eu disse a ela que ia dedicar a minha vida a provar sua culpa e mandá-la para a prisão, como ela estava fazendo comigo, e a gente veria quem ia vencer, do lado de quem a justiça estaria. Desci dois lances de escada quando ouvi seu grito e a vi rolar as escadas, ela passou por mim, e continuou caindo. Se podem me acusar de alguma coisa é de que não tentei segurá-la. E só não o fiz porque não deu tempo. Foi tudo rápido demais e eu não tive reação. Eu desci correndo as escadas e quando cheguei até ela, dois homens estavam perto dela e ela já estava morta.

— Ela quebrou o pescoço na queda — Lorna diz.

— Eu ouvi as sirenes e esperei, porque sabia que não tinha culpa de nada. Daria tempo de eu ter fugido, talvez de nem ser reconhecido, mas eu fiquei ali para contar minha verdade. É uma pena que ela não sirva de nada.

— Você não a matou e não vai pagar por um crime que não cometeu, Colin — Lorna diz segura. — Estou gastando todos os meus favores aqui, e não importa que eu fique devendo, você terá um julgamento justo e vou conseguir as testemunhas e as provas que vamos precisar para que você seja inocentado.

— Há as câmeras de segurança. Eu notei quando cheguei lá. Estavam por toda parte — lembro.

— As imagens sumiram — o advogado diz e não entendo como isso é possível. — Ela tinha um parceiro, alguém que tenha mencionado ou que você tenha visto com ela quando chegou lá?

Nego com a cabeça e Stephen responde.

— O advogado dela, Lawrence Smith, trabalha para o escritório da minha família. Eu já falei com ele, ele não quer entregar as provas que tem, sequer as admite. E eu tentei de tudo.

— Não de tudo — Caitlin diz. — Doutor, a minha palavra e de outra testemunha serviriam para provar que ele tentou me sequestrar?

— Onde isso ocorreu? — o advogado pergunta.

— Em frente ao meu prédio. Além de mim e da amiga que me ajudou, há o taxista que viu tudo, além do porteiro do prédio. Ele socorreu a minha amiga quando eu fugi.

— Podemos acusá-lo de tentativa de sequestro, mas como isso nos ajudaria no caso do Hanson?

É Stephen quem responde.

— A liberdade dele em troca das provas. Se alguém pegou essas imagens, foi ele. Acho que podemos fazer isso.

Não quero criar falsas esperanças porque estou cansado de desilusões, mas a reação de Lorna e Eduardo são indícios de que pode dar certo e me sinto esperançoso, não consigo controlar. Talvez eu consiga sair daqui e viver minha vida com a Caitlin, afinal de contas. Sem perdermos todos os anos que já estava dando como certo que perderíamos.

A noite chega e não tenho qualquer notícia de Caitlin, Stephen ou Eduardo. Até que há uma movimentação lá fora, e ouço a voz alta de Lorna. Logo, ela e Eduardo aparecem, seguidos de dois policiais que trazem um cara algemado e o colocam na mesma cela que eu. Ele me olha e parece ter medo de mim. E eu não faço ideia de quem ele seja.

— Você está começando a abusar, Lo — o delegado diz a Lorna que sorri para ele e passa o braço pelo dele, respondendo com a voz melosa enquanto caminham para longe:

— Ah, Owen, só mais um favorzinho, ele só vai ficar aí por algumas horas, depois você pode transferi-lo para o inferno que não interfiro mais.

Caitlin e Stephen aparecem em seguida, e Stephen fala direto com o meu novo companheiro de cela.

— Lawrence.

— Senhor Ryan, por favor, eu não fiz nada. Mal toquei na menina, eu não fiz isso.

— Não é o que a minha amiga, o motorista, o porteiro do prédio e

ACHERON - NACIONAIS

principalmente, as imagens da câmera de segurança da rua mostram. Você tentou colocá-la em um carro preto, cuja placa está em seu nome. E agrediu minha amiga. Você sabe que não vai se safar dessa. Você jogou toda sua carreira no lixo. Seu emprego, sua família, tudo o que conquistou. Eu não entendo por que você fez isso. Por que se rebaixou a prestar favores a uma criminosa?

— Pelo dinheiro. Ela me prometeu uma quantia muito alta. Eu não devia ter agido assim.

— Você precisa entregar as provas que tem contra Hannah. Eu sei que você as tem. Precisa entregá-las — Caitlin pede, mas ele nega com a cabeça.

— Não tenho nada contra ela.

— Você entrega as imagens do estacionamento e nós desaparecemos com as imagens da câmera de segurança que temos contra você, o que acha? — Stephen propõe e ele parece desconfiado.

— Vocês não vão cumprir isso. Assim que eu entregar as imagens vão me deixar aqui.

— Você tem as imagens seu filho da puta!

O pego pelo colarinho e ouço o advogado e Stephen me repreendendo o mais baixo que conseguem. Mesmo assim, dois policiais aparecem e entram na cela, nos separando. Não sem antes eu conseguir acertar um soco na cara desse idiota.

— Vocês, vão embora, a visita acabou — o policial ordena e Stephen sai irritado. Caitlin dá um passo em direção a saída, mas retorna, espera que os policiais fechem a cela enquanto sou advertido e prometo me comportar.

O policial pede que ela se retire, mas ela fala com esse babaca que está aqui dentro comigo e tem a única prova de que sou inocente. E eu não posso tocar nele.

— Você tem ideia do que está fazendo? Tem ideia de quem está

protegendo? Não estou julgando você por querer dinheiro, não sei pelo que você passa para precisar de algo o suficiente para se aliar a um monstro. Mas o que você ganha agora? Acha que vai receber algum dinheiro dela? Algum dinheiro dele, porque o dinheiro que ela te prometeu pertence a ele — diz apontando para mim. — Ela matou os pais dele, tirou a casa dele, sua adolescência, o transformou em um jovem violento, tomando cuidado com uma condicional. Você não faz ideia de como ela ferrou com a cabeça dele. Mesmo assim ele veio embora e tentou se reerguer, e não satisfeita, ela apareceu de novo, para pedir mais, pedir tudo. Ela começou a atingir todo mundo próximo a ele, amigos, o agente da condicional, a mim.

Ele abaixa a cabeça e não diz nada e ela continua.

— Eu não sei o que você passou ou está passando agora. Não sei que problemas tem na sua casa. Mas você quer mesmo ter na sua consciência a vida de um jovem que não fez nada? Que foi vítima dela esses anos todos e agora vai ser condenado por um crime que você sabe que ele não cometeu? Você viu as imagens, eu sei que viu. Não foi ele. Foi para isso que você se formou, este é você?

— Eu... — ele não diz mais nada e temo que não vá realmente entregar as provas.

— Todo mundo erra, Lawrence. Mas é o que as pessoas fazem para corrigir esses erros que as define. Esta é sua definição? Você é como ela? É isso que vou dizer a sua esposa e suas filhas quando sair daqui e encontrar com elas ali fora? Vou dizer a elas que você é um monstro tanto quanto a Hannah? É isso o que vai deixar para elas?

Ele nega com a cabeça e fica um tempo em silêncio, finalmente diz:

— Chame o senhor Ryan.

Caitlin corre e volta pouco depois com Stephen.

— No bolso da minha calça, que usava quando cheguei aqui, há um molho de chaves. Eu vou te dar o endereço.

— De onde?

— Um dos apartamentos onde Hannah Thompson estava morando. Lá vocês vão encontrar uma caixa, vou dizer exatamente onde, nela, vão achar as imagens do estacionamento, você está certa, elas inocentam seu namorado. E vão achar também o depoimento original de Joseph Hanson, onde ele confessa que o assalto que tirou a vida de Jennifer Ann Hanson foi planejado por Hannah Thompson. Não sei como ela colocou as mãos neste depoimento e como se livrou das investigações, mas está tudo lá.

Stephen e Eduardo correm na mesma hora e Caitlin agradece a ele, com lágrimas nos olhos olha para mim pelas grades e me aproximo dela. Seguro sua mão e a beijo.

— Agora, Caitlin Ross, você vai ter que se casar comigo.

— Com todo prazer.

Ainda demora alguns dias para que eu seja liberado e neste meio tempo, fiquei sozinho na cela, Lawrence só foi colocado nela comigo a pedido de Lorna, por poucas horas. Se Stephen não o convencesse com a barganha, esperavam que eu o convencesse. Ninguém contava com Caitlin e sua bondade, seu jeitinho de tocar o melhor nas pessoas. Quando saio, há uma pequena multidão me esperando. As amigas de Caitlin com balões, Thor, Luke, Dustin e Carol, Stephen e Brin, Lorna e até a doutora Mansfield. Ela veio me ver algumas vezes, prometeu que estaria aqui. Sorrio para todos, mas não vejo Caitlin. É aí que ela aparece com uma roupa curta, as alças de um sutiã novo aparecendo e meu último lenço da vitória, o da final do campeonato, na cabeça.

— O que é isso? — pergunto divertido.

— Esposa de presidiário, lembra?

A puxo para meus braços e tiro o lenço de sua cabeça, a beijo e ouço os aplausos e comemorações das pessoas que realmente se importam comigo.

— O Colin romântico ainda existe?

— Para você, sempre.

— Então me prepare um jantar românico para me pedir em casamento, não me contento com um pedido feito atrás das grades.

— Muito exigente, senhorita Ross. Eu faço amor, com todo prazer.

A beijo de novo e vamos direto para a festa de comemoração preparada por Katherine. Comemoração da minha liberdade, da justiça, e da amizade. E da adoção de Carter e Daysi. As crianças pulam em mim quando me veem e descubro que não sabiam que eu estava preso, pensavam que estava viajando. Caitlin não desgruda de mim a festa inteira, e para mim, há mais uma comemoração esta noite, a do adeus àqueles malditos fantasmas.

— Tudo fica bem, quando termina bem, sou um novo homem agora. Sem fantasmas — conto a ela.

— Jura? — Me abraça orgulhosa, mas logo olha em volta com uma careta. — Amor, posso colocar algo em você?

— Claro, baby, o que é?

— Uma coleira. Bem grande, com meu nome. Quem teve essa ideia de convidar *ring girls* para a festa?

— Olha só quem é a ciumenta agora. Por que não vamos embora? Tenho noites sem você para matar a saudade.

— Mãe! Estamos indo — grita despedindo-se.

Eu não poderia estar mais feliz. Tenho a mulher que amo, a mais perfeita do mundo. Tenho duas mães e dois irmãos novos. Thor já conseguiu outro lugar para abrir um novo clube em sociedade com o novo papai da área, Dustin. Tenho paz de volta e todo amor de que preciso.

Caitlin se pendura em mim e a carrego, apenas para não perder o costume enquanto ela ri alto, e vê-la tão feliz comigo só me faz amá-la mais. Eu vou me casar com essa mulher, vou amá-la mais a cada dia, vou ter filhos com ela e viver a vida que eu mereço viver.

PERIGOSAS

Sem culpas, sem ódio, sem fantasmas.

FIM

ACHERON - NACIONAIS

EPÍLOGO

CARTER

15 anos depois...

— Preciso ir — digo a Jonathan, lembrando-me que mamãe costuma ficar bastante preocupada quando chego tarde demais.

— Por que não manda um áudio para sua mãe dizendo que está bem e que vai voltar pra casa só mais tarde? Você não tem que ser tão comportado, Carter — Jonathan sugere completamente bêbado.

— Prefiro voltar cedo e passar um tempo com ela. Você sabe como minha mãe é dramática por eu passar mais tempo com os amigos do que com ela. — E sou grato demais por cada dia em que ela me deu o privilégio de ter uma mãe.

Dou mais uma olhada pela festa, mas como imaginei, ela não veio. A mãe biológica da Daysi saiu da prisão e decidiu reaver a filha. Isso irritou a tia Lorna ao ponto de colocar um segurança atrás da Daysi. Para minha sorte, este segurança sou eu. Graças ao meu porte alto e forte, ela me incumbiu de tomar conta da minha princesa. Mal sabe ela como eu tomo conta da filhinha preciosa dela.

Chego em casa e minha mãe está na sala, cochilando em frente à televisão. Sento-me ao seu lado e ela desperta, conversamos sobre tudo, sobre o dia dela no trabalho, minha faculdade, Daysi e suas mães, tia Cait, tio Colin e os gêmeos bagunceiros deles. Tio Colin se tornou campeão mundial de UFC, com direito a lutas transmitidas pelos canais a cabo e tudo. Ele é meu maior exemplo. Percebo que mamãe está mais dormindo do que acordada e com cuidado a levo para a cama, depois volto a sala e desligo a televisão. Entro no meu quarto sentindo aquela saudade boba

da Daysi, é estranho um dia em que não a vejo, mas a mãe dela quase não a tem deixado sair de casa nas últimas semanas.

Acendo a luz e me divido entre morrer de susto, ou agarrar minha princesa, que dorme embolada na colcha da minha cama. Deito-me ao seu lado e ela se aconchega a mim, acordando com meus beijos.

— O que está fazendo aqui? Você fugiu de novo?

Ela assente e entrelaça as pernas nas minhas.

— Estava com saudade.

— Acho que a segurança da sua mãe tem falhado bastante nos meus dias de folga.

— Não preciso de mais segurança, você é quase um escudo à minha volta. Ela devia me deixar passar vinte e quatro horas com você e pronto! Eu estaria segura.

— Ou não, ela sabe que eu posso ser o perigo.

Ela ri, olhando-me com descrença.

— Amor, ela torce por isso. Acredita que ela já me perguntou o tamanho do seu documento?

— Estranho seria se ela não perguntasse. Depois que ela entrou no banheiro da casa de praia enquanto eu tomava banho, não me assusto mais com Lorna Ross.

Pego o celular no bolso e procuro o número de Lorna.

— O que você vai fazer? — Daysi pergunta sonolenta.

— Tia Lorna, tudo bem? Só para avisar que a Daysi está aqui. Ela vai ficar para dormir. Eu sei. Já disse isso a ela. Relaxa, tia, eu tenho camisinhas. Para você também, boa noite.

— Carter, você não tem que ser sempre tão certinho.

— Você é completamente louca, Daysi, eu tenho que ser o certo para equilibrar a balança.

ACHERON - NACIONAIS

— Eu até zombaria a breguice disso tudo, mas eu amo seu jeitinho nerd certinho e arrumadinho, você é tentador.

Acaricio seu cabelo, mas não deixo de notar que apesar do sorriso e das brincadeiras, ela está preocupada.

— Você quer se livrar da segurança da Lorna? Quer ver a sua mãe?

Ela nega com a cabeça.

— Eu tenho uma mãe e ela se chama Lorna. A Christina só deve estar interessada no dinheiro que a Lorna tem. Eu sequer sinto falta dela. Prefiro que a minha mãe reforce a segurança e me mantenha mais tempo na sua cama, e longe da rua.

A abraço forte e a nino até que ela adormece. E olhando seu rosto sereno, vejo nossas vidas como um flash, cada momento juntos, e não foram poucos. O primeiro beijo, primeiro amor, o baile do colegial, passamos por tudo juntos. Eu espero, realmente sinto que seremos como Colin e Caitlin, aquele amor de infância, exceto que nunca fomos apenas melhores amigos, ela sempre foi a minha garota, vai ser a minha mulher e minha companheira para sempre. Mesmo sendo louca e adorando se arriscar, é este espírito livre, e seu jeito alegre que me conquistam cada dia mais.

As aulas que tomei com o tio Colin sobre como ser romântico têm surtido efeito, afinal de contas, há duas semanas Daysi Ross só sai de casa para a minha cama. Logo ela, que não perdia uma festa. Essa coisa de ser romântico funciona, todo casal deveria tentar.

Beijo minha namorada e a cubro, tiro a roupa de festa e me junto a ela. Sei que vou acordar com Lorna aqui logo pela manhã para dar uma falsa bronca em Daysi por ter saído escondido, e conhecendo-a como conheço, vai ficar aqui até envergonhar a filha o suficiente para ela pensar duas vezes na próxima vez que quiser fugir. Esta é Lorna, reclama de Caitlin por ser ajuizada demais e de Daysi por ser ajuizada de menos. Mas nós dois sabemos que não poderíamos ter encontrado mães melhores.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS

PROMOÇÃO!!!

Vai ter a segunda parte do kit de bottons e marcadores?

Com certeza!

Agradeço imensamente a cada avaliação em Minha melhor amiga, virgem, e cada e-mail recebido. Agora é a hora de pegar a segunda parte do kit, o procedimento é o mesmo!

Avalie o livro na Amazon, opine sobre o que achou dele, (isso me ajuda muito a ter o seu feedback e reconhecimento), depois, é só enviar o print da sua avaliação e o seu endereço para o e-mail: avaliacoes.carlie@gmail.com

Prontinho! Você receberá em sua casa a segunda parte do kit contendo bottons e marcadores do livro!

Espero que goste e um grande beijo!

Conheça outros livros da turma...

TESTE DRIVE

Stephen Ryan pode ser considerado um homem fora do comum. Apesar de seu hobbie favorito (luta livre em um clube clandestino), das tatuagens e da cara de mau, é na verdade romântico ao extremo, doce, atencioso e virgem! Ele apenas espera aquela garota que o fará apaixonar-se perdidamente para pertencer a ela. Após perder sua primeira paixão, não está em busca de aventurar-se nos caminhos do coração tão cedo.

O que ele não contava era que seu pai, desconfiado de sua masculinidade, imporá à sua vida a espetada Sabrine Vega. Uma conhecida garota de programa que tem mais mistérios em seu passado do que é possível contar.

Sabrine tem uma missão muito fácil: seduzir Stephen e fazer o teste drive. Depois, contar ao pai dele o resultado. Ela não esperava que seu futuro cliente fosse tão bonito. Mas é ao conhecê-lo melhor que o trabalho de Brin é posto à prova, pois, além de ser o homem mais bonito que já conheceu, Stephen é doce, atencioso e a respeita como ninguém jamais respeitou. Para ela, acostumada ao desprezo e homens sempre iguais, o diferente Stephen pode se tornar a melhor experiência de sua vida!

Agora, ela quer seduzi-lo apenas para ser dele, e mal se lembra do trabalho que lhe foi solicitado. Mas como impedir seu coração de se apaixonar perdidamente por ele?

LANÇAMENTO EM 2018

ACHERON - NACIONAIS

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS

DOUTOR GYN

Mackenzie Wells decidiu perder a virgindade. Fundadora do Clube das Virgem Sem Querer, vê todas as suas amigas se acertando no amor e ela ficando para trás, o único membro de um clube falido. Ela faz uma divertida pesquisa e escolhe o candidato. O plano perfeito, o momento perfeito, o cara quase perfeito. Ela só espera que seu grande azar no sexo não interfira dessa vez. Porém, para desespero de Mackenzie, encontra o homem realmente perfeito onde menos espera. Num consultório. E ele é nada mais, nada menos, do que seu novo ginecologista.

Lindo, charmoso, divertido e muito experiente, se torna rapidamente o sonho de consumo dela. Ela só não contava que ele fosse casado, e o pior, que sua esposa fosse uma maluca, que acha que ela está tendo um caso com ele e começa a persegui-la.

Mais uma vez o azar de Mackenzie interferindo em seus planos.

Gabriel Gynlard está tentando se livrar de um grande erro, seu casamento com a mulher mais louca, psicótica e assustadora que já conheceu. O que ele menos precisava era conhecer a jovem e inocente Mackenzie e se apaixonar tão perdidamente por ela. Agora, ele não é mais o alvo das maluquices da quase ex mulher, Mackenzie é, e ele não sabe o que fazer para protegê-la e ainda por cima convencê-la a ficar com ele assim mesmo. Entre um jogo de seduzi-la e conquistá-la, percebe que sabe menos de amor do que poderia ter imaginado.

LANÇAMENTO EM 2018

ACHERON - NACIONAIS

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS

Dedicatória

Dedico este livro a uma pessoa linda. Que com seu jeitinho meigo e alegre, esteve comigo em cada momento, torcendo, apoiando, incentivando e sendo uma leitora e amiga maravilhosa!

Alinne Leite, você foi um presentinho de Deus na minha vida. Obrigada por tudo!

Agradecimentos

Obrigada, primeiramente a Deus, por mais um sonho, mais uma conquista, mais uma prova de que nada é impossível quando você realmente acredita e busca.

A minha família, a melhor do mundo.

Este livro não existiria sem umas pessoas especiais, que fazem parte de tudo a cada dia meu, que amo incondicionalmente. Obrigada Daniele Ribeiro, obrigada por ficar de plantão, por me apoiar e incentivar sempre, por todo amor e carinho, por ser minha prima, amiga e irmã. Ellen Souza, obrigada por cada dia amiga, por ser minha irmã, por dividir sonhos e planos, amo você! Rayane Marqueli, obrigada por parar tudo para ir betar este livro às pressas, por não me deixar desanimar e me apoiar sempre! E pelo grande presente que é a sua amizade. Maria Rosa Morais (autora fodástica) amiga, o que seria de mim sem você? Obrigada por toda força, puxão de orelha, carinho, conselho e pelo seu papel fundamental neste livro, chorando comigo e acreditando em mim, te amo! Obrigada por ficarem de plantão, por me apoiarem e incentivarem sempre, por todo amor e carinho, todo cuidado e torcida. Por betarem este livro com toda dedicação, obrigada por existirem na vida e por serem tão especiais! Eu não viveria sem vocês!

Às minhas primas por lerem este livro, por cada mensagem de incentivo e todo carinho, Stephanny, Leticia, Ketila e Gisele.

A Middian Meireles, Tatiana Pinheiro e Marta Gomes, minhas amigas, autoras fantásticas, dramáticas, companheiras, um verdadeiro presente em minha vida. Vocês não fazem ideia do quanto sou grata por ter vocês ao meu lado, e espero estar sempre ao lado de vocês!

A cada leitora que avaliou Minha melhor amiga na Amazon, que me enviou os prints com e-mails recheados de carinho, são muitos nomes para citar, mas sintam-se abraçadas em eterna gratidão, vocês foram fundamentais para o nascimento deste segundo livro.

Às minhas meninas do Wattpad, você que me lota de mensagens, você que é sempre a primeira a comentar, você que me faz chorar de rir com seus comentários, você que se apaixonou pelo Colin junto comigo. E você que apenas leu, que deu seu voto, que esteve presente de alguma forma nessa história, muito obrigada!

A um grupinho de leitoras e amigas muito especial que me cativou de tal maneira, que estou sempre agradecendo por tê-las em minha vida: Tati Silva, Ellah Castro, Drika Oliver, Emanuela Dias, Larissa Lorrane, Nathalia Mattos, Lais Pereira, Ana Paula Vilar, Thais Martins, Adriana Dutra, Lilian Souza, Jennifer Souza, Mony, Danny Lobo, , Amanda Pessoa, Mariazinha Franco, Manu Moura, Jessica Laine, Su Xavier, Juliana Cardoso, Erika Marzielle, Lyssa Camargo, Danielle Oliveira, Tati MV, Alexandra, Aysha, Regiane Valim, Rosa Alexandrina, Carla Carvalho.

Joseania Santos (Pretinha linda, feliz aniversáriooooo)

Às minhas divas, por todo carinho sempre: Jo Magrini, Alc Alves, Ali Graciotte, Cristina Melo, Bia Tomaz.

A Kamila Cavalcanti, Sara Rodrigues, Cleidi Natal, Michelle Souza, Amanda Souza, Gleice Souza e Shirley Nonato. Muito, muito, muito obrigada por tudo!

A Amanda Lopes, muito obrigada por me salvar com a capa linda de Minha melhor amiga, você arrasa!

Às minhas blogueiras lindas, que me apoiam desde sempre e me incentivam, que são mais do que parceiras: Aline Mendes, sempre penso em ti com todo carinho e amor por seu jeito doce, sincero e especial. Muito obrigada por tudo! Bianca Patacho, Aline Silva e Vanessa Fiorio, obrigada sempre!

E a vocês, amores da minha life, que me ajudaram tanto com comentários e incentivo. Sei que não posso citar todas, mas não posso deixar de agradecer a cada pessoa que comentou algo deste livro no Face, que me mandou mensagens de carinho e me deu força para terminá-lo: Ana Cristina Trindade, Maria Augusta, Adriana Passos, Jô Moura, Rosiane Conrado, Bianca Almeida, Leide Elison, Silvana Lemke, Mônica Anjhos, ACHERON - NACIONAIS

Emily Presley, Sidneia Farinelli, Cynthia Barreto, Jucelaine Secretti, Claudia Pavan, Nadia Nnsmach, Verlane Silva, Carol Sousa, Aninha Araujo, Jessica Barbosa, Titia Lima, Olivia de Revilem, Roseane Silva, Walquiria Cordeiro, Christiane Aparecida, Jôsi Mafra, Aline Brasil, Daniela Antão, Grazielle de Oliveira, Carla Longaray, Lihh Rodrigues, Vick Duque, Darlene de Jesus, Cristina Cruvinel, Luciene Portella, Cydia Saraiva, Zuhdia Abud, Sandra Roberta, Maria Prazeres, Jessica Caroline, Dayana Cavalcante, Ellen Carolyne, Silmara Moraes, Taty Ryan, Marcella Albuquerque, Camila Lima, Rozzy Lima, Thainá Santana, Milla Souza, Fernanda Maia, Patricia Tatiane, Sheyla Mesquita, Joice Gums, Julia Almeida, Jacke Renata, Tai Araújo, Simone Camargo.

A você que leu este livro, meu eterno obrigada!

Contato com a autora

Facebook: <https://www.facebook.com/carlieferrerautora/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

Site: <http://carlieferrers.wix.com/autora>

E-mail: carlieferrers@gmail.com

Confira outras obras da autora na Amazon: <http://migre.me/ua38C>

[1] Golpe em que nas costas do oponente, o lutador passa o braço mais fraco por baixo do pescoço, servindo de alavanca para o braço mais forte - por sua vez, este é responsável pela força dada ao golpe. A finalidade do Mata-Leão é "apagar" o adversário.